



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

VANESSA LAZZARON

**HISTÓRIA DO COLÉGIO DO CARMO DE CAXIAS DO SUL/RS:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E ROTINAS ESCOLARES
(1908 – 1933)**

**CAXIAS DO SUL
2015**

VANESSA LAZZARON

**HISTÓRIA DO COLÉGIO DO CARMO DE CAXIAS DO SUL/RS:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E ROTINAS ESCOLARES
(1908 – 1933)**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientadora: Dra. Terciane Ângela Luchese

**CAXIAS DO SUL
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

L432h Lazzaron, Vanessa, 1984-
História do Colégio do Carmo de Caxias do Sul/RS : práticas pedagógicas e rotinas escolares (1908-1933) / Vanessa Lazzaron. – 2015. 299 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.
Orientadora: Profa. Dra. Terciane Ângela Luchese.

1. Colégio do Carmo – Caxias do Sul, RS. 2. Escolas religiosas. 3. Educação. 4. História – Caxias do Sul, RS. I. Título.

CDU 2.ed.: 37.018.56(816.5CAXIAS DO SUL)(091)

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|---|------------------------------------|
| 1. Colégio do Carmo – Caxias do Sul, RS | 37.018.56(816.5CAXIAS DO SUL)(091) |
| 2. Escolas religiosas | 37.018.56 |
| 3. Educação | 37 |
| 4. História – Caxias do Sul, RS | 94(816.5CAXIAS DO SUL) |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Roberta da Silva Freitas – CRB 10/1730



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

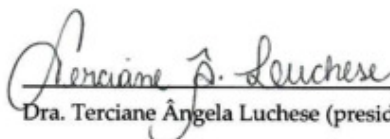
“História do Colégio Carmo de Caxias do Sul/RS: práticas pedagógicas e rotinas escolares (1908-1933)”

Vanessa Lazzaron

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação

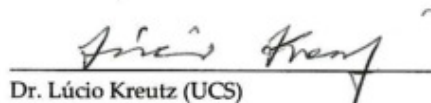
Caxias do Sul, 28 de julho de 2015.

Banca Examinadora:


Dra. Terciane Ângela Luchese (presidente – UCS)


Dra. Flávia Obino Corrêa Werle (UNISINOS)


Dra. Larissa Camacho Carvalho (UCS)


Dr. Lúcio Kreutz (UCS)

CIDADE UNIVERSITÁRIA

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218 2100 – www.uces.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e oito dias do mês de julho de dois mil e quinze, às nove horas e trinta minutos, na sala 305 do Bloco E, Cidade Universitária, sob a presidência da professora Dra. Terciane Ângela Luchese, orientadora, foi apresentada a Dissertação de Mestrado de Vanessa Lazzaron intitulada **“História do Colégio Carmo de Caxias do Sul/RS: práticas pedagógicas e rotinas escolares (1908-1933)”**. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Terciane Ângela Luchese (presidente – UCS), Dra. Flávia Obino Corrêa Werle (UNISINOS), Dra. Larissa Camacho Carvalho (UCS) e Dr. Lúcio Kreutz (UCS). Aberta a sessão, a mestranda foi convidada a fazer a apresentação de sua dissertação, seguida de arguição pelos examinadores. Logo após, a sessão foi suspensa e a Banca Examinadora reuniu-se reservadamente para avaliar o trabalho apresentado, conferindo à candidata o grau final 4 (quatro) com o que faz jus ao título de **Mestre em Educação**. A Presidente da Banca encerrou as atividades comunicando à mestranda que a presente Ata tem validade por noventa dias, como documento comprobatório de conclusão do curso. Durante esse período, deverá entregar dois exemplares da versão final impressa e a versão digital, com as correções sugeridas pela Banca Examinadora, e solicitar à Secretaria Geral de Pós-Graduação o encaminhamento do Diploma. Nada mais havendo a constar, a presente Ata, lida e considerada conforme, vai assinada pelas autoridades acadêmicas elencadas acima.

Caxias do Sul, 29 de julho de 2015.

Dra. Terciane Ângela Luchese
(presidente – UCS)

Dra. Flávia Obino Corrêa Werle (UNISINOS)

Dra. Larissa Camacho Carvalho (UCS)

Dr. Lúcio Kreutz (UCS)

CIDADE UNIVERSITÁRIA

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefãx (54) 3218 2100 – www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

Dedico esta Dissertação de Mestrado aos meus pais, Enio e Lurdes Lazzaron e ao meu noivo Saimon Andrio dos Passos, pelo incentivo e apoio em todas as minhas escolhas e decisões. A vitória desta conquista eu dedico com todo o meu amor, a vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida e por propiciar tantas oportunidades de estudo e colocar em meu caminho pessoas amigas e preciosas.

A minha orientadora, professora Dra. Terciane, profissional exemplar de grande coração, um agradecimento carinhoso por todos os momentos de paciência, compreensão e competência.

Gostaria também de agradecer à banca examinadora desta pesquisa, ao professor Dr. Lúcio, pelas brilhantes considerações que guiaram a confecção deste estudo, e também à professora Dra. Flávia cujas observações foram igualmente imprescindíveis. À professora Dra. Larissa que gentilmente cedeu parte de seu precioso tempo para enaltecer este estudo. Este agradecimento se estende também à professora Dra. Nilda pelas pontuais considerações para o projeto de qualificação,

Aos Irmãos Lassalistas em especial: Irmão Léo, Irmão Euclides e Irmão Valter por acreditarem em mim e apoiarem minha formação continuada.

Um agradecimento especial ao Irmão Bonifácio (*in memoriam*), pois como não sorrir, se emocionar e se admirar diante de tantos exemplos de amor incansável pela educação e pelo maravilhoso legado que deixaste aos incontáveis jovens que passaram pelo Colégio do Carmo. Resta eternizar, aqui o meu muito obrigado!

À Província Lassalista e à Comunidade Educativa La Salle Carmo, por cederem o material necessário para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do Mestrado, os quais eu tive a honra de poder compartilhar de seus conhecimentos, seja durante as disciplinas que cursei seja nos seminários e palestras que assisti.

Agradeço aos meus pais, Enio e Lurdes por tudo que fizeram e fazem por mim; por me ensinarem a ser a mulher que sou. O exemplo de vocês é o melhor ensinamento!

Ao meu noivo, Saimon, pelo apoio infinito, e por me proporcionar as horas mais alegres em minha vida e dividir sonhos.

Aos meus irmãos, Andréia e Gabriel, que sempre manifestaram apoio e carinho.

A todos que de uma forma ou outra colaboraram para que esta Dissertação de Mestrado fosse desenvolvida.

Muito obrigada!

“O exemplo causa impressão muito maior que as palavras no coração e na mente das crianças. É preciso que vossos exemplos instrua vossos alunos muito mais que vossas palavras”.

João Batista de La Salle

RESUMO

O estudo teve como propósito narrar o processo histórico do Colégio do Carmo, localizado em Caxias do Sul, abrangendo o período de 1908 a 1933, especialmente, no que se refere às práticas pedagógicas e rotinas escolares dessa instituição. O corpúsculo empírico principal foi constituído de documentos escritos diversos, como correspondências, relatórios, regimentos internos, atas, publicações impressas em jornais locais e outros e também as fotografias, pertencentes ao acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, além de documentos pertencentes ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. As bases do estudo apresentadas nesta Dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade de Caxias do Sul, compreendem a Linha de Pesquisa em História e Filosofia da Educação, narrando os primórdios da fundação do Colégio do Carmo pelos Irmãos Lassalistas em 1908 até o período de comemoração dos 25 anos de sua fundação, em 1933. O estudo foi estruturado em cinco capítulos. No primeiro estão apresentadas as considerações iniciais mencionando o tema, a revisão bibliográfica, enfatizando ainda o problema, a importância do estudo, os objetivos geral e específicos, as categorias analíticas e os procedimentos metodológicos adotados. No capítulo dois foi abordado o contexto político-social francês, as escolas cristãs, a expansão da obra lassalista pelo mundo, a história de Caxias e o projeto de uma escola cristã para meninos e moços em Caxias. No capítulo três foram narrados os indícios históricos de uma escola confessional com a chegada dos fundadores, as relações e as tensões entre a paróquia e os Irmãos Lassalistas, as transformações e as instalações do Colégio do Carmo e o ensino oferecido pela instituição no período de 1908 a 1933. No capítulo quatro são apresentadas as práticas pedagógicas e as rotinas escolares vivenciadas no Colégio do Carmo no recorte temporal indicado. No capítulo cinco que corresponde às considerações finais pode-se inferir que a fundação do Colégio Carmo em Caxias pelos Irmãos Lassalistas, a partir de 1908 pode ser considerada importante à sociedade caxiense, que carecia de uma instituição de ensino à época. A proposta educativa desenvolvida pelos Irmãos Lassalistas mostrou qualidade de ensino, no ambiente e disciplina escolar, bem como nas atividades educativas complementares e na participação dos alunos e familiares nas atividades religiosas, sociais e festivas no recorte temporal de 1908 a 1933. Portanto, contribuindo para o desenvolvimento educacional, político-social e cultural de Caxias e, também, para a disseminação do espírito comunitário, humano e fraterno, que ainda são próprios das comunidades cristãs, como é o caso do Município de Caxias do Sul. Neste sentido, a pesquisa mostrou que o Colégio do Carmo à época apresentava três pilares que nortearam as práticas pedagógicas e as rotinas escolares, no recorte temporal estudado: ensino de qualidade, com exigências aos alunos e aulas diferenciadas; disciplina como ponto de formação de bons profissionais; e a educação direcionada à religiosidade formando pessoas de caráter.

Palavras-chave: História das Instituições Escolares. Cultura Escolar. Práticas Pedagógicas e Rotinas Escolares. João Batista de La Salle. Escolas Cristãs.

ABSTRACT

This study intended to narrate the historical process of Colégio do Carmo, located in Caxias do Sul, from the period of 1908 until 1933. The paper focus is especially in relation to the teaching practices and school routines of this institution. The main empirical corpus consisted of several written documents such as correspondences, reports, internal rules, minutes, printed publications from local and other newspapers and also photographs belonging to Colégio do Carmo files as well as other documents that belong to the João Spadari Adami City Historical Files. The study foundation presented in this dissertation of Masters in Education from the University of Caxias do Sul, comprises on the line of research in History and Philosophy of Education, recounting the beginnings of Colégio do Carmo founded by the De La Salle brothers in 1908 until 1933, period that its 25 years of establishing was celebrated. The study comprises of 5 chapters. In the first chapter initial considerations around the subject are presented as well as the revised reference, emphasising the problem, the importance of the study, the general and the specific aims, the analytical categories and the methodological procedures that were used. In chapter two the French political and social context was approached, Christian schools, the expansion of the Lasallian work around the world, the history of Caxias do Sul and the project of a Christian school for boys and young men in the city. In chapter three historical evidence of a confessional school were narrated with the arrival of its founders, the relations and tensions between the parish and the De La Salle Brothers, the changes on the school's facilities and the education offered by the institution from 1908 to 1933. In the fourth chapter pedagogical practices and school routines that were part of Colégio do Carmo were presented within the time frame indicated. Chapter five corresponds to the final considerations, as one can concluded that the foundation of Colégio do Carmo in Caxias by the De La Salle brothers in 1908 can be considered important to the local community which lacked an educational institution at the time. The educational approach developed by the Lasallian Brothers showed the quality of its education, the environment and school discipline, as well as the extra educational activities and the participation of students and families in the religious, social and festive activities in the time frame of 1908 and 1933. Thus, contributing to the educational, socio-political and cultural development of Caxias do Sul in addition to spreading a community as well as a human and fraternal sense. These are still part of the Christian communities, such as the city of Caxias do Sul. In this sense, research has shown that Colégio do Carmo had three pillars that guided the pedagogical practices and school routines during that time: excellence in education, with demands on students and differentiated classes; discipline, as an important aspect of good workers; and religious education directed to developing good spirited people.

Keywords: History of Educational Institutions. Educational Culture. Pedagogical Practices and School Routines. Jean-Baptiste de La Salle. Christian Schools.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – João Batista de La Salle.....	43
Figura 2 – Sétimo grupo de Irmãos Lassalistas no Brasil	57
Figura 3 – Primeiro grupo de Irmãos Lassalistas	62
Figura 4 – Segundo grupo de Irmãos Lassalistas no Brasil	63
Figura 5 – Colégio São Carlos em Vacaria/RS	64
Figura 6 – Quermesse da festa de Santa Teresa na praça central	70
Figura 7 – Inauguração da Viação Férrea em 1910	72
Figura 8 – Colégio São José	77
Figura 9 – Irmãos Lassalistas em 1908.....	83
Figura 10 – Praça Dante Alighieri.....	84
Figura 11 – Os fundadores do Colégio do Carmo	86
Figura 12 – Notícia do jornal ‘Gazeta Colonial’ em 1908	88
Figura 13 – Carta do Padre João Meneguzzi ao Arcebispo Metropolitano	95
Figura 14 – Carta da Secretaria do Arcebispado ao Padre João Meneguzzi	96
Figura 15 – Carta do Gabinete do Vigário Geral ao Padre João Meneguzzi.....	97
Figura 16 – Carta da Comissão ao Arcebispado de Porto Alegre	99
Figura 17 – Carta do Coadjutor ao Arcebispo de Porto Alegre	104
Figura 18 – Contrato de locação em dezembro de 1925	110
Figura 19 – Carta do Irmão Maurício ao Cônego João Meneguzzi e Fabriqueiros	111
Figura 20 – Casa de Francisco Balen	113
Figura 21 – Instalações do Colégio do Carmo no período de 1910 a 1928	116
Figura 22 – Irmão Isaac Maurice (Irmão Maurício).....	119
Figura 23 – Duplicata datada de 31 de março de 1924.....	120
Figura 24 – Modelo de duplicata em 1925	126
Figura 25 – Carta do Intendente Municipal ao Irmão Maurício.....	128
Figura 26 – Despesas em setembro de 1926 a maio de 1927	130
Figura 27 – Espaço para as atividades físicas dos alunos.....	131
Figura 28 – Construção da ala central do Colégio do Carmo em 1927.....	132
Figura 29 – Colégio do Carmo à esquerda e o Colégio São José à direita em 1938	135
Figura 30 – Patronato Agrícola de Caxias em 1928.....	139

Figura 31 – Ata da Reunião de 06/11/1931: solicitação de equiparação	142
Figura 32 – Reportagem sobre a equiparação do Colégio do Carmo à Ginásio ..	144
Figura 33 – Associação de Ex-Alunos do Colégio do Carmo	141
Figura 34 – Lista das vocações sacerdotais provenientes do Colégio do Carmo	158
Figura 35 – Missa celebrada no Colégio do Carmo na década de 1930.....	167
Figura 36 – Missa celebrada no Colégio do Carmo	168
Figura 37 – Mobília escolar do Colégio do Carmo da década de 1930.....	174
Figura 38 – Primeiras instalações da cozinha na década de 1930	176
Figura 39 – Instalações da cozinha após equiparação à Ginásio na década de 1930	177
Figura 40 – Instalações da enfermaria na década de 1930	178
Figura 41 – Instalações da sala de biologia na década de 1930.....	179
Figura 42 – Sala do laboratório na década de 1930.....	180
Figura 43 – Pátio do Colégio do Carmo na década de 1930.....	180
Figura 44 – Recibo emitido em 1923 pelo Irmão Fulberto Vincent.....	185
Figura 45 – Estatutos do Colégio do Carmo: Programa de Ensino	186
Figura 46 – Práticas das festividades cívicas e batalhão escolar na década de 1930	192
Figura 47 – Apresentação do batalhão escolar na década de 1930	193
Figura 48 – Alunos e Irmãos Lassalistas em maio de 1911	198
Figura 49 – Alunos do Colégio do Carmo em 1916.....	200
Figura 50 – Notícia publicada em italiano no jornal local em 1916.....	200
Figura 51 – Parte dos Estatutos da Liga Caxiense Contra Tuberculose	201
Figura 52 – Estatutos do Colégio do Carmo: Organização Interna	202
Figura 53 – Dormitórios dos pensionistas após a equiparação à Ginásio.....	205
Figura 54 – Regimento Interno: Capítulo V: Corpo Discente na década de 1930	206
Figura 55 – Regimento Interno: Capítulo I	210
Figura 56 – Regimento Interno: Capítulo VIII: Taxas e Contribuições.....	214
Figura 57 – Estatutos do Colégio do Carmo: Capa.....	215
Figura 58 – Estatutos do Colégio do Carmo: Organização Geral.....	217

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Obras pedagógicas de La Salle	48
Quadro 2 – Obras de espiritualidade desenvolvidas por La Salle	49
Quadro 3 – Princípios de La Salle para o ato educativo	50
Quadro 4 – Institutos Lassalistas no Rio Grande do Sul, no período de 1907 a 1959	66
Quadro 5 – Programa de ensino do Colégio do Carmo conforme regimento interno	187
Quadro 6 – Rotinas dos Irmãos Lassalistas no horário dominical.....	222
Quadro 7 – Lista dos docentes do Colégio do Carmo no período de 1908 a 1933	225
Quadro 8 – Lista dos diretores do Colégio do Carmo (1908 a 1934)	226

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de escolas em Caxias, no período de 1900 a 1929	81
Tabela 2 – Colégios católicos em Caxias em 1927 e doutrina cristã	163
Tabela 3 – Taxas e contribuições em 1908.....	184
Tabela 4 – Alunos matriculados: 1908 a 1933	197

LISTA DE SIGLAS

ABEL	Associação Brasileira de Fundadores Lassalistas
AHMJSA	Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami
APAE	Associação de Pais e Amigos Excepcionais
COC	Círculo Operário Caxiense
DNE	Departamento Nacional de Educação
RS	Rio Grande do Sul
SCAN	Sociedade Caxiense de Auxílio aos Necessitados
SPC	Sociedade Porvir Científico
UNILASALLE	Centro Universitário La Salle
UCS	Universidade de Caxias do Sul

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	17
2	DA FRANÇA PARA CAXIAS/RS: IRMÃOS LASSALISTAS E O PROJETO DA ESCOLA CRISTÃ PARA MENINOS E MOÇOS.....	36
2.1	O CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL FRANCÊS E AS ESCOLAS CRISTÃS.....	36
2.2	JOÃO BATISTA DE LA SALLE NA FRANÇA.....	43
2.3	EXPANDINDO A OBRA LASSALISTA PELO MUNDO.....	52
2.3.1	A chegada dos Irmãos Lassalistas no Brasil.....	53
2.3.2	Irmãos Lassalistas no Rio Grande do Sul.....	60
2.3.2.1	Escolas Lassalistas no Rio Grande do Sul.....	63
2.4	A HISTÓRIA DE CAXIAS E O PROJETO DE UMA ESCOLA CRISTÃ PARA MENINOS E MOÇOS.....	67
2.4.1	Iniciativas e processo de escolarização em Caxias.....	74
3	O COLÉGIO DO CARMO EM CAXIAS: INDÍCIOS HISTÓRICOS DE UMA ESCOLA CONFSSIONAL.....	82
3.1	A CHEGADA DOS FUNDADORES DO COLÉGIO DO CARMO.....	82
3.1.1	As motivações da vinda dos Irmãos Lassalistas.....	85
3.2	RELAÇÕES E TENSÕES ENTRE A PARÓQUIA E OS IRMÃOS LASSALISTAS.....	89
3.3	TRANSFORMAÇÕES E INSTALAÇÕES DO COLÉGIO DO CARMO....	112
3.4	O ENSINO OFERECIDO NO COLÉGIO DO CARMO.....	136
3.4.1	Projeto de internato.....	137
3.4.2	Pensionato e patronato agrícola.....	139
3.4.3	Equiparação do Colégio do Carmo.....	141
3.4.4	A criação da Sociedade Recreio Dante.....	147
3.4.5	Associação de Ex-Alunos.....	148
4	COLÉGIO DO CARMO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E ROTINAS ESCOLARES.....	154
4.1	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO COLÉGIO DO CARMO.....	154
4.1.1	Religiosidade como marca das práticas pedagógicas.....	155
4.1.2	Saberes e práticas pedagógicas.....	169
4.1.3	As festividades escolares.....	189
4.2	AS ROTINAS DO COLÉGIO DO CARMO.....	194
4.2.1	As rotinas dos discentes.....	194
4.2.2	A disciplina e o modo como os Irmãos Lassalistas pensavam e organizavam o cotidiano da escola.....	207
4.2.3	As rotinas dos docentes.....	219
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	228
	REFERÊNCIAS.....	233
	FONTES DOCUMENTAIS.....	245
	ANEXO A – BIOGRAFIA DE JOÃO BATISTA DE LA SALLE.....	246

ANEXO B – PRIMEIRA CARTA DE INTERVENÇÃO AO ARCEBISPO DE PORTO ALEGRE EM 06 DE AGOSTO DE 1919	248
ANEXO C – SEGUNDA CARTA ENDEREÇADA AO ARCEBISPO DE PORTO ALEGRE EM 1919	250
ANEXO D – CARTA DE RESPOSTA DOS PADRES SALESIANOS AO ARCEBISPADO EM 23 DE OUTUBRO DE 1919	252
ANEXO E – CARTA DO ARCEBISPO JOÃO BECKER AO PADRE JOÃO MENEGUZZI NO DIA 1º DE DEZEMBRO DE 1919	253
ANEXO F – CARTA DA PARÓQUIA DE CAXIAS AO VIGÁRIO GERAL DO ARCEBISPADO EM 18 DE ABRIL DE 1920.....	254
ANEXO G – CARTA DO IRMÃO FABIANO AO ARCEBISPADO DE PORTO ALEGRE EM 23 DE JANEIRO DE 1922.....	256
ANEXO H – CARTA DO CÔNEGO JOÃO MENEGUZZI AO VIGÁRIO GERAL DE PORTO ALEGRE EM 31 DE MARÇO DE 1925	258
ANEXO I – CARTA DO IRMÃO MAURÍCIO AO VIGÁRIO GERAL DE PORTO ALEGRE EM 06 DE ABRIL DE 1925.....	260
ANEXO J – SEGUNDA CARTA DO IRMÃO MAURÍCIO AO VIGÁRIO GERAL DE PORTO ALEGRE EM 24 DE ABRIL DE 1925.....	261
ANEXO K – CARTA DOS PADRES E FABRIQUEIROS AO REVERENDO IRMÃO SUPERIOR EM 17 DE JULHO DE 1925.....	262
ANEXO L – CARTA DOS FABRIQUEIROS AO IRMÃO MAURÍCIO EM 20 DE AGOSTO DE 1924	265
ANEXO M – COMISSÃO PARTICIPANTE DAS REUNIÕES EM 1924	266
ANEXO N – PRIMEIRA PLANTA DO COLÉGIO DO CARMO	267
ANEXO O – ATA Nº 1 DATADA DE 27 DE AGOSTO DE 1924	268
ANEXO P – CARTA DO IRMÃO MAURÍCIO AO ARCEBISPO DE PORTO ALEGRE EM 1924	271
ANEXO Q – PLANTA DO COLÉGIO DO CARMO.....	273
ANEXO R – SOLICITAÇÃO PARA ORGANIZAR ESTUDOS SECUNDÁRIOS NO COLÉGIO DE CAXIAS EM 1930.....	274
ANEXO S – PARECER SOBRE O COLÉGIO COM INTERNATO EM CAXIAS.	276
ANEXO T – CARTA DO ARCEBISPO DE PORTO ALEGRE AO IRMÃO VISITADOR EM 07 DE JANEIRO DE 1922.....	279
ANEXO U – PUBLICAÇÃO DO JORNAL ‘CAXIAS’ EM 1932	280

ANEXO V – ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS.....	282
ANEXO W – CURRÍCULO ESCOLAR EM 1925.....	285
ANEXO X – ESTATUTOS DO COLÉGIO DO CARMO: PENSIONISTAS	288
ANEXO Y – ESTATUTOS DO COLÉGIO DO CARMO: DISCIPLINA ESCOLAR.....	291
ANEXO Z – LISTA DOS DOCENTES DO COLÉGIO DO CARMO NO PERÍODO DE 1908 A 1988	294

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema de investigação refere-se ao processo histórico do Colégio do Carmo, localizado em Caxias do Sul, referente ao período de 1908 a 1933, atentando em especial para a história institucional e sua cultura escolar com ênfase às práticas pedagógicas e às rotinas escolares dessa instituição.

O Colégio do Carmo apresenta especial relevância, devido ao fato de ser a primeira escola cristã, voltada ao público masculino, instalada na cidade de Caxias do Sul, oferecendo o curso primário e a funcionar em regime de internato/externato, atendendo inúmeros educandos da época em questão, fundado pelos Irmãos Lassalistas. Trata-se de uma instituição centenária, tradicional em Caxias do Sul, que até o presente momento atende mais de 1.200 alunos.

O recorte temporal deste estudo inicia em 1908, ano da chegada de seis Irmãos Lassalistas franceses, em Caxias, os quais eram coordenados pelo Irmão Anastace Pascal, mais precisamente, no dia 28 de janeiro de 1908, quando fundaram o Colégio do Carmo. Como descreve Bonifácio (1988a, p. 11), “A 28 de janeiro de 1908, seis Irmãos Lassalistas franceses, chefiados pelo Irmão Anastace Pascal, chegaram a Caxias”. O período final de análise desta pesquisa é o ano de 1933, ano em que foram comemorados os vinte e cinco anos de fundação do Colégio do Carmo. Neste mesmo ano foi instituído o ‘Tiro de Guerra’ e a referida instituição à época era denominada ‘Ginásio Municipal Nossa Senhora do Carmo’. Para a presente pesquisa, a instituição será denominada ‘Colégio do Carmo’, como é conhecida tradicionalmente na cidade de Caxias do Sul, até os dias atuais.

Convém destacar que, a pesquisa sobre o Colégio do Carmo foi motivada devido à percepção de não existirem estudos específicos sobre a história da referida instituição escolar no período em questão. Além do interesse pessoal e profissional pela pesquisa, pois tenho vinculações como educadora com o objeto de investigação. A importância desta pesquisa reside também no fato de compreender o processo histórico educacional no recorte temporal de 1908 a 1933 e os modos de ser dessa instituição de ensino.

O estudo também se apresenta relevante, devido ao interesse da minha parte em aprofundar os conhecimentos relativos à Educação Lassalista, com ênfase ao Colégio do Carmo. Local de minha atuação profissional atual, propiciando um conhecimento aprofundado do legado deixado por São João Batista de La Salle

aplicado pelos Irmãos Lassalistas na referida instituição de ensino. Assim, o estudo do processo histórico do Colégio do Carmo de Caxias, para o período indicado, surgiu do desejo de narrar uma história desta Instituição Lassalista na qual faço parte há mais de dez anos. A curiosidade e a vontade por conhecer a história da Educação Lassalista oportunizou-me a realizar o Programa II – Curso de Extensão para Leigos Lassalistas.¹ Desse modo, foi com a realização do referido curso que fomentou ainda mais o meu interesse em aprofundar e pesquisar a história da Educação Lassalista. O apoio e o incentivo dos diretores do Colégio do Carmo foram imprescindíveis e imediatos para que fosse possível a realização do estudo.

Neste sentido, em conversa com os diretores da instituição de ensino, surgiu a proposta desta pesquisa para que a mesma fosse realizada, a partir do estudo de uma das escolas mais conceituadas e presentes na sociedade caxiense, que é o Colégio do Carmo. Uma vez que, para entender os processos educativos da atualidade é preciso compreender o processo de construção da cultura escolar do Colégio do Carmo, em que por intermédio do conjunto de investigações, já realizadas até o momento nos arquivos e acervos da Secretaria da instituição em estudo, oferecem indícios de documentos relevantes e inéditos e fotografias para desenvolver a pesquisa.

Ao delimitar o tema da pesquisa e o recorte temporal chegou-se a determinação do objetivo do estudo, que de acordo com Galvão e Lopes (2010, p. 91), os objetivos são “[...] em linhas gerais, o problema de pesquisa formulado de outra maneira – iniciado por um verbo em forma de tópicos”.

O objetivo geral do estudo consistiu em narrar o processo histórico do Colégio do Carmo, localizado em Caxias do Sul, no período de 1908 a 1933, especialmente, no que se refere à história e à cultura escolar, atentando para as práticas pedagógicas e rotinas escolares dessa instituição.

Assim sendo, o problema do estudo é expresso na questão: Como foi o processo histórico do Colégio do Carmo em Caxias, no período de 1908 a 1933, no que se refere à história e à cultura escolar, especialmente nas práticas pedagógicas e nas rotinas escolares dessa instituição? A partir deste problema central, decorrem outras questões observadas, dentre elas: Quem incentivou e/ou convidou os Irmãos Lassalistas para vir à cidade de Caxias do Sul e quais eram os interesses? Como foi

¹ Cabe aqui um agradecimento especial aos diretores do Colégio do Carmo, Irmãos Léo Knapp e Euclides Casagrande pela oportunidade oferecida.

o processo de chegada dos Irmãos Lassalistas e quem eram eles? Onde e como foram as primeiras instalações dos Irmãos Lassalistas? Como era o cotidiano escolar e quais eram as suas regras? Como os Irmãos Lassalistas ensinavam? Quais os materiais escolares eram utilizados? Quais eram as práticas pedagógicas e as rotinas escolares vivenciadas? Quais eram as rotinas vivenciadas pelos discentes e docentes?

Com relação aos estudos já realizados, um dos mais próximos dessa pesquisa foi a dissertação de mestrado desenvolvida por Grazziotin (2010) sobre a temática dos 'Pressupostos da Prática Educativa na Diocese de Caxias do Sul – 1934 a 1952', editado pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), em 2010, que enfatizou a análise dos pressupostos que fundamentavam o Projeto de Restauração Católica na Diocese de Caxias do Sul, no período de 1934 a 1952. Grazziotin (2010) descreveu em seu estudo, um breve histórico do Colégio do Carmo, bem como o envolvimento do referido Colégio com a sociedade caxiense e algumas indicações:

O Colégio do Carmo, criado pelos Irmãos Lassalistas em Caxias do Sul, para atendimento de meninos e moços, foi o segundo colégio religioso implantado na cidade. Por ele passaram mais de 40 mil alunos até os nossos dias, segundo dados da Secretaria do Colégio. Só este dado revela a importância e o significado que teve na formação dos jovens de Caxias do Sul e da região (GRAZZIOTIN, 2010, p. 81).

A pesquisa de Grazziotin (2010) também contemplou um capítulo específico sobre os pioneiros da educação católica em Caxias, incluindo neste, um breve histórico sobre o Colégio do Carmo e o envolvimento do mesmo com a sociedade caxiense, contribuindo de forma acentuada para esta pesquisa.

Um segundo estudo encontrado foi o desenvolvido por Menezes (2006), sob o título 'Uma análise Gramscianiana do Conceito de Projeto Político-Pedagógico no Contexto da Educação Lassalista', na Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, que abordava dentre outros aspectos a Educação Lassalista. Conforme Menezes (2006, p. 98), "[...] quanto à Educação Lassalista, pode-se afirmar que a obra de João Batista de La Salle foi a criação das escolas cristãs² para a educação das crianças e dos jovens". Ainda conforme a autora:

² Para este estudo será utilizado o termo 'Escolas Cristãs', como eram denominadas por São Batista de La Salle (em sua obra Guia das Escolas Cristãs) e pelos Irmãos Lassalistas.

Em síntese, João Batista de La Salle apresentou para seu tempo a novidade de uma escola aberta aos que não tinham acesso à escolaridade, e com um estilo novo de educação, construído de maneira gradativa a partir de experiências conhecidas de outros educadores e da experiência vivida pelos Irmãos nas escolas (MENEZES, 2006, p. 99).

Considerando-se o estudo de Menezes (2006), para o desenvolvimento dessa pesquisa, pôde-se verificar a obra de João Batista de La Salle e também referente à Educação Lassalista, pois a mesma norteia o Projeto Pedagógico do Colégio do Carmo.

Um terceiro estudo foi o desenvolvido por Corsatto (2007) e está relacionado à temática intitulada como: 'O Estudo sobre os Princípios Pedagógicos e Administrativos de La Salle no Guia das Escolas Cristãs'. O estudo foi publicado na Universidade de São Marcos, localizada em São Paulo, e teve como objetivo analisar a obra 'Guia das Escolas Cristãs', de autoria de João Batista de La Salle, manuscrito de 1706 e impresso pela primeira vez em 1720, investigando quais os princípios pedagógicos e administrativos nele constantes e em que medida e de que maneira apresentam vigência:

Na estrutura acadêmica brasileira, ainda são poucos os pesquisadores que se debruçaram sobre La Salle, seja sobre sua biografia ou sobre sua obra educativa. Em nossa pesquisa, encontramos alguns poucos, mas significativos trabalhos específicos sobre o criador das Escolas Cristãs (CORSATTO, 2007, p. 14).

O estudo elaborado por Corsatto (2007) auxilia essa pesquisa no sentido que o Colégio do Carmo está embasado nos princípios pedagógicos e administrativos de João Batista de La Salle, para o desenvolvimento do Projeto Pedagógico e também devido ao fato de ser reconhecido como uma escola cristã.

Outro estudo obtido foi a dissertação de mestrado elaborada por Silva (2011), intitulada 'Gestão Educacional: Um Estudo de Caso na Rede La Salle', que foi publicado no Centro Universitário La Salle (UNILASALLE), no ano de 2011, e teve como foco temático, a gestão educacional, delimitado na relação entre a Província Lassalista de Porto Alegre e o Colégio La Salle Santo Antônio, uma de suas mantenedoras, no que se refere à forma de gestão. O referido estudo teve como objetivo a análise dos discursos norteadores e como estavam configurados os processos e as práticas de gestão educacional na Rede La Salle, em nível de mantenedora, no período de 2006 a 2009, e de que forma os mesmos incidiram

sobre o modo de gestão no Colégio La Salle Santo Antônio. Neste sentido, no entendimento de Silva (2011, p. 38):

[...] a Rede La Salle pertence aos Irmãos Lassalistas, cuja proposta educativa é baseada nos princípios de São João Batista de La Salle, sacerdote francês (1651-1919) que, renunciando a todos os privilégios das suas condições nobres, dedicou-se à criação de escolas para as crianças das classes menos favorecidas.

Para essa pesquisa, a dissertação de mestrado de Silva (2011) fornece o entendimento sobre a Educação Lassalista e os preceitos de João Batista de La Salle, os quais norteiam o Projeto Pedagógico do Colégio do Carmo.

Cabe acrescentar também os estudos que foram desenvolvidos pelos Irmãos: Knapp (2001) (atual diretor do Colégio La Salle Carmo) com a dissertação de mestrado intitulada 'O Aluno nos Escritos de João Batista de La Salle'; Corbellini (1996; 2000; 2006; 2008) nas obras 'Itinerário de uma Proposta Educativa: proposta educativa dos Irmãos Lassalistas de 1971 a 1990'; o artigo 'Sociedade das Escolas Cristãs nas Origens'; 'Obra de Deus: e se não fosse?' e 'Ética ou Caos e Pedagogia Lassalista, respectivamente; e Hengemüle (2000; 2007) com as obras 'O que dizem de mim? La Salle na história da educação e da pedagogia' e 'Educação Lassaliana: que educação?', respectivamente, os quais também auxiliam no desenvolvimento dessa pesquisa.

Como se verifica, os estudos pesquisados estão voltados mais especificamente à Educação Lassalista e à história de João Batista de La Salle, e apenas um deles faz referência ao Colégio do Carmo, que é a proposta dessa investigação, motivando ainda mais o desenvolvimento do estudo aqui proposto.

Assim sendo, a pesquisa sobre o Colégio do Carmo foi motivada devido à percepção de não existirem estudos específicos sobre a história da referida instituição no período em questão. Além do interesse pessoal e profissional pela pesquisa, pois tenho vinculações como educadora com o objeto de investigação.

Galvão e Lopes (2010, p. 90) esclarecem que "Para realizar uma pesquisa consistente, não basta conhecer os estudos já feitos sobre o tema: é sempre necessário recorrer a conceitos e tendências teóricas". Ao escolher o objeto de pesquisa, no caso o Colégio do Carmo, e dentro da linha de pesquisa 'História da Educação', são consideradas para este estudo as contribuições de: Le Goff (1994); Chartier (1991; 1994; 2000; 2001); Pesavento (2005; 2008); Burke (1992; 2008);

Dallabrida (2005); Forquin (1993); Foucault (1987; 2008); Hobsbawn (2006); dentre outros.

Desse modo, o aporte teórico da pesquisa está centrado na história cultural. Nas palavras de Burke (2008, p. 7), a história cultural “[...] foi redescoberta nos anos 1970 [...] desde então vem desfrutando de uma renovação, sobretudo no mundo acadêmico”. Para o autor, com o propósito de explicar “[...] não apenas a redescoberta, mas também o que é história cultural, ou melhor, o que os historiadores culturais fazem”.

Chartier (1994, p. 106) conceitua as tendências recentes da historiografia como a busca para reconhecer a maneira como os atores sociais investem no sentido de suas práticas e seus discursos. Assim sendo, para o mesmo autor, “[...] o prazer da pesquisa histórica estaria no esquadramento da tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou da comunidade e os constrangimentos, as normas, as convenções que limitam o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer”.

Burke (2008, p. 7), ao se referir sobre a história cultural enfatiza “[...] às diferenças, aos debates e conflitos, mas também aos interesses e tradições compartilhados”, combinando, para isso, “[...] duas abordagens opostas, embora complementares: uma delas interna, preocupada em resolver os sucessivos problemas no interior da disciplina, e outra externa, relacionando o que os historiadores fazem ao tempo em que vivem” (BURKE, 2008, p. 7).

Ainda conforme Burke (2008, p. 15), “[...] a história cultural não é uma descoberta ou invenção nova, pois já era praticada na Alemanha com esse nome há mais de 200 anos”. Assim sendo, o entendimento da história cultural é facilitado considerando-se a reunião e a organização das discussões e dos estudos de outros historiadores, que foi observado, por exemplo, nos estudos de Pesavento (2005), que indicou os conceitos de representação, imaginário, narrativa, ficção e sensibilidade, os quais reorientam a pesquisa em história e, conseqüentemente, a postura dos historiadores.

Stecanela (2013, p. 16) ao se referir sobre a narrativa esclarece que “[...] é acompanhada de um misto de realidade e de imaginação uma vez que protagoniza a produção de sentidos”. Chartier (2001, p. 165) também leva em consideração a “[...] história como escrita, compartilhando com a ficção seus procedimentos narrativos, e como representação de um passado que já não é, mas que foi”.

As definições desenvolvidas por Pesavento (2005) e Chartier (2001), estão inter-relacionadas e passam a ser relevantes para a construção de histórias, considerando-se a perspectiva cultural.

No que se relaciona ao percurso histórico do Colégio do Carmo³ e dos documentos disponíveis no acervo da Secretaria da instituição, foram utilizados os recortes de sua história, uma vez que não é possível contemplar todos os aspectos e os tempos históricos em uma única pesquisa. Assim sendo, a pesquisa está pautada nos pressupostos da história cultural, entendendo a cultura como um conjunto de signos e significados construídos e vivenciados pela sociedade, delimitando o estudo no recorte temporal de 1908 a 1933.

Para esta pesquisa convém destacar ainda a noção de documento histórico, sendo um dos aspectos relevantes pertinentes à história cultural, que segundo Galvão e Lopes (2010, p. 68), “[...] com a ampliação dos temas abordados pela história da educação, os pesquisadores foram, aos poucos, intensificando o uso das fontes”. Desse modo, como explicam as autoras, “[...] a revolução documental atingiu e marcou profundamente o campo da história da educação”.

Em um balanço realizado com base nos artigos publicados pela Revista Brasileira de História de Educação, divulgada no primeiro semestre de 2001, foi identificado que a documentação oficial ainda era a fonte predominante dos estudos. Era utilizada por aproximadamente 31% dos casos, como a principal matéria-prima das pesquisas em educação, e em outros 26% como fonte complementar de pesquisas (GALVÃO; LOPES, 2010).

Além disso, como esclarecem as autoras “[...] a pluralidade de documentos oferece ao historiador mais possibilidades de explorá-los, compreendê-los e produzir conhecimento sobre o tema da pesquisa” (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 79). Por sua vez, Nunes e Carvalho (2005, p. 38) esclarecem que os “[...] documentos para a educação precisam ser tomados, portanto, na sua mais ampla acepção: escritos, ilustrados, transmitidos pelas imagens, pelo som ou de qualquer outra maneira”. Assim sendo, “O pesquisador consegue discernir o contexto do documento pelas relações/associações que estabelece entre o que o documento traz e o que não está

³ As informações originais encontradas no acervo da Secretaria do Colégio Carmo referentes à história do Colégio do Carmo estavam escritas na língua francesa, com o título de *Historique de La Communauté Caxias*, as quais foram traduzidas pelo Irmão Valter Zanata, no ano de 2012, conforme solicitação da pesquisadora.

nele. O que se exige, portanto, é um trabalho de compreensão e de interpretação” (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 79).

Este estudo, ao privilegiar a narrativa dos indícios históricos do Colégio do Carmo, utiliza como categoria central a história das instituições escolares. Bertonha e Machado (2008, p. 1) esclarecem que “Estudar instituições escolares, em termos historiográficos, implica em retomar documentos, textos, memórias orais, arquivos, fotos e todos os materiais que ajudem a reconstruir a história como um todo”.

No entanto, Sanfelice (2009) ressalta que para pesquisar os documentos nos arquivos, textos, memórias orais, fotos, depoimentos de pessoas que fizeram parte da instituição escolar é preciso um estudo aprofundado destas fontes, pois, para o autor, se este estudo não for realizado com muito critério, corre-se o risco de desenvolver a pesquisa sem fins científicos, tornando-se apenas relatos históricos.

Por sua vez, as pesquisas sobre a história das instituições escolares desenvolveram-se, sobretudo, a partir dos anos de 1990, embora alguns estudos desse tipo tenham sido realizados antes dessa época (NOSELLA; BUFFA, 2008). Como esclarecem Toledo e Gulla (2008), a instituição é uma palavra de origem latina que apresenta uma variação de significados:

[...] ela guarda a ideia comum de algo que não estava dado e que é criado, organizado, ou, constituído pelo homem e que por isso, por ter sido criado pelo homem apresenta-se como uma estrutura material que é constituída para atender a necessidades de caráter permanente. E por isso a instituição é criada para permanecer (TOLEDO; GULLA, 2008, p. 311).

Sanfelice (2007) explica que ao decidir pela pesquisa da história de uma instituição escolar ou de uma instituição educativa, o condicionante inicial fundamental é o da temporalidade, podendo buscar uma história do passado ou será necessário optar por uma história somente do passado ou por uma história do passado e do presente. No entanto, em ambas as situações frequentemente é priorizado um determinado período da história da instituição escolar em detrimento de outros. Para este estudo foi privilegiado o recorte temporal entre 1908, quando o Colégio do Carmo foi fundado pelos Irmãos Lassalistas, até o ano de 1933, quando completou vinte e cinco anos de fundação.

Magalhães (2004, p. 147) esclarece que a “A história de uma instituição educativa inicia-se pela reinterpretação dos históricos anteriores, das memórias e do arquivo, como fundamento de uma identidade histórica”. Com o objetivo de

apresentar como essa temática passou a fazer parte dos estudos históricos da educação, é importante citar um breve retrospecto da história da educação, que segundo Nunes e Carvalho (2005, p. 19-20):

Qualquer pesquisa que realizarmos, tentando entender como o campo da história da educação é produzido, estará obrigatoriamente voltado para duas preocupações: o conteúdo dessa história e a organização institucional que lhe dá suporte.

No entendimento de Sanfelice (2006, p. 21) “A historiografia da educação, um campo mais recente da pesquisa científica acadêmica, vive um processo semelhante àquele que ocorre no fazer geral de toda a historiografia”. Neste sentido, Nosella e Buffa (2008) distinguem três momentos da história da educação no Brasil, a partir dos anos de 1950. No primeiro momento, a história da educação no Brasil, situa-se nas décadas de 1950 e 1960, portanto, em um período anterior à criação dos Programas de Pós-Graduação, em que surgiram a pesquisa e a produção historiográfica da educação brasileira.

Como explica Magalhães (2012) desde as décadas de 1960 e 1970, do século XX, a história da educação e das instituições escolares tem estado associada à (re)fundação das Ciências da Educação. Tal (re)fundação abrange a extensão das Ciências da Educação às universidades, considerando-se a modalidade das disciplinas atreladas à formação de professores. E, em um plano mais aprofundado, nas disciplinas e nos módulos da formação inicial e da formação contínua de outros profissionais da educação e também relativas às instituições escolares.

O segundo momento do desenvolvimento dos estudos históricos da educação foi marcado pela criação e expansão dos Programas de Pós-Graduação em Educação, durante os governos militares. Situando-se nas décadas de 1970 e 1980 e duas características fundamentais qualificaram a pesquisa em educação nesse período: a escolarização da produção da pesquisa e a reação à política dos governos militares. O terceiro momento do desenvolvimento dos estudos históricos da educação iniciou-se nos anos de 1990 e caracterizou-se pela consolidação da Pós-Graduação e é teoricamente marcado pela denominada crise dos paradigmas. Desse modo, foi proposto, então, o pluralismo epistemológico e temático, privilegiando-se o estudo de objetos singulares (NOSELLA; BUFFA, 2008).

Magalhães (2004, p. 94) ressalta que “[...] a história da educação tem se desenvolvido muito ligada à formação de educadores e de professores, assumindo

um discurso de modelização, continuidade e fundamentação”. Ainda segundo o autor, “[...] a história de uma instituição educativa traduz-se na construção de uma identidade cultural e educacional, que resulta da articulação do itinerário com o modelo educacional” (MAGALHÃES, 2004, p 147).

Werle (2004) acrescenta que na pesquisa da história das instituições escolares é realizada a investigação dos seguintes aspectos: o processo de criação e de instalação de uma escola; a caracterização e a utilização do espaço físico abrangendo os elementos arquitetônicos, sua implantação no terreno, seu entorno e o acabamento; o espaço de poder envolvendo a diretoria, secretaria, sala de professores e outros; a organização do uso do tempo; a seleção de conteúdos escolares; a origem social da clientela escolar e seu destino provável; professores; a legislação; as normas; e a relação que a instituição manteve com a comunidade em termos sociais, políticos e religiosos.

Diante do exposto, para a presente pesquisa, sobre o Colégio do Carmo, penso instituições escolares aquelas que têm por finalidade contribuir para a formação de alunos como pessoa e como parte integrante de uma sociedade, criando condições e oportunidades de ampliação e de sistematização de conhecimentos e de aprendizagem com o auxílio de educadores e gestores escolares qualificados. Além disso, as instituições escolares apresentam regras e modos de organizar-se que diferem uma das outras, como por exemplo, espaço, de encontro, de troca e de relações.

Outra definição central para o desenvolvimento desta pesquisa é o tema de culturas escolares como referido anteriormente, que apresenta base em diversos autores, dentre eles: Benito (2010), Julia (2001), Viñao Frago (1995; 2001), Vidal (2005), Faria Filho (2002), Forquin (1993), dentre outros, os quais contribuem para as reflexões sobre o assunto em questão. Além disso, a Revista Teoria & Educação publicou em 1990, a tradução dos artigos de Chervel (1990), ‘História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa’, e de Forquin (1993), ‘Saberes Escolares, Imperativos Didáticos e Dinâmicas Sociais’, artigo publicado em 1992. Nos referidos artigos foram desenvolvidas discussões relevantes para a compreensão das culturas escolares.

Conforme Magalhães (2004, p. 15) “A cultura, ou melhor, as culturas, nas suas dimensões simbólica, material, teórica, praxeológica, axiológica são a

substantivação do desenvolvimento e da educação através de processos formativos e institucionais”. Forquin (1993, p. 167) acrescenta que:

A cultura não é somente um conjunto de imperativos no qual se inscreve necessariamente todo projeto pedagógico e que o professor deve bem conhecer se quer poder dominá-lo [...]; ela é também, mais fundamentalmente, o que constitui o objeto mesmo do ensino, seu conteúdo substancial e sua justificação última [...]. Educar, ensinar, é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que ele deles se nutra, que ele os incorpore à sua substância, que ele construa sua identidade intelectual e pessoal em função deles.

Ainda que vários autores tenham utilizado o termo ‘cultura escolar’ no singular, nesta pesquisa será empregado no plural. Isso motivado pelo fato que em diferentes instituições escolares, ou na própria instituição, do Colégio do Carmo, são encontradas diversificadas culturas escolares, as quais apresentam influências dos tempos, espaços e sujeitos que estão inseridos no ambiente escolar.

Faria Filho *et al.* (2004, p. 142) explicam que “No que tange à historiografia educacional, [...] a categoria cultura escolar vem subsidiando as análises históricas e assumindo visibilidade na estruturação propriamente dita de eventos do campo”. Julia (2001, p. 9) descreve que a “[...] cultura escolar não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneos”.

Assim, o termo ‘culturas escolares’, como define Vidal (2005, p. 35), “[...] além de abarcar as mais diversas dimensões do cotidiano da escola e de se desfolhar sobre a sociedade, a cultura escolar, variava também de acordo com a instituição investigada”. Julia (2001, p. 10) explica que a cultura escolar é concebida como:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Conforme Viñao Frago (1995), a cultura escolar restaura as diferentes manifestações das práticas pedagógicas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos e professores, rotinas, de normas e teorias, portanto abrangendo tudo o que ocorria no interior da escola, assim o autor explica:

Alguien dirá: todo. Y sí, es cierto, la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar,

decir y hacer. Lo que sucede es que en este conjunto hay algunos aspectos que son más relevantes que otros, en el sentido que son elementos organizadores que la conforman y definen. Dentre ellos elijo dos a lo que he dedicado alguna atención en los últimos años: el espacio y el tiempo escolares. Otros no menos importantes, como las prácticas discursivas y lingüísticas o las tecnologías y modos de comunicación empleados, son ahora dejados a un lado (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69).

Assim sendo, Faria Filho (2002, p. 18) relaciona a estratégia do espaço escolar, em que a defesa de um espaço específico para a escolarização pode ser compreendida, como: “[...] uma busca de dotar a instituição escolar de um lugar próprio, na cena social, possibilitando-lhe definitivamente distinguir-se da casa, da igreja e da rua e, por conseguinte, das culturas e das sensibilidades que por aí circulam”. Rockwell (2002, p. 211) complementa ressaltando que para o estudo das culturas escolares do passado é preciso realizar duas tarefas importantes:

Primero, afinar la mirada, pensar acerca de la noción de cultura escolar que manejamos implícitamente, para lo cual creo importante retomar los ejes que nos propone el texto de Dominique Julia. Segundo, disciplinar la mirada, para encontrar en el registro histórico los “indicios” (como diría Ginzburg) que nos permitan imaginar la historia de la cultura, la historia “no escriturada” (como lo diría de Certeau).

Na primeira tarefa, segundo Rockwell (2002, p. 211) deve-se levar em conta o ensaio de Dominique Julia, datado de 1995, explicado pelo fato que é:

[...] un texto que ha tenido resonancia en nuestro continente, invita a imaginar una cultura escolar diversa, cambiante y permeable debajo de la aparente monotonía de la documentación burocrática y del esquematismo de los reglamentos normativos que han pretendido uniformar la vida escolar a lo largo de los años. El ensayo plantea la tarea de tender puentes entre los documentos normativos y una práctica educativa concebida en toda su heterogeneidad.

Na segunda tarefa sugerida por Rockwell (2002, p. 219), a autora cita que “Sin duda, una mirada informada por la concepción de cultura escolar basada en el texto de Dominique Julia apoyaría la historia etnográfica de la educación. Sin embargo, se trata de describir prácticas culturales que rara vez dejan huellas”. Benito (2010, p. 45) acrescenta que:

Se afirma, bajo esta nueva orientación de las investigaciones historiográficas acerca de la cultura de la escuela, que en las huellas insertas en las materialidades encontradas en los estratos arqueológicos explorados se pueden buscar algunas de las claves de la tradición pedagógica disponible.

Foi a partir do termo cultura escolar, como explica Faria Filho (2002), que as investigações passaram a assumir uma categoria de análise como exemplos: organização do espaço, o contexto histórico do surgimento da instituição escolar, sua arquitetura, seus alunos, professores e gestores, currículo, livros didáticos, projeto pedagógico, normas disciplinares, regimentos e outros.

Assim, as investigações sobre as culturas escolares, desenvolvidas pelos historiadores da educação culminaram na centralização de cinco questões fundamentais: (1) espaços escolares; (2) sujeitos da educação; (3) tempos escolares; (4) disciplinas escolares e; (5) a cultura material escolar, concebidas conforme duas linhas fundamentais: funcionamento interno das instituições escolares e as relações estabelecidas externamente com a sociedade e a cultura.

Dito isto, cabe esclarecer que nesta pesquisa foi possível observar as cinco questões mencionadas. Nessa perspectiva, foram privilegiados nessa pesquisa os temas ‘histórias das instituições escolares’ (indícios históricos do Colégio do Carmo); e as ‘culturas escolares’, especialmente, considerando-se duas categorias:

- a) práticas pedagógicas: incluindo os temas da religiosidade (obrigatoriedade da participação dos alunos nas missas e oração diária); os saberes (a escrita, as aulas, a estruturação das salas de aula, as propostas de ensino e aprendizagem dos Irmãos Lassalistas ao Colégio do Carmo, os processos avaliativos e premiações); e as festividades escolares (religiosas e cívicas);
- b) rotinas escolares: rotinas dos discentes (ano letivo, alunos matriculados e formação de turmas); a disciplina e o modo como os Irmãos Lassalistas pensavam e organizavam o cotidiano da escola; e as rotinas dos docentes (transferências e nomeações dos Irmãos Lassalistas).

A adoção das duas categorias mencionadas culminou na compreensão das práticas pedagógicas vivenciadas no Colégio do Carmo e também no conhecimento das rotinas escolares da referida instituição de ensino, considerando-se o recorte temporal pretendido. Cabe destacar que de acordo com Bogdan (1994, p. 221), “[...] as categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu, de forma que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados”.

Como explicam Pereira e Vale (2013), para que sejam estabelecidas as práticas pedagógicas que caracterizarão o espaço escolar, como uma estação de

conhecimento contextualizado é preciso que seja pensada a aprendizagem pelos educadores como uma prática contextualizada às necessidades educacionais dos alunos, reduzindo distâncias entre o concreto e o abstrato.

No que tange à rotina escolar, Signoretti *et al.* (2015, p. 1), explicam que “Serve para orientar as ações das crianças e dos professores e favorece a previsão de situações que possam vir a acontecer”. Ainda segundo os autores:

As atividades de rotina são aquelas que devem ser realizadas diariamente, oportunizando às crianças o desenvolvimento e a manutenção de hábitos indispensáveis à preservação da saúde física e mental como, por exemplo, a ordem, a organização, a higiene, o repouso, a alimentação correta, o tempo e o espaço adequados, as atitudes, as atividades do dia etc. (SIGNORETTI *et al.*, 2015, p. 1).

Na concepção de Barbosa (2008), a rotina escolar é considerada como um elemento essencial na coordenação institucional e na normatização da subjetividade dos sujeitos frequentadores dos espaços coletivos de cuidados e de educação. Para autora, as denominações oferecidas à rotina escolar são diversificadas, tais como: horário, emprego do tempo, sequência de ações, trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, dentre outros.

Diante do exposto, surgiu a necessidade de aprofundar o estudo sobre as culturas escolares, especialmente, no que tange às práticas pedagógicas e às rotinas escolares, considerando-se as suas análises e os seus desdobramentos, nesta pesquisa, incluindo-se a instituição escolar do Colégio do Carmo.

Neste sentido, o estudo está delimitado na narrativa sobre o processo histórico do Colégio do Carmo, sediado em Caxias do Sul, considerando-se o recorte temporal de 1908 a 1933, com ênfase à cultura dessa instituição. Então, a partir das explicitações apresentadas são utilizados os termos ‘história das instituições escolares’; e as ‘culturas escolares’, considerando-se especialmente duas categorias: as práticas pedagógicas e as rotinas escolares, como identificado anteriormente.

No que se refere aos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, quando o historiador não vivenciou o ocorrido, mas ouviu falar, sabe de realizações e o mais importante, tem sede de conhecer de forma mais aprofundada os acontecimentos, surge então, o desafio de encontrar documentos que possam embasar e também que ofereçam a credibilidade científica adequada à pesquisa.

Pinsky (2006) cita que as fontes históricas são um dos materiais que os historiadores se apropriam por meio de abordagens específicas, métodos diferentes e técnicas variadas para tecerem seus discursos históricos. Galvão e Lopes (2010, p. 66) afirmam que “Os materiais que forem trabalhados – isto é, recortados e reagrupados – poderão servir de base à operação historiográfica em si, ou seja, a interpretação e a escrita”.

Para a concretização desta pesquisa foi empregada a diversidade das fontes históricas encontradas, as quais são documentais, iconográficas, e impressos, utilizadas fartamente e, uma vez cruzadas entre si possibilitaram a narrativa histórica da instituição escolar do Colégio do Carmo. Segundo Lombardi (2004), considerando-se que os documentos são testemunhos que possibilitam entender o mundo e a vida dos homens, todos os tipos de documentos que auxiliem a compreender o mundo dos homens e suas relações são válidos.

Pesavento (2005, p. 63) acrescenta na mesma proporção, que a análise documental, permite conhecer os documentos que configuram o passado. A autora afirma também a possibilidade de transformar “[...] os vestígios do passado em fonte ou documento, mas é preciso fazê-los falar”. Neste mesmo sentido, Luchese (2010), comenta que por intermédio das leituras de Veyne, a história é conhecida por meio de documentos que, tomados pelo historiador, são lidos e, então, os indícios recorrentes são organizados, selecionados e narrados.

Para essa apreciação e análise documental, conforme Chartier (1991), a leitura não deve ser somente uma operação abstrata de inteligência, mas de redescobrir os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos, tentando colocar o historiador no local do outro.

Le Goff (1994) define e caracteriza o conceito de documento, apresentando também contribuições importantes sobre o papel do historiador e ponderando suas percepções por serem proeminentes para o desenvolvimento desta pesquisa. Neste sentido, foram utilizadas táticas de coleta de dados e análise de documentos disponíveis nos arquivos do acervo da Secretaria do Colégio do Carmo e na Província Lassalista em Porto Alegre, os quais nortearam a historicidade da instituição em estudo.

Le Goff (1994, p. 545) conceitua ainda que o documento “[...] não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Ainda segundo o autor,

“Só a análise de documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (LE GOFF, 1994, p. 545).

Vidal (2007, p. 64) complementa afirmando que a importância do espaço destinado ao arquivo da instituição e a ampliação do conhecimento sobre os documentos escolares estão relacionados à cultura escolar, às práticas pedagógicas e às rotinas escolares que são desenvolvidas no interior de uma instituição escolar, como: “[...] relação entre arquivos corrente e permanente; natureza do documento em educação; problemática do descarte e finalidade de preservar a documentação escolar”.

Os documentos utilizados para a pesquisa e escrita desta dissertação de mestrado foram: os contratos de locação; as correspondências que serviram como meios de comunicação entre os Irmãos Lassalistas, Irmão Visitador, Pároco da Igreja Matriz, Arcebispo de Porto Alegre e Intendente Municipal, dentre outros; os recibos e duplicatas; as atas das reuniões; os estatutos; os currículos escolares; os regimentos internos; a relação dos diretores e dos educadores (Irmãos Lassalistas) que passaram pela instituição; a síntese histórica do Colégio do Carmo, dentre outros documentos que compuseram os acervos pesquisados e que colaboraram para este momento do estudo em questão.

Convém realçar também, que muitos dos documentos originais utilizados e as informações obtidas no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo foram traduzidos, pois se encontravam na língua materna de João Batista de La Salle, o francês. Foi realizada também a transcrição de *Historique de La Communauté Caxias* pelo Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012, a pedido da pesquisadora.

A partir disso, foram consultadas também, as fontes iconográficas representadas pelas fotografias válidas como documentos para esta narrativa histórica, as quais foram obtidas no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo.

Para o desenvolvimento do estudo foram utilizadas também as correspondências escritas pelos Irmãos Lassalistas provenientes dos Arquivos Lassalistas de Roma, na Itália, as quais foram obtidas nas obras de Compagnoni (1980) e Bonifácio (1988a; 1988b; 1989) e, também, no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo.

Muito significativas são as observações de Borges (2003), em relação a estas fontes iconográficas utilizadas para desenvolver a narrativa da história da instituição

do Colégio do Carmo. Para o autor, a fotografia, longe de ser polissêmica e ao sabor da abstração de quem lê ou de quem a produz, é ditada tanto pela tecnologia utilizada, quanto pela historicidade e intencionalidade de quem a constrói. Essas fontes, conseqüentemente, se articulam sobre o todo, nesse caso, sobre o cotidiano da instituição escolar pesquisada. Quanto à análise iconográfica Vidal e Abdala (2005, p. 178) ressaltam que:

[...] deve o historiador fazer dialogar o documento fotográfico com as demais fontes disponíveis sobre o período, rompendo o caráter fragmentário da fotografia e facilitando o estudo do conteúdo das imagens, bem como concorrendo para fixar datas e locais de produção dos objetos em análise.

Como esclarecem Bertonha e Machado (2008), as fotografias, geralmente servem para auxiliar na compreensão do universo escolar indicando os sujeitos que participaram da instituição escolar, como, professores, inspetores e/ou diretores, alunos, pais, lugar, espaço e tempo, dentre outros aspectos, refletindo um olhar sobre a instituição escolar. Lima e Carvalho (2009, p. 44) adicionam que:

A preocupação com a construção de sentidos [...] de práticas de significações, colocou a fotografia em um novo patamar documental, reconhecendo nela uma capacidade constitutiva das categorias, estruturas e práticas sociais.

Oferecendo suporte ao uso das fontes visuais, Burke (2008), cita que alguns historiadores têm proporcionado valiosas contribuições à visão de passado utilizando as imagens de uma forma sofisticada e especificamente histórica. E mais, o autor afirma que é rara a opinião do historiador ser levada em consideração, quando essas imagens proporcionam um contexto mais amplo (BURKE, 2008).

Desse modo, por intermédio da utilização dos indícios, documentos e fotografias encontrados no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, referentes ao período de 1908 a 1933, foi realizada uma análise das culturas escolares, atentando para os diferentes aspectos que a constituem; buscando assim, responder às questões sobre a história da instituição de ensino do Colégio do Carmo, incluindo a comunidade escolar, o espaço, o tempo, os procedimentos utilizados, as normas internas adotadas, portanto no que se refere às categorias das práticas pedagógicas e das rotinas escolares.

Com a facilitação de acesso aos dados necessários ao desenvolvimento da pesquisa, de acordo com Bacellar (2005, p. 71), o historiador “Já pode cotejar

informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências e produzir um trabalho de História”, tudo isso, por meio da análise e da interpretação dessas fontes.

Assim sendo, para um melhor entendimento, o estudo foi estruturado em cinco capítulos. No primeiro constam as considerações iniciais da pesquisa definindo o tema, o recorte temporal, as motivações e as justificativas da elaboração do estudo; a determinação do objetivo geral; a definição do problema e as questões atinentes ao tema; a verificação dos estudos já realizados; o aporte teórico; a definição das categorias de análise; e os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento do estudo.

No segundo capítulo é dada ênfase ao contexto político-social francês e às escolas cristãs, no intuito de narrar a história e o surgimento da educação lassalista e a vivência de João Batista de La Salle na França, mencionando a sua trajetória pedagógica, as principais obras, a didática e os princípios, enfatizando também a história e as contribuições da pedagogia sob o olhar da educação lassalista. Em seguida são apresentadas as principais escolas lassalistas instituídas no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Sul até a chegada dos Irmãos Lassalistas em Caxias. Na sequência do referido capítulo é narrada a história de Caxias e o projeto de uma escola cristã para meninos e moços, com ênfase ao período de 1908 a 1933, e são apresentadas as iniciativas e o processo da escolarização em Caxias.

No terceiro capítulo discorre-se sobre os indícios históricos do Colégio do Carmo em Caxias, considerando-se o recorte temporal de 1908 a 1933, narrando sobre a chegada dos fundadores do Colégio do Carmo; as relações e as tensões entre a paróquia e os Irmãos Lassalistas; bem como as transformações e as instalações; e o ensino oferecido pelo Colégio do Carmo. Convém mencionar que a pesquisa sobre a instituição de ensino do Colégio do Carmo, para o período em questão é inédita e tenho o desejo de contribuir com o conhecimento histórico do mesmo. Assim permitindo pensar a história da educação de Caxias e região, o próprio processo histórico do Município e do Estado do Rio Grande do Sul.

No quarto capítulo são apresentadas as práticas pedagógicas vivenciadas no Colégio do Carmo, iniciando com a abordagem da religiosidade como um marca das práticas pedagógicas; seguida pela apresentação dos saberes abrangendo a escrita, as aulas, a estruturação das salas de aula, as propostas de ensino e aprendizagem dos Irmãos Lassalistas ao Colégio do Carmo, os processos avaliativos e as

premiações, e também as festividades escolares que se compunham das festividades religiosas e cívicas. Na sequência do capítulo são analisadas as rotinas escolares do Colégio do Carmo, contemplando as rotinas dos discentes; a disciplina e o modo como os Irmãos Lassalistas pensavam e organizavam o cotidiano da escola; e, por último, as rotinas dos docentes, compreendendo o recorte temporal de 1908 a 1933.

No quinto capítulo estão apresentadas as considerações finais obtidas com o desenvolvimento da pesquisa. Nas partes finais é apresentada a listagem das referências que serviram de embasamento teórico da pesquisa como um todo; e são demonstrados os anexos que complementam a pesquisa, que são as fontes documentais obtidas no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, abrangendo correspondências entre o Arcebispo de Porto Alegre, Irmão Diretor, Irmão Visitador, Pároco João Meneguzzi, dentre outros; as atas de reuniões para o desenvolvimento da edificação do Colégio do Carmo; as publicações em jornais locais; o currículo escolar; os estatutos do Colégio do Carmo do Carmo; os regimentos escolares e as fotografias que retratavam o Colégio do Carmo, e outros, considerando-se o recorte temporal de 1908 a 1933.

2 DA FRANÇA PARA CAXIAS/RS: IRMÃOS LASSALISTAS E O PROJETO DA ESCOLA CRISTÃ PARA MENINOS E MOÇOS

O capítulo tem por objetivo discorrer inicialmente sobre a realidade em que viveu João Batista de La Salle, considerando-se o contexto político-social francês devido à sua importância e as suas implicações na educação da França; e conseqüentemente no projeto das Escolas Cristãs⁴.

Na sequência são apresentados alguns dos momentos vivenciados por João Batista de La Salle, considerado como o patrono do magistério na França, com a finalidade de narrar os acontecimentos desde o seu nascimento até a sua trajetória na pedagogia católica; e, também, são expostas as suas principais obras classificadas em pedagógicas e de espiritualidade para facilitar a compreensão de seu trabalho pedagógico.

Após, é abordada a pedagogia sob o olhar da educação lassalista com o objetivo de demonstrar a história e as suas contribuições à educação como um todo. Em seguida, é apresentada a expansão da obra lassalista e a chegada dos primeiros Irmãos Lassalistas no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Na parte final do capítulo é narrada a história de Caxias e o projeto de uma escola cristã para meninos e moços, considerando-se o recorte temporal de 1908 a 1933. O capítulo enfatiza também a escolarização em Caxias, mostrando os aspectos históricos e socioeconômicos, que nortearam a fundação do Colégio do Carmo pelos Irmãos Lassalistas, em Caxias e as iniciativas e o processo de escolarização em Caxias.

2.1 O CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL FRANCÊS E AS ESCOLAS CRISTÃS

Na França, o final do século XVII e o início do século XVIII foi um período que marcou a civilização ocidental e também é considerado como um período de regime monárquico absolutista, sendo que Luís XIV comandava o panorama no país mais populoso, mais rico e mais católico da Europa à época (CORSATTO, 2007).

⁴ Neste estudo será utilizado o termo 'Escolas Cristãs', porque era dessa forma que João Batista de La Salle e os Irmãos Lassalistas denominavam as escolas. Hoeksema (2006, p. 1) esclarece que "[...] a Escola Cristã é uma instituição que tem a função de instruir as crianças nos vários departamentos do conhecimento que também constitui o currículo da escola pública: literatura, história, ciência, matemática e outros assuntos".

O reinado comandado por Luís XIV ficou conhecido como o ápice do absolutismo francês, como um único governante e, não foram nomeados os primeiros-ministros. O monarca promoveu uma série de guerras com a finalidade de conquistar a Europa e na época de seu reinado houve um maior desenvolvimento da cultura francesa. Desde o ano de 1671 foram investidos fundos à Academia de Paris no intuito da realização de pesquisas experimentais e na difusão de resultados dessas investigações (GARCIA, 2009).

Assim, observa-se que o auge do absolutismo francês foi caracterizado pela centralização do poder nas mãos de uma só pessoa, declarando ter sido escolhido por Deus para governar a França. Por sua vez, o Estado Nacional foi construído com a adesão da Igreja ao novo poder, proclamando-se o caráter divino do rei.

Como se verifica, a religião apresentava relevância para a vida dos franceses, em que o catolicismo era a religião de Estado na França do Antigo Regime, unindo os dois poderes civil e eclesiástico, exercendo um controle mais rigoroso à sociedade. Logo, a religião e a política estavam inter-relacionadas no reinado de Luís XIV. Assim, o Estado francês juntamente com a Igreja tinha controle sobre a população e a educação era regulamentada pela Igreja Católica. Além disso, a educação era oferecida somente aos membros da aristocracia, perdurando até a Revolução Francesa, em 1789. A partir daí houve modificações na sociedade francesa, influenciando de forma direta nos valores da nobreza, da vida cortesã e da educação religiosa, tanto na imagem quanto na função da sociedade.

Durante e após os anos revolucionários, as unidades eclesiásticas passaram a ser perseguidas, incluindo-se as escolas religiosas amparadas pelos Irmãos Lassalistas. Além disso, alguns religiosos foram condenados ao exílio e/ou à guilhotina e a Igreja perdeu parte de suas riquezas. No ano de 1790, a Assembleia Nacional Constituinte Francesa⁵ tinha o intuito de transformar os sacerdotes católicos paroquiais em funcionários públicos eclesiásticos, sendo que estes perderiam os seus privilégios. Dentre eles o recebimento do dízimo que era uma parte em dinheiro que a população pagava à Igreja.

Com isso, o monopólio do ensino deixou de ser do clero passando a ser de responsabilidade estatal e os professores que pertenciam ao clero (exceto os das escolas fundamentadas por La Salle), foram substituídos por educadores leigos. Por

⁵ A Assembleia Nacional Constituinte Francesa era um conjunto de leis denominado de 'A Constituição Civil do Clero'.

sua vez, como acrescenta Garcia (2009, p. 14) “O ensino superior que era mantido pela Instituição Católica tornou-se completamente laico e até contrário aos ideais eclesiásticos”.

Nesse período, as modificações econômicas e sociais conduzidas pela burguesia e sustentadas pela força de trabalho popular e camponesa produziram na França novos meios de produção e uma nova concepção foi moldada por intermédio das lutas de classes e de tentativas de definição de direitos sociais.

Por sua vez, as ideias difundidas na época do Iluminismo exerceram evidente influência sobre a Revolução Francesa. Era um movimento idealizado pela burguesia que se expandiu pelo continente europeu e promoveu uma significativa transformação cultural na região (HOBSBAWN, 2006).

Assim, na França ocorreu um ativo conflito entre os pensamentos iluministas e as estruturas políticas conservadoras, acentuando o antagonismo entre o ideal protestante e o mercantil e uma sociedade feudal e católica, cujos aspectos foram decisivos para a ocorrência da Revolução Francesa (HOBSBAWN, 2006).

Os principais intelectuais e pensadores importantes dos ideais iluministas foram: Denis Diderot; Jean Le Rond D'Alembert; Jean-Jacques Rousseau; Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet, cujos pensamentos eram contrários à afirmação predominante na época do absolutismo, que preconizava que a ordem social era em sua essência de vontade divina, e, portanto, não poderia haver transformações e alterações substanciais (HOBSBAWN, 2006).

Por seu turno, a formação da sociedade na França e o momento da deflagração do movimento revolucionário (Revolução Francesa) fez com que surgissem os primeiros discursos referentes ao processo educacional. Como esclarece Cambi (1999, p. 278), “Com o século XVII, de fato, os processos educativos, as instituições formativas e as teorizações pedagógicas também vão se renovando”.

Assim, o tema passou a ser o aspecto central para a composição de uma organização social, amparada pela Assembleia Eleitoral, responsável em redigir os *cahiers* (cadernos de queixas) resultando em sessenta mil cadernos, oferecendo um panorama da França no final do Antigo Regime (QUADROS, 2011).

Desse modo, houve consenso nas Assembleias francesas nos seguintes aspectos: (1) necessidade de um novo sistema de estudos e de educação; (2) imperativa expansão do número de escolas; (3) o controle do professor e de sua

competência e; (4) um programa mínimo nas escolas primárias deveria ser estabelecido (LOPES, 2008).

Com este aparato de necessidades, na Assembleia Constituinte da França, entre 1789 a 1791, foi apresentado um projeto referente à instrução por Talleryrand em 1791. Como pontos principais da proposta estavam: a instrução deveria existir para todos, devendo ser universal, para ambos os sexos, não obrigatória e gratuita. E como a instrução deveria atender as relações do indivíduo com a sociedade era preciso preconizar o ensino a todos sobre a Constituição, como defendê-la, aperfeiçoá-la e, acima de tudo, imbuir a todos os princípios da moral (LOPES, 2008).

Neste sentido, na Assembleia Legislativa de 09 de abril de 1792 foi realizada a primeira leitura do *Rapport* (Instrução Pública e organização do ensino), a qual foi dissolvida em 21 de setembro de 1792. Porém, na Convenção Girondina que aconteceu no período de setembro de 1792 a junho de 1793 foram elaborados os *Rapports* de Lanthenas, que seguiam alguns pontos:

[...] fixação da duração do ensino primário em quatro anos; a divisão de conteúdo em quatro partes; sistema de ajuda aos professores pelos alunos mais adiantados e mais dotados; fixação de conteúdo aberto à análise de ideias; as experiências das coisas e as práticas dos princípios; construções das escolas a cargo das comunas; remuneração condigna para os professores; estabelecimentos de formas de nomeação de professores feitas através de uma comissão de homens instruídos (LOPES, 2008, p. 96).

Por sua vez, na Convenção Jacobina realizada no período de junho de 1794 a maio de 1795, o projeto com maior destaque foi o de Lepeletier que dentre outros pontos sobre a instrução destacou que a educação deveria ocorrer até os doze anos de idade, devendo ser obrigatória e leiga. A gratuidade seria assim garantida, como esclarece Lopes (2008, p. 106): “[...] primeiro, pela contribuição pelos pais ricos; segundo pelo rendimento do trabalho das crianças internas na instituição nacional; terceiro pela complementação provida pelo Estado”.

Na Convenção Termidoriana foi apresentado o projeto de Daunou que estabelecia algumas características, dentre elas, Lopes (2008, p. 118) destaca:

[...] haverá em cada cantão, uma ou mais escolas primárias para os meninos [...], o professor receberá da República um local, tanto para seu alojamento, quanto para receber os alunos, ou, na falta desse local, uma soma anual para cobrir essas despesas, mas não salário. A educação das meninas fica reservada aos pais e aos estabelecimentos livres.

Dessa forma, segundo Lopes (2008), a instrução foi tornada como um direito público, na transição do regime feudal para o capitalismo e estava concebida no contexto histórico que representavam e do qual fazia parte. Assim, a mesma autora explica que a revolução burguesa representou a tomada pelo Estado burguês à função de instrução pública como forma de legitimar seu poder, encontrando nesse papel uma forma de coesão social, articulando seus interesses aos das classes subalternas.

Conforme Lopes (2008), o surgimento da instrução pública refletiu a hegemonia burguesa e uma conquista proveniente da luta de classes. Segundo a mesma autora, a instrução pública passou a representar uma nova possibilidade para as classes populares e camponesas para se posicionarem frente à dominação. Desse modo, a ascensão burguesa frente ao feudalismo somente foi alcançada por meio das camadas populares, vindo a constituir o capitalismo e, para sua manutenção e desenvolvimento, apoiou-se na instrução como forma de disseminar seus valores e os interesses a partir de então em questão.

Hobsbawn (2006) acrescenta que, a Revolução Francesa transformou a educação técnica e científica de seu país, notadamente devido à criação da Escola Politécnica, em 1795. Ela pretendia ser uma escola para técnicos de todas as especialidades e do primeiro esboço da Escola Normal Superior em 1794, que foi estabelecida como parte de uma reforma geral da educação secundária e superior por Napoleão Bonaparte.

O século XIX, considerado como o século da pedagogia, foi marcado por um momento emblemático da luta de classes entre os burgueses e o proletariado, abrangendo a sociedade, a cultura, a economia e a política. O período propiciou uma radicalização das ideias pedagógicas e educativas, consolidando-as como instrumentos de controle social. Nas palavras de Cambi (1999, p. 407) do “[...] projeto político e da própria gestão do poder (social e político)”.

Por sua vez, a Revolução Industrial deflagrou o desenvolvimento econômico e social, propiciando o início de uma mobilização social aperfeiçoando o perfil das burguesias, dentre os seus grupos variados. As transformações, ocorridas numa sociedade econômica e politicamente agitada, estão ideologicamente carregadas também na sua cultura. Nesse contexto, o ato de educar se tornou um mecanismo de controle (para a burguesia) e de emancipação social (para o povo) (SANTOS *et al.*, 2012).

Como descreve Bresciani (2004), na França do século XIX, especialmente em Paris, existia o temor das jornadas revolucionárias. Jornadas estas formadas pela população pobre, mas não a pobreza indigente, porque eram pessoas querendo fazer valer suas exigências por intermédio do controle das instituições políticas.

No contexto da educação, o atrito entre as classes fez surgir pedagogias diferenciadas com modelos e orientações diversas e altamente imbuídas de todas as vertentes e etapas da pedagogia do século XIX. Conforme Santos *et al.* (2012, p. 178) “É dentro desse contexto que a ideia de liberdade defendida por pensadores como Pestalozzi, Fichte e Fröbel se torna o indicador sociopolítico e, por conseguinte, ideológico da educação”.

Manacorda (2001, p. 279) afirma que “[...] é neste cenário desenhado por entraves políticos e sociais que se desenvolve um embate didático e pedagógico entre iniciativas conservadoras (burguesia) e anseios por mudanças (proletariado)”. O autor explica que essa batalha enunciou todas as esferas e os níveis da educação, desde a instrução até as escolas infantis, elementares e secundárias. Assim, conforme Santos *et al.* (2012), o acesso à instrução, a atribuição da responsabilidade do Estado e a separação dela em relação à Igreja se configuraram como os aspectos relevantes no desenvolvimento educativo do século XIX.

Cambi (1999, p. 410) acrescenta que “[...] entre positivismo e socialismo, a ideologização da pedagogia torna-se ainda mais forte e, sobretudo, mais explícita”. Assim explicam Santos *et al.* (2012), no positivismo a pedagogia é herdeira da sociologia, assumindo a tendência de socializar o homem de acordo com os modelos funcionais para uma determinada sociedade.

Em contrapartida, no segundo caso – socialismo –, como esclarecem Santos *et al.* (2012, p. 178), “[...] a pedagogia é desnudada no seu teor ideológico da liberdade”. O fundamento dessas evidências está inserido, portanto, nos processos de ‘ideologização’ descrito por Cambi (1999), que também apontou que tal situação é proveniente da posição central da educação no reordenamento social dos grupos e das classes sociais. Além disso, outro aspecto essencial da pedagogia no século XIX é a sua reformulação enquanto saber científico e a reorganização técnica da escola como instituição educativa. Em função disso, Cambi (1999, p. 414) sintetiza que o século XIX foi:

[...] bastante rico em modelos formativos, em teorizações pedagógicas, em compromisso educativo e reformismo escolar, em vista justamente de um crescimento social a realizar-se da maneira menos conflituosa possível e da forma mais geral.

A Inglaterra, a França, a Alemanha e a Itália são alguns dos países onde a atividade pedagógico-educativa foi posta em prática, expondo em diversos níveis as relações entre a educação, a sociedade e a política (SANTOS *et al.*, 2012).

Assim sendo, para além de ser o século da pedagogia, os ‘Oitocentos’ como foram identificados na época, foram marcados com a consolidação da sociedade industrial na Europa. Nesse contexto, os diversos países europeus, incluindo-se a França, vivenciaram as mudanças e as transformações em compassos particulares para cada um. Mesmo que com intensidades diferentes, a Europa atravessou segundo Cambi (1999, p. 465) “[...] um processo de redefinição dos objetivos e dos instrumentos da pedagogia”.

Outro aspecto importante no que se relaciona à pedagogia no século XIX foi o surgimento da pedagogia científica e da pedagogia experimental. Para Cambi (1999), tal surgimento foi enriquecedor, pois promoveu um contraponto entre a filosofia e a política, ao mesmo tempo em que as relacionaram com a Fisiologia, Antropologia e Psicologia.

A prática referida proporcionou à pedagogia a renovação dos seus conteúdos e métodos, que nas palavras de Cambi (1999, p. 498) fez uso do “[...] paradigma científico, indutivo e experimental”.

Como explicam Santos *et al.* (2012), o século XIX foi norteado por uma série de tensões e crises, em que os distúrbios implicados pelos atritos entre a burguesia e o proletariado atingiram seu apogeu e colaboraram para o surgimento das bipolarizações (esquerda, direita, internacionalismo e colonialismo, e outros). Ainda nesse contexto ocorreu uma série de renovações no âmbito da cultura, influenciando em um distanciamento das correntes defendidas ao longo do século XIX (‘Oitocentos’), que foram o idealismo, o positivismo e outros.

A pedagogia e a educação se encontram envolvidas nessa agitação cultural, resultado de séculos de indisposições, atritos e mudanças nos diferentes estratos da sociedade. Tal fato contribuiu para que, no decorrer do século, essas mudanças fossem acrescidas de outras em nível das relações socioeconômicas, e também o estabelecimento de novas ordens das estruturas sociais. Todo esse contexto em ebulição é condição determinante para o surgimento e a constante renovação das correntes educativo-pedagógicas (SANTOS *et al.*, 2012, p. 180).

As transformações até aqui explicitadas foram vivenciadas por João Batista de La Salle, as quais impactaram diretamente na formação da pedagogia lassalista. Em função disso, é de fundamental importância conhecer a biografia de João Batista de La Salle, bem como a sua trajetória pedagógica, suas principais obras, sua didática e os seus princípios, e a pedagogia sob o olhar da educação lassalista.

2.2 JOÃO BATISTA DE LA SALLE NA FRANÇA

João Batista de La Salle (Figura 1), natural de Reims, na capital da Champanha, situada na França, nasceu em 30 de abril de 1651 e faleceu em Ruão a 07 de abril de 1719⁶, presenciando o reinado de Luís XIV.

Figura 1 – João Batista de La Salle



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

João Batista de La Salle era o primogênito de onze filhos. O pai, Luís de La Salle, era magistrado considerado um homem culto da burguesia e exercia o cargo de Conselheiro de Luiz XIV para a região de Reims. A mãe, Nicolle Moët de

⁶ No **Anexo A** consta uma síntese das principais datas marcantes da vida de João Batista de La Salle, formando a sua biografia.

Brouillet, pertencia a uma família nobre, também de magistrados, de quinze filhos. A família tinha profunda vivência cristã e além de João Batista, mais dois de seus irmãos, escolheram a vida sacerdotal e uma das irmãs, a vida religiosa (JUSTO, 1991; PUHL, 2001).

Quando completou onze anos, La Salle decidiu seguir a vida sacerdotal e aos dezessete anos passou a ser detentor do título, das obrigações e da remuneração de cônego da catedral de Reims, integrando, portanto o Grupo de Cônegos da Catedral de Reims. La Salle seguiu seus estudos de Filosofia e Teologia em Reims e em Paris (HENGEMÜLE, 2007; PUHL, 2001).

No ano de 1670, La Salle, aos dezenove anos, passou a frequentar o seminário de São Sulpício, em Paris. Aos vinte e um anos, com o falecimento de seus pais, em 1672, teve que abandonar o centro de formação eclesiástica, para assumir a tutela de seus irmãos e irmãs e as responsabilidades familiares. Porém, tal acontecimento não o fez desistir dos estudos e da preparação à vida sacerdotal, completando-a em Reims. Realizou um doutorado em Teologia e foi ordenado sacerdote aos vinte e sete anos. No entanto, nunca assumiu uma paróquia, nem galgou os possíveis degraus da carreira eclesiástica, pois a sua vida assumiu outro rumo (HENGEMÜLE, 2007).

No ano de 1678, após a ordenação sacerdotal, João Batista de La Salle assumiu a orientação da Congregação Religiosa das Irmãs do Menino Jesus, a qual foi fundada pelo Padre Nicolau Roland (orientador espiritual), que acabará de falecer e que se dedicara à educação de meninas pobres (PUHL, 2001).

Em 1679, La Salle recebeu, na Escola das Irmãs do Menino Jesus, a visita do professor Adriano Nyel, vindo de Ruão, com recomendação da senhora Maillefer, prima de La Salle, para estabelecer, em Reims, escolas dedicadas para os meninos pobres. Neste período ofereceu apoio à iniciativa de Adriano Nyel, mesmo que tivesse que enfrentar dificuldades com seus familiares, pois passou a alojar, em sua própria casa, Adriano Nyel e os primeiros professores recrutados, que eram de classe social muito pobre. A primeira escola foi fundada em 15 de abril de 1679 em Reims, na Paróquia de São Maurício. A segunda foi aberta na Paróquia de São Tiago, no dia 02 de outubro de 1679, na mesma cidade (PUHL, 2001; FERNANDES; PIANTKOSKI, 2010).

Fernandes e Piantkoski (2010, p. 23) esclarecem que “João Batista de La Salle iniciou o projeto de abertura de escolas gratuitas em Reims, no ano de 1679 e, nesse ínterim, continuou seus estudos acadêmicos”.

No ano de 1680, percebendo as improvisações de Adriano Nyel, La Salle assumiu a coordenação das pequenas escolas fundadas e passou a dar-lhes uma pedagogia própria, e foram criadas mais escolas. Porém, La Salle percebeu que sem uma associação solidamente constituída, a pequena rede de escolas cristãs não teria consistência e continuidade.

Enquanto as diferentes escolas estavam sendo criadas como se tudo tivesse sido projetado longamente, acabava o tempo de licenciatura de La Salle. Tinha idealizado todos os exercícios e exames da Faculdade de Teologia de Reims e de Paris, de modo que, nada mais o impedindo e cursados os dois anos, recebeu o título de doutor, em 1680 (MAILLEFER, 1991, p. 57).

Como esclarece Garcia (2009), em junho de 1681, La Salle transformou a sua rica mansão em um local de formação cristã e pedagógica para professores, transferindo-os para lá. Para La Salle e os irmãos educadores, a escola era concebida como um templo de Deus, com a finalidade de evangelização, pastoral e de oração e também um espaço destinado à formação de verdadeiros cristãos e cidadãos.

No dia 14 de junho de 1682, La Salle foi morar com os professores em uma casa alugada e começou a auxiliá-los na formação de uma associação educativa (PUHL, 2001).

No ano de 1684, com doze dos mais de trinta professores, num retiro de dezessete dias, La Salle estruturou a ‘Sociedade dos Irmãos das Escolas Cristãs’⁷. Os integrantes da referida Sociedade assumiram um estilo de vida próprio, distinguindo-se tanto do estilo dos sacerdotes como dos seculares ou leigos, como relatado a seguir:

Dedicavam-se integralmente à vida da oração, à fraternidade entre si e à missão cristã de educar segundo os valores do Evangelho. Desejam testemunhar Jesus Cristo Mestre, totalmente consagrado ao Pai e à salvação do mundo. A confiança em Deus, a coesão interna do grupo e a certeza de que a missão era importante geram grande sucesso da nova Associação (PUHL, 2001, p. 10).

⁷ Atualmente, a Sociedade das Escolas Cristãs, institucional e internacionalmente é reconhecida como Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (CORBELLINI, 2000).

Garcia (2009) acrescenta que La Salle fundou a Sociedade dos Irmãos das Escolas Cristãs (Lassalistas) no ano de 1684, caracterizado por métodos pedagógicos contidos em sua obra educacional, que revolucionaram as técnicas de ensino na época. Porém, foi iniciado um processo de perseguições, as quais eram lideradas, especialmente, pela Associação dos Mestres em Caligrafia, que em parte eram os donos do ensino da época.

Desse modo, as escolas lassalistas fundadas foram, muitas vezes fechadas, incendiadas e La Salle foi processado, mas mesmo assim, a obra lassalista progrediu e se consolidou. Neste período, La Salle insistiu com os Irmãos Lassalistas para que eles confiassem em Deus, que nunca abandonaria uma obra tão importante para o Estado e para a Igreja Católica.

Puhl (2001, p. 11) explica que os Irmãos Lassalistas comentavam que: “Para o senhor é fácil confiar, pois é rico e tem como sobreviver, mas se nossa obra fracassar, nós ficaremos na pior”. Em função disso, La Salle abdicou de todas as suas riquezas e seguranças passando a viver efetivamente pobre como acontecia com os Irmãos Lassalistas. No ano de 1691, La Salle e mais dois Irmãos resolveram fazer um ‘Voto Heroico’ para que não desistissem da obra, custasse o que custasse, mesmo que tivessem de pedir esmolas e viver somente a pão e água.

Fernandes e Piantkoski (2010) acrescentam que o contrato de constituição da Sociedade das Escolas Cristãs foi assinado em 06 de junho de 1684, por um grupo de doze Irmãos Lassalistas e João Batista de La Salle.

Os Irmãos se colocaram em disponibilidade total para assumir e dar continuidade à obra, com a garantia mínima de condições materiais para a sobrevivência. Na ata de constituição da Sociedade das Escolas Cristãs, os Irmãos se unem, a ponto de viver de esmolas, se for o caso, com a finalidade de manter as escolas gratuitas (FERNANDES; PIANTKOSKI, 2010, p. 24).

Corbellini (2006) ressalta que, no dia 07 de junho de 1684, os doze Irmãos Lassalistas escolheram João Batista de La Salle como o superior da Sociedade das Escolas Cristãs. Ainda conforme o autor:

A Sociedade das Escolas Cristãs construiu uma identidade própria em um contexto social marcado fortemente pela influência clerical, em busca de respostas a uma necessidade concreta: a educação cristã dos filhos dos artesãos e dos pobres (CORBELLINI, 2000, p. 2).

Assim sendo, La Salle dedicou o restante de sua vida consolidando a Sociedade das Escolas Cristãs nos segmentos da espiritualidade, pedagogia, organização e administração. Ele conseguiu convencer os Irmãos Lassalistas da necessidade de escolherem um deles para a chefia geral da referida Sociedade. La Salle passou a realizar visitas às escolas, pregou retiros, escreveu cartas e diversos livros, e também algumas ‘Meditações’, textos para o ensino da religião, livros didáticos e um Manual de Pedagogia, mais conhecido como ‘Guia das Escolas Cristãs’.

Weschenfelder (2008) menciona que a última obra lassalista que João Batista de La Salle auxiliou a fundar foi na cidade de Dijon, na Paróquia de São Nicolau, no ano de 1718. Convém destacar que a Sociedade das Escolas Cristãs fundou um total de 49 escolas, entre os anos de 1679, em Reims, a 1718, em Paris.

No ano de 1719, La Salle faleceu e havia cem Irmãos Lassalistas mantendo trinta escolas na França e uma delas era localizada em Roma, como sinal de fidelidade à Igreja Católica.

Em 1900, João Batista de La Salle foi canonizado e proclamado, pelo Papa Leão XIII, herói nas virtudes cristãs. Foi declarado santo em 15 de maio de 1900. E no mesmo dia 15 de maio de 1950, nas vésperas do tricentenário de seu nascimento, o Papa Pio XII o declarou como o Padroeiro Universal dos Professores e Estudantes de Magistério. Em função disso, nesta data é comemorado o ‘Dia De La Salle’.⁸

Por sua vez, as obras escritas por João Batista de La Salle foram classificadas em dois segmentos: obras pedagógicas e obras de espiritualidade. Como ressalta Justo (1991, p. 33) “Através de seus escritos e de sua ação concreta, o fundador dos Irmãos foi ‘delineando’ um estilo para suas escolas, uma pedagogia, uma forma peculiar de ser e de agir, que imprimiu um caráter próprio à educação lassalista”, em suas obras pedagógicas.

Knapp (2001, p. 97) complementa afirmando que: “Basicamente, os escritos pedagógicos registram os conteúdos e as práticas usuais nas instituições educativas lassalistas, destinando-se ao estudo ou à orientação pedagógica dos mestres e ao uso dos alunos”. No Quadro 1 estão detalhadas as obras de cunho pedagógico escritas por João Batista de La Salle.

⁸ No Rio Grande do Sul, no ano de 1950, por ato do Governador Ildo Meneghetti, João Batista La Salle foi escolhido como Patrono do Magistério Gaúcho.

Quadro 1 – Obras pedagógicas de La Salle

Obras Pedagógicas	Descrição
Guia das Escolas Cristãs	Foi conservada manuscrita durante a vida do Fundador dos Irmãos Lassalistas; e conserva-se até hoje um manuscrito de 1706. Desde a origem da Congregação tem sido o livro fundamental dos Irmãos no campo da pedagogia. A primeira edição é de 1720; consta de 230 páginas, e foi impressa em Avinhão, na França. No prefácio se lê que “[...] este Guia foi redigida pelo Senhor de La Salle após um grande número de reuniões com os Irmãos mais antigos e mais idôneos em dar bem a aula, e após uma experiência de muitos anos”.
Os Deveres de um Cristão	Editado em Paris, em 1703. A biblioteca Nacional da França conserva o exemplar mais antigo que se conhece. Essa obra tem sido impressa pelo menos 257 vezes.
Exercícios de Piedade que se Fazem Durante o Dia nas Escolas Cristãs	Foi composto aproximadamente em 1702, e consta de 137 páginas. A Casa Generalícia dos Irmãos, em Roma, conserva um exemplar.
Instruções e Orações para a Santa Missa, a Confissão e a Comunhão	Era destinado principalmente para os alunos das Escolas dos Irmãos Lassalistas. A edição mais antiga é de 1734, e tem 280 páginas, contendo as aprovações eclesiásticas, uma das quais indica a data da primeira publicação em 04 de dezembro de 1702.
Regras de Urbanidade e Cortesia Cristãs	Foi editado em Reims, na França, em 1703. Reimpresso mais de 100 vezes, como prova no catálogo da Biblioteca Nacional da França. Os Arquivos da Casa Generalícia dos Irmãos, em Roma, conservam um exemplar da 7ª edição de 1733. A obra consta de 240 páginas, e é considerada um dos mais importantes escritos de La Salle.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Morales (1984, p. 131-132)

No Quadro 2 estão demonstradas as obras de espiritualidade, desenvolvidas por São João Batista de La Salle.

Nas obras de espiritualidade de João Batista de La Salle, conforme ressalta Knapp (2001, p. 104), “[...] o educativo e o pedagógico também se fazem presente. Tratam mais especificamente da natureza e da finalidade da educação cristã, embora predominantemente de espiritualidade”.

Ainda conforme o autor, as obras de espiritualidade de João Batista de La Salle “Contém, igualmente, componentes do dia-a-dia da escola e da sala de aula, dentre outros, disciplina, correções, horário, conteúdos a desenvolver, supervisão dos professores e alunos, responsabilidade e recompensa do mestre” (KNAPP, 2001, p. 105).

Quadro 2 – Obras de espiritualidade desenvolvidas por La Salle

Obras de Espiritualidade	Descrição
Regras Comuns dos Irmãos das Escolas Cristãs	Trata-se de um manuscrito, com data de outubro de 1718 (formato caderno de 114 páginas). Os Arquivos da Casa Generalícia conservam, com religiosa veneração, o único exemplar conhecido da Regra, revisada antes da morte do Fundador. É a peça essencial e o sustento de toda sua obra, fruto de 40 anos de oração, experiência, consulta, e de sua inspiração e carisma como fundador do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs ou Lassalistas.
Coleção de Pequenos Tratados para Uso dos Irmãos das Escolas Cristãs (<i>Recueil</i>)	Como seu nome indica, a obra é uma coletânea de diversos temas justapostos que serviam de comentário a algumas prescrições das Regras. Circulava em forma de cópias nas Comunidades Educativas dos Irmãos Lassalistas. Uma dessas cópias está datada em Avinhão, no ano de 1711.
Meditações	Inicialmente foram publicados em dois volumes: 1º Volume: Meditação para todos os Domingos do ano, com os Evangelhos de todos os domingos, seguidas das meditações para as principais festas do ano (Ruão, França, 1700?). 2º Volume: Meditações para o Tempo do Retiro, para uso de todas as pessoas que se ocupam na educação da juventude, e em particular para o Retiro que os Irmãos fazem durante as férias (Ruão, França, 1729?). Foi o Irmão Timóteo, segundo, sucessor do Santo de La Salle, quem tomou a si a iniciativa de editá-las. Atualmente, estão ordenadas desta forma: Meditações para os Domingos e Festas Móveis (Números 1 a 77); Meditações para as Festas dos Santos (Números 78 a 192) e; Meditações para o Tempo do Retiro (Números 193 a 208).
Explicação do Método de Oração	A edição mais antiga que se conhece consta de 130 páginas e data de 1739 e leva por título: 'Explicação do Método de Oração, pelo Senhor João Batista de La Salle, Fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs'.
Cartas	O Instituto dos Irmãos Lassalistas possui vários documentos autografados de João Batista de La Salle: 51 são cartas propriamente ditas. Os restantes são peças diversas: fórmulas de votos, obediências, doações e outros.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Morales (1984, p. 133-133)

Para completar as obras pedagógicas e de espiritualidade, no Quadro 3 são expostos os princípios desenvolvidos por João Batista de La Salle, com o respectivo comentário, os quais moldam as escolas lassalistas até os dias atuais.

Quadro 3 – Princípios de La Salle para o ato educativo

Princípios	Descrição
Afeto	O amor é a base da pedagogia lassalista.
Diálogo e exemplo	O professor está junto ao aluno, ouvindo atentamente, mas também se pronunciando, assumindo os valores que orientam a formação.
Importância do espaço e da organização	La Salle cuidou do espaço físico da escola e da sala de aula, associando as suas condições satisfatórias à realização da aprendizagem.
Disciplina	É a condição e o requisito ao trabalho (aprendizagem) de aprender.
Relação prática-teoria-prática	O ensino contextualizado promove e encaminha o critério didático da relação prática-teoria-prática.
Transposição didática	Transpor o conhecimento é trazê-lo do nível teórico até o nível da aprendizagem do aluno, de acordo com sua idade e fase escolar.
Metodologias múltiplas	Utilização de metodologias variadas, escolhendo-se as indicadas para o conteúdo, o aluno e o contexto.
Aprendizagem como meio de emancipação social	Uma didática centrada em meios, em ambiente, em planejamento pela e para a aprendizagem de pessoas postas à margem de níveis e padrões essenciais de qualidade de vida.
Decisões coletivas (a integração)	Propiciam a integração dos procedimentos relativos e objetivos, conteúdos, métodos, avaliação e recuperação da aprendizagem. Assim como, da integração de critérios de escolha de materiais didáticos.
Organização e do planejamento	A organização, o trabalho de ensino-aprendizagem previsto e organizado, é um dos critérios que norteiam o processo didático.
Competência docente	A docência é cuidada em seus aspectos de qualidade, de modo a assegurar que o ensino se realize no sentido de alcançar o seu objetivo essencial que é a aprendizagem.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Rangel (2006, p. 28-41)

Como esclarece Rangel (2006), em João Batista de La Salle encontram-se os princípios e os critérios que definem o ato educativo de ensinar para que a aprendizagem se realize, como identificado no Quadro 3. Ainda segundo Rangel (2006, p. 28), “[...] é interessante perceber a atualidade desses princípios, conforme apresentam no pensamento contemporâneo sobre a didática e pressupostos teórico-práticos do ensino aprendizagem”.

Desse modo, além das obras demonstradas no Quadro 1 (obras pedagógicas) e no Quadro 2 (obras de espiritualidade) e os princípios listados no Quadro 3, La Salle definiu as doze virtudes de um bom mestre, a saber: (1) a

gravidade; (2) o silêncio; (3) a humildade; (4) a prudência; (5) a sabedoria; (6) a paciência; (7) a descrição; (8) a doçura; (9) o zelo; (10) a vigilância; (11) a piedade; e (12) a generosidade (CORBELLINI, 2008). Agatón (2004, p. 45) sobre as doze virtudes de João Batista de La Salle acrescenta que:

Habrán podido advertir que toda la obrita está como calcada en lo que hemos aprendido de nuestro Padre y Fundador; que no es sino el desarrollo del plan general seguido por él con tan asombrosos resultados para educar bien a los niños. Este plan encierra en efecto, los cuatro principales medios de que se sirven los maestros más hábiles para salir airosos en su tarea, a saber: Conquistar la estima, el amor, el respeto y el temor de los discípulos. Es evidente que las Doce Virtudes del Buen Maestro contienen todos esos medios, y que no hay una sola que no contenga uno o varias a la vez. ¡Cuánta facilidad proporcionarán al maestro si las reúne todas y las posee con perfección!

De acordo com Hengemüle (2007), atualmente existem em vários países, uma quantidade cada vez maior de professoras e professores que desempenham o trabalho educativo, inspirados na pedagogia de João Batista de La Salle.

A Escola Lassalista é caracterizada por ser uma escola de origem católica⁹, orientada pelo Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, denominados, também de Irmãos Lassalistas. Como esclarecem Fernandes e Piantkoski (2010, p. 23), em conformidade com o que está descrito na Regra dos Irmãos das Escolas Cristãs, a educação lassalista tem como finalidade “[...] proporcionar educação humana e cristã aos jovens. A escola é o espaço privilegiado do desenvolvimento da educação lassalista, por isso, a Escola Cristã deve sempre se renovar”. Conforme discorrem Menezes e Santos (2002, p. 1), a pedagogia lassalista: “Refere-se às ideias de São João Batista de La Salle (1651-1719) sobre educação”. Ainda conforme as autoras, o pensamento pedagógico lassalista, em síntese pressupõe que:

[...] a educação deve ser fundamentada no conhecimento do aprendiz; o professor deve ser um bom exemplo, todos os alunos devem participar das atividades escolares; o educador deve amar profundamente a todos os seus alunos e, em especial, os mais necessitados; o ensino deve basear-se na firmeza e na ternura; o educador deve respeitar o ritmo de aprendizado de cada aluno; as correções aplicadas por indisciplina devem fundamentar-se na caridade e não no castigo corporal; o professor deve considerar-se representante de Jesus frente aos alunos, proferindo palavras como espírito e vida (MENEZES; SANTOS, 2002, p. 1).

⁹ Lunkes (2008, p. 75) explica que “As escolas lassalistas no mundo inteiro são escolas de identidade católica. É esta a contribuição que nós temos obrigação de dar à humanidade no que se refere à religião, à visão sobre as ciências, sobre a política etc. E é preciso que ela seja segura, refletida, historicamente vivida, teoricamente fundamentada na maior variedade possível de ciências”.

Corbellini (2008) sintetiza afirmando que a pedagogia de João Batista de La Salle, ao longo de sua história, foi desenvolvida em um período de surgimento da modernidade. Desse modo, a pedagogia lassalista foi criada a partir de uma concepção de um mundo de ordem, de disciplina, de obediência a Deus e seus respectivos representantes. Além disso, na França, a Igreja Católica e o Estado uniram-se para combater os pensamentos e os comportamentos que não combinassem com o que era disseminado pela moral cristã.

Como identificado neste capítulo, João Batista de La Salle, também conhecido por São João Batista de La Salle, deixou um importante legado pedagógico, que inspirou e ainda orienta muitos Irmãos e Colaboradores Lassalistas até os dias atuais.

Ao descrever uma breve abordagem da história e as contribuições da pedagogia sob o olhar da educação lassalista é importante também conhecer a expansão das escolas lassalistas no mundo, bem como a presença dos Irmãos Lassalistas no Brasil e a chegada ao Rio Grande do Sul, como apresentado no próximo item.

2.3 EXPANDINDO A OBRA LASSALISTA PELO MUNDO

Faz pouco, temos Irmãos em Marselha. Só uma escola, estamos com perto de duzentos alunos. Há escolas em quatro bairros. Em seguida, vão ser todas dos Irmãos (João Batista de La Salle: Carta enviada em 16 de abril de 1706 ao Irmão Gabriel Drolin, em Roma).

Na atualidade, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs ou também denominado de Instituto dos Irmãos Lassalistas está presente em mais de oitenta países. O Instituto mantém mais de 1.050 comunidades educadoras, compostas por mais de 86.500 educadores, 4.485 Irmãos Lassalistas e aproximadamente um milhão de crianças, jovens e adultos em todos os tipos de escolas, de obras culturais e de assistência social de cunho educativo, distribuídos no mundo (REDE LA SALLE, 2015a). Para complementar, conforme a Rede La Salle (2014), além do Instituto dos Irmãos Lassalistas são considerados associados lassalistas, as seguintes instituições:

- a) Congregação das Irmãs Guadalupanas de La Salle: apresentando Comunidades no Brasil, desde o ano de 1991, a qual foi fundada no

- México, em 1946, pelo Irmão Juan Prósper Fromental Cayroche, mais conhecido como Irmão Juanito;
- b) Congregação das Irmãs Lassalistas do Vietnã: fundada em 1968, pelo Irmão Bernard Lê-Van-Tam;
 - c) União de Catequistas de Jesus Crucificado e de Maria Imaculada: que é um Instituto Secular fundado pelo Irmão Teodoreto Garberoglio, em Turim, na Itália, aprovado pela Igreja Católica em 1914, e que recebeu a aprovação episcopal no ano de 1949, composta por um núcleo, com sete membros, em São Paulo, desde 1998;
 - d) Fraternidade Signum Fidei: que é uma organização mundial para leigos e leigas engajados no carisma lassalista. Fundada em 1976 pelos Irmãos Paulus Adams e Manuel Olivé, sendo que a fraternidade de maior número de membros; a Signum Fidei está situada nas Filipinas e no Peru, com aproximadamente 300 membros em cada um deles e assumindo o controle de várias obras educativas próprias, segundo o carisma lassalista. A referida instituição não prosperou no Brasil.

Werle e Brito (2006, p. 112) acrescentam que os Institutos Lassalistas são caracterizados por atuar, “[...] na formação de primeiras letras, ensino secundário acadêmico e para o ensino comercial, embora tenham ocorrido algumas iniciativas efêmeras de formação para a agricultura”.

Como se verifica, as Escolas Cristãs Lassalistas estão distribuídas em muitos países, disseminando os ensinamentos e os preceitos pedagógicos desenvolvidos por João Batista de La Salle e os Irmãos Lassalistas, incluindo-se neste contexto o Brasil e, notadamente, em seu início em 1907, com a chegada dos Irmãos Lassalistas, no Rio Grande do Sul, como narrado a seguir.

2.3.1 A chegada dos Irmãos Lassalistas no Brasil

Os Irmãos Lassalistas chegaram ao Brasil, no ano de 1907. Porém, antes deste ano, houve vários pedidos da Igreja Católica direcionados ao Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, na França, para que viessem ao Brasil (FERNANDES; PIANTKOSKI, 2010).

De acordo com Werle e Brito (2006, p. 110), “[...] no Brasil, com a Proclamação da República, a Igreja Católica, amplia sua ação para o campo

educacional, abalada pela separação entre Estado e Igreja e pela vinda de grupos protestantes para aqui instalar colégios”. Graebin (2006) esclarece que a vinda dos Irmãos Lassalistas, legalmente, era aceita, pois estava de acordo com a Constituição Federal brasileira de 14 de julho de 1891, no artigo 71, em seu § 7º dispondo que: “Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum” (GRAEBIN, 2006, p. 29).

Compagnoni (1980) adiciona que os primeiros pedidos formais para a vinda do Instituto dos Irmãos Lassalistas, partiram da Província do Grão-Pará, no ano de 1842, e seguiram até 1898. Existem registros de outros pedidos formais provenientes dos seguintes estados: Rio de Janeiro, no período entre 1848 a 1888; Minas Gerais, a partir de 1850; Bahia, no ano de 1881; Mato Grosso, em 1906 e 1907; e São Paulo, com inúmeras solicitações, sendo a primeira datada de 1881 e a última no ano de 1910, quando os Irmãos Lassalistas já haviam se instalado no Brasil. De acordo com Nery (2007, p. 94), os principais motivos que resultaram em diversos pedidos para vinda do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs ao Brasil foi o desejo de expansão de escolas católicas.

A história revela que havia no propósito de romanização da Igreja Católica um interesse especial dos Bispos pelas congregações docentes. Era urgente a tarefa de neutralizar e superar a nefasta influência, no Brasil, da teologia e do catecismo de Montepellier, que aqui injetaram ensinamentos dissidentes das orientações da Igreja Católica. Por interesse do Império português, esses conteúdos foram impostos pelo Marquês de Pombal, tanto a Portugal quanto às Províncias d’ além-mar (NERY, 2007, p. 94).

Fernandes e Piantkoski (2010) esclarecem que a vinda de novas instituições cristãs de ensino para o Brasil atenderia aos interesses da Igreja Católica em manter a formação de jovens nos valores e preceitos cristãos.

Compagnoni (1980) acrescenta que o interesse das autoridades religiosas e governamentais em inserir as obras do Instituto dos Irmãos Lassalistas ao Brasil foi motivado porque já se utilizava no país algumas obras didáticas, desenvolvidas pelos Irmãos Lassalistas. Além disso, no ano de 1883, os Irmãos Lassalistas estiveram presentes no Brasil para a apresentação de trabalhos na Exposição Pedagógica, realizada no Rio de Janeiro.

Outra motivação da vinda do Instituto dos Irmãos Lassalistas das Escolas Cristãs ao Brasil foi devido à perseguição às Congregações Religiosas, sendo que

aquelas não reconhecidas oficialmente foram expulsas da França em 1880 pelo governo anticlerical. No ano de 1902, a política anticlerical francesa extinguiu 2.500 escolas católicas e nesse período, o Vaticano rompeu as relações diplomáticas com a França (FERNANDES; PIANTKOSKI, 2010).

Segundo Nery (2007), até o ano de 1905 foram fechadas na França, em torno de 7 mil escolas católicas masculinas e femininas e os decretos anticlericais impactaram diretamente no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, porque, a partir daquele ano, qualquer tipo de ensino realizado pelas Congregações Religiosas Católicas era interdito e as Congregações autorizadas pelo governo francês que tivessem o trabalho docente com exclusividade seriam suprimidas em um prazo máximo de dez anos.

Compagnoni (1980, p. 145) esclarece que no ano de 1905, “[...] os Irmãos Lassalistas operavam, na França, em 1.500 escolas com 14.000 Irmãos, em exercício ou em formação, e 200.000 alunos”. O autor explica que, no ano de 1914, “[...] apenas 13 escolas lassalistas ainda funcionavam na França, mantidas pelo esforço da ‘União Sagrada’, proclamada pelos católicos, entre os quais muitos Ex-alunos Lassalistas”. Assim sendo, os Irmãos Lassalistas apresentavam algumas alternativas, como refere Compagnoni (1980):

- a) viver uma vida secularizada na França, desenvolvendo o trabalho em escolas paroquiais e tentando salvar algumas obras lassalistas;
- b) exercer o trabalho educacional fora da França, em países próximos;
- c) reforçar fora da França as obras lassalistas fundando novas obras (escolas), cujas alternativas foram consolidadas pelos Irmãos Lassalistas.

Diante deste contexto, Fernandes e Piantkoski (2010) ressaltam que a conjuntura política e social interna ao Brasil e da França contribuiu para a expansão do Instituto dos Irmãos Lassalistas. Isso explicado pelo fato que, enquanto na França as escolas católicas eram perseguidas e fechadas, no Brasil, a Igreja Católica e a elite econômica desejavam a presença de instituições educacionais que preservassem os valores e ideários cristãos, o que possibilitou, portanto, a inserção das escolas lassalistas no Brasil.

Convém destacar que, no ano de 1957, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs completou cinquenta anos de presença no território brasileiro. De acordo com a publicação da Revista Ideal Lassaliano, de maio do mesmo ano, o Irmão

Agostinho Simão fez um agradecimento aos primeiros Irmãos Lassalistas que chegaram ao Brasil, em 1907:

Alegrai-vos amados pioneiros! “Pelos frutos os conhecereis”, disse o divino Mestre. Podeis agora fazer o balanço dos ganhos e perdas e verificareis um saldo consolador! 340 irmãos com votos, 43 noviços, 80 juvenistas, é o grão de mostarda que se tornou árvore frondosa! A vós, nossa gratidão! (SIMÃO¹⁰, 1957, p. 25 *apud* FERNANDES; PIANTKOSKI, 2010, p. 29).

Na Revista Ideal Lassaliano, de setembro de 1957, um grupo de oito Irmãos Lassalistas pioneiros relatou a trajetória e as primeiras dificuldades quando chegaram ao Brasil em 1907:

De fato, desde o nosso primeiro agrupamento em Annappes, no norte da França, em outubro de 1906, estabeleceu-se este ‘Espírito de Zelo pelas Verdadeiras Tradições Lassalianas’ que havíamos de transplantar para a nossa Pátria, o Brasil. Durante a travessia do Atlântico, cuidou nosso Chefe, o Ir. Pedro (Néostère-Martyr) da integridade e pontualidade de todos os exercícios espirituais em comum, não executando a redição regular. Durante as 6 semanas de espera em Buenos Aires, o mesmo religioso empregado chefe enquanto este preparava nosso estabelecimento em Porto Alegre, aonde chegou no dia 19 de março. Por sua vez, desembarcamos a 29 de abril; hospedados no Seminário, descansamos no dia 30, visitando a cidade. Em 1º do mês de Maria, de 1907, quisemos entrar em função, divididos em duas Comunidades de 6 Irmãos cada uma. Encaminharam-se os de Navegantes para a sua escola São João Batista de La Salle, enquanto os de Vacaria seguiram de vaporzinho até Montenegro, chegando, após 8 dias, a seu destino. O espírito de renúncia nos foi imposto pelas circunstâncias em Porto Alegre, pois ficamos sem recursos ao desembarcar e sem o auxílio prometido. Obrigados a pedir auxílio aos nossos Superiores da Europa. Tivemos que apelar à paciência dos fornecedores até chegar o dinheiro necessário, isto é, após 3 ou 4 meses. Enquanto isso, vivíamos ‘porca’, mas alegremente, pois nada de essencial nos veio a faltar e nossa obra ia prosperando (BERNARD¹¹, 1957, p. 75-76 *apud* FERNANDES; PIANTKOSKI, 2010, p. 29).

Assim, até o ano de 1912 vieram ao Brasil em torno de sete grupos de Irmãos Lassalistas, a maioria proveniente da França, conforme ilustra a Figura 2. O sétimo grupo de pioneiros Lassalistas no Brasil, vindos da França, embarcaram em Barcelona, em 04 de dezembro de 1912, sendo o último grupo, visto que em datas posteriores chegaram separadamente outros Irmãos Lassalistas. Observa-se que da esquerda para a direita estão sentados os Irmãos Lassalistas Fintan de Jésus (Vicente) e Fructueux Joseph, e de pé estão os Irmãos Audacte Jean e Frésaud Dénis.

¹⁰ SIMÃO, Irmão Agostinho. Honra ao Mérito. **Revista Ideal Lassaliano**. Canoas. n. 31, maio 1957.

¹¹ BERNARD, Irmão Martyr. Honra ao Mérito (2.ª versão). **Revista Ideal Lassaliano**. Canoas, n. 33, set. 1957.

Figura 2 – Sétimo grupo de Irmãos Lassalistas no Brasil



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Verifica-se também na Figura 2, que os Irmãos Lassalistas vestiam uma batina sobreposta com uma capa e junto ao pescoço, abrangendo parte do peito, usavam um colarinho no formato quadrado e na cor branca.¹²

No período de 1920 a 1950 começaram a vir ao Brasil Irmãos Lassalistas de outros países de origem. Assim, chegaram ao Brasil, os Irmãos Lassalistas provenientes da Espanha e da Alemanha (entre os anos de 1925 a 1935); Áustria em 1938 e da Itália, um único Irmão Lassalista; em 1933 e no ano de 1952 chegou ao Brasil, o último Irmão Lassalista de origem francesa. Os primeiros três Irmãos Lassalistas de origem brasileira se formaram em 1917, ampliando-se nas décadas de 1950 e 1960, formando em um único ano até 38 Irmãos Lassalistas (FERNANDES; PIANTKOSKI, 2010).

¹² Convém mencionar que João Batista de La Salle, nas mais variadas representações, apresenta-se vestido com uma batina eclesiástica de trinta e três botões, significando conforme a tradição da Igreja, a idade com que Jesus foi morto. Em cada manga, a túnica teria mais cinco botões, lembrando as cinco chagas de Jesus. A cor preta significa a morte para o mundo e o branco do colarinho, a pureza com que os religiosos devem viver (SGANZERLA; GRAEFF; GRAEBIN, 2014).

No ano de 1908, foi constituída a entidade jurídica com a denominação de Sociedade Porvir Científico (SPC), mantenedora até os dias atuais, dos estabelecimentos educacionais lassalistas, localizados nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Distrito Federal, Mato Grosso, Amazonas, Maranhão e Pará.

Na atualidade, as obras lassalistas estão distribuídas no Brasil, além dos estados acima mencionados, também no Paraná, Rio de Janeiro, Tocantins e em São Paulo e as obras são dirigidas pela mantenedora, a Associação Brasileira de Fundadores Lassalistas (ABEL) que foi fundada em 1959. Ainda no mesmo ano, o Irmão Superior Geral, Nicet-Joseph, visitou o Brasil e houve a separação administrativa, sendo que foi criada a Província¹³ Lassalista de São Paulo, com a denominação de Entidade Jurídica Brasileira de Educadores Lassalistas.

Na década de 1960 houve expansão e assunção de novas escolas, bem como a recusa de convites para assumir escolas em várias cidades. Tal expansão exigiu uma nova organização administrativa, o que resultou na divisão em duas províncias, as quais são mantenedoras das obras lassalistas. A Província de São Paulo que se faz presente nos Estados do Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Tocantins e Distrito Federal. Enquanto que a Província de Porto Alegre nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Amazonas, Pará e Maranhão. Além disso, as duas Províncias em conjunto mantêm a obra missionária lassalista em Beira, localizada em Moçambique (SILVA, 2011).

Depois do Concílio Vaticano II¹⁴ ocorrido no período de 1962 a 1965 e a partir da década de 1970, houve uma redução na quantidade de Irmãos Lassalistas no Brasil, para quase a metade de seus membros, se comparado à década de 1960, motivada por uma crise vocacional religiosa no mundo inteiro.

Na década de 1980, os Irmãos Lassalistas fundaram as comunidades educativas no Estado do Pará, em especial nas cidades de Altamira e Uruará, e no Maranhão, na cidade de Cândido Mendes. As obras educativas lassalistas

¹³ No Instituto Lassalista, o termo 'Província' é utilizado para referir-se a uma divisão geográfica ou agrupamento de obras lassalistas distribuídas pelo mundo, sejam elas religiosas, educativas, acadêmicas ou assistenciais. À frente do governo da Província está o Irmão Provincial que é o primeiro responsável pela animação espiritual e apostólica da Província (REDE LA SALLE, 2015d).

¹⁴ Como explica Navarro (2012, p. 1), o Concílio Vaticano II "Foi uma série de conferências realizadas entre 1962 e 1965, consideradas o grande evento da Igreja Católica no século XX. Com o objetivo de modernizar a Igreja e atrair os cristãos afastados da religião, o Papa João XXIII convidou bispos de todo o mundo para diversos encontros, debates e votações no Vaticano. Da pauta dessas discussões constavam temas como os rituais da missa, os deveres de cada padre, a liberdade religiosa e a relação da Igreja com os fiéis e os costumes da época".

fundamentavam-se em projetos de assistência social. Conforme Werle e Brito (2006, p. 112) “[...] até 1980 os lassalistas já haviam criado, no Brasil, 80 instituições dentre ginásios, comunidades, colégios e escolas de diferentes níveis de ensino”.

No início da década de 1990, os Irmãos Lassalistas receberam a indicação do Conselho Geral de Roma, para atender aos pedidos da Igreja Católica em Moçambique e abrir uma comunidade naquele país.

Conforme o Portal La Salle (2013), reunidos em Assembleia Constituinte, realizada entre os dias 20 a 23 de julho de 2011, na Casa Provincial de São Paulo, quarenta Irmãos Lassalistas das Províncias de São Paulo e de Porto Alegre e da Delegação do Chile, decidiram pela criação da Província La Salle Brasil-Chile com sede em São Paulo (SILVA, 2011).

Desse modo, no atual momento histórico faz parte do processo de reestruturação religiosa da Rede La Salle, iniciado há mais de três anos em diversas regiões do mundo, como forma de otimizar a administração, das mais de 1.050 unidades lassalistas em mais de 80 países e em todos os continentes do planeta.

Conforme a Rede La Salle (2015d), a Província La Salle Brasil-Chile¹⁵ representa a unificação das Províncias Lassalistas de Porto Alegre e de São Paulo e da Delegação Lassalista do Chile, oficializada pelo Superior Geral e seu Conselho em Roma, na Itália, passando a ser a unidade administrativa do Instituto dos Irmãos Lassalistas. A Província La Salle Brasil-Chile foi consolidada no dia 01 de janeiro de 2012 e foi fruto do diálogo e do desejo de fortalecer a vitalidade e a viabilidade da missão dos Irmãos Lassalistas na América Latina.

Assim sendo, a Província La Salle Brasil-Chile é composta, por mais de 80 obras em dez Estados brasileiros mais o Distrito Federal, difundidas também em todas as regiões do Chile¹⁶ e em Moçambique, na África. No Brasil, como esclarece a Rede La Salle (2015b) atuam mais de 200 Irmãos Lassalistas, nas 48

¹⁵ Na Província La Salle Brasil-Chile, o Irmão Provincial é auxiliado por dois Provinciais Auxiliares, um para o Chile e outro para Moçambique, além da Direção Provincial, formada por Irmãos responsáveis diretamente pelas áreas de formação e acompanhamento, missão e pastoral e gestão e administração. Além dessas pessoas, o Irmão Provincial também conta com o auxílio do Conselho Provincial, que é a instância de reflexão, consulta e decisão, que, dentre outras coisas, colabora na reflexão para aprovar o planejamento e definir metas globais em relação à organização de toda a Província (REDE LA SALLE, 2015d).

¹⁶ A Província La Salle Brasil-Chile mantém, também, sete comunidades educativas no Chile. As comunidades partilham dos valores e da missão lassalista e contam com mais de 10.000 estudantes em todos os níveis da Educação Básica. As Unidades do Chile estão localizadas em Santiago, o Colégio De La Salle La Reina; o Colegio San Gregorio; a Escuela San Lazaro e o Instituto De La Salle La Florida; em Talca o Colegio De La Salle e em Temuco o Colegio De La Salle e a Escuela Francia (REDE LA SALLE, 2015c).

Comunidades Educativas e Assistenciais da Rede La Salle, e mais de 4.000 mil educadores que acolhem a mais de 45 mil estudantes, em todos os níveis de ensino, em dez Estados e no Distrito Federal. Na sequência é detalhado sobre a chegada dos Irmãos Lassalistas no Estado do Rio Grande do Sul para difundir a pedagogia lassalista.

2.3.2 Irmãos Lassalistas no Rio Grande do Sul

No ano de 1907, os Irmãos Lassalistas chegaram ao Rio Grande do Sul, provenientes da França, pois naquele país as Escolas Lassalistas foram fechadas¹⁷, após a promulgação das leis sectárias e anticlericais difundidas por Émile Combes.¹⁸

Como esclarecem Werle e Brito (2006, p. 111), “[...] no Rio Grande do Sul as ordens religiosas chegaram à segunda metade do século XIX. Era um momento de desenvolvimento econômico e de disputa do espaço educativo e religioso”. Como ressalta Compagnoni (1980, p. 191):

Ao chegarem, em 1907, ao sul do Brasil, os Irmãos Lassalistas vieram não apenas somar esforços para suprir a grande carência de escolas (públicas ou particulares), senão dar uma contribuição de excepcional valor qualitativo ao Ensino do país, em especial no Estado do Rio Grande do Sul, onde iniciaram e consolidaram sua obra educacional.

Grazziotin (2010) acrescenta que a vinda dos Irmãos Lassalistas para o Estado do Rio Grande do Sul foi motivada pelos insistentes pedidos do arcebispo do Rio Grande do Sul, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão¹⁹; e do Padre

¹⁷ Como esclarecem Werle e Brito (2006, p. 111) “A instalação dos lassalistas no Rio Grande do Sul decorreu não apenas de condições locais e dos insistentes convites da Igreja, mas também foi consequência do anticlericalismo do governo francês, desencadeado no período de 1874 a 1904, que eliminou, progressivamente, escolas dirigidas por congregações religiosas, resultando em 1.487 escolas lassalistas fechadas em terreno francês”.

¹⁸ O criador da Lei de Combes foi Émile Combes (1835-1921) antigo seminarista e político francês, integrante do governo anticlerical de Léon Bourgeois e depois foi Primeiro Ministro do Interior e da Religião no mandato de René Waldeck-Rousseau. A Lei de Combes foi instaurada em 1903 onde as Associações religiosas precisavam de autoridade legal do Estado para funcionar. Assim, sendo Émile Combes aplicou uma política anticlerical, pondo em execução a lei de separação da Igreja e do Estado, que conduziu à proibição das congregações religiosas (RIGO, 2007).

¹⁹ Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão foi o terceiro Bispo do Rio Grande do Sul, no período de 20 de setembro de 1890 a 08 de dezembro de 1912, pertencente à Congregação da Missão, filho legítimo do Desembargador Gertrudes Gonçalves de Araújo. Nascido a 21 de fevereiro de 1841, na cidade de São Salvador da Bahia e batizado na Igreja de São Pedro Velho, aos 12 de maio do mesmo ano (COMPAGNONI, 1980). A obra de reforma católica foi consolidada por Dom. Cláudio Ponce de Leão que havia realizado seus estudos na França. Fora nomeado inicialmente bispo de Goiás, destacando-se já naquela diocese pelo esforço reformador “[...] Foi transferido para Porto Alegre em 1890, já nos primórdios da era republicana” (AZZI, 1997, p. 224).

Joseph Martin Moreau²⁰, que fora aluno educandário lassalista, na Bélgica e à época era Vigário da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul.

Giolo (1997, p. 215) refere que Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão “[...] prosseguiu e aprofundou o trabalho de seu antecessor de maneira que se pode atribuir-lhe o mérito de ter dado estrutura e dinâmica à Igreja rio-grandense”. O autor acrescenta que “Proclamada a República e feita a separação entre Igreja e Estado, o bispo dispunha de maior liberdade para coordenar a instituição de acordo com os princípios de Roma, sem ter que passar pelo *placet*²¹ do Imperador”.

Compagnoni (1980) explica que a vinda dos Irmãos Lassalistas das Escolas Cristãs ao Rio Grande do Sul, no ano de 1907, contribuiu para a resolução das carências educacionais no referido Estado. O autor comenta ainda que:

Ao chegaram, finalmente [ao Rio Grande do Sul], em 1907, após insistentes pedidos do então Bispo do Rio Grande do Sul, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, instado pelo padre Joseph Martin Moreau, belga, que fora aluno educandário lassalista em sua terra natal, os Irmãos trouxeram oportuna contribuição ao problema educacional [gaúcho]. Mais que oportuna, a contribuição lassalista foi adequada, atendendo as necessidades encontradas. Não raro sua atuação educacional foi pioneira em diversos ramos de ensino (COMPAGNONI, 1980, p. 219).

Compagnoni (1980) acrescenta que os primeiros doze Irmãos Lassalistas saíram do Porto de Marsella rumo a Buenos Aires, aguardando a ordem de embarque para Porto Alegre, chegando no mês de março de 1907, como indicado na Figura 3.

A fotografia apresenta a partir da esquerda, na primeira fila, os Irmãos Lassalistas: Xantin Nicolas, Fulgence Marie (Fulgêncio), João Maria, Bénard Isidore (Isidoro) e Franziskus Maria (Francisco). Na segunda fila, estão os Irmãos Lassalistas: Florent Cyrille, Néostère Martyr (Pedro) e Engelbert Charles. Na terceira fila encontram-se os Irmãos Lassalistas: Justin (Justino), Martyr Bernard (Bernardo), Marcel Sylvain (Marcelo) e Innocent Vital.

²⁰ O Padre Joseph Martin Moreau foi quem incentivou Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão para obter do Superior Geral a autorização para a tarefa de recrutar Irmãos, oriundo da Bélgica e do Norte da França. O referido Padre foi o responsável, inclusive em ministrar um intensivo aprendizado da língua portuguesa, dotando aos Irmãos Lassalistas dos meios financeiros para viajar e atravessar o Atlântico (COMPAGNONI, 1980).

²¹ *Placet*: aprovação do imperador.

Figura 3 – Primeiro grupo de Irmãos Lassalistas



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Em dezembro de 1907, chegou a Porto Alegre, o segundo grupo de Irmãos Lassalistas, como ilustra a Figura 4, provenientes também da França. O segundo grupo foi acompanhado pelo Irmão Florentin de Jésus, Provincial de Cambrai, na França, sob cuja jurisdição foi fundada a obra lassalista no Brasil.

Cabe destaque que junto ao segundo grupo de Irmãos Lassalistas estava o Irmão Anastace Pascal, que veio posteriormente, em 1908, e que pertencendo à Província Lassalista de Turim (Itália), embora francês, foi designado, por falar o idioma italiano, para dirigir, ainda em 1908, o Colégio do Carmo, de Caxias.²² Ainda no mês de dezembro de 1907 vieram mais vinte e dois Irmãos Lassalistas, (Figura 4), sendo que até o ano de 1912 chegaram ao Brasil um total de cinquenta Irmãos Lassalistas.

²² Caxias à época era denominada 'Pérola das Colônias', região de imigração italiana do Rio Grande do Sul.

Figura 4 – Segundo grupo de Irmãos Lassalistas no Brasil



Fonte: Compagnoni (1980, p. V)

A fotografia apresentada na Figura 4 demonstra a partir da esquerda na primeira fila, os Irmãos Lassalistas: Aubertus (Alberto), Fabien Clément, Florentin de Jésus (Provincial de Cambrai), Brétoin-Joseph e Emilas de Jésus (Emílio). Na segunda fila, estão os Irmãos Lassalistas: Wilhelmus (Guilherme), Firme-Alfred (Firmo), Fídèle-Edouard (Fidelis), Mainaud Pierre, Fernand de Jésus (Fernando), Fructueux-Joseph e Bernard-Victor (Bernardo). Na terceira fila, estão os Irmãos Lassalistas: Isaac Maurice, Ferdinand-Alfred (Alfredo), Frumence Bertin, Xavier Dominique, Isidorus Louis e Érase-Auguste. Na quarta fila encontram-se os Irmãos Lassalistas: Fabien Albert, Aumond Bertin, e Erard-Lucien (Luciano). A seguir estão detalhadas as principais escolas lassalistas fundadas no Rio Grande do Sul.

2.3.2.1 Escolas Lassalistas no Rio Grande do Sul

Os Irmãos Lassalistas chegaram a Porto Alegre, no mês de março de 1907 e fizeram a primeira viagem com destino à Vacaria. Foi uma trajetória de vários dias,

em trem a vapor e a cavalo. Assim, a primeira escola lassalista em território brasileiro foi fundada em Vacaria, município localizado no Estado do Rio Grande do Sul, denominada Colégio São Carlos (Figura 5), em que as atividades tiveram início em 03 de junho de 1907.

Figura 5 – Colégio São Carlos em Vacaria/RS



Fonte: Compagnoni (1980, p. XXXIII)

A fotografia mostrada na Figura 5 ilustra os alunos do Colégio São Carlos, no ano de 1908, tendo ao centro o Vigário Frei Teófilo, à sua direita estão os Irmãos Lassalistas Júlio, Luciano e Marcelo e à sua esquerda estão os Irmãos Lassalistas Florêncio Cyrille, Aubertus e Fidelis.

Fernandes e Piantkoski (2010) acrescentam que a intenção era manter no município de Vacaria uma escola gratuita, seguindo a tradição do Instituto das Escolas Cristãs. Porém, nos primeiros meses de funcionamento havia dificuldades e o Colégio São Carlos teve que encerrar as suas atividades no mês de dezembro de 1908, porque não contava mais com o auxílio inicial do governo e nem da Igreja Católica local.

A segunda escola lassalista no Rio Grande do Sul foi fundada em Porto Alegre, iniciando as suas atividades com a denominação de Colégio Nossa Senhora

das Dores, em 22 de dezembro de 1907. A instituição consolidou-se em Porto Alegre vinculada à paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes, e continua ainda nos dias atuais, com atividades educacionais; atualmente é denominada La Salle – Dores.

Conforme Werle e Brito (2006), o Colégio Nossa Senhora das Dores foi estabelecido em uma pequena casa de madeira, oferecendo além do ensino elementar um curso noturno e aulas de violino. Para Compagnoni (1980, p. 270), “O Colégio La Salle Dores, fiel ao ideal de La Salle, nunca deixou que um aluno seu cessasse os estudos por falta de recursos”. Desse modo, foi a partir dessa escola que as obras lassalistas se expandiram no Brasil, e principalmente no Rio Grande do Sul, tornando-se independentes de sua sede administrativa em Cambrai, na França.

Grazziotin (2010) acrescenta que no ano de 1908, em Canoas, no Estado do Rio Grande do Sul foi fundado o Instituto São José e o Externato São Luiz. Werle e Brito (2006) esclarecem que o Colégio São Luiz fornecia o ensino gratuito para os meninos pobres, enquanto que o Instituto São José oferecia ensino secundário. O Externato São Luiz, no qual foram ministrados os cursos secundário e comercial, funcionou desde 1908 e existe ainda até os dias atuais, o qual passou por várias transformações, em conformidade com a legislação de cada período, sendo atualmente também estabelecimento de ensino superior.

No ano de 1908, os Irmãos Lassalistas chegaram à Caxias, quando fundaram o Colégio Nossa Senhora do Carmo, objeto deste estudo e que será detalhado nos próximos capítulos.

As obras dos Irmãos Lassalistas foram aos poucos sendo reconhecidas em todo o território do Estado do Rio Grande do Sul, ao longo dos anos, como sintetizado no Quadro 4, que apresenta o período da fundação dos Institutos Lassalistas, a denominação e a localização dos mesmos.

Como se verifica no Quadro 4, as informações apresentadas assinalam a ascensão e a aceitação das iniciativas dos Irmãos Lassalistas realizadas no Estado do Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas de obras criadas no território brasileiro, pois em torno de 18 instituições foram fundadas em trinta anos.

No Rio Grande do Sul, como ressalta Graebin (2006, p. 29), “As escolas lassalistas ofereciam os cursos: preliminar, elementar e complementar, comercial ou agrícola, dependendo do local onde estavam inseridas. Os programas tinham acento na área científica e profissional”.

Quadro 4 – Institutos Lassalistas no Rio Grande do Sul, no período de 1907 a 1959

Período	Denominação	Localização
Fundação: 03/06/1907	Colégio São Carlos (Encerramento: 12/1908)	Vacaria
Fundação: 1908 Em atividade	Instituto São José Externato Colégio São Luiz	Canoas
Fundação: 1909	Instituto Agrônômico de Canoas (Encerramento: 1911)	
Fundação: 1908 Em atividade	Colégio Nossa Senhora do Carmo (atual Colégio La Salle Carmo)	Caxias
1936 Em atividade	Escola anexa do Colégio Nossa Senhora do Carmo, a Escola La Salle	
1909 ²³ Em atividade	Ginásio Municipal Lemos Júnior tentativa de equiparação do Colégio Pedro II ²⁴ , durou até 1911.	Rio Grande
Fundação: 1909	Escola São Lourenço (Encerramento: 1912).	São Lourenço
Fundação: 22/12/1907 Em atividade	Colégio Nossa Senhora das Dores (atual La Salle – Dores)	Porto Alegre
Fundação: 1913 Em atividade	Escola Santo Antonio do Partenon (atual La Salle Santo Antônio)	
1916 ²⁵ Em andamento	Projeto ‘Pão dos Pobres de Santo Antonio’	
Fundação: 1922	Escola Sagrado Coração (Encerramento: 1927).	
1928 (Em atividade)	Colégio São João Batista	
Fundação: 1895 1926 ²⁶	Colégio Gonzaga (em atividade) Oficializada a Equiparação em 1938 Colégio Sagrado Coração de Jesus (encerrado)	Pelotas
1935	Escola Sagrada Família	
1938	Fundação de um Internato para os filhos de colonos	Serro Azul
Fundação: 1941	Escola Normal Rural La Salle (Encerramento: 1972)	Cerro Largo
1959 Em atividade	Ginásio Medianeira foi transformado em Colégio no ano de 1969 (contempla normal e rural).	
1937 Em atividade	Instituto La Salle de Carazinho	Carazinho

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Werle e Brito (2006, p. 110-115)

²³ “Em 1909, o Ginásio Municipal Lemos Júnior é equiparado ao Colégio Pedro II, estabelecimento padrão de ginásios no Brasil. Porém, a equiparação dura pouco. Com a Lei Rivadavia Correa, de 5 de abril de 1911, os estabelecimentos de ensino voltam ao regime de autonomia didática e administrativa”. Localizado em Rio Grande (VALLE; AMARAL, 2013, p. 9).

²⁴ “Esse mecanismo de equiparação ao Colégio padrão é uma forma de controle de qualidade do ensino, a partir de um modelo para todo o país. A legislação da época que concedia a equiparação ao Ginásio Pedro II somente a estabelecimentos públicos de ensino, o que desoficializava os cursos preparatórios para ingresso no ensino superior existentes nos estabelecimentos educacionais particulares” (VALLE; AMARAL, 2013, p. 15).

²⁵ Os Irmãos Lassalistas assumiram em Porto Alegre, em 1916, a obra do ‘Pão dos Pobres de Santo Antonio’, fundada em 1895. O projeto se caracterizava como assistencial para os meninos pobres, em que eram ministrados desde estudos de cunho geral a trabalhos em oficinas de tipografia, mecânica e marcenaria, e era organizado em internato e externato (WERLE; BRITO, 2006).

²⁶ Os Irmãos Lassalistas assumiram, em 1926, duas obras educativas na cidade de Pelotas: o Colégio Gonzaga, que atendia filhos de famílias bem situadas economicamente e funcionava já há 31 anos sob a responsabilidade dos padres jesuítas, ainda não tinha sido equiparado; e o Colégio Sagrado Coração de Jesus, este gratuito, atendendo à população pobre, próximo ao porto, no entanto, foram encerradas as suas atividades em 1955, quando os estabelecimentos de ensino público, municipais e estaduais assumiram tal instituição de ensino (WERLE; BRITO, 2006).

As obras dos Irmãos Lassalistas iniciadas no Rio Grande do Sul, (Quadro 4), foram caracterizadas por instituições educativas que disponibilizavam classes elementares e eram ministrados estudos gerais, na maioria dessas instituições, as quais estavam relacionadas à contabilidade, ao comércio e à administração. Para tanto, eram mantidos educadores gratuitos para o atendimento de meninos pobres e colégios de primeiras letras, e secundários para os filhos de camadas de classe média (WERLE; BRITO, 2006).

Werle e Brito (2006) assinalam que apesar do atendimento prioritário às populações urbanas, os colégios religiosos também foram instalados fora das capitais, em cidades do interior, com a apropriação da articulação com as finalidades religiosas e princípios das congregações, como foi o caso do Colégio do Carmo, fundado em Caxias.

Para entender o contexto desse estudo, que enfatiza a história institucional do Colégio do Carmo, fundado em 1908, é narrado o contexto histórico de Caxias e o projeto da escola cristã para meninos e moços, no período de 1908 a 1933, e, por último, as iniciativas e o seu projeto de escolarização.

2.4 A HISTÓRIA DE CAXIAS E O PROJETO DE UMA ESCOLA CRISTÃ PARA MENINOS E MOÇOS

Para compreender melhor o contexto da fundação da instituição escolar do Colégio do Carmo é preciso conhecer a história de Caxias, o projeto de uma escola cristã para menino e moços e os primórdios da escolarização em Caxias, abrangendo o recorte temporal compreendido entre os anos de 1908 a 1933. Bertonha e Machado (2008, p. 1) afirmam que “[...] a compreensão da história das instituições escolares guarda uma relação com a história do contexto nos quais tais instituições se situam”.

As autoras acrescentam ainda que “A cidade como um todo pertence à escola e, portanto, a preservação da memória, de instituições escolares está afetada ao ambiente na qual a escola se insere: às ruas, à vizinhança ao bairro, e às pessoas que fizeram parte de sua história” (BERTONHA; MACHADO, 2008, p. 1), daí a importância de narrar a história de Caxias.

Caxias sob a concepção política passou por várias formas de administração e também por diversas denominações, as quais estiveram relacionadas com as

mudanças administrativas desde a sua colonização até a sua emancipação. A cidade recebeu imigrantes italianos e também de outras nacionalidades como, por exemplo, os poloneses, que colonizaram tanto a referida cidade como outros municípios do Rio Grande do Sul.

Conforme explica Nascimento (2009, p. 109): “Em 1875 começou a imigração patrocinada pelo governo imperial para colonizar as terras devolutas do Nordeste do Rio Grande do Sul”. Ainda conforme o autor, “Dessa vez, o grande contingente foi formado por homens e mulheres vindos das regiões do Norte da Itália, que recém se unificara” (NASCIMENTO, 2009, p. 109). Como informa Rela (2004), os imigrantes italianos que vieram para Caxias eram provenientes do Vêneto, da Lombardia e de demais regiões do Norte da Itália.

Machado (2001) complementa descrevendo que a cidade de Caxias teve sua origem com o povoamento das terras que compreendem a Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, que ocorreu durante o último quartel do século XIX, como parte da política imigratória brasileira, que objetivava povoar as zonas desertas do País, com mão-de-obra europeia. Desse modo, em 1875, foi criada a Colônia aos fundos de Nova Palmira com ocupação imediata, com a vinda dos primeiros imigrantes italianos.

A criação da Colônia Caxias, em 1875, exigiu a criação de um local que fosse sua sede administrativa, onde os imigrantes seriam recebidos, os documentos expedidos, os funcionários públicos encontrados, as sementes e as ferramentas distribuídas, os auxílios pagos, os colonos enviados para seu lote (NASCIMENTO, 2010, p. 58).

Neste sentido, conforme a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul (2013), diferentes foram as denominações para a cidade de Caxias, sejam elas oficiais ou aquelas, surgidas informalmente e mantidas pela tradição.

Além disso, com a concentração inicial dos imigrantes recém-chegados à Colônia, na área que atualmente corresponde à Nova Milano – distrito do município de Farroupilha – Caxias ficou conhecida como Nova Milano ou Barracão. Esta última denominação devido à existência, no local, de uma edificação destinada ao abrigo provisório dos imigrantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 2013).

No dia 11 de abril de 1877, por determinação da Inspetoria Especial de Terras e Colonização da Província do Rio Grande do Sul, a denominação oficial passou a ser Colônia Caxias. Esta alteração coincidiu com a instalação da sede da Colônia,

no núcleo correspondente a 5ª légua, composta pelos Travessões Santa Teresa e Solferino, atualmente subscrevendo as regiões sul e centro da cidade de Caxias do Sul. Embora com a denominação oficial, a Colônia Caxias era também conhecida popularmente por 'Campo dos Bugres', remetendo aos antigos habitantes da região, os índios caingangues (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 2013).

Como explica Giron (2010, p. 319), "O nome Caxias foi uma homenagem a Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias (1803-1880), principal militar brasileiro da guerra movida pelo Império no século XIX". Gardelin e Costa (1993, p. 139) afirmam que: "Sobre um vasto e majestoso planalto da grande Serra Geral, está assentada a Vila de Caxias, em território anteriormente conhecido pela denominação de Campo dos Bugres²⁷ e habitada por tribos selvagens". Machado (2001, p. 26) acrescenta que:

Em 1879, o Presidente da Província, Marcondes de Andrade, aprovou a planta que se destinava à zona urbana, obedecendo ao modelo traçado em xadrez, com poucas ruas, um espaço para o logradouro central, adequado às modestas proporções da Vila que começava a surgir.

No ano de 1880, a Colônia de Caxias foi dividida em três diferentes sedes: Caxias, Nova Milano e Nova Trento, o povoado que abrigava a Diretoria da Colônia e a Comissão de Terras e Colonização passou a denominar-se Sede Dante ou Sede Principal. O nome Dante era também o nome da única praça existente na época: a Praça Dante, atualmente Praça Dante Alighieri, que foi uma homenagem ao famoso poeta italiano (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 2013). De acordo com Giron (2010, p. 320):

No período compreendido entre 1875 e 1884, Caxias foi colônia imperial. Colônia era um loteamento oficial, que constituía a unidade de aplicação da política de ocupação das terras e do sistema de colonização do Império brasileiro. O projeto de venda das terras devolutas (ou seja, as terras não legalizadas após a lei das Terras de 1850) estava diretamente ligado ao Ministério da Agricultura.

Ainda conforme Giron (2010), a Colônia Caxias era administrada por uma diretoria, e o principal comando da administração colonial era o diretor responsável pela execução de atividades que compreendiam desde o transporte de colonos até a segurança das colônias e dos colonos. Por sua vez, a diretoria era composta por

²⁷ Como explica Nascimento (2009, p. 111), "O Campo dos Bugres era uma clareira na mata, aberta pelos índios que habitavam a região".

vários membros, responsáveis pela medição, venda de lotes e administração das despesas e receitas de cada colônia, sendo que a receita era proveniente dos lotes, enquanto que os serviços eram os decorrentes da administração.

No dia 12 de abril de 1884, com a anexação da Colônia Caxias ao município de São Sebastião do Caí, como seu 5º distrito, o nome mudou para 'Freguesia de Santa Teresa de Caxias'.

A categoria de Freguesia designava a menor divisão administrativa das províncias e cidades portuguesas (e foi adotada também no Brasil Imperial), além disso, aquela localidade sediava uma paróquia. Assim, Caxias, naquela época, desligou-se da Paróquia de São João do Hortêncio de Feliz e passou a sediar a sua própria, a Paróquia de Santa Teresa, conforme mostra a Figura 6 (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 2013).

Figura 6 – Quermesse da festa de Santa Teresa na praça central



Fonte: Brandalise (1985, p. 130)

Nota: Quermesse da festa de Santa Teresa na Praça Dante Alighieri, possivelmente em 15/10/1910.

No ano de 1884, foi criada a primeira paróquia de Caxias, denominada Paróquia Santa Teresa de Caxias, como ilustrado na Figura 6, onde além das missas, as crianças e os jovens recebiam aulas de catecismo do vigário, e é claro além dos ensinamentos recebidos pelos pais em casa. As famílias dos imigrantes

eram fecundas em filhos, em sua maioria eram dez, doze e quinze filhos e necessitavam de instrução, fazendo assim, surgir a demanda por um colégio.

Em 20 de junho de 1890²⁸, por ato do governo estadual, o então Distrito de São Sebastião do Caí foi emancipado, isto é, tornou-se município e passou a denominar-se 'Vila de Santa Teresa de Caxias'. Naquele mesmo ano, em 06 de novembro, tornou-se Comarca Judicial.

Assim sendo, o Termo de Santa Teresa de Caxias ficaria, então, dividido em três distritos: a sede na Vila de Santa Teresa de Caxias, o distrito de Nova Trento e o de Nova Milano e em 1895, as linhas do telégrafo cruzavam a Vila de Caxias, retirando-a de seu isolamento (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 2013).

Machado (2001) complementa afirmando que as autoridades locais, nomeadas pelo governo do Estado, em sua maioria eram maçons e, como tal, na época, eram visualizados como inimigos da Igreja Católica e representavam também o poder que estava nas mãos de elementos considerados 'estranhos'. Nesta época, a Igreja Católica apresentava uma grande influência na comunidade caxiense, nada mais justo que fosse fundado um colégio católico. Desta forma, além do interesse em uma boa educação cristã, afastaria a influência da maçonaria que estava a se estabelecer em Caxias.

Para Brandalise (1988), o grande responsável pelo movimento contra a maçonaria foi o Padre Pedro Nosadini, formado em jornalismo em Roma. Machado (2001, p. 158) explica que:

O padre Nosadini, ao assumir a Paróquia Santa Teresa em Caxias, em 15 de junho de 1896, começou uma campanha contra os maçons provocando um confronto de grandes proporções que culminou com o ataque à Casa Canônica por parte dessa sociedade secreta, na noite de 7 de fevereiro de 1897. Na ocasião o padre Nosadini foi dela retirado e levado para fora da 'Villa', com a intenção de ser executado. Graças à intervenção de alguns maçons italianos, como Ângelo Chitolina e Guido Livi, foi libertado, refugiando-se na localidade de Nova Pádua. Algum tempo depois, voltou a assumir seu posto de Vigário de Caxias.

²⁸ "O Município de Caxias foi criado a 20 de junho de 1890, pelo Decreto-Lei nº 257, do Governador do Estado, ao emancipar-se do Município de São Sebastião do Caí" (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998, p. 96).

Alguns anos depois da criação da Paróquia Santa Teresa de Caxias e do tumultuado momento político na época²⁹, foi inaugurada a primeira rede telefônica, no ano de 1906. No ano de 1904 foram iniciadas as obras de construção das ferrovias e a previsão para a conclusão da estrada era de três anos, mas muitas foram as dificuldades e os entraves sofridos durante a construção e só pôde ser inaugurada em 1º de junho de 1910, como ilustrado na Figura 7.

Figura 7 – Inauguração da Viação Férrea em 1910



Fonte: Machado (2001, p. 180)

Assim, Santa Teresa de Caxias integrou-se ao número significativo de municípios rio-grandenses ligados pela viação férrea. Machado (2001, p. 33) esclarece que “[...] em 1910, a chegada da estrada de ferro, ligando Caxias à capital do Estado, foi decisiva para o crescimento econômico da região. No mesmo ano, a Vila foi elevada à categoria de cidade”.

Desse modo, como explica Machado (2001), o crescimento econômico da cidade de Caxias, impulsionado pela agricultura, refletiu-se de forma significativa na zona urbana, onde o comércio assumiu a função de exportador dos produtos coloniais e importador de produtos provenientes de fora, passando a liderar a economia local.

²⁹ Convém mencionar que no ano de 1898, o Padre Nosadini, como explica Machado (2001, p. 159) “[...] foi transferido para Rondinha, no Estado do Paraná e de lá voltou para a Itália onde trocou o nome e não contou nem para os parentes que estivera no Brasil, por medo da maçonaria”. Para esse assunto recomenda-se a leitura do estudo de Eliana Relá. Nossa Fé, Nossa Vitória: Igreja Católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul.

A situação elevou a quantidade de casas comerciais, sendo que no ano de 1910, existiam 130 estabelecimentos que se dedicavam à venda de fazendas (tecidos), miudezas, ferragens e louças, bem como de produtos alimentícios em geral. Além da evolução dos estabelecimentos comerciais, houve aumento da quantidade de indústrias, manufaturas, artesanatos e de estabelecimentos prestadores de serviços (MACHADO, 2001).

No ano de 1913, a iluminação elétrica foi instalada em Caxias, nas casas e ruas, oferecendo à cidade, a energia que passou a movimentar o progresso. Outra modificação na denominação da cidade foi realizada por intermédio do Decreto nº 720, de 29 de dezembro de 1944 que, além de fixar nova divisão territorial, acrescentou ao nome da cidade, um elemento indicador de sua posição geográfica, passando a ser denominada de Caxias do Sul (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, 2013).

Remontando mais um pouco da história de Caxias, Barea (1995) esclarece que, como toda a região colonial, Caxias recebeu a visita dos seguintes prelados (bispos) diocesanos: Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão nos anos de 1892, 1900, 1905 e 1910; Dom João Pimenta em 1911 e Dom João Becker³⁰ nos anos de 1913, 1918 e 1924.

No ano de 1925, Caxias comemorou o 50º aniversário da imigração e colonização italiana na região, fazendo parte dos festejos a inauguração do Parque Cinquentenário, que ocupou uma área arborizada, a pouco mais de 200 metros da pequena Capela de São Pelegrino (MACHADO, 2001).

Ainda no ano de 1925 ocorreu a Exposição Municipal Agrícola-Industrial e Artística, em que se verificava a modernização tecnológica das indústrias locais, por meio da presença de equipamentos novos importados da Europa, principalmente da Itália. Tal acontecimento possibilitou enfrentar a concorrência com São Paulo,

³⁰ “Em 1912, assumiu a direção da Igreja gaúcha o bispo Dom João Becker, nela permanecendo até 1946. João Becker nasceu em Treveris, na Alemanha, em 1870. Filho de professor primário, veio para o Brasil com 8 anos, estudou no Seminário de Olinda, depois, já no Rio Grande do Sul, frequentou salas de aula em Porto Alegre e em São Leopoldo, no Seminário dos Jesuítas. Ordenado sacerdote em 1896, foi sagrado bispo em 1908, assumindo imediatamente a Diocese de Florianópolis onde permaneceu até 1912” (GIOLO, 1997, p. 217). “No dia 14 de outubro de 1913, Dom João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, foi festivamente recebido na estação da estrada de ferro. Benzeu e consagrou o Altar-mor, construído por Francisco Meneguzzo, tendo como auxiliares José Gollo e Alexandre Bartelle. Custou cinco contos e quinhentos mil réis e a pedra de mármore ‘quase dois contos de réis’” (BRANDALISE, 1985, p. 38).

quando da competição nacional e a disponibilidade de mão-de-obra abundante e barata que complementou o ciclo produtivo (MACHADO, 2001).

Nos anos de 1930, com a ampliação das atividades empresariais, a economia caxiense já se apresentava integrada com a economia nacional e as administrações municipais do período eram amparadas pela Associação dos Comerciantes e atendiam as necessidades básicas relacionadas aos seguintes aspectos: ao abastecimento de energia elétrica, água e saneamento; abertura de ruas; ampliação dos transportes; e outros, voltados, principalmente para os interesses do empresariado caxiense, no intuito de garantir o bom desempenho das atividades dos diversos setores da produção e da comercialização da cidade (MACHADO, 2001).

Por sua vez, as exposições e as feiras, que eram de iniciativa da Intendência Municipal, passaram a ser assumidas pelas lideranças empresariais caxienses, promovendo um perfil de festa, ao que deu origem à Festa da Uva, pois a uva e o vinho eram os produtos principais da atividade econômica na década de 1930; ou seja, produção agrícola da uva e as exportações do vinho (MACHADO, 2001).

Neste sentido, no ano de 1931, uma exposição de produtos agrícolas foi elevada à categoria de festa. Assim sendo, aconteceu a primeira Festa da Uva de Caxias graças à iniciativa de um grupo de empresários, que teve a finalidade de expor a uva como principal produto da economia local, que passou a centralizar as atenções e os interesses dos organizadores.

A segunda Festa da Uva foi aprovada para ser concretizada no ano de 1932 e foi realizada como previsto, obtendo sucesso superior ao esperado tendo o apoio dos produtores locais e também da população. Em 1933, a Festa da Uva passou a apresentar um caráter regional (MACHADO, 2001).

Considerando-se o período histórico de Caxias, descrito nesta seção, complementa-se na sequência com a forma de escolarização desenvolvida no referido Município até o ano de 1933.

2.4.1 Iniciativas e processo de escolarização em Caxias

De acordo com Vecchia, Herédia e Ramos (1998), em Caxias, no período colonial a escola foi solicitada pelos colonos (imigrantes) junto ao poder público, que desejavam que os filhos aprendessem simplesmente a ler, a contar e a escrever;

para que pudessem se defender na vida com o mínimo essencial e no intuito de assegurar o lucro e a manutenção das propriedades rurais.

Vecchia, Herédia e Ramos (1998) adicionam ainda que, em síntese, a educação em Caxias foi organizada conforme as necessidades da população e também devido às prioridades políticas definidas nas administrações municipais, desde que o Município foi emancipado de São Sebastião do Caí, em 1890.

A educação formal ocorreu na família nas aulas comunitárias³¹, nas escolas de sociedades³², formadas por moradores mais próximos, nas escolas paroquiais que eram controladas pela Mitra, nas escolas religiosas (masculinas e femininas), nas escolas mantidas pelo governo na Itália, da Província/Estado e pela Intendência/Prefeitura (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998, p. 89).

Como assinalam Vecchia, Herédia e Ramos (1998), até o ano de 1898, não havia registros de aulas sob a administração direta do Município, o que coincide com a data de nomeação do primeiro membro do distrito escolar, que era o responsável pela educação nessa área circunscrita.

Na fase inicial de escolarização em Caxias, considerando-se o período de 1898 a 1910, as escolas tinham como função básica o ato de aprendizado e leitura, o cálculo e a escrita, sendo um ensino elementar nos períodos posteriores. Como esclarecem Vecchia, Herédia e Ramos (1998, p. 253), “As escolas da rede municipal eram unidocentes e estavam localizadas na área rural”.

Desse modo, o período de 1898 a 1910, segundo Vecchia, Herédia e Ramos (1998, p. 253-254) foi assinalado “[...] por uma forte expansão da rede de ensino municipal, mas insuficiente devido à demanda de alunos na zona rural”. Assim sendo nesse período “[...] a demanda foi crescente, uma vez que não existiam escolas em todo o Município e havia a necessidade de implantá-las”.

³¹ “As aulas comunitárias foram a primeira forma organizativa, produzida pelos próprios imigrantes como alternativa para superar o grave problema da ausência de escolas. Essas aulas era assim denominadas devido à sua autonomia e à sua liberdade de ação, principalmente pela inexistência de interferência de grupos e instituições de poder externos à população envolvida, garantindo aos participantes estabelecer as suas próprias prioridades. A decisão de quem seria o professor, o programa, os meios e os fins era toda do grupo da comunidade. As aulas eram gratuitas e ocorriam na casa de um dos pequenos proprietários que tinham tido a iniciativa de promovê-las” (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998, p. 90).

³² “As escolas das ‘sociedades’ foram outra alternativa que os imigrantes encontraram para alfabetizar seus filhos. Foi, também, a primeira forma de exclusão dos mais pobres, pois os que não podiam contribuir financeiramente na sociedade não podiam estudar na escola” (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998, p. 90).

A partir do ano de 1905, com a aprovação da Lei nº 01 em 26 de dezembro de 1904, foi estabelecido um orçamento global do Município, em 2,73% destinado à educação. Já, no ano de 1907 foram confirmadas as aulas municipais que se localizaram nos Distritos de Caxias. Como esclarece Luchese (2012, p. 283), “Na medida em que a escola se institucionaliza e passa a ser controlada pelo Estado e pela Igreja, vai, lentamente, impondo seu tempo e seu ritmo”.

Por sua vez, nos primeiros anos de escolarização na cidade de Caxias, as escolas eram caracterizadas pela separação por sexos. Conforme explica Luchese (2012, p. 283), “[...] as escolas confessionais foram as que mantiveram maior exclusividade no atendimento de meninos ou meninas”.

No ano de 1901 foi fundado o Colégio São José, em Caxias, direcionado às meninas e moças, administrado pela Congregação das Irmãs de São José de Chambery-Moutiers, de origem francesa. De acordo com Grazziotin (2010), o Colégio São José foi o primeiro colégio particular de confissão religiosa fundado na cidade de Caxias. O mesmo autor informa que:

O berço da Congregação das Irmãs de São José remonta ao século XVII, na cidade francesa de L^ê Puy-em-Velay, sendo seu fundador o Pe. Jean Pierre Médaille – SJ. As Irmãs de São José se dedicaram ao serviço de caridade para com os mais pobres. Rapidamente foram se expandindo para outras dioceses, formando congregações autônomas. Após o primeiro impacto da Revolução Francesa, houve um reagrupamento da Congregação das Irmãs de São José, sendo que, em 1816, a sede geral se localizou em Lyon. A partir de Lyon, houve a expansão para a Savóia, sendo fundada a Congregação em Chambéry e, posteriormente, em Moûtiers, ramo este que se estendeu ao Rio Grande do Sul (GRAZZIOTIN, 2010, p. 56).

Como explica Grazziotin (2010), após enfrentar os desafios da chegada ao Estado do Rio Grande do Sul, outras Irmãs vieram da França. Tal acontecimento elevou o número de vocações locais e os pedidos para o ingresso na Congregação aumentaram. No mês de novembro de 1900 foi fundada a Escola São José na colônia italiana de Antônio Prado, conforme a solicitação do Padre Dom Cármine Fasulo.

Assim sendo, a ascensão das Irmãs de São José em Antônio Prado motivou o Padre Antônio Pertile, que era vigário de Caxias, a solicitar a vinda das Irmãs para a fundação de uma escola na referida cidade, em função da precariedade do atendimento escolar.

Desse modo, em 11 de fevereiro de 1901, as religiosas francesas e brasileiras partiram de Conde d'Eu para criar o Colégio São José. Assim, foi fundado o Colégio São José de Caxias, no endereço que permanece até os dias atuais, sendo que dois anos depois de sua fundação havia 200 alunas matriculadas.

De acordo com Adami (1981), o Colégio São José se destacou pela educação e profissionalização de meninas e moças, com investimentos no Curso de Magistério na cidade de Caxias. No ano de 1932, o ensino do referido Colégio foi equiparado ao ensino das escolas do Estado, propiciando o início da Escola Complementar.

O prédio em alvenaria apresentado na Figura 8 abrigou o Colégio São José, cujas obras foram concluídas ao final de 1903. Como esclarece Luchese (2007, p. 219) o prédio foi “Projetado para servir de residência das irmãs e de escola, o prédio na época se destacava no cenário da cidade como um dos mais imponentes”.

Figura 8 – Colégio São José



Fonte: Luchese (2007, p. 219)

Por sua vez, para os meninos e moços, o Instituto das Escolas Cristãs dos Irmãos Lassalistas, também de origem francesa, fundou o Colégio do Carmo, no ano de 1908, em Caxias, que será detalhado nos próximos capítulos.

Nas décadas 1910 e 1920 surgiram outras iniciativas na área da educação, que se consolidaram na cidade: uma Escola Metodista e outra Espírita, que segundo

Bergozza (2010, p. 44) “[...] causou um certo desconforto às autoridades eclesiais católicas”.

No ano de 1912, pelo Decreto nº 1.826 de 08 de março foi criado em Caxias, o colégio elementar, com a denominação de Colégio Elementar José Bonifácio. Como esclarece Luchese (2007, p. 166):

Os colégios elementares estavam organizados em seis anos de escolarização: o ensino ministrado era dividido em três classes com duas seções cada. A regulamentação determinava que a primeira classe fosse mista, a cargo de uma professora e as duas últimas, uma para cada sexo. Em muitos casos o diretor acumulava o cargo com o de professor.

O ensino técnico também se fez presente em Caxias, e como explica Tisott (2010, p. 175), “A primeira escola técnica de que temos notícia em Caxias foi instituída pelo governo do estado em 1917”. Ainda segundo o autor, “Foi em 8 de julho de 1917 que inauguraram uma Escola Industrial Elementar em Caxias. A iniciativa foi da Escola de Engenharia de Porto Alegre, do governo do Estado, que mantinha a escola com auxílio do município”.

A finalidade da Escola Industrial Elementar era ministrar o ensino profissional dos ofícios correspondentes às principais indústrias de Caxias para atender em torno de 100 alunos. O Intendente Municipal de Caxias, José Penna de Moraes, comprometeu-se a doar um terreno para as instalações necessárias à construção da escola e a isentar os impostos.

A Escola Industrial Elementar funcionou até março de 1924, quando o Conselho Universitário da Escola de Engenharia de Porto Alegre resolveu suspender o seu funcionamento sem qualquer justificativa e ou motivação (TISOTT, 2010).

Outras formas de ensino na cidade de Caxias ocorreram por intermédio da Paróquia Santa Teresa, quando foram criadas as escolas paroquiais e por meio das congregações religiosas foram criados os colégios de ensino (GRAZZIOTIN, 2010).

Luchese (2007, p. 243) afirma que “As escolas paroquiais eram iniciativas lideradas pelo vigário que, juntamente com os fabriqueiros da comunidade, empenhavam-se em constituir um espaço educativo para atender as crianças da comunidade”.

A criação das escolas paroquiais tinha por finalidade atender, por um período, os moradores da cidade de Caxias. Elas foram abertas a partir de 1921 para fazerem frente ao Colégio Metodista e ao Colégio Espírita instalados em Caxias à

época (BERGOZZA, 2010). Para Azzi (1997, p. 239), “[...] as escolas católicas ou paróquias foram veículos significativos para a manutenção da fé católica entre os filhos de imigrantes e seus descendentes”.

As escolas paroquiais tinham como orientação a doutrina cristã e a primeira escola foi instalada por iniciativa do Padre João Meneguzzi, iniciando as atividades no dia 1º de fevereiro de 1921, no térreo da Casa Canônica, com atendimento pela manhã aos meninos e à tarde às meninas (BERGOZZA, 2010).

As escolas paroquiais foram fechadas em 1934 e, de acordo com as autoridades eclesásticas, os principais motivos para o fechamento teriam sido, por um lado, a dificuldade de manter financeiramente a estrutura física e o pagamento dos professores e, por outro, o ensino religioso que podia ser ensinado nas escolas públicas. No entanto, para lecionar o ensino religioso nas escolas públicas, o Bispo Diocesano indicava o nome de alguém autorizado a fazê-lo (BERGOZZA, 2010, p. 45).

Como informa Brandalise (1988), no período de 1927 a 1934 foram implantadas sete escolas paroquiais, como detalhado a seguir:

A primeira funcionou no térreo da residência paroquial, hoje residência episcopal, à Rua Sinimbu, nº 1.756. Outra funcionou à Rua Os 18 do Forte, em frente ao atual Colégio do Carmo. A terceira à Rua Júlio de Castilhos, de frente a atual Gráfica Mary, conforme atesta o Pe. Orestes Valletta, testemunha ocular (Pe. Valletta veio a Caxias como Coadjutor do Cônego João Meneguzzi em 1924). A quarta funcionou pelos lados de São Pelegrino, em local não bem localizado. A quinta à Rua Coronel Flores, nº 2.504. Uma à Rua Júlio de Castilhos, esquina com a Rua Coronel Flores, nº 2.504, esta como a de cima bem perto do Colégio Metodista. A sétima, umas das mais importantes, funcionou na casa construída nos fundos da Catedral. Tinha esta casa, [...] trinta metros de comprimento por oito metros e meio de largura. Nesta, desde 1910 funcionou o Colégio do Carmo. Desocupada pelo Colégio do Carmo foi alugada a diversos inquilinos. Desocupada por estes, serviu para abrigar o primeiro ano do Seminário Nossa Senhora Aparecida bem como moradia dos Freis Capuchinhos, professores do mesmo Seminário (BRANDALISE, 1988, p. 73).

Grazziotin (2010) acrescenta que no ano de 1928 foi criado o Orfanato Santa Teresinha, origem do atual Colégio Madre Imilda que era dirigido na época pela Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

Como esclarece Bergozza (2010, p. 45) “As irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria, em 1928, fundaram o orfanato Santa Teresinha para atender órfãos e carentes do sexo feminino”.

No ano de 1929, a Congregação dos Josefinos de Murialdo, de origem italiana, chegou a Caxias e fundou o Abrigo de Menores, transformado em Centro Técnico Social e no Distrito de Ana Rech, o Colégio Agrícola Murialdo.

Em conformidade com o Decreto nº 4.491, de 28 de fevereiro de 1930, do Governo do Estado, foi fundada a Escola Complementar Duque de Caxias. Luchese (2007, p. 175) informa que:

As escolas complementares tinham por finalidade a preparação de candidatos ao magistério público primário. Com o passar do tempo, algumas escolas complementares foram sendo abertas no interior do Estado. Foi em 1930 que Caxias passou a contar com esse benefício público. Em 1932 já se formavam as primeiras professoras da escola complementar de Caxias.

No ano de 1930, com a criação e instalação da Escola Complementar de Caxias, teve início a formação docente na cidade de Caxias e região. De acordo com Bergozza (2010, p. 7), a Escola Complementar de Caxias foi considerada “[...] como um marco significativo da profissionalização docente na cidade e na região evidenciando assim, a feminização do magistério”.

A Tabela 1 demonstra o crescimento do número de escolas primárias subvencionadas pelo Estado³³, das primárias municipais³⁴ e das escolas primárias particulares³⁵, em Caxias, no período de 1900 a 1929, com a finalidade de apresentar um panorama da educação caxiense para a compreensão do contexto de fundação do Colégio do Carmo, no ano de 1908.

Cabe salientar que, outras iniciativas educacionais foram promovidas por congregações religiosas, na cidade de Caxias, sendo muito expressivas, mas não serão apresentadas nesta dissertação de mestrado, pois o recorte temporal do estudo remete ao período de 1908 a 1933, concentrando-se na instituição educacional do Colégio do Carmo, como detalhado nos próximos capítulos.

³³ “Como escolas primárias subvencionadas pelo Estado estão as escolas estaduais e aquelas em que o governo liberava valores para sua manutenção” (LUCHESE, 2007, p. 164).

³⁴ “As escolas primárias municipais são aquelas que o município cria ou subvenciona” (LUCHESE, 2007, p. 164).

³⁵ “Escola primária particular são todas as escolas particulares conhecidas e contabilizadas pela administração pública e que não recebiam nenhuma subvenção pública como, e, principalmente, as escolas confessionais” (LUCHESE, 2007, p. 164).

Tabela 1 – Quantidade de escolas em Caxias, no período de 1900 a 1929³⁶

Ano	Escolas primárias subvencionadas pelo Estado	Escolas primárias municipais	Escolas primárias particulares
1902	-	-	2
1903	-	4	2
1904	-	4	3
1905	-	4	3
1907	-	6	3
1908	-	-	3
1909	-	17	3
1910	-	-	3
1911	8	8	3
1912	22	16	7
1913	19	44	4
1914	19	45	4
1915	19	51	4
1916	19	47	4
1917	19	48	4
1918	19	51	4
1919	21	57	4
1920	21	72	4
1921	-	-	-
1922	-	-	-
1923	35	84	4
1924	-	24	-
1925	28	63	20
1926	13	86	13
1927	12	88	12
1928	12	77	12
1929	13	61	-

Fonte: Luchese (2007, p. 164)

³⁶ Mapas Escolares: Documentos Recolhidos por João Spadari Adami, Relatórios da Intendência do Município de Caxias e Arquivo Municipal de Caxias do Sul.

3 O COLÉGIO DO CARMO EM CAXIAS: INDÍCIOS HISTÓRICOS DE UMA ESCOLA CONFSSIONAL

O presente capítulo tem como objetivo narrar os indícios históricos do Colégio do Carmo, para o recorte temporal de 1908 a 1933. Para tal está subdividido em quatro partes. Na primeira parte, consta a chegada dos fundadores do Colégio do Carmo. Na segunda, são narradas as relações e as tensões entre a paróquia e os Irmãos Lassalistas, principalmente com o Pároco João Meneguzzi. Na parte seguinte, são detalhadas as transformações e as instalações do Colégio do Carmo, desde a sua fundação até a construção do Colégio. Em seguida, é apresentado o ensino oferecido pelo Colégio do Carmo no período em estudo.

3.1 A CHEGADA DOS FUNDADORES DO COLÉGIO DO CARMO

Os seis Irmãos Lassalistas, provenientes da França, chegaram, no dia 28 de janeiro de 1908, partindo de Porto Alegre de barco, com destino a Caxias, até São Sebastião do Caí, com a missão de fundar um colégio confessional na cidade, orientado pela pedagogia lassalista.

Ao chegarem a São Sebastião do Caí foram conduzidos a cavalo, meio de transporte existente à época, até Galópolis (região administrativa de Caxias na atualidade) de onde foram escoltados por numerosa equipe de cavalarianos até em frente à Paróquia Santa Teresa (atual catedral de Caxias do Sul) (BONIFÁCIO, 1988a).

Como esclarece Compagnoni (1980), na parte por via terrestre, como ilustrado na Figura 9, os seis Irmãos Lassalistas puderam observar as paisagens locais, amenizando um pouco as ansiedades, as perspectivas e as inquietudes de ter de ensinar, sem conhecer totalmente o idioma e os costumes locais, uma vez que o idioma dos referidos Irmãos era o francês.

Como se observa na Figura 9, a fotografia identifica os seis Irmãos Lassalistas que integraram a primeira Comunidade Educativa Lassalista em Caxias, que foi denominada Colégio do Carmo, em 1908. A partir do lado esquerdo da fotografia, estão os Irmãos Lassalistas: Frumence Bertin, Anastace Pascal, Fructele Léon, Fabien Albert, Xavier Dominique e Innocent Vital.

Figura 9 – Irmãos Lassalistas em 1908



Fonte: Compagnoni (1980, p. VI)

Compagnoni (1980) descreve que a chegada dos Irmãos Lassalistas teve a participação efetiva da Igreja Católica representada por Dom Cármine Fasulo³⁷, acompanhado pelo Padre Mauro e também por numeroso grupo de caxienses, que a cavalo recepcionou, a doze quilômetros da cidade, os seis Irmãos Lassalistas, que em seguida se acomodaram em uma diligência. À época Dom Cármine Fasulo providenciou o pagamento das instalações dos religiosos em um conto de réis (1.000\$000).

Como afirma Dallabrida (2005), a Igreja Católica marcou sua presença no campo educacional por intermédio da atuação de Ordens e Congregações Católicas que fundaram escolas masculinas e femininas de origem europeia, as quais trabalhavam com a escola em pastoral. Assim sendo, tais grupos criaram várias redes de instituições assistenciais e educativas, tais como: orfanatos, creches, casas de saúde, hospitais, asilos para idosos e, principalmente, escolas e colégios.

Na Figura 10 consta a Praça Dante Alighieri, onde a população caxiense acolheu a chegada dos seis Irmãos Lassalistas. Observa-se que a Praça Dante

³⁷ “Pe. Cármine Fasulo (1865-1935) é considerado um ícone da ação pastoral do clero no Rio Grande do Sul, como primeiro Cura de Caravaggio e primeiro Pároco de Antonio Prado. Nasceu em 11-02-1865, em Monte Falcione (Avelino, na Itália), estudou no Seminário de Terni, ordenou-se em Roma a 22-05-1890 por Dom Júlio Lenti” (COSTA, 2007, p. 290).

Alighieri à época estava em reformas, lembrando que os Intendentes Municipais³⁸, Serafim Terra (1905/1906) e Vicente Rovea (1906/1907), promoveram diversas obras de embelezamento na Praça Dante Alighieri, no período de referidos mandatos governamentais.

Figura 10 – Praça Dante Alighieri



Fonte: Bonifácio (1988b, p. 49)

Convém mencionar que Caxias ainda não apresentava uma estrutura que pudesse atender a demanda educacional das crianças caxienses, como referido no Capítulo 2. Assim, Machado (2001, p. 283) afirma que “O ensino era muito precário e exercido por professores sem formação específica que ensinavam a ler, escrever e contar em escolas improvisadas, muitas vezes na própria residência”. Havendo, portanto a necessidade da criação um novo Colégio que oferecesse estudos qualificados aos filhos, sem que precisassem sair da cidade para tal formação. O que motivou a empolgação e os festejos da paróquia, população caxiense e autoridades locais, pela chegada dos seis Irmãos Lassalistas, e principalmente, por serem religiosos, pois havia o predomínio, na época, da religião católica em Caxias.

³⁸ “A administração municipal, até 1924, esteve sempre nas mãos de intendentes brasileiros, sendo que os primeiros foram nomeados pelo governo do estado. Os intendentes eleitos pelo voto, no entanto, eram sempre indicados anteriormente pelo presidente do estado, como representantes do Partido Republicano Rio-grandense, que estava no poder desde a Proclamação da República”. Como esclarece a autora, intendente era a “Denominação dada aos brasileiros de origem lusa, pelos imigrantes italianos, na época” (MACHADO, 2001, p. 147).

Grazziotin (2010) esclarece que a Igreja Católica, desde os primórdios da colonização italiana em Caxias, assinalou sua presença acompanhando os imigrantes e suas famílias, nas questões sociais e econômicas, por intermédio da Arquidiocese de Porto Alegre. Após a realização das cerimônias iniciais na Praça Dante Alighieri e, posterior celebração da missa na Paróquia Santa Teresa, os seis Irmãos Lassalistas acompanhados pelo Pároco, instalaram-se em uma residência na Rua Alfredo Chaves, nº 777, que foi alugada.

O proprietário da referida residência, Francisco Balen, era cristão e um dos principais negociantes do lugar. A condição do aluguel aos Irmãos Lassalistas ficou por conta da exigência que seus filhos tivessem acesso ao ensino gratuitamente. Desse modo, enviaria ao colégio, os moços às aulas noturnas, pois trabalhavam durante o período do dia; e os meninos durante o dia, em função disso cobrou um aluguel 'módico' no valor em torno de 20 mil réis. À época a classe média caxiense era formada por comerciantes, artesãos e donos de indústrias, os quais desejavam oferecer o ensino qualificado aos filhos, para que estes pudessem auxiliar na ampliação dos negócios da família. Assim, era necessária a aprendizagem dos rudimentos de leitura e cálculo, porém após tal aprendizado eles paravam de estudar, para se dedicar apenas aos negócios da família (BONIFÁCIO, 1988a).

Cabe lembrar que esta sociedade, para a época em questão, era estruturada em torno da família e da tradição 'italiana' vinda com os imigrantes, esta fortemente marcada pelo catolicismo e cultura do trabalho. Pensavam assim, pois possuíam uma concepção de amor pelo trabalho, somado aos laços familiares, passando a ser idealizada como forma de educação, assim como uma extensão para a formação do caráter dos filhos. Desse modo, para a maioria dos pais, o interesse maior era que os filhos comesçassem a trabalhar e, assim, pudessem também contribuir para aumentar o orçamento familiar, o que conseqüentemente reduziria o número de funcionários a pagar. Para complementar este item aqui se faz necessário entender quais foram as principais motivações da vinda dos Irmãos Lassalistas para Caxias, como detalhado a seguir.

3.1.1 As motivações da vinda dos Irmãos Lassalistas

A vinda dos Irmãos Lassalistas para Caxias ocorreu motivada, principalmente para desenvolver o trabalho educativo nos moldes da pedagogia lassalista,

contribuindo com os rumos da educação na cidade. O que foi possível pelo esforço do vigário da Paróquia Santa Teresa, que já havia conseguido anos antes (1901) a vinda das Irmãs de São José, para iniciar um colégio feminino (GRAZZIOTIN, 2010).

Na época, o vigário da Paróquia Santa Teresa era o padre Dom Cármine Fasulo, natural da Itália e conheceu o trabalho educacional desenvolvido pelos Irmãos Lassalistas naquele país. Em função disso, solicitou a presença desses Irmãos para ensinar a religião aos meninos e moços paroquianos de Caxias. Como explicam Fernandes e Piantkoski (2010), a Igreja Católica tinha o interesse em ampliar o campo de divulgação da sua doutrina. Assim sendo, as Congregações Religiosas que concentravam suas atividades na área educacional eram incentivadas a se instalar em diversos lugares no Brasil, inclusive em Caxias.

Como se verifica, a história da fundação do Colégio do Carmo iniciou no dia 28 de janeiro de 1908, com a chegada de seis Irmãos Lassalistas, como já mencionado, apoiados pelo vigário da Paróquia Santa Teresa, sendo o segundo colégio religioso implantado na cidade. Desse modo, a nova Comunidade Educativa criada em Caxias passou a ser composta por seis Irmãos Lassalistas, como ilustra a Figura 11, que eram os educadores à época.

Figura 11 – Os fundadores do Colégio do Carmo



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Na Figura 11 verifica-se que estão sentados os Irmãos Xavier Dominique³⁹ (professor), Anastace Pascal (diretor) e Frumence Bertin (professor) e de pé estão os Irmãos e professores Innocent Vital e Fructele Léon e Fabien Albert que era ecônomo. A fotografia foi tomada por ocasião da chegada dos seis Irmãos Lassalistas a Caxias, fundadores do Colégio do Carmo. Salienta-se que os Irmãos Lassalistas não puderam mais exercer a pedagogia lassalista a partir de 1907 na França⁴⁰. Assim decidiram vir para o Brasil e vários deles nunca mais voltaram à terra natal (BONIFÁCIO, 1988b).

De naturalidade francesa, chegados ao Brasil havia poucos meses, porém com longa prática pedagógica nas escolas lassalistas da França. Apenas o Irmão Anastace Pascal falava um pouco o idioma italiano, em função disso foi designado a coordenar a vinda dos Irmãos Lassalistas para a cidade de Caxias, passando a ser o primeiro diretor a assumir a gestão do Colégio do Carmo, com um mandato de quatro anos.

Bonifácio (1988a) menciona que o Colégio do Carmo surgiu quando Caxias contava com menos de cinco mil habitantes, sendo que a maioria das pessoas se conhecia, muito diferente dos tempos atuais. Na época, as pessoas mais influentes na cidade eram: o Intendente Municipal⁴¹, o Vigário, o Comandante do Quartel, o Delegado de Polícia, o diretor do Colégio, o dono do Cinema, e assim por diante.

Salienta-se que Dom Cármine Fasulo, de maneira especial dedicou-se em favorecer a chegada dos Irmãos Lassalistas para Caxias. Porém, foi transferido da Paróquia Santa Teresa, em 02 de maio de 1909, para trabalhar em outra paróquia, em uma vila vizinha de Caxias. Sucedeu-lhe em 05 de maio de 1909, o Padre Francisco Baldassarre, que manifestou igualmente muito interesse e estima aos Irmãos Lassalistas do Colégio do Carmo, no entanto sua permanência durou apenas quatro meses. No dia 31 de agosto de 1909 tomou posse da Paróquia, o Padre Ângelo Donato, apelidado por 'Dom Tocietto' (BRANDALISE, 1985; 1988).

Compagnoni (1980) afirma que os Irmãos Lassalistas para homenagear o Padre Dom Cármine Fasulo, denominaram a escola de Colégio Nossa Senhora do

³⁹ No dia 20 de fevereiro de 1915 o Irmão Xavier Dominique faleceu, um dos Irmãos pioneiros, o qual foi enterrado no cemitério municipal de Caxias.

⁴⁰ Um maior detalhamento sobre o assunto encontra-se no capítulo dois deste estudo.

⁴¹ "Os intendentess municipais concentravam o poder, pois podia designar os vice intendentess, as comissões eleitorais e a guarda municipal, entre outras atribuições. Os vice intendentess acumulavam o cargo de delegado de polícia, sendo ainda responsável pela conservação das estradas e pelos inspetores de travessões, designados pelo prefeito" (GIRON, 2010, p. 327).

Carmo, mais tradicionalmente conhecido, na cidade de Caxias, como Colégio do Carmo, denominação utilizada neste estudo.

As escolas públicas urbanas que existiam na época eram precárias e por vezes restritas, e o ensino primeiramente era ministrado em algumas escolas particulares residenciais na área rural, nas quais se procurava oferecer os rudimentos de leitura, escrita e aritmética. Na época, o conseqüente número de analfabetos era elevado. Quanto à formação religiosa, pela qual as famílias muito zelavam, estava quase restrita à catequese dominical ministrada na Paróquia Santa Teresa ou em capelas do interior na área rural. As notícias da cidade à época eram divulgadas pelo jornal local, 'Gazeta Colonial', como mostra a Figura 12.

Figura 12 – Notícia do jornal 'Gazeta Colonial' em 1908

COLLEGIO "N. S. DO CARMO"
CHEGADA DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CHRISTÃS

Caxias

Quinta-feira desta semana, às 5 horas da tarde, chegou o pessoal que vem fundar o colégio de que ampla notícia deu a Gazeta Colonial, o qual começará a funcionar a 4 do corrente sob o título de 'Colégio de Nossa Senhora do Carmo'.

São 6 Irmãos das Escolas Cristãs; Revmo. Irmão Anastácio, Diretor; o Revmo. Irmão Innocência, Vice-Diretor, e os Irmãos Domingos, Frumêncio, Fabiano e Leão.

Às duas horas da tarde saíram a cavalo ao encontro dos bem esperados e dignos professores o nosso amantíssimo Vigário, Revmo. Pe. Cármine Fasulo, o Revmo. Pe. Mauro e outros muitos cavaleiros.

Às cinco horas, desmontados em frente à igreja matriz, a ela dirigiram-se todos os recém-chegados e as poucas pessoas que compareceram na ocasião, entre as quais notamos os Srs. subintendente, tesoureiro, e Samuel Aloisi.

À porta da matriz recebeu-os com o asperges o Revmo. Pe. Josué Bardin, digníssimo coadjutor da paróquia.

Após breve oração o Revmo., vigário, acolitado pelo Pe. Mauro e o seminarista F. Balen, subiu ao presbitério, e feita uma breve alocação entoou o *Te Deum* e deu a benção com o S. S. Sacramento.

A essa locução, breve, mas sugosa, quiséramos presentes a maioria ao menos, senão a totalidade, dos pais de famílias desta vila.

Um dos maiores benefícios, que a Misericórdia Divina nos pode conceder, é sem dúvida a fundação de um colégio em que a mocidade não só receberá de homens competentes a instrução necessária para as lutas de vida, mas ainda, o que é indispensável absolutamente, o princípio da sabedoria que é o temor de Deus. Desenganemo-nos uma vez, insistiu o Revmo. Vigário: quem não respeita as leis divinas, impossível é que acate as humanas.

Terminou agradecendo desde já aos bem-vindos Irmãos o bem imenso que vinham semear em favor da mocidade de Caxias, e convidando a todos os pais de família presentes a elevar seus corações ao Onipotente num cântico fervoroso de louvores e agradecimento.

E nós não podemos terminar esta breve notícia sem manifestar o voto que fazemos para que a população de Caxias brevemente compreenda o que até agora ainda não quis compreender; maiores benefícios nos trazem os que vêm instruir nossos filhos que os que nos vêm pedir votos!

Fonte: Compagnoni (1980, p. 231-232)

Como visualizado na Figura 12, a notícia veiculada pelo jornal ‘Gazeta Colonial’⁴² divulga de forma detalhada a data e os horários da chegada dos seis Irmãos Lassalistas, em Caxias; mostrando também a importância da educação para os meninos e moços; assim como as expectativas depositadas à nova proposta de ensino que chegara a Caxias, mediada à época pelo apoio do Pároco da Igreja Matriz Santa Teresa e com a participação expressiva da sociedade caxiense⁴³.

Cabe notar que o discurso da imprensa não era fechado ou apenas um conjunto de palavras; ia além, tinha a força de interagir com complexidade um determinado contexto, se unindo à rede das relações sociais. Conforme Capelato (1988), a imprensa impôs-se como uma força política, por isso, sempre a utilizam e temem; ora adulando, ora vigiando, controlando e punindo. Assim sendo, os impressos apresentam a função de “[...] ‘despertar as consciências’ e ‘modelá-las’ conforme seus valores e interesses, procurando indicar uma direção ao comportamento político do público leitor” (CAPELATO, 1988, p. 23).

Fica evidente também na reportagem apresentada na Figura 12, o poder da Igreja Católica sobre a comunidade caxiense à época, pois foi celebrada uma missa especial para receber os seis Irmãos Lassalistas, com a participação numerosa da população e autoridades locais. O Pároco ao término da celebração da missa proferiu muitos elogios aos Irmãos Lassalistas. No entanto, nem sempre houve esse respaldo positivo, pois a partir do ano de 1911, inicia-se um processo tenso entre a paróquia e os Irmãos Lassalistas, no que se refere às negociações da ampliação e localização do Colégio do Carmo, dentre outros aspectos, como narrado a seguir.

3.2 RELAÇÕES E TENSÕES ENTRE A PARÓQUIA E OS IRMÃOS LASSALISTAS

Na chegada dos Irmãos Lassalistas em Caxias houve apoio da paróquia local, com a nomeação do Padre João Meneguzzi, houve algumas tensões. A partir do ano de 1911, as relações entre a paróquia e os Irmãos Lassalistas na maioria das vezes se configuravam tensas, pois o Pároco João Meneguzzi não aceitava a

⁴² Salienta-se que o documento original do jornal ‘Gazeta Colonial’ não foi encontrado no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, tendo sido reproduzido da obra de Compagnoni (1980) e transcrito pela pesquisadora.

⁴³ “Na chegada dos Irmãos, entre as pessoas mais ilustres a esperá-los estava o Abramo Eberle. Desde o primeiro dia, foi ele amigo sincero da obra lassalista. Nas horas de alegria e nos dias de trabalho ingrato, nos momentos de crise e desânimo, lá estava o Abramo marcando presença” (BONIFÁCIO, 1988a, p. 29).

permanência dos Irmãos Lassalistas em Caxias, como é possível inferir a partir dos indícios a seguir.

As tensões entre os Irmãos Lassalistas e o Pároco João Meneguzzi eram motivadas, principalmente pelo fato que Caxias era predominantemente povoada por imigrantes italianos e descendentes, e os Irmãos Lassalistas eram provenientes da França, que por sua vez, desconheciam os costumes locais e não falavam o idioma italiano, gerando, assim o descontentamento do Pároco.

Antes de mencionar as principais tensões entre o Pároco e os Irmãos Lassalistas, cabe destacar que no dia 17 de março de 1911 foi nomeado para a Paróquia Santa Teresa, o Padre João Meneguzzi, sendo que o seu predecessor, o Padre Ângelo Donato foi transferido para uma paróquia das redondezas⁴⁴.

O Padre João Meneguzzi assumiu a Paróquia Santa Teresa somente em 16 de julho de 1911 e no decorrer de seu vicariato, que durou trinta e dois anos, recebeu os títulos honoríficos de Cônego⁴⁵ e, por fim, de Monsenhor. Como esclarece Brandalise (1988, p. 24):

Monsenhor João Meneguzzi, operoso Vigário de Caxias, e que se destacou por sua atuação em favor do ensino, da comunidade, da paz e progresso da religião. Era músico de grande sensibilidade e a ele se devem numerosas composições, algumas com letra de Dom José Bárea. Entre outras, o Hino a Nossa Senhora de Caravaggio.

Nas palavras de Bonifácio (1988b, p. 27), o “Monsenhor foi um dos maiores amigos do Colégio do Carmo, desde sua fundação até meados do século, o que não impedia de ele entrar, por vezes, em atritos sérios com o colégio por razões de implicâncias viciniais”.

Quando o Pároco João Meneguzzi assumiu a Paróquia Santa Teresa, os Colégios das Irmãs de São José e dos Irmãos Lassalistas tinham uma afluência elevada de alunos que provinham, dos mais variados lugares. Nesta época existiam

⁴⁴ A lembrança do Padre Ângelo Donato permaneceu eterna a todos os Irmãos Lassalistas e à comunidade educativa, pois ele contribuiu de maneira acentuada para a melhoria da moradia dos Irmãos Lassalistas e também para a transferência das instalações do Colégio do Carmo aos fundos da Igreja Matriz, como será detalhada no item 3.3.

⁴⁵ “Os deveres de um cônego eram relacionados com a oração pública, principalmente o canto diário no coro da catedral da liturgia das horas e a celebração eucarística. Os cônegos possuíam um posto de honra nas solenidades litúrgicas e procissões. Nos ofícios litúrgicos, havia reuniões regulares do Capítulo para tratar de assuntos internos. O posto de cônego tinha recompensas; a cada cônego era atribuída uma casa contígua à catedral” (FERNANDES; PIANTKOSKI, 2010, p. 33).

unicamente aulas diurnas e, portanto havia uma lacuna a ser preenchida, ou seja, a criação de aulas noturnas.

Os Irmãos Lassalistas, no mês de maio de 1915, realizaram tentativas infrutíferas para adquirirem o imóvel e o terreno adjacente, pertencentes à paróquia, ficando na contingência de permanecer no mesmo local, pagando aluguel e suportando os incômodos e as limitações que a proximidade a uma Igreja poderia acarretar para uma instituição de ensino. Porém, ainda no ano de 1915 surgiram sérios desentendimentos entre os Irmãos Lassalistas e o Pároco João Meneguzzi devido às divergências quanto ao aluguel pago pelo velho casarão.

Como esclarece Bonifácio (1988a, p. 12), “Às tentativas de adquirir o prédio seguiu-se a resposta categórica do então vigário, Padre João Meneguzzi: ‘Vocês tomaram o caminho errado! Os Fabriqueiros nunca hão de concordar. Creio que é inútil insistir’”.

Por sua vez, os Fabriqueiros⁴⁶, a princípio, concordaram com a proposta do Irmão Visitador⁴⁷ do Colégio do Carmo, porém, após algumas reuniões tumultuadas, foi descartada totalmente a venda do terreno. Este resultado foi devido à ativa e incompreensível aparição do Pároco João Meneguzzi sem ser convidado nas reuniões entre os Irmãos Lassalistas e os Fabriqueiros. Na verdade, a intenção do Pároco era que os Irmãos Lassalistas não permanecessem no local para mostrar que o poder ali era estabelecido pela Igreja Católica, representadas pelo Pároco e não pelos Irmãos Lassalistas, como esclarece Brandalise (1988).

Nessas condições e circunstâncias, a compra do prédio pelos Irmãos Lassalistas, naquele momento, passou a ser de difícil concretização. Cabe destaque que dois membros influentes do Conselho dos Fabriqueiros, José Panceri e Antônio Floriano, se dispuseram a apoiar à causa do Colégio do Carmo e estavam até decididos a pedir demissão, se o contrato não fosse assinado pelo Pároco João

⁴⁶ “Fabriqueiros (fábrica da igreja): É a pessoa jurídica não colegial a que pertencem todos os bens e direitos destinados à conservação, reparação e manutenção duma igreja e ao exercício do culto nela. O administrador da catedral é o bispo com o cabido; o da igreja paroquial é o Pároco, ajudado pelo conselho para os assuntos econômicos, entre nós também chamado comissão fabriqueira, de constituição obrigatória (CDC 537); e o de outra igreja, é o reitor. Compete-lhes administrar de acordo com a lei canônica e civil, e em particular manter em dia o inventário dos bens e prestar anualmente contas ao bispo (cf. CDC 1273-1310). O nome de comissão fabriqueira vem do Decreto nº 11.887 de 06/07/1926, que a dá como a pessoa moral reconhecida pelo Estado para gerir os bens do benefício paroquial e da fábrica da igreja paroquial, nome que tem persistido depois da Concordata de 1940” (FALCÃO, 2015, p. 1).

⁴⁷ O Irmão Visitador era o responsável pela fiscalização do andamento das obras dos Irmãos Lassalistas, no intuito de aprimorar a pedagogia lassalista adotada nas instituições criadas, sendo que as visitas ocorriam uma vez por ano ou conforme a necessidade das instituições de ensino.

Meneguzzi. Mesmo assim, o Pároco não concordou em vender o prédio aos Irmãos Lassalistas e foi renovado o contrato de locação em 1915, sendo mais uma intriga pelo poder. Para entender as relações de poder é preciso compreender que segundo Foucault (2008) é pela disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observáveis, porque é por intermédio da disciplina que são estabelecidas as relações: opressor-oprimido, mandante-mandatário, persuasivo-persuadido, e tantas quantas forem as relações que expressem o comando e os comandados.

Por sua vez, no documento de renovação do contrato de locação, datado de 06 de agosto de 1915, os representantes da paróquia foram o Pároco João Meneguzzi e; os Fabriqueiros da Igreja Matriz de comum acordo com o Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker.

No contrato de locação ficou estabelecido o aluguel do prédio existente nos fundos da Igreja Matriz e duas casas construídas no mesmo terreno. Uma das casas era a moradia dos Irmãos Lassalistas e a outra tinha sido adaptada para as salas de aula para acolher os alunos. Os Irmãos Lassalistas foram representados pelo Irmão Diretor do Colégio do Carmo. No contrato de locação foram definidas as seguintes condições de locação do prédio, destinado às instalações do Colégio do Carmo:

- a) locação do prédio aos Irmãos Lassalistas pelo prazo de nove anos e onze meses, a partir de 1º de janeiro de 1916, ao valor de setenta mil réis mensais, pagáveis no fim de cada mês vencido;
- b) a conservação e a manutenção do prédio ficaram por conta dos Irmãos Lassalistas, que ao término do contrato deveria entregá-lo nas condições que receberam o imóvel;
- c) os Irmãos Lassalistas se responsabilizariam pelas despesas da conservação e manutenção do prédio, e também pela construção quando necessário de novos prédios no imóvel alugado e por qualquer tipo de benfeitoria realizada nos terrenos alugados. Ao término do prazo estipulado no contrato, as melhorias no prédio e terrenos seriam revertidas em benefício à Igreja Matriz, e os Irmãos Lassalistas não teriam direito a qualquer indenização;
- d) a entrada para o Colégio do Carmo entre a Igreja e a Canônica, permaneceria livre também durante o prazo da renovação do contrato;
- e) ao término do contrato, se ambas as partes contratantes entendessem firmar um novo contrato, haveria a preferência dos Irmãos Lassalistas

sobre quaisquer pretendentes (Contrato de Locação de 1915, acervo da Secretaria do Colégio do Carmo).

A renovação do contrato de locação foi escrita à mão pelo Pároco João Meneguzzi, assinada pelo Irmão Diretor do Colégio do Carmo, pelos Fabriqueiros e pelo Vigário da Igreja Matriz, sendo lavrado no Livro Tombo da Paróquia Santa Teresa, nº 1, à página 33, sob o nº 6. Desse modo, a renovação do contrato de locação do Colégio do Carmo, finalmente foi assinada em 1915, no valor de 70\$000 de aluguel por mês mais os possíveis gastos com as despesas das reformas quando necessárias, a cargo dos Irmãos Lassalistas.

A única condição exigida pelo vigário Mons. Meneguzzi era de que as crianças não brincassem ou gritassem durante os períodos em que a Igreja estivesse em funções, bem como os Irmãos impedissem-nas de correrem pelo pátio da Igreja (LUCHESE, 2007, p. 229).

No entanto, em 02 de fevereiro de 1916, renovaram-se as tensões entre o Pároco João Meneguzzi e o Irmão Diretor do Colégio do Carmo. Durante uma recreação dos alunos, o Pároco foi ao referido Colégio para falar com o Irmão Diretor, e o fez na frente dos alunos, criticando as inconveniências de o pátio estar próximo à Igreja Matriz. O Pároco apresentou algumas razões e justificativas ao Irmão Diretor indicando que havia muito barulho dos alunos no pátio à época.

Em 05 de fevereiro do mesmo ano, o Irmão Diretor foi ao presbitério conversar sobre o impasse ocorrido com o Padre João Meneguzzi. À época o Irmão Diretor falou do espanto causado pelo motivo de tanta reclamação do Pároco e também sobre o comportamento dos alunos durante os recreios realizados no pátio ao lado da Igreja Matriz. Bonifácio (1988a) esclarece que a proximidade do Colégio do Carmo com a Igreja Matriz ocasionou muitas dificuldades e desentendimentos com o Pároco à época. Os alunos eram barulhentos, no momento da recreação realizada no pátio contíguo ao Colégio, o que perturbava as reuniões das confrarias religiosas na Igreja Matriz. Mesmo que os Irmãos Lassalistas solicitassem moderação no volume da 'gitaria' dos alunos não adiantava, pois eles estavam totalmente envolvidos no jogo da bandeira ou nas disputadas partidas de gude, jogos que eram muito apreciados pelas crianças da época.

Assim sendo, com a finalidade de evitar e/ou incomodar as funções religiosas na Igreja Matriz o menos possível, o Irmão Diretor do Colégio do Carmo prometeu ao Pároco realizar algumas modificações, mas apesar de tudo, o pátio de recreio

destinado aos alunos, situado atrás da Igreja Matriz, não seria suprimido, absolutamente, pois prejudicaria a realização dos intervalos das aulas.

Por sua vez, o Pároco obstinava-se em suas exigências afirmando que sairia de Caxias se tivesse que tolerar por mais tempo os alunos do Colégio do Carmo que estavam causando tantos transtornos. Finalmente, após longas discussões, o Irmão Diretor e os Irmãos Lassalistas do Colégio do Carmo reconheceram que seria preferível chegar a um acordo, e evitar um recurso junto às autoridades diocesanas, as quais estariam naturalmente do lado do Pároco. Nesta época, os Irmãos Lassalistas escreveram ao Arcebispo de Porto Alegre, uma longa carta sobre o assunto.⁴⁸ Efetivamente, em 15 de fevereiro de 1916 chegava a carta resposta da parte do Arcebispo de Porto Alegre com as seguintes palavras:

Monsenhor acaba de receber uma carta do Sr. Pároco de Caxias, na qual ele expõe os numerosos inconvenientes ocasionados pelo pátio da Escola junto à Igreja. Meu caro Irmão, peço-vos apresentar vossas razões, a fim de manter a paz tão desejada, para a edificação de todos e o bem das almas.⁴⁹

O Irmão Diretor do Colégio do Carmo comunicou de imediato ao Irmão Visitador, que leu a carta dirigida ao Monsenhor e colocou-o corrente da situação diante do clero paroquial. No entanto, o Pároco provavelmente recebeu do Arcebispo de Porto Alegre algumas normas, pois desde então nenhuma outra reclamação referente ao pátio foi acionada. Mesmo assim, o Irmão Diretor resolveu modificar o recreio dos alunos no pátio, apesar da insatisfação de muitos, suprimindo o recreio da manhã antes da aula e, também, foram suprimidos os jogos ruidosos neste mesmo pátio às primeiras sextas-feiras do mês. Além disso, a fim de diminuir o barulho nos recreios durante a realização dos ensaios do coro, o Irmão Diretor e os Irmãos Lassalistas organizaram outro pátio no outro lado da rua, cujas despesas ficaram por conta do Colégio do Carmo, sendo que tal medida foi tomada pelo Irmão Diretor bem antes do incidente mencionado acima. Em paralelo aos acontecimentos históricos do Colégio do Carmo, ainda no ano de 1916, chegaram a Caxias, as famílias metodistas (protestantes), provenientes de São Sebastião do Caí e de Montenegro. Assim, a vinda de famílias metodistas e de um pastor para fundar um

⁴⁸ Não foi encontrada a referida carta no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, tendo sido reproduzida da obra de Brandalise (1988) e transcrita pela pesquisadora.

⁴⁹ Transcrição de *Historique de La Communauté Caxias*, cuja tradução foi realizada pelo Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012.

colégio passou a preocupar o Pároco João Meneguzzi, o que fez com que ele recorresse solicitando auxílio ao Arcebispo de Porto Alegre.

Para Brandalise (1988, p. 25), “[...] os metodistas, como as demais denominações protestantes, eram tidos como inimigos dos católicos. Isto devido à Reforma Protestante. Evitavam-se contatos entre católicos, metodistas ou protestantes”. O documento apresentado na Figura 13 refere-se a uma carta que foi escrita em 14 de setembro de 1916, pelo Pároco João Meneguzzi para o Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, Dom João Becker.

Figura 13 – Carta do Padre João Meneguzzi ao Arcebispo Metropolitano

*“Caxias, 14 de setembro de 1916
 Excellmo. e Revmo. Sr. Dom João Becker
 D.D. Arcebispo Metropolitano
 Louvado seja N. S. Jesus Cristo!
 Uma notícia bem desagradável venho comunicar a V^a Excia. Revma., e é que hontem chegou a esta cidade um pastor protestante e hoje andou em procura de uma casa onde fixar residência e fazer propaganda.
 Domingo próximo avisarei em todas as Missas os meus parochianos que hajam de precaver-se contra esse perigo.
 Eu tenho aqui preparado um boletim que tencionava mandar imprimir e espalhar na cidade amanhã para precaver os católicos contra esse pastor, mas lembrei-me que e necessária a licença de V^a Excia. e que provavelmente esse boletim occasione uma resposta por parte do pastor, e talvez uma polémica.
 Com a graça de Deus eu estou prompto a tudo sofrer, contanto que defenda a nossa Santa Religião, mas necessito instruções por parte de V^a Excellencia, sobre o assumpto, isto é: si deverei espalhar o boletim, e, caso elle (o pastor) responda, se deverei expôr em boletins a falsidade do Protestantismo, ou se deverei limitar-me a demonstrá-la do púlpito.
 Confio em Deus que defenderá este bom povo das garras de nossos inimigos, e para este fim faremos preces públicas.
 Beijando reverente o Vosso sagrado anel, com os sentimentos da mais alta estima e consideração declaro-me
 De V^a Excia. Revma. Cro. atto. obrmo.
 Pe. João Meneguzzi.” (Arquivo do Bispado)*

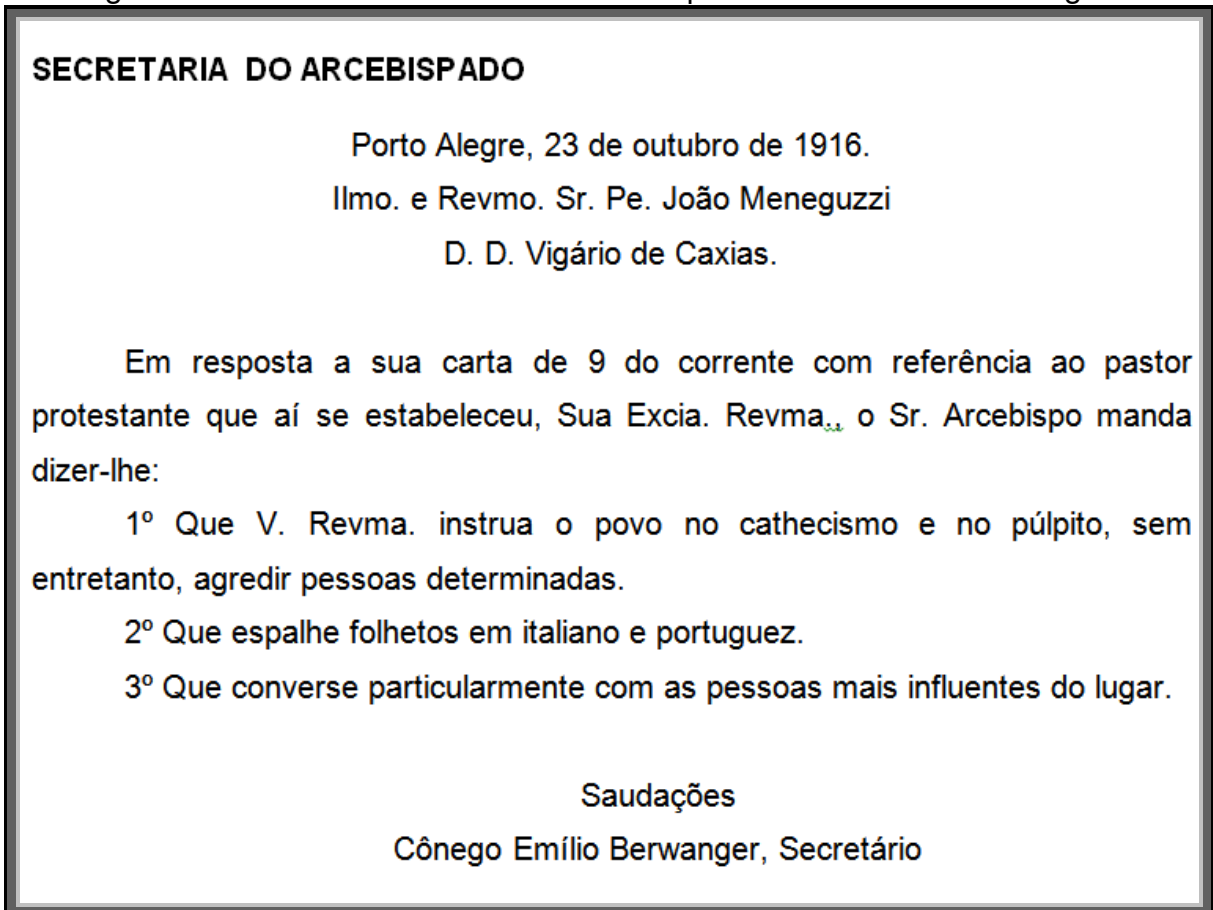
Fonte: Brandalise (1988, p. 26)

O que despertou a atenção na carta apresentada na Figura 13 foi a preocupação do Pároco João Meneguzzi, em função da chegada dos metodistas a Caxias, os quais tinham a intenção de organizar uma instituição escolar. Para tanto, o Pároco solicitou ao Arcebispo de Porto Alegre, quais as providências que deveriam ser tomadas pela Igreja Católica. Por sua vez, o Pároco já havia redigido um boletim

para distribuir aos caxienses católicos, com a finalidade de prevenção e/ou oposição aos metodistas.

Verifica-se também na carta da Figura 13, a preocupação eminente do Pároco João Meneguzzi em manter a supremacia da Igreja Católica, no intuito de inibir a chegada de outras religiões na cidade de Caxias e, também, a possibilidade da perda do poder sobre a comunidade caxiense. Tal comando remete à citação de Foucault (1987, p. 163) “[...] corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde-se torna hábil ou cujas forças se multiplicam”. Por sua vez, o Secretário do Arcebispo, o Cônego Emílio Berwanger, em 23 de outubro de 1916, endereçou uma carta ao Padre João Meneguzzi, que está transcrita na Figura 14.

Figura 14 – Carta da Secretaria do Arcebispado ao Padre João Meneguzzi



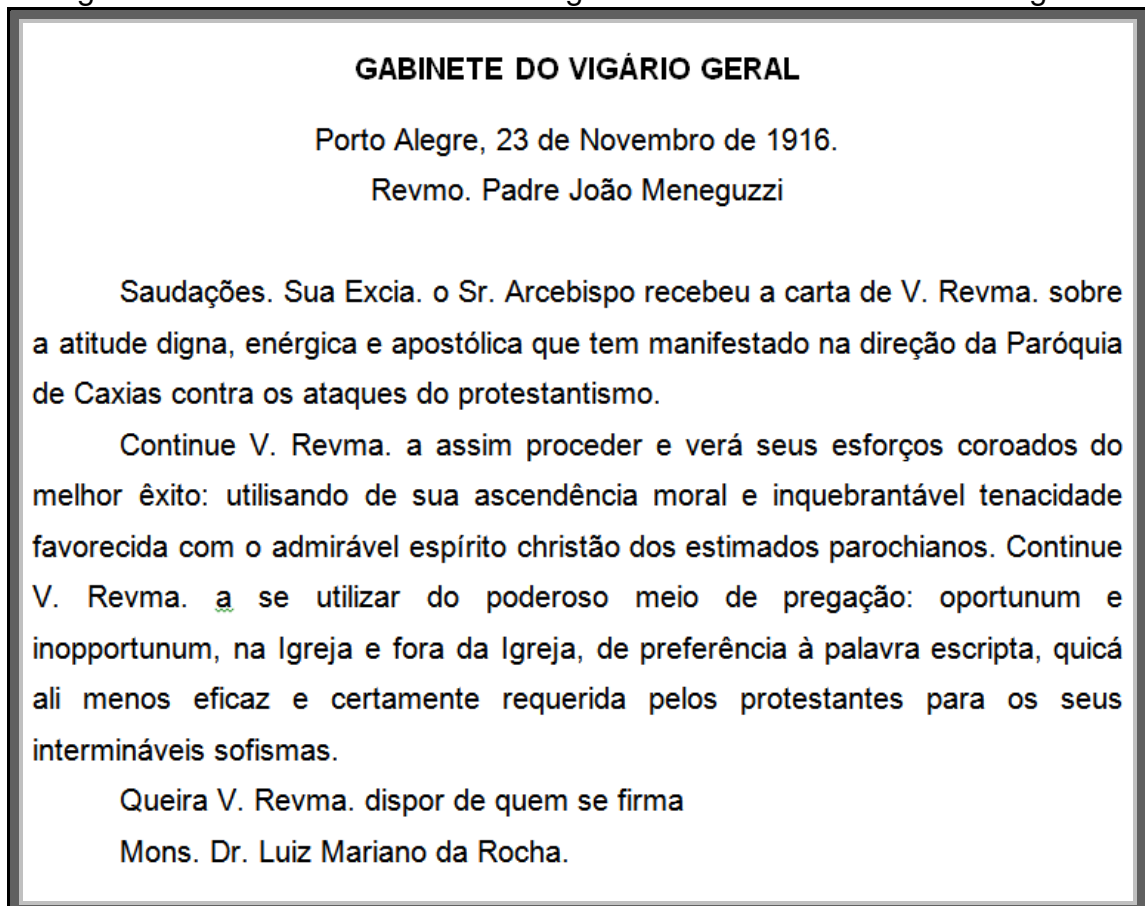
Fonte: Brandalise (1988, p. 26)

Como se observa na Figura 14, a carta apresentava as instruções da Secretaria do Arcebispado de Porto Alegre, por intermédio do Secretário Cônego Emílio Berwanger, representando o Arcebispo Metropolitano, Dom João Becker, ao Pároco de Caxias, a respeito do estabelecimento na referida cidade, de um pastor

metodista. A carta apresentada na Figura 14 deixa clara a solicitação do Arcebispo de Porto Alegre para que o Pároco da Igreja Matriz passasse a instruir a população caxiense por intermédio do catecismo e do púlpito⁵⁰ sobre a chegada dos metodistas.

Aconselhou que o pronunciamento deveria ser realizado sem agressões a determinadas pessoas; e deveriam ser entregues alguns folhetos nos idiomas italiano e português à população em geral; e também que fossem realizadas conversas particulares com as pessoas mais influentes da cidade. No mês de novembro de 1916, foi endereçada uma carta do Arcebispo de Porto Alegre ao Pároco de Caxias, como transcrita na Figura 15. Pode-se verificar no documento apresentado na Figura 15, o texto da carta que se refere aos elogios e o apoio do Vigário Geral da Arquidiocese de Porto Alegre ao Pároco João Meneguzzi, em sua ação contra os ataques do protestantismo em Caxias.

Figura 15 – Carta do Gabinete do Vigário Geral ao Padre João Meneguzzi



Fonte: Brandalise (1988, p. 28)

⁵⁰ “O púlpito era usado não só para as pregações religiosas, mas era também o único meio que as autoridades tanto religiosas quanto civis tinham para se comunicar com a população” (MACHADO, 2001, p. 166).

A referida carta foi assinada pelo Monsenhor Dr. Luiz Marino da Rocha, no entanto mesmo com tais providências não foi possível inibir a criação do Colégio Metodista em Caxias. Por sua vez, no ano de 1917, mais uma vez houve atritos entre o Pároco e os Irmãos Lassalistas. Desta vez foi devido à criação do primeiro batalhão escolar, cujos ensaios que eram realizados nas terças, quintas e sextas-feiras no pátio do Colégio do Carmo, e faziam um barulho considerado ‘ensurdecador’ pelo Pároco. O que suscitou, portanto novos desentendimentos entre o Pároco e os Irmãos Lassalistas.

Os atritos entre o Pároco e os Irmãos Lassalistas não pararam por aí. No ano de 1919 foi organizada uma comissão formada pelos senhores Abramo Eberle, Adelino Sassi, Mansueto Pezzi e José Soares de Oliveira e o secretário Henrique Lorenzoni, com a finalidade de fundar um colégio em Caxias, com externato e internato, no mesmo local onde se encontravam as instalações do Colégio do Carmo. Assim sendo, foi enviada uma carta ao Arcebispo de Porto Alegre, conforme o documento apresentado na Figura 16⁵¹.

Além disso, o Irmão Diretor do Colégio do Carmo tinha recusado a proposta da referida comissão em criar um colégio com internato e externato, explicado pelo fato do número restrito de Irmãos Lassalistas que residiam em Caxias à época.

O documento mostrado na Figura 16 foi escrito em 17 de julho de 1919, pelo secretário da comissão, Henrique Lorenzoni. No documento, a comissão encarregada da fundação de um colégio com externato e internato, em Caxias, autorizava o Intendente Municipal – Coronel José Penna de Moraes⁵² –, bem como Miguel Muratore, José D’Arrigo, João Pillar Guerreiro e o Pároco João Meneguzzi, a viajarem a Porto Alegre. O objetivo da viagem era a solicitação da licença do Arcebispo Dom João Becker, para promover a vinda dos padres salesianos a Caxias, tendo como finalidade a criação e a direção de um colégio com externato e internato.

⁵¹ Cabe destaque, que o documento apresentado na Figura 16 é considerado a primeira carta que foi datilografada enviada de Caxias ao Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, sob a responsabilidade do secretário da comissão, Henrique Lorenzoni (BRANDALISE, 1988).

⁵² “Em 1912, assumiu a Intendência de Caxias o Cel. José Penna de Moraes eleito para o quadriênio 1912-1916. Foi reeleito posteriormente para os períodos de 1916-1920 e 1920-1924” (MACHADO, 2001, p. 198).

Figura 16 – Carta da Comissão ao Arcebispado de Porto Alegre

Excmo. e Revmo. Sr. D. João Becker

Exmo. e Rev^{mo}. Sr. D. João Becker + f
DD. Arcebispo Metropolitano

PORTO ALEGRE

A comissão encarregada da criação de um Collegio internato e xternato nesta cidade, abaixo assignada, auctorisa aos Srs. Cel. José Penna de Moraes, P. D. João Keneguzzo, Miguel Muratori, João Pillar Guerreiro e José D'Arrigo, para intervir junto aos poderes de V. Excia., afim de conseguirem de Vossa Reverendissima a licença necessaria para virem a Caxias os Reverendos Padres SALESIANOS para a direcção do Collegio prestes a ser erigido, em vista dos Irmãos das Escolas Christãs aqui residentes terem recusado a proposta-

CORDEAES SAUDAÇÕES

A. Comissão

Antonio de Paula
Salvador Sarré
Mansueto Fozzi
José Soares de Oliveira

Caxias, 17 de Julho de 1919.

Henrique Lourenço
Secretario da Comissão

A carta de intervenção endereçada pelo Irmão Visitador do Colégio do Carmo ao Arcebispo de Porto Alegre, datada de 06 de agosto de 1919, encontra-se no **Anexo B**. O que despertou a atenção no documento foi que o Irmão Visitador estava preocupado com a chegada dos padres salesianos que pretendiam fundar um estabelecimento de ensino secundário com internato a pedido do Pároco de Caxias e comissão promotora. A preocupação maior do Irmão Visitador era em relação à quais as instruções deveriam ser repassadas aos Irmãos Lassalistas e como funcionaria o Colégio do Carmo, a partir desse intento, pois tal escola seria fundada no mesmo local de funcionamento do referido Colégio.

Como indicado no referido documento, o Irmão Visitador do Colégio do Carmo, entendia que a motivação da vinda dos padres salesianos a Caxias pretendida pelo Pároco da Igreja Matriz e comissão promotora, se fundamentava não somente pela necessidade de criação de um novo colégio, mas também devido à antipatia criada pelo Pároco de Caxias em relação aos Irmãos Lassalistas. Conforme escrito pelo Irmão Visitador ao Arcebispo de Porto Alegre havia uma animosidade do Pároco de Caxias em relação aos Irmãos Lassalistas, originada devido à submissão às ordens paroquianas.

A paróquia de Caxias solicitou aos Irmãos Lassalistas para ministrarem o ensino do catecismo, não em língua portuguesa, mas sim, no idioma italiano, o qual era o idioma de preferência do Pároco de Caxias. Desse modo, na concepção do Pároco de Caxias a situação seria resolvida com a chegada dos padres salesianos⁵³, pois falavam o idioma italiano.

Na segunda carta endereçada ao Arcebispo de Porto Alegre em 1919, que se encontra no **Anexo C**, o que despertou a atenção foi a preocupação do Irmão Diretor do Colégio do Carmo com a chegada dos padres salesianos, pois faltavam recursos financeiros para a edificação e a manutenção de uma instituição de ensino secundário com internato. Além disso, o Irmão Diretor informou ao Arcebispo de Porto Alegre que para os Irmãos Lassalistas assumirem a direção era preciso o pagamento de encargos, residência conveniada e, também, o pagamento de salários aos empregados que teriam que trabalhar no local, como, por exemplo, o cozinheiro para atender os alunos do internato.

⁵³ Cabe destacar a necessidade do desenvolvimento de um estudo que detalhe o porquê da preferência do Pároco João Meneguzzi pela vinda dos padres salesianos e que tipo de educação eles desenvolviam.

A referida carta também mencionava que além da fundação de uma escola com internato, os padres salesianos criariam um externato em área central de Caxias, mostrando, portanto a preocupação com a possível falta de meios de subsistência para tal escopo. O Irmão Diretor questionou também como o Pároco da Igreja Matriz iria obter os recursos necessários. Além disso, tal situação obrigaria também os Irmãos Lassalistas a deixarem o local, sendo que já haviam realizado melhorias nas instalações e o contrato de locação firmado com a paróquia de Caxias, ainda não havia expirado à época.

No dia 23 de outubro de 1919, o Arcebispo Dom João Becker recebeu a resposta dos padres salesianos, cujo documento encontra-se no **Anexo D**. O que despertou a atenção foi a informação de que os padres salesianos não poderiam realizar a instalação de um colégio, em Caxias, devido ao período de guerras que estava em andamento na Europa. À época os padres salesianos estavam em serviço militar e, também muitos haviam perdido a vida na referida guerra.

Como se observa Caxias necessitava de melhorias e ampliação no ensino, e também não havia uma estrutura adequada para comportar a demanda de alunos, bem como poucos professores italianos que pudessem satisfazer as vontades do Pároco de Caxias, mas o trabalho educativo dos Irmãos Lassalistas prosseguiu e estava destinado a atender a demanda de alunos à época.

No entanto, as tensões se seguiam entre o Pároco e os Irmãos Lassalistas, pois no mês de outubro de 1919, o Pároco de Caxias resolveu se apossar de um terreno situado junto à cozinha que fora cedido ao Colégio do Carmo pelo Monsenhor Ângelo Donato. Além disso, em 15 de novembro do mesmo ano, sem aviso prévio, e indo de encontro ao contrato de locação firmado com os Irmãos Lassalistas, a passagem entre o presbitério e a Igreja Matriz foi fechada pelo Pároco, causando, portanto novos impasses entre o Pároco e os Irmãos Lassalistas do Colégio do Carmo, dificultando a circulação dos alunos e dos Irmãos Lassalistas.

Assim, o Irmão Visitador, no final do ano, delegou dois Irmãos Lassalistas para Porto Alegre, em contato com Monsenhor Dr. Luiz Mariano da Rocha, Vigário Geral, no intuito de reivindicar os direitos de passagem aos Irmãos Lassalistas entre o presbitério e a paróquia que havia sido fechada pelo Pároco João Meneguzzi. Por sua vez, os superiores eclesiásticos encontraram sérias dificuldades para restabelecer a passagem que dava direito de controle. Assim, para finalizar o impasse, os Irmãos Lassalistas optaram pela passagem situada ao lado da Torre da

Igreja. Novamente, observa-se a antipatia e as implicâncias do Pároco de Caxias aos Irmãos Lassalistas, que fazia de tudo para criar conflitos, desconsiderando até mesmo o que tinha sido acordado mediante contrato de locação. No entanto, foi no mês de dezembro de 1919, a partir da negação da vinda da Congregação Salesiana a Caxias, que o Arcebispo Dom João Becker enviou uma carta ao Padre João Meneguzzi. O documento encontra-se no **Anexo E**, datado de 1º de dezembro de 1919, referente à ampliação do Colégio do Carmo.

Acompanhada à referida carta, o Arcebispo Dom João Becker enviou ao Padre João Meneguzzi, uma cópia da carta de resposta recebida dos Padres Salesianos (**Anexo D**), solicitando que fosse apresentada à comissão que pretendia fundar o colégio com os padres salesianos. Em função do pedido negado da Congregação Salesiana, o referido Arcebispo demonstrou o interesse pela ampliação do Colégio do Carmo dos Irmãos Lassalistas em Caxias. Mesmo que tal projeto estivesse a contragosto do Pároco João Meneguzzi, ele deveria solicitar o apoio da comissão promotora já estruturada, pois teria o auxílio do Arcebispado de Porto Alegre. Assim, são dados os primeiros passos para o projeto de ampliação do Colégio do Carmo, premiando o trabalho dos Irmãos Lassalistas em Caxias.

No ano de 1920, novamente as tensões se faziam presentes entre o Pároco de Caxias e os Irmãos Lassalistas, pois, como esclarece Brandalise (1988), o Pároco João Meneguzzi estava intrigado com o barulho que os alunos do Colégio do Carmo faziam quando passavam entre a Torre da Igreja Matriz e a residência paroquial. Conforme o Pároco, os alunos faziam muita algazarra perturbando as funções religiosas que se realizavam na paróquia. A alternativa do Pároco João Meneguzzi foi enviar uma carta ao Vigário Geral do Arcebispado, de Porto Alegre, em 18 de abril de 1920, queixando-se dos Irmãos Lassalistas, insistindo na criação de um internato nem que fosse de qualquer Congregação. A referida carta encontra-se no **Anexo F**, cujo documento foi registrado pelo Pároco João Meneguzzi, no Livro Tombo nº 1, em sua página 51.

Na primeira parte do documento, o Pároco João Meneguzzi manifestou seus descontentamentos a respeito da circulação dos alunos entre o Colégio do Carmo e a paróquia. Além disso, o referido Pároco voltou a insistir na criação de um internato, nem que fosse organizado pelos Irmãos Lassalistas mesmo que a contragosto, ou fundado pelos Irmãos Maristas, pela Companhia de Jesus ou até mesmo por professores caxienses. O importante à época era banir os metodistas e/ou

protestantes que tinham projetos de fundar um colégio em Caxias, no entanto, mesmo que houvesse restrições os metodistas criaram uma escola.

Cabe destacar que, para concorrer com o Colégio do Carmo em Caxias, o Pároco João Meneguzzi insistiu na necessidade de serem criadas mais escolas para Caxias, promovendo, então, as escolas paroquiais. No mês de novembro de 1920, o Pároco João Meneguzzi solicitou autorização ao Arcebispado de Porto Alegre para abrir uma escola no térreo da Casa Paroquial que funcionaria na parte da manhã para os meninos e à tarde para as meninas. Em 13 de novembro daquele ano, o Vigário Geral da Arquidiocese de Porto Alegre autorizou o funcionamento da escola paroquial, cuja inauguração ocorreu em 19 de fevereiro de 1921, de forma solene, no salão térreo da Casa Canônica, localizada na Rua Sinimbu, nº 1.756.

Segundo Brandalise (1988), o Pároco João Meneguzzi no período de 1921 a 1934 implantou um total de sete escolas paroquiais, as quais permanecerem em funcionamento até o ano de 1934, quando foram fechadas devido à falta de recursos financeiros e humanos, como mencionado no Capítulo 2.

Brandalise (1988) adiciona que no meio de tantos impasses, um Coadjutor da Paróquia, o Padre Josué Bardin⁵⁴, enviou uma carta ao Arcebispo de Porto Alegre, fazendo algumas restrições em relação aos Irmãos Lassalistas, assim como o fizera o Pároco João Meneguzzi, conforme documento mostrado na Figura 17⁵⁵. No documento fica evidente o impasse da paróquia de Caxias com a forma de atuação dos Irmãos Lassalistas, em que o Padre Josué Bardin fez críticas duras e comparações, indicando também que os padres salesianos eram mais úteis em Caxias do que os Irmãos Lassalistas.

O documento mostra, ainda, que o Coadjutor aproveitou a carta para demonstrar a necessidade de entrar em contato, novamente, com os padres salesianos para a fundação de um colégio com internato em Caxias e, também, sugeriu a transferência do Pároco João Meneguzzi. Observa-se no documento também, um importante jogo de interesses e de poder entre os integrantes da Igreja Católica.

⁵⁴ “Cônego Josué Bardin, conhecido como o “Apóstolo dos Poloneses”, pronunciou-se a favor dos salesianos, no tocante ao ensino, porquanto, estes, segundo ele, continuavam prestando assistências aos ex-alunos, enquanto que os lassalistas não o faziam. [...] O Padre Josué foi o primeiro imigrante a ordenar-se sacerdote, no Rio Grande do Sul, entre os pioneiros em 1875” (BRANDALISE, 1988, p. 35).

⁵⁵ O documento original da carta enviada pelo Coadjutor Josué Bardin ao Arcebispo de Porto Alegre se encontra nos Arquivos do Bispado.

Figura 17 – Carta do Coadjutor ao Arcebispo de Porto Alegre

“Exmo. e Revmo. Senhor Arcebispo

Hoje um pai de família digno de fé contou-me que este Revo. Vigário, há alguns annos, disse-lhe que os Salesianos estorvam a Parochia.

Eu sei que o Superior Geral dos Salesianos tem intenção de fundar um Collegio aqui.

Mas hoje mesmo o Vigário contou a nos Coadjutores que propoz ao Superior dos Irmãos das Escolas Christãs de fundar um Internato e aquele aceitou.

Ora em onze annos, que elles estão aqui, quasi nenhum dos alumnos delles frequenta a Igreja e os Sacramentos, e isto certo porque depois dos annos escolasticos os Irmãos abandonam os jovens alumnos; portanto eu julgo que elles são menos uteis que os Salesianos. Os quaes, como V. Excellencia sabe, cuidam também dos ex-alumnos.

Julgo util comunicar esta noticia a V. E. Revma., porque os Salesianos seriam muito mais necessarios que elles Irmãos.

Ainda que os Salesianos tomassem conta desta Parochia, é melhor que aconteça assim do que ‘tota gens pereat’. No caso V. Excia. de certo terá outra bôa Freguesia para o Pe. Jo. Meneguzzi.

E me confirmo

De V. Excia. Revma.

Pe. Josué Bardin

Caxias, a 7 de julho de 1921.”

Fonte: Brandalise (1988, p. 34)

Desse modo, as relações e as tensões até aqui narradas, que ocorreram ao longo do período compreendido entre os anos de 1911 a 1920, entre os Irmãos Lassalistas com a paróquia de Caxias, em especial, com o Pároco João Meneguzzi, diminuíram em 1921, de tal maneira que o ano escolar do Colégio do Carmo decorreu de maneira tranquila.⁵⁶

Contudo para a Igreja Católica, o ano de 1921, não apresentou muita quietude, pois foi implantado um Colégio Espírita em Caxias, gerando mais uma preocupação ao Cônego João Meneguzzi⁵⁷ que solicitou ao Arcebispado de Porto Alegre, por meio de uma carta, a autorização para um dos padres lecionar o latim no ‘Instituto Caxias’, duas vezes por semana e naturalmente as aulas de catequese, no

⁵⁶ Transcrição de *Historique de La Communauté Caxias*, cuja tradução foi realizada pelo Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012.

⁵⁷ Lembrando que o Padre João Meneguzzi recebeu o título honorífico de Cônego no ano de 1921.

intuito de concretizar no momento, uma resistência à Congregação Espírita que abrisse um colégio na cidade e aos metodistas que estavam, prestes a construir um segundo colégio em Caxias. A autorização da criação do 'Instituto Caxias' foi dada pelo Arcebispado de Porto Alegre, em janeiro de 1922, com a condição de ensinar a doutrina cristã e sem prejuízo ao serviço paroquial. O 'Instituto Caxias' além de oferecer latim e religião também disponibilizou as disciplinas de matemática e história universal, sob o comando dos padres da paróquia (BRANDALISE, 1988).

No dia 03 do mês de fevereiro de 1922, o Cônego João Meneguzzi e seus vigários assistiram ao início das aulas do 'Instituto de Caxias', que havia sido fundado contra a vontade dos Irmãos Lassalistas, reiniciando as tensões com a paróquia. Era um instituto neutro e misto (meninos e meninas), mas que prejudicou o recrutamento de novos alunos pelos Irmãos Lassalistas, porém o 'Instituto Caxias' foi fechado em julho de 1922, e os alunos foram transferidos para o Colégio do Carmo.

Ainda no ano de 1922, o Cônego João Meneguzzi demonstrou interesse pela desocupação da área que estava alugada ao Colégio do Carmo e que, para tal, os Irmãos Lassalistas construíssem um grande Colégio em outro local. Assim, o Cônego entraria com a ideia e os planos, e os Irmãos Lassalistas, com os recursos financeiros e humanos, porém tal projeto não vingou, pois à época não havia recursos financeiros e humanos para tal empreendimento. No mesmo ano, o Cônego solicitou que fosse criada uma escola noturna no salão paroquial e que o Colégio do Carmo deveria ceder uma sala para a escola paroquial. Tal acontecimento fez com que o Irmão Diretor do Colégio do Carmo visitasse a paróquia para conversar com o Cônego João Meneguzzi, o que desencadeou novos impasses entre ambos.

O Cônego João Meneguzzi fazia questão à época que os Irmãos Lassalistas saíssem de Caxias, ficando transparente na insistência da criação de um colégio dirigido por padres salesianos, devido à sua origem italiana como já mencionado anteriormente.

Em função das diversas intrigas havidas, o Irmão Diretor do Colégio do Carmo enviou uma correspondência ao Irmão Visitador residente em Canoas, à época o Irmão Fabiano, que era o Irmão Superior, que de imediato entrou em contato com o Arcebispo de Porto Alegre, enviando uma carta, datada de 23 de janeiro de 1922, informando o que estava ocorrendo em Caxias. O referido documento encontra-se no **Anexo G**. No documento, consta que os Irmãos Lassalistas não eram bem aceitos em Caxias pelo Cônego João Meneguzzi. Assim,

o conteúdo da carta mostra a situação entre os Irmãos Lassalistas e o Cônego João Meneguzzi. O referido Cônego obrigava os Irmãos Lassalistas a deixarem o local onde ocupavam, para estabelecer-se em outro lugar e até mesmo foi sugerido fora de Caxias, oferecendo várias propostas para que isso ocorresse.

Dentre os principais impasses estavam: as aulas de catecismo que ficaram sob a responsabilidade da paróquia e não dos Irmãos Lassalistas (devido ao idioma); a renovação do contrato de locação com as despesas das reformas e manutenções por conta dos Irmãos Lassalistas; e o fechamento da passagem entre o Colégio do Carmo e a paróquia pelo Cônego, dentre outras tensões mencionadas anteriormente.

Em 29 de janeiro de 1923, em consequência das chuvas e terra encharcada, o muro do jardim da paróquia caiu danificando a porta do corredor que ficava entre a Igreja Matriz e o Colégio do Carmo. Assim, o Cônego João Meneguzzi providenciou a reconstrução do muro e aumentou a altura em 50 cm, porém uma nova ameaça de queda do referido muro obrigou o Cônego a reforçá-lo, com a colocação de tirantes de ferro. Verificando-se novamente os atritos entre o Cônego e os Irmãos Lassalistas, a partir do momento que o muro que os separava foi erguido ainda mais. A atitude identificava que o poder da Igreja Católica era impulsionado pelo Cônego João Meneguzzi, portanto deixando claro, quem ditava as ordens na comunidade caxiense à época.

Por sua vez, o documento datado de 31 de março de 1925, que se encontra no **Anexo H**, apresenta uma carta que foi enviada pelo Cônego João Meneguzzi ao Vigário Geral de Porto Alegre, Dr. Luiz Mariano da Rocha. O documento é a solicitação de uma licença para passar à Mitra, a aquisição de um terreno para a construção de um colégio com internato e externato, no valor de cinquenta contos de réis, com localização à Rua Andrade Pinto, na frente do atual endereço do Colégio do Carmo, sendo pagos com o dinheiro que seria arrecado com a população caxiense para tal fim, ressurgindo novas tensões entre a paróquia e os Irmãos Lassalistas. O que representou para os Irmãos Lassalistas uma afronta, pois a intenção do Cônego era a construção de uma escola justamente na frente do Colégio do Carmo.

O Cônego João Meneguzzi informou que devido à resposta proferida pelo Vigário Geral, em que o futuro colégio deveria pertencer à Mitra, os Irmãos Lassalistas se desinteressaram e consideraram a causa perdida para o projeto de

ampliação do Colégio do Carmo. Desse modo, foi abordado na carta sobre a realização de uma reunião entre os Fabriqueiros da Igreja Matriz e o referido Cônego para assumirem o projeto do colégio, pois havia a necessidade de sua construção para atender a demanda de alunos, bem como para combater os metodistas e a Congregação Espírita e, também, para manter a palavra diante das famílias caxienses que haviam oferecido a venda dos terrenos à comissão.

Na carta ficou identificado também que o dinheiro para a compra do terreno seria arrecadado por meio do comércio de Caxias, como previsto no projeto aprovado pelo Vigário Geral, independentemente do consentimento dos Irmãos Lassalistas, e quando estivesse pronto o prédio seria alugado aos referidos Irmãos ou para outros religiosos que fossem indicados pela Cúria Diocesana.

No dia 06 de abril de 1925, o Irmão Maurício, diretor do Colégio do Carmo escreveu uma carta ao Vigário Geral de Porto Alegre, Dr. Luiz Mariano da Rocha, cujo documento encontra-se no **Anexo I**. O documento referia-se à solicitação do Irmão Maurício, Diretor do Colégio do Carmo para o agendamento de uma audiência com o Vigário Geral de Porto Alegre, para tratar a questão relativa à ampliação do Colégio. A carta foi escrita pelo Irmão Maurício utilizando papel almaço, contendo os carimbos do Colégio do Carmo e da Secretaria do Arcebispado de Porto Alegre.

No mesmo documento constava a resposta da Secretaria do Arcebispado de Porto Alegre, datada de 08 de abril de 1925, informando que a Cúria Arquidiocesana estava em férias na tarde de quarta-feira de 'Trevas' à terça-feira da Páscoa (em 14 de abril). Após o término das férias continuariam as audiências diárias nos horários das 10h30min às 12h e das 14h30min às 16h, como indicado pelo Cônego José Barea, Secretário do Gabinete do Arcebispado de Porto Alegre. Verificou-se no documento, portanto que, o Irmão Diretor do Colégio do Carmo, não obteve sucesso no envio da carta, pois não conseguiu o agendamento com o Vigário Geral de Porto Alegre para sanar as suas dúvidas e obter o respaldo para a ampliação do Colégio.

No dia 24 de abril de 1925, o Irmão Diretor do Colégio do Carmo escreveu uma segunda carta ao Vigário Geral de Porto Alegre, se desculpando por ter sido a causa, mesmo que involuntária, pelo atraso ao despacho dos estatutos remetidos, referentes à construção do colégio em Caxias. No documento ficou evidente a cordialidade que o Irmão Maurício procurava manter com o Arcebispado de Porto Alegre, pois deveria haver um equilíbrio entre as relações para que o projeto do Colégio do Carmo fosse concretizado com o apoio da Igreja Católica. Salienta-se

também que a carta foi escrita à mão pelo Irmão Diretor, o Irmão Maurício, em papel almaço, cujo documento encontra-se no **Anexo J**.

Em 17 de julho de 1925 foi enviada uma carta ao Irmão Superior escrita pelos Fabriqueiros e por dois padres pertencentes à Igreja Matriz de Caxias, e assinada por João Paternoster, Carlos Fedrizzi, João Mocelin, José Frezza e os padres Edmundo Rambo e Orestes Valletta. O documento que se encontra no **Anexo K**, abordava sobre o Colégio do Carmo, dirigido pelos Irmãos Lassalistas, evidenciando que havia impasses entre o Irmão Visitador à época que por sua vez, havia solicitado a remoção do Vigário da paróquia. Diante disso, os padres coadjuutores da paróquia expuseram a questão à Cúria Arquidiocesana no intuito de desfazer as intrigas em defesa ao Vigário quando o fato ocorreu.

No entanto, as tensões se acirravam ainda mais entre a paróquia e os Irmãos Lassalistas, pois os padres e os Fabriqueiros resolveram por meio da carta, protestar contra os Irmãos Lassalistas. Desta vez declarando que o Colégio do Carmo tinha sido construído apenas com recursos da paróquia, portanto sem nenhuma ajuda de custo dos Irmãos Lassalistas. O contrato de locação previa que os custos com a conservação e a manutenção do prédio, ficariam por conta dos inquilinos, mas no encerramento do contrato seriam benfeitorias pertencentes à Igreja Matriz.

Ainda na carta foi exposto sob o protesto dos padres e Fabriqueiros, que a Congregação Lassalista havia apenas enviado uma soma de doze contos de réis para o pagamento do aluguel à Igreja Matriz. Além disso, seguiram-se outros protestos: falta de respeito ao Vigário da parte do Irmão Provincial; desrespeito público ao Vigário da parte dos Irmãos Lassalistas; e contra a predeterminação da licença respectiva da Cúria Arquidiocesana simultaneamente com a do Vigário, conforme Direito Canônico nº 691 e Pastoral Coletiva nº 1.180, que se referia ao recolhimento de esmolas para qualquer fim pio.

Desse modo, em função dos protestos auferidos pelos padres e Fabriqueiros da Igreja Matriz, entendendo que os Irmãos Lassalistas quisessem se apossar do Colégio que pertencia à Igreja, os mesmos resolveram em comum acordo não mais alugar o prédio pertencente à Igreja Matriz ao Colégio do Carmo. Assim, foi dado um prazo de quinze dias aos Irmãos Lassalistas, para que o Reverendo Irmão Superior manifestasse a sua resposta.⁵⁸ No entanto, mesmo com todas as tensões e

⁵⁸ Salienta-se que não foi encontrada no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, a resposta do Reverendo Irmão Superior.

protestos dos Fabriqueiros, padres e Cônego João Meneguzzi, foi decidido pela renovação do contrato de locação aos Irmãos Lassalistas.

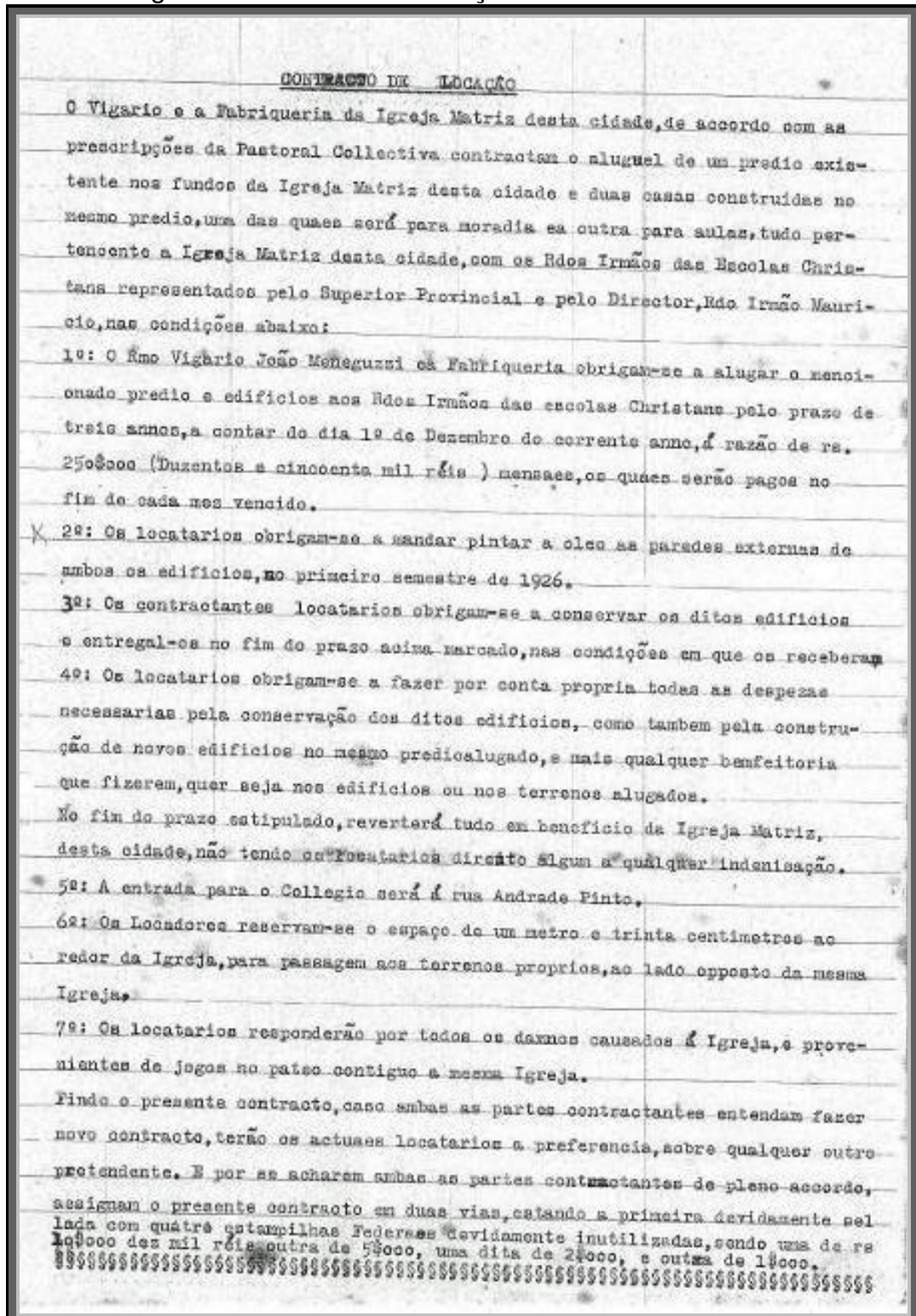
A renovação do contrato de locação foi realizada em dezembro de 1925, como mostra a Figura 18, sendo que os representantes da Igreja Matriz de Caxias eram o Cônego João Meneguzzi e os Fabriqueiros, conforme as prescrições da Pastoral Coletiva. Foi decidido no contrato de locação o aluguel do prédio existente nos fundos da Igreja Matriz com os Irmãos Lassalistas, sendo representados pelo Superior Provincial e pelo Irmão Diretor do Colégio do Carmo. Cabe mencionar que no local havia duas casas construídas no mesmo terreno, definindo uma para a moradia dos Irmãos Lassalistas e a outra para as instalações das salas de aula. A renovação do contrato de locação apresentava as seguintes cláusulas:

- a) aluguel do prédio e edifícios pelo prazo de três anos, iniciando em 01 de dezembro de 1925;
- b) valor da locação de 250\$000 (duzentos e cinquenta mil réis) por mês, com o pagamento no fim de cada mês;
- c) pintura a óleo nas paredes externas de ambos os edifícios, no primeiro semestre de 1926, ficou por conta dos Irmão Lassalistas, bem como as despesas para a conservação do prédio e edifícios e a construção de novos prédios e as benfeitorias realizadas, que ao final do período de aluguel todos os benefícios desenvolvidos seriam revertidos à Igreja Matriz, sem direito a qualquer tipo de indenização;
- d) a entrada para o Colégio do Carmo foi acordado que seria pela Rua Andrade Pinto;
- e) a paróquia reservou um espaço de um metro e trinta centímetros ao redor da Igreja Matriz para a passagem aos terrenos próprios, ao lado oposto da mesma;
- f) os danos que fossem causados à paróquia provenientes de jogos realizados pelos alunos no pátio e/ou recreações seriam de responsabilidade dos Irmãos Lassalistas;
- g) ao findar o prazo do contrato de locação ambas as partes contratantes poderiam realizar um novo contato com prioridade aos Irmãos Lassalistas.

Como verificado na renovação do contrato de locação foi firmado o valor do aluguel em 250\$000 (duzentos e cinquenta mil réis), ao que o Irmão Diretor solicitou uma redução de 50\$000 mil réis. Assim sendo, no dia 28 de fevereiro de 1926, o

chefe dos Fabriqueiros, representando o Cônego João Meneguzzi, em vista de tal pedido dirigido pelo Irmão Diretor do Colégio do Carmo, confirmou o desconto de 50 mil réis por mês sobre o preço do aluguel do colégio.

Figura 18 – Contrato de locação em dezembro de 1925



A Figura 19 apresenta uma carta escrita pelo Irmão Maurício ao Cônego João Meneguzzi e aos Fabriqueiros, datada de 26 de março de 1926.

Figura 19 – Carta do Irmão Maurício ao Cônego João Meneguzzi e Fabriqueiros

Ex: Sr. Cônego D. João Meneguzzi,
 Sr. João Paternoster, Sr. da Fabricqueria
 Sr. Sr. João Nocelin, Carlos Teduzzi e José Frezza
 Sr. Fabriqueiros Caxias

Ex: Sr.

Respeitosas saudações.

Está em meu poder o despacho deferido ao requerimento que em tempo, dirige a V. S.

Agradeço calorosamente a diminuição de Rs. 50,000 cinquenta mil reis mensaes feita no alquili dos predios actualmente occupados pelo Instituto N. S. do Carmo.

Este beneficio, em prol da educação da Juventude Caxiense, será um dos contemplos evangelicos com que o divino Mestre remunerará as almas generosas de V. S.

Penhorado, subscrevo-me, com summo apreço e sincera veneração

De V. S.

Ami. M. e Cr. Obi.

Irmão Maurício

Caxias, 26 de Março de 1926

O documento apresentado na Figura 19 refere-se a uma carta escrita à mão pelo Irmão Maurício em papel almaço, endereçada ao Cônego João Meneguzzi e aos Fabriqueiros da Igreja Matriz, em agradecimento pela redução do valor do aluguel dos prédios ocupados pelo Colégio do Carmo.

Como verificado neste item mesmo que houvesse tensões entre o Pároco e os Irmãos Lassalistas, alguém tinha que ceder. Assim a locação do prédio pertencente à Igreja Matriz de Caxias foi renovada por várias vezes aos Irmãos Lassalistas, pois o bem maior era o ensino que deveria ser oferecido à comunidade caxiense, deixando de lado as intrigas generalizadas, mesmo a contragosto do Cônego João Meneguzzi.

Para complementar este estudo é preciso também compreender como foram desenvolvidas as instalações do Colégio do Carmo, desde o período de sua fundação até as instalações atuais, é o que trata o próximo item.

3.3 TRANSFORMAÇÕES E INSTALAÇÕES DO COLÉGIO DO CARMO

As primeiras instalações do Colégio do Carmo, que foram confiadas aos Irmãos Lassalistas pelo padre Dom Cármine Fasulo, estavam em um prédio situado na Rua Alfredo Chaves, nº 777, em Caxias (Figura 20). A escolha pelo imóvel foi motivada pela proximidade da Igreja Matriz, e também devido ao aluguel 'módico' do imóvel. Como esclarecem Vecchia, Herédia e Ramos (1998), a Igreja Católica desempenhou um papel importante na educação de Caxias, porque os primeiros a incentivaram a instrução dos filhos dos habitantes da cidade, foram os religiosos. Para as autoras, "[...] além do incentivo atribuído à educação, essa teve o papel fundamental no que se refere aos valores presentes na instrução, que eram produto da cultura italiana" (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998, p. 108).

A Figura 20 é datada de 1942, e compreende o prédio de propriedade de Francisco Balen, que estava localizado entre a Avenida Júlio de Castilhos com a Rua Alfredo Chaves, na área central da cidade, já mencionado no item 3.1. No local funcionou, inicialmente, o Colégio São José e, a partir de 1908 foi fundado o 'Instituto Colégio Nossa Senhora do Carmo', cujo nome dado foi uma homenagem ao seu incentivador, o padre Dom Cármine Fasulo, como já dito.

Figura 20 – Casa de Francisco Balen⁵⁹

Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Pode-se observar também na Figura 20, que a primeira pessoa à esquerda era José Balen, que foi o primeiro aluno matriculado no Colégio do Carmo, sendo este filho de Francisco Balen e ao centro estava o Irmão Gabriel Norberto.

Convém mencionar que os Irmãos Lassalistas tiveram que realizar algumas reformas no imóvel alugado, pois o mesmo necessitava de adaptações nas suas instalações, para ser transformado em um ambiente escolar e pudessem dar início às aulas. Após as adaptações desenvolvidas, as aulas foram iniciadas no dia 04 de fevereiro de 1908, com matrícula inicial de 30 alunos que se elevou no decurso do ano até perfazer um total de 124 alunos e foram abertas quatro séries. No entanto, nesse ano houve uma evasão escolar de 27 alunos.⁶⁰

Nesse sentido, entre as dificuldades iniciais encontradas pelos Irmãos Lassalistas para a instalação do Colégio do Carmo em Caxias podem ser citadas: o pouco conhecimento da língua local; as acomodações eram precárias; faltava espaço para os recreios dos alunos; o desconhecimento dos costumes da

⁵⁹ O prédio em que funcionou o Colégio do Carmo no período de 1908 a 1910 era de alvenaria e ainda existe atualmente no endereço antes mencionado.

⁶⁰ Um maior detalhamento no que se refere aos alunos matriculados no Colégio do Carmo encontra-se no capítulo 4 no item 4.2.1, e relacionado ao corpo docente da instituição no item 4.2.3.

comunidade local; e também a falta de recursos financeiros e humanos. Além disso, todo o trabalho, tanto referente ao ensino como a conservação da escola, era realizado pelos Irmãos Lassalistas, os quais não recebiam remuneração pelo trabalho desenvolvido, apenas algumas doações da comunidade local.

Após o primeiro ano de fundação do Colégio, em 1909, o Irmão Anastace escreveu uma carta⁶¹ ao Irmão Assistente informando que a quantidade de alunos matriculados tinha chegado a 121 alunos, e que o número aumentaria. Foi indicado também na carta, que havia a necessidade da criação de uma escola que fosse gratuita, com o objetivo de atender aos alunos que não pudessem pagar as mensalidades estipuladas pelo Colégio do Carmo.

Compagnoni (1980) acrescenta que, no dia 14 de abril de 1909, o Irmão Anastace Pascal escreveu uma carta ao Irmão Assistente de Porto Alegre, informando que o Irmão Visitador Florentin de Jesús tinha o aconselhado a procurar um imóvel mais espaçoso para a instalação do Colégio do Carmo, em Caxias. Porém, o Irmão Anastace Pascal não havia encontrado ainda e, portanto, seria necessário adquirir um local.⁶²

Cabe destaque que, o imóvel que fora alugado pelos Irmãos Lassalistas tornou-se inadequado como moradia e também como ambiente escolar. Assim sendo, era necessário e urgente encontrar outro local para o desenvolvimento da obra lassalista, pois não comportava mais a comunidade educativa e a quantidade de alunos matriculados, apresentava crescimento significativo a cada ano.

O Vigário Dom Cármine Fasulo ciente da situação problemática do Colégio do Carmo à época, tencionou alojar a escola num casarão de madeira situado nos fundos da Igreja Matriz, que era utilizado para os serviços paroquiais. Por sua vez, o Vigário se reuniu com os Fabriqueiros para abordar sobre a locação e decidiram que o casarão seria cedido sob a condição de um adiantamento em dinheiro. Desse modo, encorajado pelo Irmão Visitador, o Irmão Anastace Pascal, Diretor do Colégio do Carmo, primeiramente consultou o Padre Ângelo Donato⁶³, e também junto aos

⁶¹ O documento mencionado não foi encontrado no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, somente citado na obra de Compagnoni (1980).

⁶² A carta do Irmão Anastace Pascal ao Irmão Assistente, datada de 14 de abril de 1909, não consta no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo.

⁶³ O Cônego Ângelo Donato – 12º Vigário de Caxias – auxiliou na construção dos prédios onde se estabeleceram o Colégio do Carmo e a comunidade lassalista nas imediações da Paróquia Santa Teresa, atual Catedral Diocesana (BRANDALISE, 1988).

Fabriqueiros iniciou as conservações preliminares das novas instalações.⁶⁴ Brandalise (1985, p. 35) ressalta que:

Foi adquirido mais um terreno nos fundos da Igreja onde a Paróquia fez construir, em seis meses, duas casas: uma para moradia dos Irmãos Lassalistas, de 11,50 x 9,50 e outra para servir de colégio, de 30 x 8,50, o qual funcionara, até 1908, em casa alugada, de propriedade de Francisco Balen à Rua Alfredo Chaves.

No ano de 1910, o 'Livro Tombo da Igreja de Santa Teresa', nº 1, à página 10, sob o nº 13º lavrou o seguinte texto:

Os religiosos Irmãos de La Salle não tinham moradia própria, nem tinham meios suficientes para adquirir terreno e construir um colégio. Tinham eles alugado uma casa do Sr. Francisco Balen, mas como era estreita e incapaz de colocar muitos meninos, foi determinado de comprar um terreno atrás da Igreja e construir uma casa para moradia dos Irmãos de 11 ½ metros por 9 ½, metade de pedra e a outra metade de madeira. A casa da Escola é de 30 metros de comprimento por 8,50 de largura, cf. (BRANDALISE, 1988, p. 20).

Grazziotin (2010, p. 75) acrescenta que “[...] em 1910, a casa já não comportava o enorme número de alunos que queriam matricular-se”. Assim, no ano de 1910, foi alugado um casarão de madeira, nos fundos da Igreja Matriz, atual Catedral de Caxias do Sul, por 3.000\$000 adiantados e uma mensalidade de 60\$000 réis.

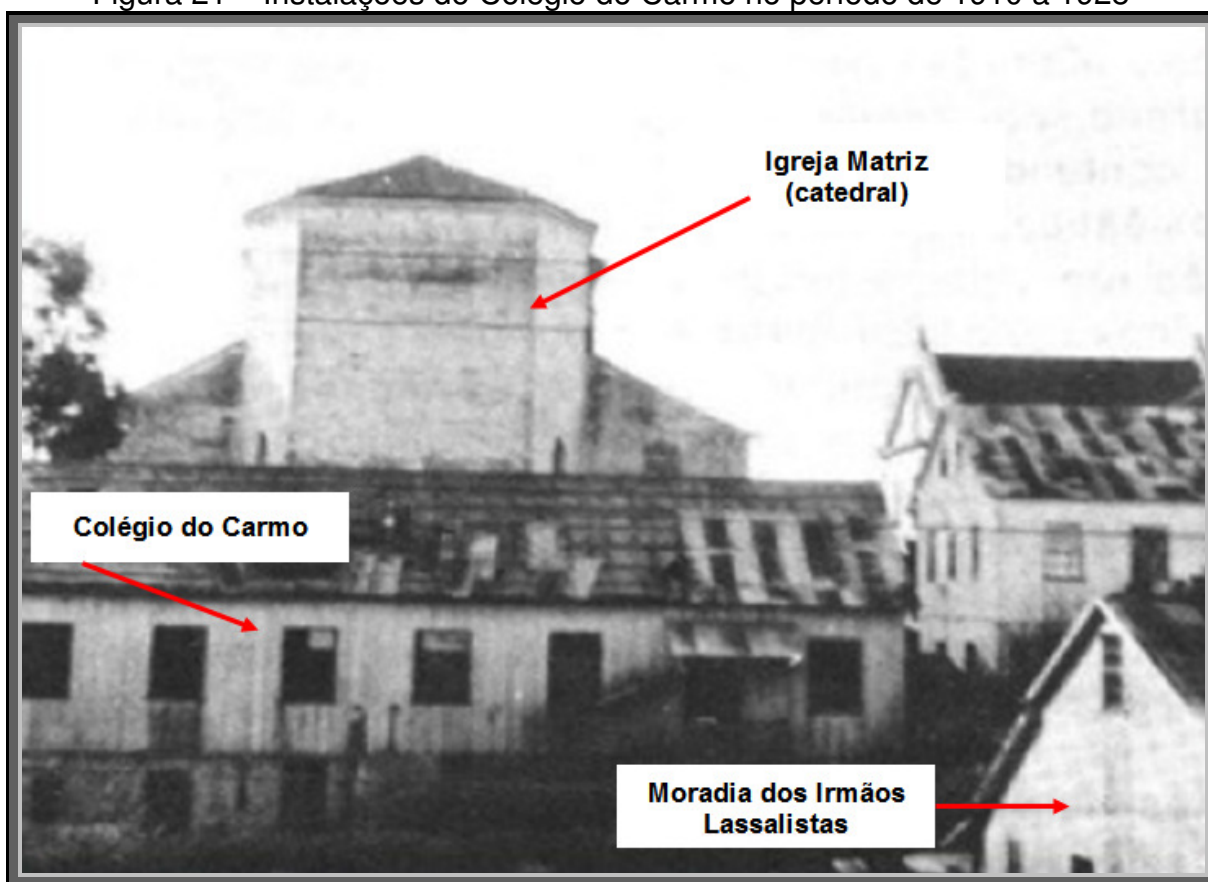
O Irmão Visitador aceitou as condições, pois desta forma, os inconvenientes da falta de espaço para acomodar os alunos cessariam. Sem demora, os trabalhos da preparação da nova residência começaram e como se localizava perto da Igreja Matriz, as reformas e as adaptações foram realizadas pelos Irmãos Lassalistas, mesmo que o colégio fosse considerado confessional. Assim sendo, a partir de 1910, o Colégio do Carmo foi transferido para um casarão de madeira.

Na Figura 21 está demonstrado o casarão de madeira, onde passou a funcionar o Colégio do Carmo, que permaneceu naquele local, no período entre os anos de 1910 a 1928. A fotografia é datada de 1940, já apresentando vestígios iniciais de sua demolição. Assim, o casarão de madeira oferecido aos Irmãos Lassalistas, era o antigo salão paroquial, situado em uma área compreendida entre

⁶⁴ Conforme Bonifácio (1988a, p. 29), Abramo Eberle “Usou sua influência para transferir a escola da Rua Alfredo Chaves até os fundos da igreja matriz, onde funcionou até 1928”.

a Igreja Matriz, no lugar onde estavam instalados os sinos⁶⁵. No entanto, era um lugar mais espaçoso, se comparado às instalações anteriores, pois havia uma área para a realização do recreio⁶⁶ dos alunos e uma área que foi destinada à implantação de uma pequena horta. A paróquia era a proprietária do prédio, ficando, portanto, o Colégio do Carmo em certa dependência do Pároco e do grupo de Fabriqueiros que administravam o patrimônio da Igreja Católica em Caxias à época.

Figura 21 – Instalações do Colégio do Carmo no período de 1910 a 1928



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Verifica-se também na Figura 21 que o Colégio do Carmo e a moradia dos Irmãos Lassalistas se localizavam junto à Igreja Matriz – Paróquia Santa Teresa. Portanto, foram desenvolvidas reformas nos prédios para as instalações do Colégio

⁶⁵ Conforme Bonifácio (1988a, p. 118) “Os apitos das fábricas eram ouvidos e acatados. Quatro sinos comandavam a cidade provinciana: o do colégio, o do Eberle, o da Viação-Férrea e, acima de todos, aquele enorme da igreja matriz. Os sinos da matriz eram ouvidos num raio de mais de dez quilômetros e ditavam o horário da cidade”.

⁶⁶ A área de recreio era um pátio de chão batido e os jogos preferidos pelos alunos eram: bolinha de gude (conhecido popularmente como jogo do boco), pião, emboca-bola (bilboquê), jogo da bandeira e outras que a criatividade sugeria à época.

do Carmo e também para as instalações da moradia aos Irmãos Lassalistas, que aparece na fotografia entre o Paço Episcopal e uma casa particular.

A proximidade entre o Colégio do Carmo e a Igreja Matriz de certa forma era vantajosa devido à facilidade da assistência aos ofícios religiosos e à prática sacramental. Além disso, a frequência dos alunos à missa era obrigatória em todos os domingos, e também nas festividades religiosas, mostrando-se a importância da religiosidade disseminada pelos Irmãos Lassalistas em conjunto com a paróquia.

Salienta-se que o devotamento e o empenho de Antônio Floriano Fabricien, considerado como um amigo de obra dos Irmãos Lassalistas, se dedicou ativamente a resolver as dificuldades, que surgiram de diversos lados, e a agilizar o trabalho das reformas para as instalações do Colégio do Carmo, que em 12 de outubro de 1910 esteve quase finalizado. Assim, durante as reformas das instalações do Colégio do Carmo, foram concedidos três dias de recesso aos alunos, a fim de que a mobília escolar, os objetos e os utensílios da comunidade educativa fossem transportados do antigo endereço e instalados em novo local. Em 15 de outubro do mesmo ano, coincidindo com a festa em honra à Santa Teresa, padroeira da paróquia de Caxias, os Irmãos Lassalistas ocuparam as instalações reformadas e o novo local foi abençoado pelo Pároco da Igreja Matriz.⁶⁷

Convém mencionar ainda que, a situação de inquilinato do Colégio do Carmo perdurou por dezesseis anos e devido à proximidade com a Igreja Matriz, ocorreram vários atritos entre os Irmãos Lassalistas com o Pároco e os Fabriqueiros, já detalhado no item 3.2, os quais apressaram a transferência da escola para outro local, conforme ressalta Bonifácio (1988a). No ano de 1916, o andar térreo do Colégio do Carmo foi reformado para receber as instalações do salão e da sede da Associação dos Antigos Alunos dos Irmãos Lassalistas ou também conhecida como Associação dos Ex-Alunos, a ser detalhada no item 3.4.5 deste estudo.

Ainda no ano de 1916, a renda proveniente dos exames e das doações oferecidas pelos meninos e moços, para uma obra benemérita e as doações provenientes da Associação dos Ex-alunos, foram utilizadas para organizar uma sala de 18 x 6 metros, abaixo da construção das salas de aula com a finalidade de facilitar o agrupamento dos alunos para a realização dos ensaios de canto religioso. Os trabalhos das benfeitorias iniciados em setembro de 1916, foram concluídos seis

⁶⁷ As informações apresentadas no parágrafo foram obtidas na transcrição de *Historique de La Communauté Caxias* realizada pelo Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012.

ou sete semanas após, sem prejuízo nenhum aos estudos.⁶⁸ Em 1917, no mesmo barracão foi implantado um curso comercial e foi criado o primeiro batalhão escolar.

Em 07 de fevereiro de 1923, chegou ao Colégio do Carmo, o Irmão Visitador que aconselhou a locação do pátio mais baixo pertencente à Paróquia, ao invés de comprá-lo. Desse modo, um contrato verbal realizado entre o senhor Curteló e o Irmão Diretor, foi firmado, por 50 mil réis por mês, com a finalidade de ter água na casa. Assim, foi construído um encanamento até o tanque pertencente ao Pároco e daí até a cozinha do Colégio do Carmo, sendo que toda a instalação foi paga pela referida Comunidade Educativa.⁶⁹

No dia 20 de agosto de 1924, em carta escrita pelos Fabriqueiros ao Irmão Diretor do Colégio do Carmo foi solicitada uma renovação de contrato de aluguel. O primeiro contrato foi firmado por cinco anos com o pagamento de aluguel mensal de sessenta mil réis e o segundo contrato de locação previa o pagamento do aluguel em setenta mil réis, cujo documento encontra-se no **Anexo L**. Os Fabriqueiros expuseram na carta também que a paróquia local não tirava resultados do Colégio do Carmo, sendo que os prédios haviam se deteriorado e, também, os impostos que deveriam ser pagos à Intendência Municipal sobre o Colégio do Carmo não eram módicos. Desse modo, os Fabriqueiros definiram a renovação do aluguel dos prédios cedidos aos Irmãos Lassalistas por um espaço temporal de mais dois anos, a partir de 1924, elevando o aluguel à importância de duzentos mil réis mensais (200\$000), cujo documento foi assinado pelos Fabriqueiros e rubricado pelo Cônego João Meneguzzi.⁷⁰

Em 1924, o Irmão Isaac Maurice⁷¹ assumiu a direção do Colégio do Carmo e de início, tratou de levar adiante a ideia do projeto de construção de um colégio novo

⁶⁸ As informações apresentadas no parágrafo foram obtidas na transcrição de *Historique de La Communauté Caxias* realizada pelo Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012.

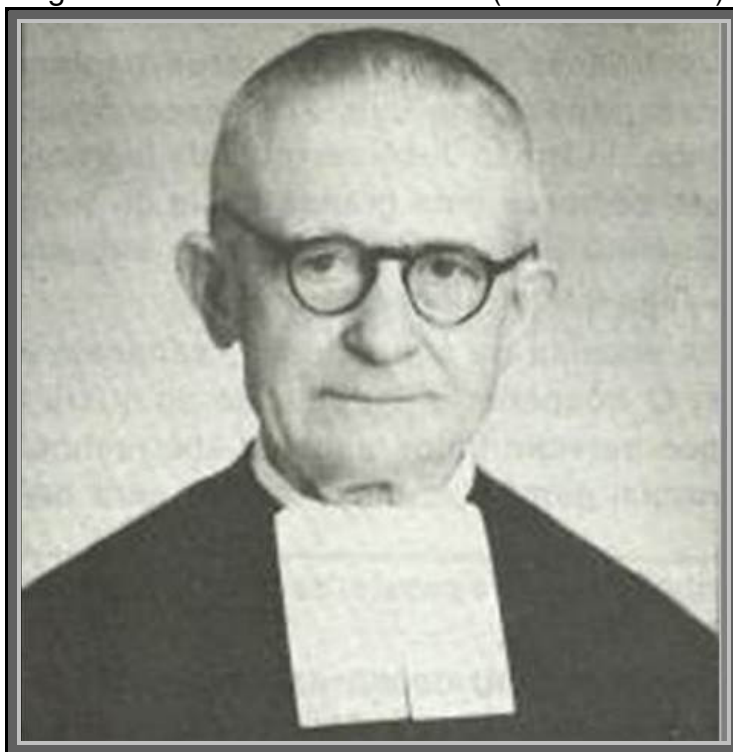
⁶⁹ Não foi encontrado o documento específico sobre o assunto, sendo que a informação foi obtida na transcrição de *Historique de La Communauté Caxias* realizada pelo Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012.

⁷⁰ A carta foi escrita à mão em papel almaço, que é uma folha semelhante às folhas de caderno com pautas e linhas.

⁷¹ Em 16 de julho de 1932 por ocasião da visita regular do Irmão Visitador, o Irmão Maurício deixou a direção da Comunidade Educativa, porém permaneceu em Caxias até o ano de 1933. Compagnoni (1980, p. 200) ressalta que o diretor do Colégio do Carmo, Irmão Isaac Maurice (Irmão Maurício): “[...] realizou um trabalho de excepcional valor, não só consolidando financeiramente aquele estabelecimento, fundado em 1908, como, principalmente, conseguindo, após muitos esforços e eficientes ‘demarches’, o reconhecimento oficial do educandário, que a partir de 1932, passou à categoria de Ginásio (Curso Secundário completo, em 5 anos). Em 1933 o Ir. Maurício deixa Caxias, sem que ninguém perceba, para evitar homenagens. Foi eleito Suplente para o Capítulo Geral de 1934”.

e amplo. Os Irmãos Lassalistas do Instituto Nossa Senhora do Carmo, como era denominado em 1924, desenvolveram um livro de atas específico, para registrar todos os acontecimentos e as decisões referentes ao projeto de construção do novo colégio com internato e externato. Na Figura 22 consta uma fotografia do Irmão Isaac Maurice⁷² e como afirma Bonifácio (1988a, p. 59) “[...] tinha fama de brilhante inteligência, de maneiras aristocráticas, de homem calmo mesmo nos momentos mais difíceis”.

Figura 22 – Irmão Isaac Maurice (Irmão Maurício)



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Como se observa na fotografia ilustrada na Figura 22, o Irmão Maurício vestia uma batina sobreposta com uma capa e junto ao pescoço envolvendo parte do peito, usava um colarinho no formato quadrado e na cor branca, como também o faziam os

⁷² Nascido em 28 de março de 1878, em Foniguères, diocese de Rodez (França). Faz, a partir de 29/4/1893, o Noviciado Menor de Rodez, e oito meses depois torna-se Irmão Maurice. Por volta de 1902 faz dois anos de Escolasticado. Recebendo seu diploma de Professor primário, é enviado ao distrito de Cambrai. Em Tourcoing, mostra-se excelente regente de classe. Sua firmeza na disciplina e solidez de princípios irão revelar-se, depois, quando prestava serviço militar, onde é respeitado por superiores e colegas de caserna. Faz sua Profissão Perpétua em 23/08/1907. Integra o 2º grupo de Irmãos ‘Pioneiros’, que em número de 22 chegam ao Brasil em fins de dezembro de 1907. Com grande facilidade passa a dominar o idioma português, tornando-se professor dessa matéria e de outras. Foi professor em Canoas durante treze anos. Irmão Maurício, nomeado Diretor, em 1924, da escola elementar Nossa Senhora do Carmo (COMPAGNONI, 1980, p. 200).

Observa-se no documento que o nome fantasia do estabelecimento comercial era Livrara Francisco Alves e a razão social Paulo de Azevedo & Cia, e localizava-se à Rua Libero Badaró, nº 129, em São Paulo. Verifica-se ainda no documento mostrado na Figura 23 que o Colégio do Carmo por meio do Irmão Maurício realizou a compra de mercadorias no valor de trezentos e dezenove mil e oitocentos réis (Rs 319\$800), cujo vencimento era 31 de março de 1924. Além disso, o Irmão Maurício recebeu a duplicata em 15 de fevereiro de 1924, como verificado no selo de recebimento assinado pelo Irmão Diretor e a comprovação de pagamento está identificado conforme carimbo da Livraria e assinatura do proprietário do estabelecimento comercial, que foi realizado em 16 de maio de 1924.

As reuniões para definir o projeto da construção do Colégio do Carmo foram organizadas pelo Irmão Diretor, o Irmão Isaac Maurice (Irmão Maurício) com a participação de uma comissão promotora formada por: Presidentes Honorários; Cônego João Meneguzzi; Intendente Municipal, Celeste Gobatto; Presidente, Coronel Miguel Muratore; Vice-Presidente, Aristides Germani; Secretário, Mário Pezzi; Tesoureiro, Abramo Eberle e nove conselheiros, cujo documento se encontra no **Anexo M**.

No **Anexo N** encontra-se a primeira planta com o projeto da construção do juvenato do Instituto Nossa Senhora do Carmo, como era denominado inicialmente pelos Irmãos Lassalistas. A referida planta serviu de base para as primeiras concepções da construção do Colégio do Carmo, em que consta a fachada da frente principal, a fachada lateral da capela e a entrada lateral.

No dia 27 de agosto de 1924 foi organizada uma reunião pelo Irmão Maurício em uma sala do Colégio do Carmo, com a participação da comissão promotora acima referida. Foi elaborada a Ata nº 1 escrita à mão pelo Secretário Mario Pezzi, cujo documento encontra-se no **Anexo O**. A reunião tratou sobre os meios financeiros para dotar Caxias com um colégio secundário e comercial, iniciando assim o projeto de construção. Na reunião, Adelino Sasi, Angelo De Carli e Aristides Germani ficaram encarregados de entrar em contato com o Intendente Municipal; o Coronel José Penna de Moraes, para falar sobre um terreno que a municipalidade de Caxias tinha reservado para ceder gratuitamente à construção de um colégio.

No dia 12 de novembro de 1924, foi realizada uma segunda reunião entre o Irmão Diretor do Colégio do Carmo e a comissão promotora. O secretário Mario Pezzi redigiu a Ata nº 2, apresentando duas folhas com a seguinte pauta:

- a) foi realizada a abertura da reunião pelo Presidente Aristides Germani;
- b) foi escolhido o terreno para construir o colégio;
- c) foi proposta a construção da edificação do colégio com externato e internato em um terreno na área central pelo Presidente da reunião;
- d) foi descartado o terreno cedido pela municipalidade, para a construção do colégio, pois ficava distante da área central da cidade. Assim ficou acordado que o referido terreno seria utilizado como ponto de recreio, campo de futebol, para plantações (horta), diversões e outros fins (Ata N^o 2, de 12 de novembro de 1914, acervo da Secretaria do Colégio do Carmo).

Brandalise (1988) salienta que, no decorrer do ano de 1924, a comissão promotora teve a preocupação em construir um novo Colégio confiado ao devotamento dos Irmãos Lassalistas. Assim, foi cedido um terreno pelo Intendente Municipal, que consistia em uma grande propriedade, situada no bairro (atual 'Burgo'), porém a pretensão era fundar um colégio na área central de Caxias, e o referido terreno foi utilizado para outros fins, como indicado anteriormente.

- e) estava presente também na reunião, Alberto Bellini, que era o proprietário de um terreno considerado apropriado para a construção do colégio, que tinha um contrato de compra para ele, sendo que foi solicitado para ceder o referido contrato mediante uma gratificação e ficou ajustado com Abramo Eberle que tinha influências e poderes na cidade para tal;
- f) ficou definido que a comissão promotora não iria adquirir outros terrenos contíguos que se tornassem necessários para a construção do edifício em que Alberto Bellini concordou com a condição;
- g) ficou acertado que o Cônego João Meneguzzi falaria com os proprietários dos terrenos limitantes, pois tinha plenos poderes para combinar os respectivos preços;
- h) participaram da reunião: Aristides Germani, Cônego João Meneguzzi, José D'Arrigo, Adelino Sasi, Raymundo Magnabosco, Innocencio Miller, Angelo De Carli, Camillo Montalente, Abramo Eberle, Alberto Bellini e Mario Pezzi (secretário) (conforme Ata n^o 2, de 12 de novembro de 1914, acervo da Secretaria do Colégio do Carmo).

Em 10 de dezembro de 1924, foi realizada uma terceira reunião, entre o Irmão Diretor do Colégio do Carmo e a comissão promotora. A Ata nº 3 continha seis páginas, cujos assuntos principais tratados na reunião foram:

- a) abertura da reunião pelo Presidente que mencionou não poder mais presidir os trabalhos da comissão promotora, já que tinha vários afazeres;
- b) indicação do Cônego João Meneguzzi para assumir a presidência da comissão promotora devido as suas qualidades de ascendência espiritual sobre a população caxiense e com a consecução de um colégio o seu nome ficaria marcado para a comunidade de Caxias. Após a votação, o Cônego foi eleito Presidente da comissão promotora do projeto;
- c) Orestes Manfro declarou que era indispensável adquirir o terreno que a comissão promotora havia indicado na reunião anterior e as obras com um plano previamente assentado com vistas a ser ampliada, sendo que o valor estava orçado em torno de cento e vinte mil contos de réis (120:000\$000);
- d) Adelino Sassi propôs a transformação da comissão promotora em membros de diretoria composta por: Presidente, Vice-Presidente, primeiro e segundos Secretários, Tesoureiro e os membros do Conselho, com deliberação de Assembleia, realizando propagandas para obter os recursos para o projeto;
- e) os presidentes honorários indicados foram aceitos por aclamação: o Intendente Municipal, Dr. Juiz de Comarca (Cônsul Italiano) e o Coronel Miguel Muratore. Abramo Eberle foi nomeado tesoureiro do projeto pelo presidente Cônego João Meneguzzi e como secretário, Dante Marcucci, por indicação de Adelino Sassi que era o Vice-presidente e o primeiro secretário foi Mario Pezzi;
- f) para o conselho foram indicados vários nomes representativos da cidade, tais como médicos, padres, autoridades locais e outros, como mencionado na Ata nº 3 de 10 de dezembro de 1924 (acervo da Secretaria do Colégio do Carmo).

A compra do terreno e a construção de uma parte do edifício para o internato, enquanto as aulas funcionariam no atual prédio, de propriedade da Paróquia, foram propostas pelo Irmão Maurício ao Arcebispo de Porto Alegre Dom João Becker, em uma carta escrita ainda no ano de 1924, cujo documento encontra-se no **Anexo P**.

Na carta foram apresentadas as cláusulas redigidas pela comissão promotora em conjunto com o Irmão Diretor do Colégio do Carmo, para a sanção do Arcebispo de Porto Alegre:

- a) o Colégio com internato e externato seria entregue ao magistério dos Irmãos Lassalistas, oferecendo os ensinos primário, secundário e comercial, de acordo com os programas de ensino vigentes à época, para a preparação dos alunos ao ingresso às academias;
- b) os valores necessários para a aquisição do terreno e a construção de uma parte da edificação, seriam doados pela população caxiense, e a construção seria finalizada em cinco anos;
- c) o terreno e a parte da construção do prédio ficariam de exclusiva propriedade da Congregação dos Irmãos Lassalistas, dentre outras cláusulas apresentadas no documento demonstrado no **Anexo P**.

Assim, no dia 12 de janeiro de 1925 reuniram-se em uma sala do Colégio do Carmo, o Irmão Diretor do referido colégio em conjunto com a comissão promotora formada pelos Presidentes Honorários, Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Tesoureiro e Conselheiros, conforme Ata nº 4. Os assuntos que estiveram na pauta da reunião para o andamento do projeto do colégio estão listados a seguir:

- a) foi estudada a construção do Instituto de Ensino que a Congregação dos Irmãos Lassalistas tencionava edificar em Caxias; e a abertura da reunião foi realizada pelo Irmão Diretor indicando como estavam os trabalhos;
- b) foi mencionado o contato realizado ao Irmão Séridon⁷³, pois afetava a direção suprema da Congregação dos Irmãos Lassalistas no Brasil;
- c) foi solicitado pelo Irmão Séridon que o Irmão Maurício agradecesse à comissão promotora pela boa vontade e interesse demonstrados no sentido de tornar realidade a edificação do nobre Instituto da Congregação Lassalista em Caxias;
- d) por sua vez, na opinião do Diretor Supremo da Congregação Lassalista no Brasil, o empréstimo sugerido para a concretização da obra seria muito oneroso (120.000\$000), e contra os princípios da instituição que ele administrava;

⁷³ O Irmão Séridon era o Irmão Assistente do Irmão Diretor da Suprema Congregação dos Irmãos Lassalistas no Brasil.

- e) o Irmão Diretor, sugeriu que a única maneira para a construção do colégio seria por intermédio de doações provenientes da comunidade caxiense, para a aquisição do terreno e construção de uma parte do edifício, obrigando-se a Congregação Lassalista dentro de curto prazo, a realizar a construção da última edificação; e os presentes na reunião concordaram com a sugestão do Irmão Maurício, reservando-se o direito de realizar uma Assembleia com a participação de um público maior para a deliberação definitiva de quais as cláusulas que regeriam as instalações do colégio direcionado à população de Caxias;
- i) assinaram a Ata nº 4 da reunião: o Cônego João Meneguzzi, os senhores Aristides Germani, Abramo Eberle, Innocencio Miller, Angelo De Carli, Raymundo Magnabosco, Mario Pezzi e Dante Marcucci que passou a ser o secretário da comissão promotora à época (Ata nº 4 de 12 de janeiro de 1925, acervo da Secretaria do Colégio do Carmo).

No dia 22 de janeiro de 1925 reuniram-se em sessão extraordinária no salão da Canônica da Igreja Matriz, os membros da comissão promotora em prol da construção do Colégio do Carmo, conforme Ata nº 5⁷⁴. Os assuntos em pauta na referida reunião foram:

- a) foi realizada a abertura da reunião pelo Presidente Cônego João Meneguzzi;
- b) foi convidado o Intendente Municipal Celeste Gobbato⁷⁵ para presidir os trabalhos;
- c) foi efetuada a leitura do expediente que constou de um cartão do Juiz de Comarca, Dr. Leonardo Ferreira da Silva, enaltecendo o apoio à nobre iniciativa que vinha sendo tratada;
- d) foram lidas as cartas e os ofícios de várias autoridades felicitando a iniciativa do empreendimento;

⁷⁴ A Ata nº 5 foi manuscrita pelo Secretário, Mario Pezzi, em folha de almaço, contendo duas folhas.

⁷⁵ “Celeste Gobbato administrou Caxias no mais perfeito estilo positivista/castilhistas: muitas obras demonstrando desenvolvimento e modernização; administrador público agente do bem comum e contribuidor do estabelecimento de relações harmoniosas entre Estado e Igreja. Nessa administração, a hierarquia eclesial responsabilizou-se pela boa propaganda da administração. Mons. Meneguzzi foi membro ativo nas várias comissões criadas por Gobbato. A consonância existente entre Igreja e governo estaduais passou a fazer parte, também, do contexto local. Assim, evidenciou-se a participação de políticos, que haviam feito parte das associações católicas leigas, a contribuição da Igreja na formação de opinião da sociedade civil e a constante parceria Igreja/governo municipal, quer em solenidades e comemorações, quer mediante subvenções públicas” (RELA, 2004, p. 99).

- e) Dante Marcucci pronunciou uma oração e realçou a conveniência e a necessidade de fundar um colégio, evitando que os meninos e moços residentes em Caxias tivessem que se deslocar para buscar instrução intelectual em localidades de climas desfavoráveis;
- f) Adolpho Pena propôs que o esforço do povo caxiense deveria ser completo e que era preciso arrecadar uma quantia inicial de seiscentos contos para desenvolver a edificação;
- g) Olmiro Azevedo esclareceu à comissão promotora que o projeto deveria ser denominado 'Instituto de Ensino Secundário', e não 'Comissão Pro-Edificação do Grande Instituto Superior de Ensino'. Assim todos concordaram que realmente havia um equívoco na denominação do projeto e fizeram a retificação; e o Cônego João Meneguzzi finalizou a reunião, mencionando a opinião do Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker sobre o projeto do colégio (Ata nº 5 de 22 de janeiro de 1925, acervo da Secretaria do Colégio do Carmo).

Convém destacar que a Ata nº 5 foi a última ata encontrada no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, portanto dificultando a continuidade da análise dos acontecimentos referentes à edificação do colégio com externado e internato.

A Figura 24 apresenta o modelo de uma duplicata datada de 07 de fevereiro de 1925. O documento foi emitido pelo *Banque Française et Italienne pour Amerique du Sud*, no valor de 1.268,00 escudos e foi assinada pelo tesoureiro da comissão promotora do projeto do colégio, Abramo Eberle.

Figura 24 – Modelo de duplicata em 1925



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Nas reuniões da comissão promotora ficou identificado que a ideia da fundação de um novo colégio continuava a preocupar a população de Caxias. O Irmão Diretor do Supremo da Congregação Lassalista no Brasil mostrou-se contrário a esta nova construção em função do valor que deveria ser obtido, pois estava fora dos princípios da referida Congregação.

Em 12 de julho de 1925, a Congregação Mariana dos Jovens⁷⁶, que tinha sua sede no Colégio do Carmo, retirou-se do local, levada por Vico Tompson, pois queria ser livre de tutela dos Irmãos Lassalistas. Assim, naquele ano, a Congregação Mariana passou a se estabelecer no Hospital Nossa Senhora da Pompéia. Vico Tompson reivindicou os direitos de fundador, restaurador e diretor da referida Congregação, e por intermédio de uma circular distribuiu um documento por toda a cidade para obter tal intento.⁷⁷

No mês de outubro de 1925 foi adquirido um terreno onde se localiza nos dias atuais, o pátio e a ala central do Colégio do Carmo e no dia 23 de dezembro daquele ano foi autorizado o início da construção do novo colégio.⁷⁸ Em 17 de maio de 1926, o Conselho do Distrito autorizou a compra de outros terrenos para as novas instalações do Colégio do Carmo, devido à impossibilidade evidente de renovação do contrato de aluguel, que terminaria em três anos com a Igreja Matriz, também em função das relações e tensões ocorridas entre o Cônego João Meneguzzi e os Irmãos Lassalistas, já mencionadas no item 3.2.

O Irmão Maurício, sob a autorização da Sociedade Porvir Científico⁷⁹, no mês de agosto de 1926, solicitou a Intendência Municipal, a possibilidade de isenção de impostos para a compra de um terreno urbano. Na Figura 25 consta a carta do Intendente Municipal em resposta à solicitação do Irmão Maurício.

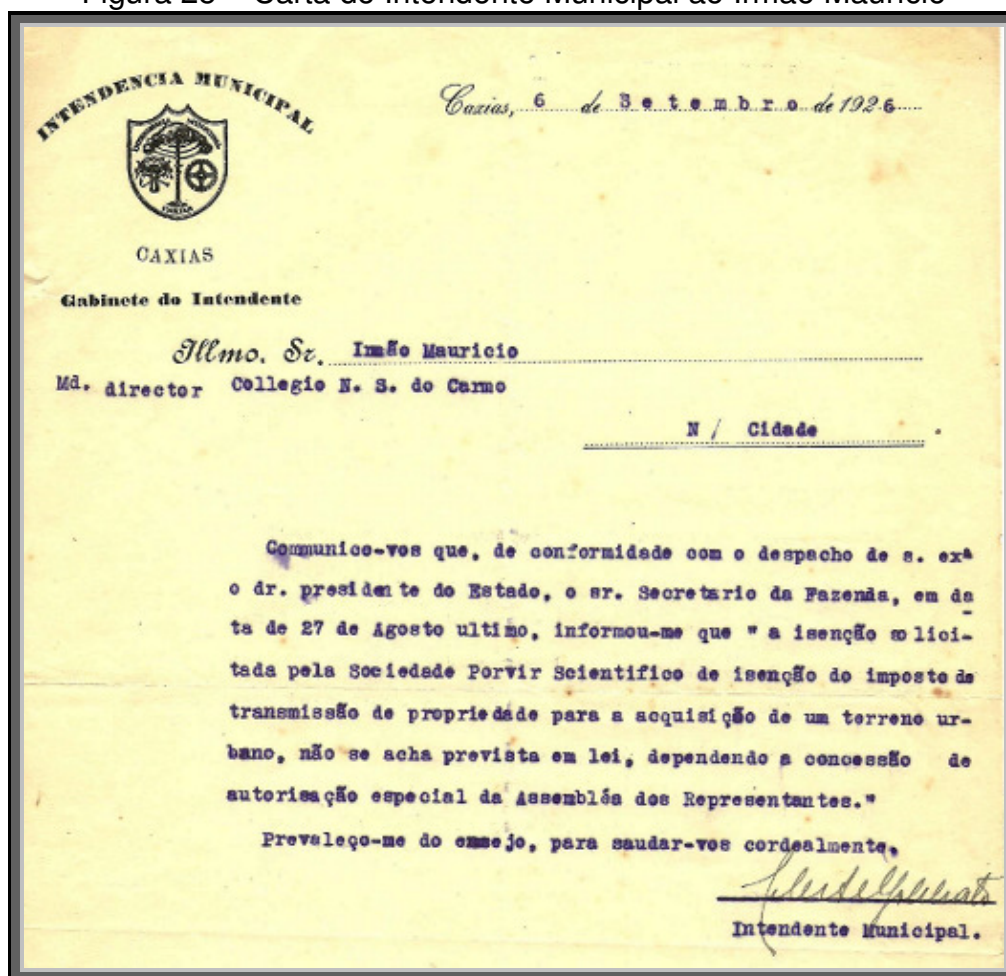
⁷⁶ Convém mencionar que além da Congregação Mariana que contava com 37 membros, foi fundada em 1928 a Congregação da S. S. Menino Jesus, composta por 22 meninos (BRANDALISE, 1985).

⁷⁷ Cabe destaque que a Congregação Mariana apresentou em 1933 um novo impulso, não em números, mas na qualidade de seus membros. O Padre Orestes Valeta ajudou muito, presidindo as reuniões e finalizando com a bênção do Santíssimo. O coro foi organizado pelos membros da Congregação Mariana sob a direção do prefeito, Luiz Compagnoni, que custeava os gastos do coral (BRANDALISE, 1985).

⁷⁸ Não foi encontrado no acervo da Secretaria do Carmo o documento específico sobre a aquisição do terreno, sendo que a informação foi obtida na transcrição de *Historique de La Communauté Caxias* realizada pelo Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012.

⁷⁹ “A Sociedade Porvir Científico, assim denominada desde a sua fundação e constituição, em 07 de fevereiro de 1908, composta por Religiosos do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Irmãos Lassalistas), da Província Lassalista de Porto Alegre, é uma associação civil de direito privado, sem fins econômicos, de caráter educativo, cultural, beneficente, filantrópico e caritativo, que tem por fim especial a educação e assistência social” (PROVÍNCIA LASSALISTA DE PORTO ALEGRE, 2008, p. 45).

Figura 25 – Carta do Intendente Municipal ao Irmão Maurício



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Como identificado no documento datado de 06 de setembro de 1926, apresentado na Figura 25, o Intendente Municipal, Celeste Gobbato, escreveu ao Irmão Maurício mencionando que conforme o despacho do Presidente do Estado, datado de 27 de agosto de 1926, o Secretário da Fazenda informou que a solicitação da Sociedade Porvir Científico, referente à isenção de impostos de transmissão de propriedade, para a aquisição de um terreno urbano, não estava prevista em lei. Portanto, a concessão dependeria de autorização especial da Assembleia dos Representantes.

Em 18 de outubro de 1926, Luiz Peterlin, por 14 mil réis, vendeu um terreno aos Irmãos Lassalistas. Convencido por João Gollo, ele transferiu sua serraria deixando o terreno mediante o pagamento de 6\$500 mil réis além do que pagara. Ainda em outubro do mesmo ano, o Presidente do Estado e a Assembleia dos Representantes confirmaram a isenção de impostos de venda e compra de propriedades urbanas, cuja solicitação havia sido realizada em agosto daquele ano

pelo Irmão Diretor do Colégio do Carmo. Ainda em 1926, no dia 28 de novembro, foram assinados os documentos de compra dos terrenos de João Gollo e da comissão promotora representada por Abramo Eberle, Aristides Germani, Angelo De Carli e Adelino Sassi. Os referidos integrantes da comissão promotora fizeram um empréstimo aos Irmãos Lassalistas de valor monetário totalizando 9.476\$000 réis, assim divididos:

- a) Aristides Germani: 2.000\$000 réis;
- b) Adelino Sassi: 1.300\$000 réis;
- c) Angelo De Carli: 2.700\$000 réis;
- d) Abramo Eberle: 3.476\$000 réis.

Isso significa dizer que sobre o valor total de 28.500\$000 réis, a comissão promotora foi reembolsada no valor de 19.023\$700 réis. Em 23 de dezembro de 1926, o Irmão Diretor recebeu por intermédio do Irmão Visitador, a liberação do projeto do novo Colégio e a aprovação de iniciar os trabalhos de construção, se a população caxiense fizesse a doação dos valores para tal.

Em 25 de dezembro de 1926, o Irmão Visitador comunicou ao Irmão Diretor a permissão concedida pelo Regime (Conselho de Roma), aprovando a construção da ala central do Colégio do Carmo em um terreno, de propriedade dos Irmãos Lassalistas, adquirido em 1926.

Na mesma ocasião, o Irmão Visitador informou à Comunidade Educativa do Colégio do Carmo, que ela teria o poder de expandir a propriedade até 15.000\$000 réis e a autorização de empreender até um valor de 100.000\$000 réis, foi mantida. A informação foi comemorada pelos Irmãos Lassalistas da Comunidade Educativa, pois todos esperavam há muito tempo a determinação dos Irmãos Superiores. Além disso, a dependência em relação à paróquia e os pequenos transtornos que a proximidade do Colégio do Carmo havia causado seriam amenizados. À época havia a turbulência dos alunos, nas horas do recreio provocando muitos problemas e atritos entre o Irmão Diretor e o Cônego João Meneguzzi, nos anos anteriores, como já identificados no item 3.2.

A Figura 26 apresenta o demonstrativo das despesas auferidas, no período de setembro de 1926 a maio de 1927, em língua francesa, parte integrante do Livro de Atas do Colégio do Carmo, criado ainda em 1924. O documento refere-se aos gastos que foram necessários para a construção do Colégio do Carmo, no período de setembro de 1926 a maio de 1927, contemplando a descrição das despesas, os

valores e o total, que no referido período totalizou 41.675\$500 mil réis. Além disso, acredita-se que o documento foi elaborado em papel almoço por um dos Irmãos Lassalistas, pois se encontrava no idioma francês.

Figura 26 – Despesas em setembro de 1926 a maio de 1927

Despenses pour le nouveau Collège

En dehors des remises de capital et intérêts.
(Lesquelles remises ont été considérées, selon leur volonté,
comme dons pour construction) fait et par
M^{rs}. Abramo Eberle, Aristides Germani,
Adelino Lassi et Angelo De Carli
qui nous ont cédé le terrain qu'ils avaient
acheté une année auparavant, j'ai payé
pour terrains, constructions, etc. :

<u>Date</u>	<u>Historique</u>	<u>Despenses</u>	<u>Total</u>
<u>1926</u>			
Septembre 18	Payé à M ^r . José Golla, terrains	70.500.000	
Novembre 26	" M ^r . Adelino Lassi, terrains, 1/2 part	5.435,700	
" 27	" au Notaire, Act. Orig.	267,700	
" 30	" M ^r . Aristides Germani, 1/2 part, terrains	5.000.000	
Décembre 15	" M ^r . Angelo D. Carli, "	11.100.000	
" "	" Intendance, impôts en retard	225.000	
Avril 13/27	" M ^r . Abramo Eberle, 1/2 part, terrains	11.200.000	
" "	" M ^r . Eug. Palera, plans	100.000	
" "	" Engenharia, Dr. Luxemburg, plans	1.000.000	
Mai 20	" Pour nivellement du terrain	254.000	111.675.200

Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Em 1927, o Colégio do Carmo contraiu um empréstimo de 100.000\$000 (cem contos de réis) destinados para a construção das novas instalações. Assim, finalmente foi edificado o novo colégio em um novo terreno pelos Irmãos Lassalistas, pela comissão promotora e demais pessoas envolvidas. A planta que serviu de base para a construção do Colégio do Carmo, com o detalhamento da fachada principal e a identificação de 'Ginásio Nossa Senhora do Carmo' se encontra no **Anexo Q**.

Na Figura 27 identifica-se a estrutura utilizada para o desenvolvimento das atividades físicas, as quais eram realizadas pelos alunos durante as aulas de educação física, ministradas pelos Irmãos Lassalistas, e na parte superior consta a denominação do Colégio, que passou a ser 'Ginásio Nossa Senhora do Carmo', após a sua equiparação.

Figura 27 – Espaço para as atividades físicas dos alunos

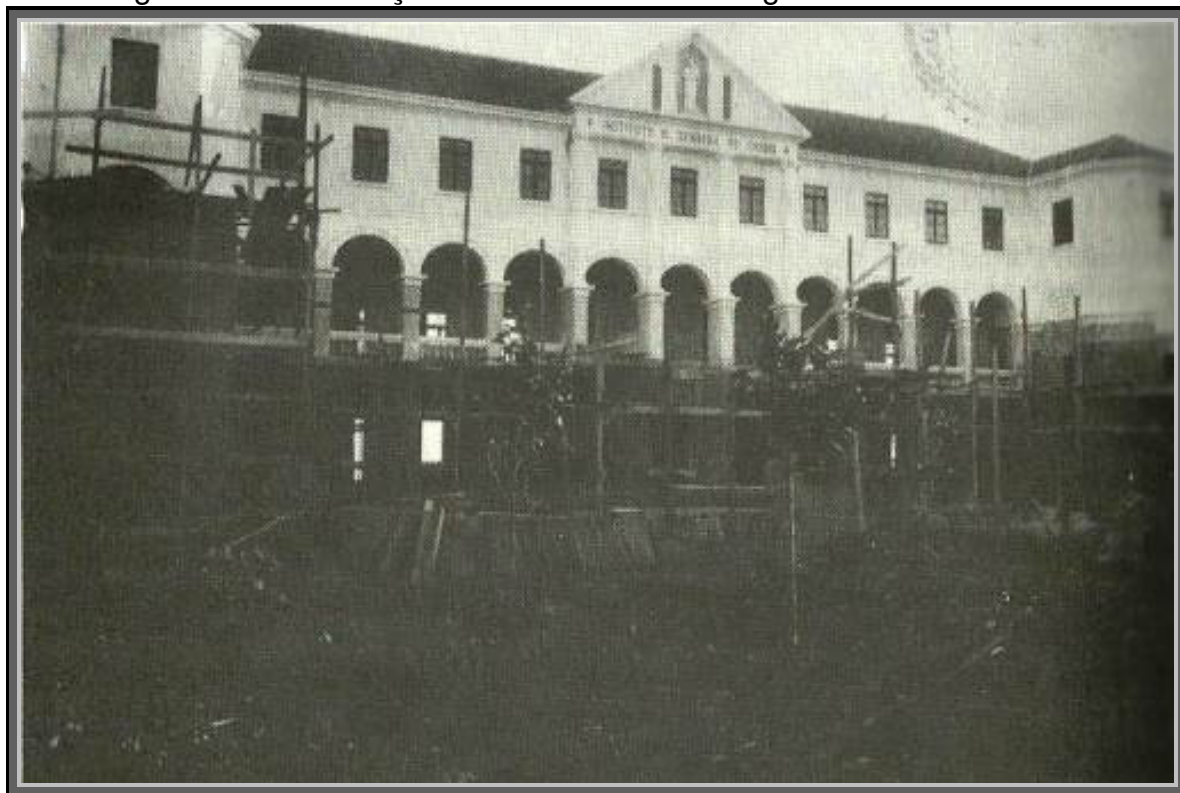


Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Na Figura 28 verifica-se a construção da ala central da edificação do Colégio do Carmo, bem como os andaimes que foram colocados para oferecer suporte e

segurança aos operários que desenvolveram a obra. Identifica-se também na fachada do prédio que já existia uma placa com a denominação do Colégio do Carmo. É possível identificar ainda na fotografia, a imagem de Nossa Senhora do Carmo que se encontra no frontispício.

Figura 28 – Construção da ala central do Colégio do Carmo em 1927



Fonte: Bonifácio (1988b, p. 40)

Como explica Compagnoni (1980, p. 229) “Após muitas dificuldades, o Colégio do Carmo passa a funcionar, na Rua ‘Os 18 do Forte’, uma rua paralela à Igreja Mariz (atual Catedral), estando a escola a uns 100 metros dela”.

Os trabalhos de construção das novas instalações do Colégio do Carmo exigiram uma grande atividade, não só pela exigência de uma atividade trabalhosa, como também a compra do material. Além disso, se fez necessária a vigilância sobre o trabalho, mas de maneira muito especial pelo total dos fundos necessários à realização da obra (BRANDALISE, 1985).

A população caxiense, durante o ano de 1928, acompanhou com interesse o andamento das construções do Colégio do Carmo, sendo que em 19 de fevereiro daquele ano, assistiram a cerimônia de colocação da pedra fundamental, a qual foi abençoada pelo Cônego João Meneguzzi. O que desperta a atenção é a

participação do Cônego João Meneguzzi, que não aceitava a obra dos Irmãos Lassalistas, mas que ao observar a obra construída, passou a aceitá-los e a perceber a importância do Colégio do Carmo à comunidade caxiense, amainando assim os ânimos, como explica Brandalise (1988). Além disso, os donativos oferecidos pela comunidade local foram consideráveis, aumentando os recursos do Colégio do Carmo, atingindo em 1928, um total 28.000\$000 réis. No dia 18 de maio de 1928, o Colégio do Carmo recebeu a visita e a benção do Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker.

Em 23 de outubro de 1928, 53 alunos do Colégio do Carmo tiveram a oportunidade de se aproximar pela primeira vez da imagem da Santa de 'Nossa Senhora do Carmo'. Cabe destacar que nas novas instalações, a partir de 1928, os alunos dispuseram de uma área mais ampla para o recreio, e também uma área maior para o cultivo de uma horta que abastecia a mesa dos Irmãos Lassalistas e dos alunos internos. Compagnoni (1980) acrescenta que em toda a longa existência, o Colégio do Carmo sempre zelou pela agricultura como fonte de abastecimento e de lazer nas áreas onde esteve localizado desde a sua fundação em 1908 pelos Irmãos Lassalistas.

No dia 15 de dezembro de 1928, uma grande multidão prestou uma homenagem à imagem de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Colégio do Carmo, acompanhada de orações e benções da imagem, que foi oferecida pelo presidente do Conselho Municipal, conforme esclarece Compagnoni (1980). A imagem de Nossa Senhora do Carmo foi colocada na fachada do prédio central (Figura 28), e neste dia, um grupo de caxienses reuniu-se ao redor de numerosas mesas improvisadas, para a realização de um farto churrasco, sendo oferecido não só para a população caxiense, mas também para a antiga e à administração municipal local (COMPAGNONI, 1980).

Os diversos trabalhos da construção do Colégio do Carmo prolongaram-se por vários meses no ano de 1929 e foram favorecidos devido ao tempo bom, ou seja, sem chuvas. Em 15 de outubro do mesmo ano, foram servidas refeições modestas, sendo festejada a conclusão dos trabalhos entre os diversos chefes do empreendimento, e foram concedidas férias aos operários. No decorrer do ano de 1929, apesar da crise que afetou todas as classes sociais, os empréstimos e as doações efetuadas ao Colégio do Carmo, permitiram, realizar os pagamentos aos

operários. Por sua vez, as autoridades municipais locais conferiram um crédito de 3.000\$000 réis, bem como a isenção de impostos e a concessão gratuita da água.

Conforme Rela (2004, p. 83), o Colégio do Carmo e a Sociedade Porvir Científico “[...] obtiveram aprovação do intendente para o requerimento no qual solicitavam isenção de impostos, durante dois anos, para os prédios onde funcionava”.

No ano de 1929 foram numerosas as festividades e as visitas ao Colégio do Carmo por diversas pessoas de Caxias, que a todos deixaram um testemunho de grande satisfação ao observar a obra do Colégio do Carmo em andamento e já em funcionamento. No mês de janeiro de 1933, o Colégio do Carmo aumentou a sua propriedade, por intermédio da compra de um terreno de um vizinho, fato que permitiu a abertura de três janelas contíguas à nova propriedade. Em abril do mesmo ano foi fundada uma sociedade esportiva, para a prática do futebol⁸⁰, em parceria com um clube de futebol caxiense, denominado Esporte Clube Juventude (fundado em 1913), que emprestou as suas instalações para as atividades esportivas do colégio.

A sociedade esportiva do Colégio do Carmo foi denominada ‘Grêmio Esportivo Nossa Senhora do Carmo’, e a direção organizava campeonatos entre as diversas turmas e também a preparação da parte esportiva da festa do Sagrado Coração. Ainda no ano de 1933, uma quadra esportiva foi construída no pátio do Colégio do Carmo para a prática de basquete e vôlei.

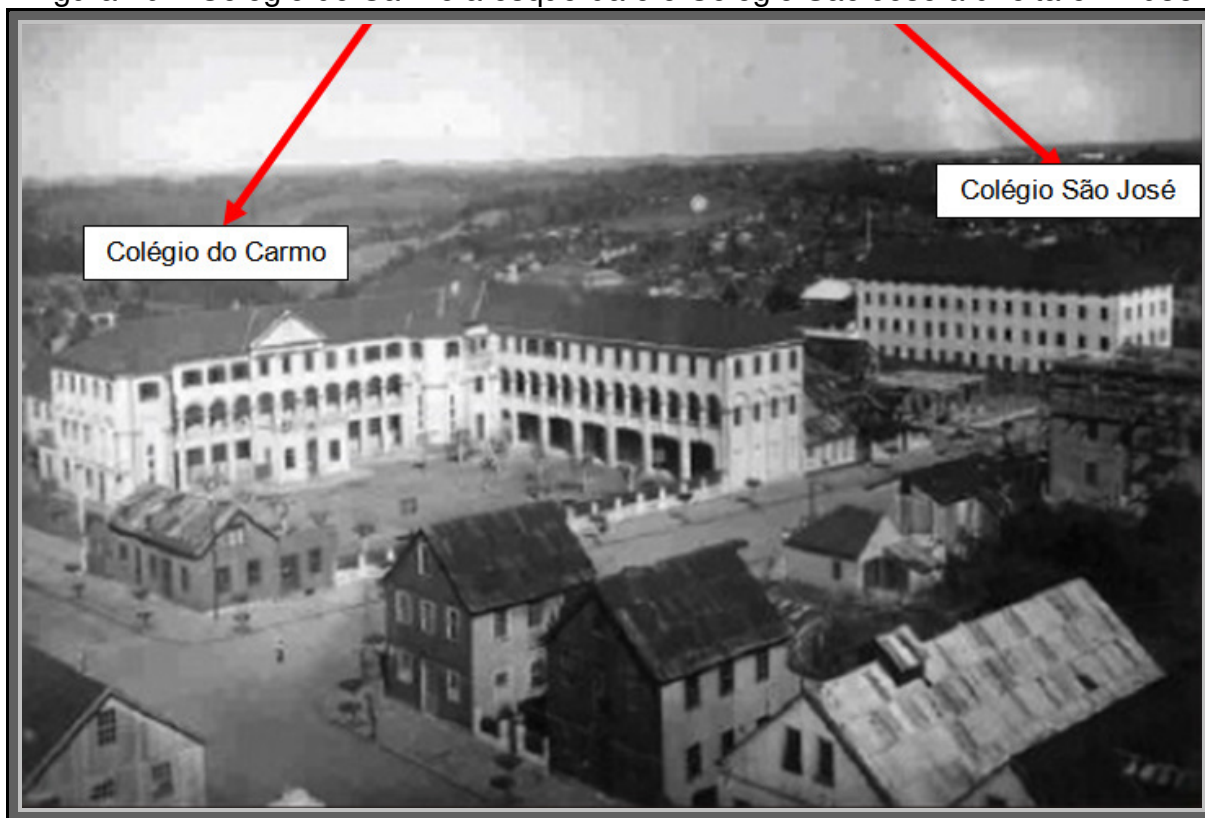
Em 31 de dezembro de 1933, o Irmão Diretor do Colégio do Carmo, Fidel de Maria escreveu uma carta, em papel timbrado do Colégio do Carmo, endereçado ao Reverendo Irmão Visitador solicitando a documentação que fora exigida pelo Regime (Conselho de Roma), que estava no envelope junto à carta, que já havia sido examinada e aprovada. Tal processo era necessário para que fosse concedida e autorizada, a compra do terreno de Bosarini, pelo Reverendo Irmão Superior Geral e pelo Regime (Conselho de Roma), sendo que à época indispensável para a ampliação do Colégio do Carmo.

O valor do referido terreno estava orçado em 20\$000 contos de réis, sendo que a situação financeira do Colégio do Carmo permitia realizar a compra do imóvel de Bosarini, sem a necessidade de contrair novos empréstimos e, também, sempre

⁸⁰ Lassaláda era o nome dado às grandes competições esportivas entre as escolas lassalistas (BONIFÁCIO, 1988).

que possível, a comunidade caxiense enviava donativos ao Colégio do Carmo. Na Figura 29 é possível observar o Colégio do Carmo, cuja fotografia é datada de 1938.

Figura 29 – Colégio do Carmo à esquerda e o Colégio São José à direita em 1938



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Na Figura 29, o que desperta a atenção é a proximidade do Colégio do Carmo dedicado aos meninos e moços em relação ao Colégio São José, que se dedicava ao ensino de meninas e moças.

A condição de Caxias – com duas escolas confessionais – uma atendendo os meninos e outra as meninas, segundo Manoel (1996, p. 32), na esfera educacional “[...] era considerada fundamental para a garantia da estabilidade moral e social”, como dispunha Pio XI, em 1927, na sua Encíclica *Divni Illius Magistri* transcrita a seguir:

De modo semelhante e crônico e pernicioso à educação cristã, é o chamado método de ‘co-educação’, baseado para muitos numa deplorável confusão de ideias, que confunde a legítima convivência humana com a promiscuidade e igualdade niveladora. O Criador ordenou e dispôs a conveniência perfeita em dois sexos somente na unidade do matrimônio e gradualmente distinta na família e na sociedade. Além disso, não há, na própria natureza que os fez distintos em inclinações e aptidões, nenhum argumento de onde se possa deduzir que possa ou deva haver

promiscuidade e muito menos igualdade na formação dos dois sexos (PIO XI, 1927, p. 28⁸¹ *apud* MANOEL, 1996, p. 32).

Na seção a seguir é apresentado sobre o ensino oferecido pelo Colégio do Carmo, a partir de sua fundação em 1908 até o ano de 1933, com a finalidade de mostrar a sua importância à sociedade caxiense e compreender os níveis de ensino implantados pela instituição de ensino.

3.4 O ENSINO OFERECIDO NO COLÉGIO DO CARMO

Para Forquin (1993, p. 14) “[...] a educação ‘realiza’ a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana”.

O Colégio do Carmo funcionou desde a sua fundação em 1908 até o ano de 1913, como uma escola de ensino primário. Neste mesmo ano foi iniciado um curso noturno para adultos, que impulsionou a Escola Técnica de Comércio sob a orientação do clero, dos Irmãos Lassalistas e de alguns membros do Clube Literário Recreio Dante (item 3.4.4). Ainda em 1908, o Irmão Xantin Nicolas assumiu a direção do colégio permanecendo ali até o ano de 1918. Conforme esclarece Compagnoni (1980, p. 233), “[...] o Colégio do Carmo, em Caxias, previa, em 1908, além do ensino preliminar e elementar, o comercial e o complementar, sendo que nesses dois últimos seriam ministradas noções de agricultura e arboricultura”. No entanto, como ressaltam Werle e Brito (2006, p. 115) “[...] nos primeiros cinco anos funcionou apenas a escola primária, sendo depois instalado o curso comercial, sem indicativos de instituição dos estudos de agricultura”.

De acordo com Grazziotin (2010) e Compagnoni (1980), até o ano de 1913, o Colégio do Carmo funcionou como uma escola primária. A partir do referido ano foi iniciado um curso para adultos com a duração de seis meses de aula, anunciando, portanto, a necessidade da criação de uma Escola Técnica de Comércio, a qual foi oficializada e instalada somente em 1938. Em 16 de dezembro de 1929, as autoridades municipais de Caxias, enviaram o Irmão Diretor do Colégio do Carmo para Porto Alegre, no intuito de solicitar ao Irmão Visitador, a vinda de alguns Irmãos Lassalistas, para dirigir uma pequena escola agrícola, que seria inteiramente

⁸¹ Pio XI (papa). *Divini Illus Magistri* (sobre a educação cristã da juventude), 1927. Petrópolis: Vozes, 1974.

financiada pela Municipalidade. Foram oferecidos 3.000\$000 réis por Irmão e o usufruto de todos os produtos agrícolas cultivados ali na horta.

Durante o ano de 1930, as autoridades municipais se dispuseram a oferecer a isenção da taxa da água, e empenhar-se em cobrir todas as despesas relativas ao estabelecimento dos estudos secundários oficiais, se o Colégio do Carmo adotasse o mesmo programa para o ensino. Um pedido neste sentido foi dirigido ao Regime (Conselho de Roma), por intermédio do Irmão Maurício em vista de corresponder às necessidades de instrução em Caxias, como indicado no documento que se encontra no **Anexo R**. O referido documento foi datilografado em papel almaço pelo Irmão Diretor do Colégio do Carmo, o Irmão Maurício, no idioma francês, datado de 2 de setembro de 1930, solicitando a autorização para organizar o ensino secundário em Caxias, conforme pedido das autoridades locais, devido à demanda crescente de alunos. No dia 1º de novembro de 1930, o Irmão Visitador enviou um Irmão Lassalista para o Colégio do Carmo, no intuito de dividir o primeiro curso e formar outro segundo curso. A seguir é abordado sobre o projeto da criação de um internato e sua forma de funcionamento no Colégio do Carmo.

3.4.1 Projeto de internato

No ano de 1909, o Irmão Anastace Pascal escreveu uma carta ao Irmão Assistente de Porto Alegre, indicando que deveria ser idealizada a criação de um internato, pois muitas famílias do interior (área rural) necessitavam enviar os filhos para estudar.

Por muito tempo o internato [...] foi concebido como o espaço educativo por excelência: nele as crianças ficariam longe dos perigos da vida mundana, num local sistematicamente planejado para sua formação (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 97)

Cabe destacar que na época havia algumas dificuldades em obter completa assistência religiosa para os alunos, como mencionado na carta escrita pelo Irmão Anastace Pascal (COMPAGNONI, 1980).⁸² A religião era a base dos imigrantes italianos à época e uma das preocupações da Igreja Católica era fornecer a assistência religiosa à comunidade caxiense, mas eram poucos os 'doutrinadores'.

⁸² O documento original da carta do Irmão Anastace Pascal ao Irmão Assistente, datada de 24 de fevereiro de 1909, não foi encontrado no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo e apenas foi citado na obra de Compagnoni (1980).

Rela (2004, p. 65) explica que a assistência religiosa, “Para os italianos católicos era o meio de congregar as diferenças regionais e culturais em um ideário comum: os princípios moralizadores e regeneradores do Catolicismo”.

O documento datado de 1929, que se encontra no **Anexo S**, refere-se ao parecer sobre o colégio com internato em Caxias, proveniente do Noviciado das Escolas Cristãs, localizado no Partenon em Porto Alegre, que foi enviado ao Arcebispado de Porto Alegre. Os Irmãos Lassalistas tinham como finalidade corresponder aos desejos da comunidade caxiense, para isso eles estavam dispostos a criar no Colégio do Carmo um internato; aproveitando o prédio que haviam alugado, pertencente à Igreja Matriz. No referido documento foram detalhados todos os aspectos necessários para tal projeto, com destaque inclusive aos valores para o desenvolvimento do internato.⁸³

O ano de 1922 iniciou agitado para os Irmãos Lassalistas do Colégio do Carmo. Em carta, datada de 07 de janeiro de 1922, escrita pelo Arcebispo de Porto Alegre, ao Irmão Fabiano, Irmão Visitador do Colégio do Carmo, foi solicitada a abertura de um internato no referido colégio, no intuito de inibir a inserção de outras religiões na cidade de Caxias. Mesmo que isso prejudicasse outras escolas lassalistas, o Arcebispo de Porto Alegre solicitou a vinda de outros Irmãos Lassalistas que estavam no Rio Grande do Sul, os quais deveriam ser transferidos para Caxias. O documento que apresenta a referida carta se encontra no **Anexo T**.

Verifica-se que a preocupação do Arcebispo de Porto Alegre era o zelo e até mesmo a preservação do ensino religioso oferecido aos alunos da cidade de Caxias e que a Paróquia deveria também estar atenta à situação incentivando a criação do internato no Colégio do Carmo. Rela (2004, p. 65) esclarece que “Para a Igreja local era imprescindível entrar em consonância com o papel político do Catolicismo promovido pela Arquidiocese de Porto Alegre”. Após o recebimento da carta foram iniciadas entre o Cônego João Meneguzzi e o Irmão Diretor do Colégio do Carmo as negociações para saber em que condições poderia ser realizado o projeto da criação do internato. No entanto, não havia recursos financeiros disponíveis e também a quantidade de Irmãos Lassalistas em Caxias era pequena para dar conta de um internato na referida instituição de ensino. Em função disso, não foi levado adiante o

⁸³ Cabe mencionar que o documento de resposta da proposta de internato em Caxias, escrito pelo Arcebispado de Porto Alegre não foi encontrado no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, limitando a continuação da análise.

projeto de internato. Na sequência é detalhado sobre a solicitação da criação de um pensionato pelas autoridades de Caxias e a indicação do patronato agrícola sob a responsabilidade dos Irmãos Lassalistas.

3.4.2 Pensionato e patronato agrícola

Em 16 de dezembro de 1929, as autoridades da cidade de Caxias enviaram o Irmão Diretor do Colégio do Carmo para Porto Alegre no intuito de solicitar ao Irmão Visitador a vinda de alguns Irmãos Lassalistas para dirigir uma pequena escola agrícola. A referida escola seria inteiramente financiada pela Municipalidade, sendo oferecidos 3.000\$000 réis por Irmão e o usufruto de todos os produtos agrícolas ali cultivados, como mencionado no item anterior. No mesmo ano iniciou-se o pensionato, que funcionou durante o período de trinta anos. Ainda em 1929, a pedido da Intendência Municipal, os Irmãos Lassalistas aceitaram a direção de um Patronato Agrícola, como mostra a Figura 30, localizado no atual bairro Cinquentenário de Caxias do Sul (no prédio velho da Associação de Pais e Amigos Excepcionais – APAE), em que os alunos eram pobres e alguns eram considerados delinquentes.

Figura 30 – Patronato Agrícola de Caxias em 1928



Fonte: Relatório do Intendente Celeste Gobatto

Nota: Disponível no acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA).

A Figura 30 foi reproduzida do relatório do Intendente Municipal, Celeste Gobatto, sendo a única imagem referente ao ano da inauguração que está disponível no acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA). Verifica-se na fotografia, a fachada principal, com a configuração original da varanda (à esquerda) e as esquadrias com tampões de madeira.

Conforme Machado (2001, p. 213), o Intendente Municipal, Celeste Gobatto criou o Patronato Agrícola que foi “[...] subvencionado pelo Ministério da Agricultura e destinado a receber alunos carentes, em regime de internato, que eram treinados nas atividades ligadas à agricultura e criação de animais [...]”.

A partir do ano de 1929, os Irmãos Lassalistas tomaram conta do Patronato Agrícola, e para lá se dirigiam diariamente, andando em charretes abertas, mesmo nos piores dias de chuva e inverno característicos de Caxias (*HISTORIQUE DE LA COMMUNAUTÉ CAXIAS*, 2012). Porém, poucos meses lá ficaram, pois sendo obra do governo, os Irmãos Lassalistas não tinham total liberdade de ação. Além disso, Adolfo Pena, que era advogado na época, intrometeu-se na direção realizando uma campanha difamatória contra os Irmãos Lassalistas no jornal da Capital e, em resposta, a obra foi devolvida à Intendência Municipal local (COMPAGNONI, 1980).

Em 01 de janeiro de 1930, com a solicitação insistente do Conselho Municipal, dois Irmãos Lassalistas, o Irmão Maltin de Jesus e o Irmão Fructueux Joseph, durante as férias do Colégio do Carmo, tomaram posse de uma pequena escola agrícola municipal, como diretores. A posse dos Irmãos Lassalistas ocorreu em uma das maiores salas do estabelecimento, com a presença de 19 alunos, todos internos, sendo que a maioria deles era órfã ou tinham sido abandonados pelos familiares. Os dois Irmãos Lassalistas percorriam de carro a distância de mais de três quilômetros oferecendo assistência à missa e à Primeira Comunhão (*HISTORIQUE DE LA COMMUNAUTÉ CAXIAS*, 2012).

Os dois Irmãos Lassalistas tinham como meta oferecer a escrita e a leitura aos alunos e, principalmente, o ensino religioso, pois tais alunos não possuíam nenhum conhecimento religioso. Os Irmãos Lassalistas não se importavam com o cansaço, devido ao bom andamento da escola agrícola. Assim, em poucos dias, a disciplina, a organização de serviços internos, os cursos de agricultura prática, dentre outras atividades de ensino, ocorreram de maneira promissora (*HISTORIQUE DE LA COMMUNAUTÉ CAXIAS*, 2012).

Como esclarecem Werle e Brito (2006, p. 124) “[...] a ação desses ‘professores’ não se restringia ao tempo de aulas, mas também organizavam jogos e momentos de recreação e interação esportiva para os alunos”.

Entretanto, Adolpho Pena, novamente, pretextando que não fora recebido com toda a civilidade, devido à sua condição de advogado, escreveu contra os dois Irmãos Lassalistas, um artigo satírico em um dos jornais do Estado, onde mencionou que havia negligência dos Irmãos Lassalistas na grande missão educativa que lhes fora confiada pelo Município de Caxias. Em 1º de março de 1930, mesmo a contragosto da Municipalidade, os Irmãos Lassalistas deixaram o escola agrícola para retornar à Comunidade Educativa na direção de suas turmas anteriores (*HISTORIQUE DE LA COMMUNAUTÉ CAXIAS*, 2012).

Na sequência é mencionado como foi desenvolvida a equiparação do Colégio do Carmo, denotando também as dificuldades encontradas pelos Irmãos Lassalistas para o desenvolvimento do intento.

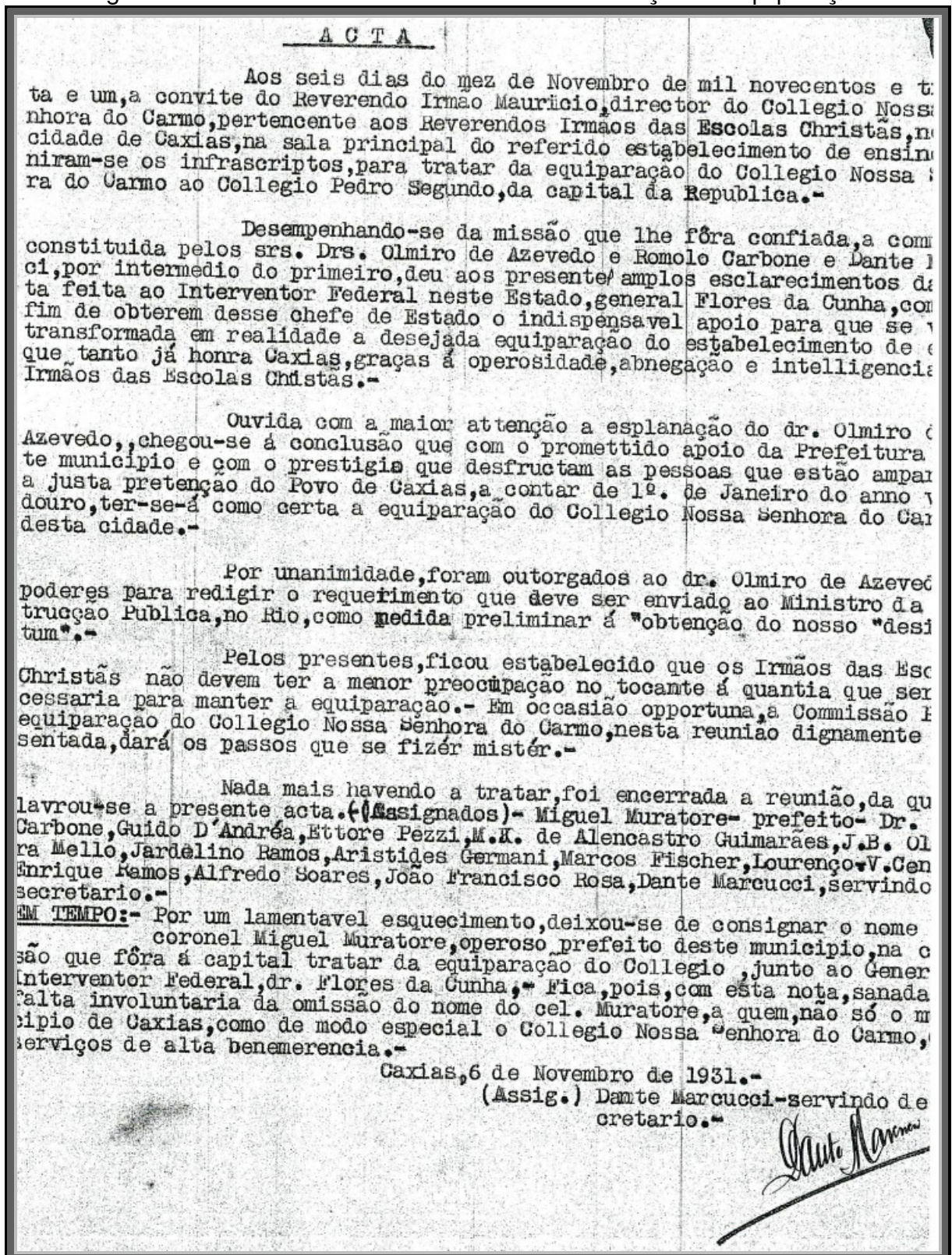
3.4.3 Equiparação do Colégio do Carmo

No ano de 1929, foi acertado com as autoridades municipais e os Irmãos Lassalistas, que o Colégio do Carmo faria o possível para obter a oficialização do curso secundário e que o nome do referido colégio passaria a ser ‘*Gymnasio Municipal Nossa Senhora do Carmo*’. Em troca, o governo municipal concederia a isenção de impostos e forneceria gratuitamente água.

Por sua vez, o Colégio do Carmo cumpriu integralmente com o trato feito, porém o mesmo não ocorreu com o outro contratante (COMPAGNONI, 1980). Em 06 de novembro de 1931 foi realizada uma reunião para solicitar a equiparação do Colégio do Carmo, como detalhado na Ata mostrada na Figura 31, a qual foi datilografada pelo Secretário, Dante Marcucci.

A referida Ata descreve que o Irmão Maurício, Diretor do Colégio do Carmo, convocou as autoridades locais para uma reunião, que foi realizada na sala principal do referido colégio, com a finalidade de tratar da sua equiparação. Na reunião foi decidido que um dos integrantes seria o responsável em redigir o requerimento que deveria ser enviado ao Ministro da Instrução Pública no Rio de Janeiro.

Figura 31 – Ata da Reunião de 06/11/1931: solicitação de equiparação



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Como indicado na Figura 31, a reunião teve a participação da comissão promotora formada pelo Coronel Miguel Muratore, Prefeito; e os doutores Olmiro de Azevedo, Romulo Carbone e Dante Marcucci, como representantes da comunidade caxiense à época. O Dr. Olmiro de Azevedo explicou minuciosamente o trabalho que havia sido realizado junto ao General Flores da Cunha, que era o interventor federal, no sentido de se obter a equiparação do Colégio do Carmo ao ‘Gymnasio D. Pedro II da Capital Federal’, que à época era o Rio de Janeiro. O referido General prontificou-se a apoiar a causa, como se verifica na Figura 31. Amaral (2008, p. 131-132) acrescenta que:

As escolas públicas e particulares de nível secundário deveriam ter sua estrutura organizacional equiparada a uma instituição modelar – o Ginásio Pedro II, da cidade do Rio de Janeiro. Os alunos oriundos dos estabelecimentos equiparados tinham direito de ingressar no curso superior sem prestar exames. Portanto a equiparação era um indicador da ‘qualidade’ do ensino ministrado na instituição escolar

Bonifácio (1989, p. 167) complementa afirmando que, “O Colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro era o paradigma a que se deviam equiparar os ginásios de formação pelo país inteiro. Complicada era a burocracia e tortuosos os caminhos a seguir”.

Com a equiparação, comprovou-se plenamente a qualidade do ensino ministrado pelo Ginásio Municipal, sua estrutura material e sua organização pedagógica. Dentro do espírito da época, a conquista da equiparação definitiva enquadrava o Ginásio Municipal entre os melhores estabelecimentos de ensino do país. Ser equiparado ao Colégio Pedro II significava que o colégio era seguramente uma instituição de qualidade (COELHO, 2001, p. 70).

Amaral (2008, p. 126), esclarece que, “A legislação da época concedia a equiparação ao Ginásio Pedro II somente a estabelecimentos públicos de ensino, o que desoficializava os cursos preparatórios para ingresso no ensino superior existentes nos estabelecimentos educacionais particulares”.

No dia 12 de novembro de 1931, o jornal ‘Caxias’ divulgou uma reportagem sobre a reunião referente à equiparação do Colégio do Carmo, como mostra a Figura 32, cujo documento foi obtido na obra de Bonifácio (1988).

Figura 32 – Reportagem sobre a equiparação do Colégio do Carmo à Ginásio

"CAXIAS" – 12/11/1931
 Equiparação do I. Gymnasial N. S. do Carmo
 "Realizou-se na noite de sábado último, numa das salas deste conceituado estabelecimento de ensino dirigido com muita competência e dedicação pelo estimado Irmão Maurício, uma importante reunião a fim de tratar de sua breve equiparação.
 Nessa reunião tomou parte a comissão composta pelo coronel Miguel Muratore, prefeito, drs. Olmiro de Azevedo, Romulo Carbone e Dante Marcucci, representantes de todas as classes sociais e desta folha.
 Em nome da comissão o dr. Olmiro explicou minuciosamente o trabalho realizado junto ao sr. General Flores da Cunha, interventor federal, no sentido de ser obtida a equiparação deste estabelecimento de ensino ao Gymnasio D. Pedro II da Capital Federal.
 O ilustre general Flores da Cunha, depois de ouvida a referida comissão, hypothecou inteiro apoio à nobre e justa aspiração do povo desta terra dispondo mesmo que contasse com ele para tudo que fosse preciso.
 Em seguida foi ainda pelo dr. Olmiro comunicado o que era necessário fazer para ser feita a equiparação ardentemente almejada. De tudo que se tratou foi lavrada uma ata pelo secretário sr. Dante Marcucci e assinada pelos presentes.
 Em virtude do franco e decidido apoio dos poderes públicos do Estado e Município e estar o Instituto em condições de ser equiparado é certo que ele dentro em breve estará revestido dessa formalidade legal.
 A sua equiparação trará inúmeras vantagens a nossa cidade não só por proporcionar um meio fácil de ensino à nossa juventude, como também fará vir para aqui inúmeras famílias para colocarem seus filhos em suas aulas. Será um grande e importante melhoramento para esta cidade, motivo por que nos congratulamos desde já com os poderes públicos e o povo pela justa e merecida equiparação desse modelar estabelecimento de ensino". (Gentileza do Coronel Décio Fonini).

Fonte: Bonifácio (1989, p. 166)

Como identificado no documento apresentado na Figura 32, no jornal 'Caxias' foi detalhado como foi realizada a reunião organizada pelo Irmão Maurício, no Colégio do Carmo, para tratar da equiparação do referido colégio, mostrando a transparência e a importância de tal acontecimento à população caxiense, cuja notícia apresentou grande repercussão em Caxias. Como afirma Bonifácio (1989, p. 167), "O Irmão Maurício, como diretor do Carmo, era um homem muito estimado e que conseguiu a ajuda de um grupo de cidadãos influentes junto aos poderes públicos, para que o Carmo fosse reconhecido como ginásio".⁸⁴

⁸⁴ "Valeu o esforço dos abnegados cidadãos e benfeitores, pois, em breve tempo, o frontispício do colégio depôs seu nome de Instituto N. S. do Carmo para receber o de 'Gymnasio', nome que ostentou até 1953, quando foi substituído pelo de 'Colégio'" (BONIFÁCIO, 1989, p. 167).

Neste sentido, no ano de 1932, para oferecer um retorno aos desejos da população caxiense, o Irmão Diretor do Colégio do Carmo, aconselhado pelas principais autoridades locais, realizou os encaminhamentos oficiais necessários para obter a equiparação pretendida ainda em 1931. O Irmão Maurício, recebeu em 6 de maio do mesmo ano, um ofício do Departamento Nacional do Ensino, anunciando que o Governo Federal procederia a inspeção preliminar no Colégio do Carmo.

Efetivamente, no dia 10 de maio de 1932, o fiscal geral, P. Vergara, de Porto Alegre, visitou o Colégio do Carmo, que percorreu e examinou a situação do colégio, verificando os locais onde funcionavam os diferentes cursos, a mobília escolar, o material didático, dentre outros aspectos, e ao final elaborou um relatório favorável.⁸⁵ Assim sendo, o Colégio do Carmo foi classificado na categoria de 'Gymnasio' submetido à inspeção preliminar. No dia 15 do mesmo mês foi nomeado o fiscal local, Dr. Adolpho Pena para a realização de tal inspeção.⁸⁶

A regularização do Colégio do Carmo aos poucos foi sendo concretizada para se tornar um 'Gymnasio'. No entanto, como acontece em todas as obras, o Dr. Annibal Duarte, um dos principais redatores do jornal 'Caxias', tentou acabar com a harmonia até então existente. Ele ameaçou retirar a equiparação do Colégio do Carmo por conta de uma vingança pessoal contra o fiscal federal de ensino Adolpho Pena. Porém, a confusão não durou por muito tempo, pois o Dr. Annibal Duarte cansado de incitar, foi obrigado a mudar-se para um município vizinho. Depois de tais confusões, o processo de equiparação do Colégio do Carmo transcorreu normalmente (BONIFÁCIO, 1989).

No ano de 1932, sob a direção do Irmão Fidel de Maria, foi obtida a equiparação dos cursos, e no final desse mesmo ano, houve solene colação de grau da primeira turma de formandos (bacharelandos). No dia 28 de dezembro do mesmo ano, o jornal 'Caxias' publicou uma reportagem sobre o 'Gymnasio Nossa Senhora do Carmo', cujo documento encontra-se no **Anexo U**.

A referida reportagem indicou que foi realizado o encerramento do ano letivo no 'Gymnasio Nossa Senhora do Carmo' de Caxias, no Teatro Central da 'Pérola das Colônias'. Neste mesmo dia foi realizada a cerimônia de colação de grau da

⁸⁵ O relatório de inspeção não foi encontrado no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo.

⁸⁶ Cabe salientar, a importância das articulações dos Irmãos Lassalistas e da comissão promotora às normas e legislações vigentes à época. Desse modo, mostrando a busca pela equiparação do Colégio do Carmo para tornar-se Ginásio, no intuito de comprovar a qualidade do ensino oferecido aos meninos e moços de Caxias e Região, e também para ser reconhecido nacionalmente (BONIFÁCIO, 1989).

primeira turma de bacharéis em ciências e letras. Na ocasião foram realizadas diversas festividades com a presença dos Irmãos Lassalistas; alunos; várias autoridades locais e a comunidade em geral.

No jornal 'Caxias' também foi publicado que os certificados de colação de grau foram entregues por Adolpho Pena, que era o fiscal federal do ensino em Caxias à época. O paraninfo da turma foi Abramo Eberle e o orador foi o bacharelando Rodolpho Rossarolla, como indicado no **Anexo U**.

Ainda conforme o jornal 'Caxias' de dezembro de 1932 foi divulgada a importância do Colégio do Carmo para a educação em Caxias, sendo que a fotografia exposta no jornal mostrava os alunos vestidos com trajes sociais, denotando uma classe social privilegiada à época.

Compagnoni (1980, p. 200) ressalta que: "O 'Carmo' de Caxias foi assim o primeiro educandário lassalista no Brasil a ser 'reconhecido' oficialmente", disponibilizando um curso secundário completo de cinco anos.

No ano de 1933, foi celebrado de maneira solene, o 25º aniversário da chegada dos Irmãos Lassalistas em Caxias. Grazziotin (2010, p. 76) esclarece "[...] quando completou 25 anos de funcionamento, em 1933, o Carmo passou a funcionar com o nome de *Gynnasio Municipal Nossa Senhora do Carmo*, que até então era denominado de Instituto Nossa Senhora do Carmo". O mesmo autor menciona também que "O tradicional e centenário colégio possui uma história singular, sendo referência de educação com qualidade para os meninos e moços de Caxias e da Região" (GRAZZIOTIN, 2010, p. 73).

Ainda segundo Grazziotin (2010), antes do advento da criação da Universidade de Caxias do Sul, o Colégio do Carmo era considerado a referência intelectual da Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Cabe também mencionar como foi criada a Sociedade Recreio Dante, para uma melhor compreensão dos acontecimentos históricos paralelos ao Colégio do Carmo, é o que trata o próximo item.

3.4.4 A criação da Sociedade Recreio Dante

Por intermédio do Padre João Meneguzzi, para favorecer a juventude, foi resolvido, junto com uma grande comissão formada por autoridades e Fabriqueiros

locais, fundar a escola denominada de 'Sociedade Recreio Dante'.⁸⁷ Como esclarece Brandalise (1988), a Sociedade Recreio Dante foi criada para fins de educar e instruir a mocidade caxiense, mediante aulas noturnas e divertimentos lícitos, para assim afastá-la dos divertimentos perigosos.

Assim sendo, a partir de abril de 1913, para atender à demanda de alunos caxienses, foi iniciado um curso noturno em combinação com a paróquia e a Sociedade Recreio Dante, que deu origem ao ensino comercial em Caxias.

Como informa Brandalise (1985, p. 38), "No dia 1º de setembro de 1913 foram abertas as aulas com frequência de 40 alunos". Além disso, no mês de outubro de 1913 foi realizado um curso para os adultos, organizado pelo clero e por membros da Sociedade Recreio Dante. O curso acontecia no horário das 19h30min às 20h30min e os custos foram de 100 réis ao mês e apresentava uma duração de seis meses. Ao se referir sobre a Sociedade Recreio Dante, Rela (2004, p. 69) acrescenta que "Seu alvo era a mocidade católica de Caxias com o objetivo de instruí-la mediante aulas noturnas. Com ela, a Igreja desempenhou a função, que é diretiva e organizativa, isto é, educativa, intelectual".

Como esclarece Brandalise (1988), a Sociedade Recreio Dante foi a primeira escola que funcionou a noite em Caxias, e proporcionou aos estudantes aula noturna elementar e comercial, apresentava estatutos próprios que a regiam, com o espírito de elevação e seriedade. No ano de 1915, o curso noturno oferecido pela Sociedade Recreio Dante apresentava três professores, porém com poucos alunos. Desse modo, o Conselho da referida Sociedade, em consequência de dificuldades administrativas, decidiu que o curso seria realizado no período de 11 de julho até 11 de outubro. Convém destacar que os cursos noturnos apresentavam pouca procura, porque era tradição das famílias da região se recolherem cedo para o descanso, para que no dia seguinte acordassem de madrugada para dar início ao trabalho.

Como explicam Vecchia, Herédia e Ramos (1988), a entidade de formação profissional de Caxias, denominada Sociedade Recreio Dante foi criada em 10 de abril de 1913 cuja dependência era particular e a instrução elementar e comercial

⁸⁷ "A Diretoria foi constituída: por um Presidente: – Sr. José Panceri; um Vice-Presidente – Sr. Vicente Argenta; um Presidente Honorário: – Sr. Cel. José Penna de Moraes; um Secretário: – Sr. Annuncio Ungaretti; um Vice-Secretário: – Sr. Alexandre De Antoni; um Tesoureiro: – Sr. Abramo Eberle; e de (9) nove Conselheiros. O Vigário da Paróquia será sempre o diretor da dita Sociedade" (BRANDALISE, 1988, p. 23).

era ministrada em aulas particulares e o fechamento da referida instituição ocorreu no ano de 1933.

Por sua vez, os bens da Sociedade Recreio Dante com o seu fechamento, conforme dispunha o seu Estatuto, foram entregues à Paróquia com a finalidade de adquirir um terreno e construir a Escola Paroquial Santo Antonio, para a frequência masculina (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1988).

A seguir é desenvolvida uma breve abordagem sobre a Associação de Ex-alunos, a qual foi criada com a finalidade de oportunizar melhorias ao Colégio do Carmo e, também, para auxiliar a sociedade caxiense, amparando as crianças carentes da cidade à época.

3.4.5 Associação dos Ex-Alunos

No ano de 1916, o andar térreo do Colégio do Carmo foi adaptado para compor as instalações do salão e da sede da Associação dos Ex-Alunos dos Irmãos das Escolas Cristãs⁸⁸.

Conforme o Regulamento Interno da Associação dos Ex-Alunos, para pertencer à referida Associação era preciso: ter completado 16 anos; frequentado as escolas dirigidas pelos Irmãos Lassalistas e apresentar bom espírito e boa camaradagem; ser apresentado por um membro da Junta Administrativa e dirigir ao Presidente um requerimento assinado pelo candidato contendo sua adesão ao Regulamento da Associação; ser admitido por deliberação da Junta Administrativa; e pagar regularmente a cotização anual, conforme os casos previstos. Além disso, o Regulamento da Associação permitia que os Ex-Alunos do Colégio do Carmo de outras cidades, de residência em Caxias, podiam ser recebidos como Membros da Associação, cujo documento se encontra no **Anexo V**.

Em 1º de setembro de 1923 aconteceu a primeira reunião para organizar a Associação dos Ex-Alunos⁸⁹ do Colégio do Carmo. Estiveram presentes à reunião onze ex-alunos que discutiram os Estatutos da Associação, os quais foram enviados pela Cúria Arquidiocesana acompanhados de uma carta de aprovação do Cônego

⁸⁸ “A característica fundamental, específica e diferenciadora, das ‘Associações La Salle’, sob cujo nome no Brasil, agrupam-se e atuam os Ex-alunos, consiste em que tal movimento representa uma continuidade formadora, ou uma formação continuada, com responsabilidade pós-escolares, quer para os Ex-alunos, quer para os Irmãos” (COMPAGNONI, 1980, p. 211).

⁸⁹ Como explica Bonifácio (1988b, p. 150) “Os Antigos Alunos são a glória, a honra, a coroa e o fruto de uma Escola”.

da Paróquia Santa Teresa e como ele estava ausente, os estatutos, no fim do ano, não tinham ficado prontos. Foram eleitos para formar a Comissão preparatória: os Monges Mascarello, Julio Ungaretti e Laurentino Muratore.

Em 20 de fevereiro de 1924, sessenta ex-alunos, acataram as indicações dadas para se constituir em Associação dos Ex-alunos de Irmãos das Escolas Cristãs, os quais desenvolveram um Estatuto que se encontra no **Anexo V**.

Assim sendo, os Ex-alunos elaboraram um Estatuto com os procedimentos para instituir as regras de funcionamento da associação que foi denominada de '*Associação dos Antigos Alunos dos Irmãos das Escolas Christãs de Caxias*'. A sede estava localizada no Colégio do Carmo, e no estatuto constava também a finalidade da associação; a forma da administração; a definição dos membros honorários e ativos e as regras do caixa, bem como os procedimentos para a realização das assembleias gerais e a dissolução da mesma (Estatuto da Associação dos Ex-Alunos, acervo da Secretaria do Colégio do Carmo).

No ano de 1925, a Associação dos Ex-Alunos mostrou-se pouco entusiasmada, pois poucos haviam respondido às convocações das reuniões para tratar dos assuntos pertinentes à referida Associação. Em 1926, a Associação dos Ex-Alunos conseguiu agrupar, mesmo com grandes dificuldades, em torno de sessenta jovens. No dia 20 de fevereiro de 1927 foi realizado um evento festivo pelos ex-alunos, precedido de Santa Missa, em que foi eleito um novo presidente, com a participação de sessenta e dois associados (BONIFÁCIO, 1988b).

No ano de 1933, o Irmão Diretor do Colégio do Carmo convidou o Reverendo Padre Pacífico a realizar, para a Associação dos Ex-alunos, algumas conferências, e por intermédio de um retiro, prepará-los para o cumprimento de seu dever pascal. Assim, mais de cinquenta pessoas participaram das orações na Capela do Colégio do Carmo, e também aproveitaram para confessarem e comungarem.

Por sua vez, a Associação dos Ex-alunos melhorou sua organização e eficiência, a partir do ano de 1933. Foram realizadas numerosas reuniões para a preparação do jubileu dos vinte e cinco anos da chegada dos Irmãos Lassalistas em Caxias, quando fundaram o Colégio do Carmo em 1908. Assim, ao final do ano de 1932, foi organizada uma cerimônia comemorativa, alusiva ao 25º aniversário da chegada dos Irmãos Lassalistas ao Estado do Rio Grande do Sul. Dois ex-alunos, Erni Pezzi e Dario Ungaretti organizaram a maioria dos festejos, incluindo a celebração de uma missa solene na Capela do Colégio do Carmo.

No ano de 1933, a Associação dos Ex-Alunos decidiram em Assembleia Geral fundar a Conferência de São Vicente de Paulo⁹⁰. A Conferência foi desenvolvida rapidamente, passando a constituir três Conferências e suas sedes estavam localizadas respectivamente no Colégio do Carmo, no bairro de São Pelegrino e na Zona denominada 'Caipora' ou Boa Vista. Além disso, um conselho particular da Associação funcionava no Colégio do Carmo e uma quarta Conferência foi fundada nas cercanias do 'Curtume', no final do ano de 1933.

Como indica Grazziotin (2010), as Conferências Vicentinas⁹¹, fundadas em 1933, tiveram o incentivo junto ao Colégio do Carmo, principalmente devido à atuação social da Associação dos Ex-Alunos, posteriormente tais conferências se transformaram na Sociedade Caxiense de Auxílio aos Necessitados (SCAN).⁹² Ainda no ano de 1933, a Associação dos Ex-Alunos solicitou mais segurança ao Chefe de Polícia, Dr. Olmir Azevedo, pois estava preocupada com as crianças, que transitavam nas ruas da cidade de Caxias, causando problemas (BONIFÁCIO, 1988b).

Desse modo, a Associação dos Ex-Alunos encaminhou à polícia o pedido de fundar um grupo de voluntários. Por sua vez, o chefe de polícia propôs à escola dentre os ex-alunos, cinco corajosos, a quem ofereceria todos os poderes necessários para agir, denominado por ele de 'polícia dos costumes' e as atividades tiveram início em 1º de janeiro de 1934, mas apresentou pouca duração (BONIFÁCIO, 1988a).

A Figura 33 ilustra os componentes da Associação dos Ex-Alunos, cuja fotografia é datada do ano de 1935.

⁹⁰ "Foi então que em 17 de setembro de 1933, no Colégio do Carmo, se realizou a primeira Conferência Vicentina, por um grupo de jovens que eram membros da Sociedade São Vicente de Paulo, conhecida como Membros Vicentinos. Tratava-se de uma confraria de caridade, fundada pelo beato Frederico Ozanam, no ano de 1833, em Paris, na França, com apoio e empenho de um grupo de amigos. A Sociedade São Vicente de Paulo difundiu-se rapidamente pelo mundo, ainda nos primeiros anos de sua fundação, por ser uma organização caritativa para leigos de ambos os sexos" (SCAN, 2015, p. 1).

⁹¹ As Conferências de São Vicente de Paulo (Vicentinas) foram fundadas em meados do século XIX e tinham filiais na maioria das escolas dos Irmãos Lassalistas da época. A estabelecida no Colégio do Carmo posteriormente assumiu a SCAN no ano de 1939. Esta entidade funcionou vários anos no Colégio do Carmo (BONIFÁCIO, 1988b).

⁹² "Em 13 de abril de 1938, era criada a SCAN, sendo a primeira entidade beneficente da cidade. Conseguiu sua sede própria em 1940, quando o Edifício São Vicente, localizado à Rua Pinheiro Machado, foi inaugurado. Essa conquista só foi possível pelas mãos caridosas da diretoria (1938-1939), junto ao Vicentino engenheiro civil Dário Granja Sant'ana e com a venda de um terreno pertencente à entidade, este obtido através dos movimentos de conscientização com a sociedade, de onde veio a maioria dos recursos para a construção do edifício" (SCAN, 2015, p. 1).

Figura 33 – Associação dos Ex-Alunos do Colégio do Carmo



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

No ano de 1933 por ocasião da comemoração do Natal, os congregados da Conferência Vicentina (ex-alunos do Colégio do Carmo) foram convidados a auxiliarem na distribuição dos presentes de Natal e apresentaram-se em torno de 1.200 crianças e houve muitas ordenações.

A Associação de Ex-Alunos convidou o Padre Brentano S. J, para realizar algumas conferências aos operários durante o ano de 1933 e obteve grande sucesso, culminando na proposta de fundação do Círculo Operário Caxiense (COC)⁹³ que prometeu realizar um grande bem. Fato que realmente aconteceu no ano de 1934 quando foi fundada tal instituição e, como consequência levou um bom grupo de pessoas a praticar com mais avinco as atividades religiosas. Por diversas vezes, em suas Conferências, o Padre Brentano, que foi capelão do Colégio em Pelotas, prestou homenagens aos Irmãos Lassalistas e à Associação dos Ex-Alunos do Colégio do Carmo.

Assim sendo, como explicam Bertonha e Machado (2008, p. 7), “As práticas e a relação da escola com a sociedade na qual está inserida repercutem a discussão

⁹³ “[...] os Círculos Operários nasceram na Europa por iniciativa do bispo Ketteler na Alemanha. Tinham como referencial a doutrina social da Igreja, consolidada na Encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, de 1891, e na *Quadragesimo Anno*, de Pio XI, de 1931. Tinham como objetivo fazer frente à organização sindical emergente e ao predomínio das ideias socialistas e comunistas que ganhavam terreno entre os trabalhadores” (GRAZZIOTIN, 2010, p. 48).

sobre a intencionalidade dos processos educativos”. Ainda conforme as autoras, a escola também influencia “[...] na formação social e dos corpos individuais dos professores e alunos, bem como todos os demais envolvidos no processo educacional, tomando forma e cultura escolares como conceitos operatórios para uma análise”.

O Colégio do Carmo matriculou mais de 40 mil alunos desde a sua fundação até o ano de 2010, conforme dados obtidos com a Secretaria do Colégio do Carmo, revelando a importância e o significado que teve e tem na formação dos jovens da cidade de Caxias e da região (GRAZZIOTIN, 2010).

Bertonha e Machado (2008) afirmam que a investigação do processo de criação e instalação de uma escola; a caracterização e a utilização do seu espaço físico; o espaço do poder; a seleção dos conteúdos escolares utilizados; a origem social dos alunos e seu destino provável, bem como a legislação e as normas que a regem, oferecem significados à sociedade na qual a escola está inserida. O envolvimento do Colégio do Carmo com a comunidade de Caxias ocorreu de várias formas, porque era prestigiado pelos filhos das famílias mais tradicionais da cidade. O Colégio do Carmo adquiriu o respeito e a confiança da sociedade caxiense, pois disponibilizava disciplina, ordem e um ensino de qualidade (GRAZZIOTIN, 2010).

Hengemülle (2007, p. 120) complementa afirmando que “A escola cristã veio para sanar a lacuna dos pais que não podem dar a seus filhos as instruções que lhes são necessárias e uma educação adequada e cristã”.

Uma das iniciativas que ganhou forma e se consolidou na cidade de Caxias vinculado ao Colégio do Carmo, envolvendo tanto os alunos como suas famílias como aqueles que por lá passaram, foi a fundação da Conferência São Vicente de Paulo, sob a responsabilidade da Associação dos Ex-Alunos do Colégio do Carmo em 1933, para o atendimento às pessoas mais necessitadas, sob orientação dos Irmãos Lassalistas, como citado anteriormente.

Desse modo a filosofia e o método educativo adotado pelos Irmãos Lassalistas, ganharam a simpatia dos pais e de boa parte da comunidade caxiense. Conforme relato de um ex-aluno, cujo sobrenome era Zandomeneghi, primeiro aluno matriculado em 1909, no Colégio do Carmo: “O que aprendi com os Irmãos do Carmo serviu de alicerce para toda a vida” (GRAZZIOTIN, 2010, p. 81).

Como se verifica, o Colégio do Carmo no período de 1908 a 1933 estava relacionado mais às classes média e alta da cidade de Caxias, exercendo, portanto

uma importante influência na sociedade caxiense, promovendo também iniciativas junto aos trabalhadores e às camadas populares. Conforme esclarece Grazziotin (2010, p. 81), “A maioria das iniciativas tomadas estavam imbuídas por uma visão caritativa e assistencialista”. Oliveira (2009, p. 92) acrescenta que:

[...] as congregações religiosas vindas para o Brasil, a partir de meados do século XIX, tornaram-se instituições particulares e enfatizaram suas atividades no âmbito educacional e não no missionário. Essa foi a forma encontrada para superar a precariedade de recursos financeiros na continuidade de suas obras. À medida que os colégios e escolas confessionais passaram a atender à classe média e alta da sociedade, procuram investir, atualizar e modernizar suas instituições para competir no mercado educacional, no âmbito das escolas particulares, leigas, protestantes e, posteriormente, no próprio ensino público.

No período em questão, era a Igreja Católica que indicava quais os tipos de atividades e quais as ações deveriam ser realizadas, para assinalar a sua presença e inserção no meio social, com a finalidade de manter e garantir o modelo de organização social existente, colaborando com os poderes constituídos (GRAZZIOTIN, 2010).

No próximo capítulo são narradas as práticas pedagógicas e as rotinas escolares do Colégio Carmo, para o recorte temporal de 1908 a 1933, discorrendo também sobre as rotinas dos discentes, a disciplina e o modo como os Irmãos Lassalistas pensavam e organizavam o cotidiano da escola e, por fim, as rotinas dos docentes no Colégio do Carmo.

4 COLÉGIO DO CARMO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E ROTINAS ESCOLARES

Vidal e Schwartz (2010) ressaltam que a definição de cultura escolar tem sido privilegiada nas pesquisas em história da educação, principalmente nas investigações que vêm se dedicando a estudar os processos históricos de constituição das práticas pedagógicas e das rotinas escolares.

O capítulo aborda em seu início as práticas pedagógicas vivenciadas no Colégio do Carmo, narrando os aspectos da religiosidade como marca das práticas pedagógicas, bem como os saberes e as festividades escolares. Na sequência são perscrutadas as rotinas escolares, iniciando com a narração das rotinas dos discentes do Colégio do Carmo, e em seguida a disciplina e o modo como os Irmãos Lassalistas pensavam e organizavam o cotidiano da escola, e, por último, são narradas as rotinas dos docentes no Colégio do Carmo.

4.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO COLÉGIO DO CARMO

Ao se referir sobre as práticas pedagógicas, Chartier (2000, p. 158) resalta a importância de investigar os fazeres ordinários, pois compreendia que seguidamente designada, mas não descrita, “[...] a não ser de maneira incidental ou indireta, a escola fazia-se ausente exatamente naquilo que executava a prática escolar”. Vidal (2005, p. 62) adiciona que “A formalidade das práticas pedagógicas impunha reconhecer a importância da consideração acerca dos bens culturais distribuídos na sociedade, colocando como desafio o estudo de seus usos”.

Mergulhar no interior de uma Instituição Escolar, com o olhar do historiador, é ir em busca das suas origens, do seu desenvolvimento no tempo, das alterações arquitetônicas pelas quais passou, e que não são gratuitas; é ir em busca da identidade dos sujeitos (professores, gestores, alunos, técnicos e outros), que a habitaram, das práticas pedagógicas que ali se realizaram, do mobiliário escolar que se transformou e de muitas outras coisas (SANFELICE, 2006, p. 24).

Neste item são narradas as práticas pedagógicas do Colégio do Carmo a partir de alguns indícios documentais. Inicialmente é realizada uma análise da religiosidade como a marca das práticas pedagógicas do Colégio do Carmo, abordando também a obrigatoriedade da participação dos alunos nas missas e na oração diária. Em seguida, são apresentados os saberes e as práticas pedagógicas

vivenciadas no Colégio do Carmo, abrangendo a escrita, as aulas e a estruturação das salas de aula, bem como as propostas de ensino e de aprendizagem dos Irmãos Lassalistas ao Colégio do Carmo, os processos avaliativos e as premiações. Por último, são abordadas as festividades escolares com ênfase aos festejos religiosos e aos eventos cívicos, sendo que os últimos apresentaram propulsão após a criação do batalhão escolar.

4.1.1 Religiosidade como marca das práticas pedagógicas

Uma das práticas pedagógicas adotadas no Colégio do Carmo eram os retiros espirituais realizados anualmente pelos Irmãos Lassalistas. Assim sendo, cita-se, por exemplo, que ao término do primeiro ano letivo do Colégio do Carmo, em 1908, os Irmãos Lassalistas realizaram o primeiro retiro no período das férias, quando viajaram para Canoas, com destino ao Instituto São José⁹⁴ (atual Colégio La Salle). Foi uma ocasião de rever os coirmãos que haviam se estabelecido na cidade de Canoas, os quais tiveram uma troca de impressões sobre o primeiro ano escolar desenvolvido no Brasil, mais precisamente no Rio Grande do Sul. O retorno dos Irmãos Lassalistas para Caxias ocorreu no início do ano letivo de 1909.

Morales (1984, p. 114) ao se referir sobre as férias ressalta que, “A missão do tempo livre é restabelecer o equilíbrio, devolver a integridade ao indivíduo”. Para o autor, o tempo livre quando classificado como religioso ou apostólico, abrange os retiros, as convivências, as atividades litúrgicas, dentre outras.

Os retiros dos Irmãos Lassalistas tinham como temas principais de estudo a proposta de Jesus Cristo e do carisma educativo de João Batista de La Salle para cada realidade vivida. Com momentos fortes de oração, reflexão, convívio, e algum tempo para a prática do esporte e lazer. Cabe destacar que, no ano de 1911 ocorreu novamente o retiro dos Irmãos Lassalistas, sendo que o Irmão Anastace Pascal permaneceu em Caxias para gerenciar os acontecimentos do Colégio do Carmo.

⁹⁴ “Em 1907, capitaneados pelo Irmão Pedro, um grupo de Irmãos comprou a propriedade da família Weingartner, na qual ficava um pequeno hotel, para a construção do que inicialmente foi chamado de Instituto São José de Canoas. O colégio abriu as portas já em 1908, em regime de externato, e em 1910 implantando o primeiro pensionato para garotos na cidade, com a finalização do prédio conservado até hoje nos fundos da Unilasalle, no qual fica hoje a sala dos professores. Assim, jovens de todas as partes do Estado podiam vir estudar Economia ou Agronomia em um espaço que, à época, contava com uma substancial parte rural, e ainda ficava muito próximo a Porto Alegre” (GRISA, 2015, p. 1).

Na obra de João Batista de La Salle 'Meditações' estavam detalhadas as meditações sobre a educação, sendo que uma delas era específica para o retiro sobre a missão do mestre. Como explica Justo (1991), as meditações para o retiro se classificavam em duas categorias. A primeira categoria tratava exclusivamente da vocação, deveres e recompensas do educador. E na segunda categoria estava implícito o modo de realizar a educação, para corresponder aos princípios estabelecidos pela pedagogia lassalista. Ainda segundo o autor, "Ao retiro anual de oito, vinte ou trinta dias, não vai somente o religioso, diligente por sua perfeição individual" (JUSTO, 1991, p. 143).

Para o ano de 1915, o retiro tradicional dos Irmãos Lassalistas, contou com a participação de três jovens, sendo dois alunos do Colégio do Carmo, como juvenistas, estes com caráter formativo, sendo a primeira etapa no processo de preparação para a vida religiosa Lassalista, ou seja, de Irmão Lassalista. Estes jovens faziam seu discernimento, com a ajuda dos Irmãos Lassalistas e realizavam os estudos nas próprias Escolas Lassalistas (cursos voltados para o magistério) e parte do dia permaneciam no juvenato, com aulas complementares, práticas de atividades esportivas, convivência, exercícios espirituais, estudos e trabalhos.

Como descreve Morales (1984, p. 15), "O zelo do Educador Lassalista brota deste sentimento de responsabilidade perante Deus e perante cada um destes jovens. É comunhão num amor que não conhece fronteiras".

Como de costume, havia revezamento dos Irmãos Lassalistas para a participação dos retiros anuais para verificar quem iria antes ou depois. Para o ano de 1916 foi a vez do Irmão Frumence Bertin, que permaneceu em Caxias. Lembrando que também havia um motivo especial, pois além de gerenciar o Colégio do Carmo, teria que oferecer os cuidados ao padre Comandulle, que ocupava um dos quartos da instituição durante quinze dias para repouso, naquele ano.

Estes momentos eram registrados com rigor nos Livros de Ata do Colégio do Carmo, com datas, em que momento e quais os Irmãos Lassalistas participavam dos retiros anuais. Cabe salientar que a partir do ano de 1922, não foram encontrados os registros de retiros posteriores. O que remete aos seguintes questionamentos: Será que foram perdidos estes registros? Ou simplesmente não foi realizada mais esta prática de escrita? Fica como dúvida, uma vez que, estes momentos acontecem até os dias atuais.

Como observado, os retiros dos Irmãos Lassalistas eram realizados ao término de cada ano letivo, portanto nas férias dos referidos Irmãos, sendo que a maioria desses retiros concentrava-se fora de Caxias, permanecendo sempre um dos Irmãos Lassalistas para realizar o monitoramento do Colégio do Carmo.

A religiosidade também é marcada no Colégio do Carmo pela prática da vocação à vida religiosa dos alunos e do juvenato. Azzi (1997, p. 239) ressalta que:

Na maioria das vezes, incutiram na mente das crianças e dos jovens a importância da religião, criando dessa forma condições favoráveis para que posteriormente pudessem ser recrutados numerosos candidatos à vida sacerdotal ou religiosa.

Para se ter uma ideia, no ano de 1909, o Irmão Anastace Pascal enalteceu que pela segunda vez apresentava-se um candidato para seguir como Irmão Lassalista, como ocorrera ainda no ano de 1908, ou seja, dois alunos apresentaram vocação à vida religiosa no período.

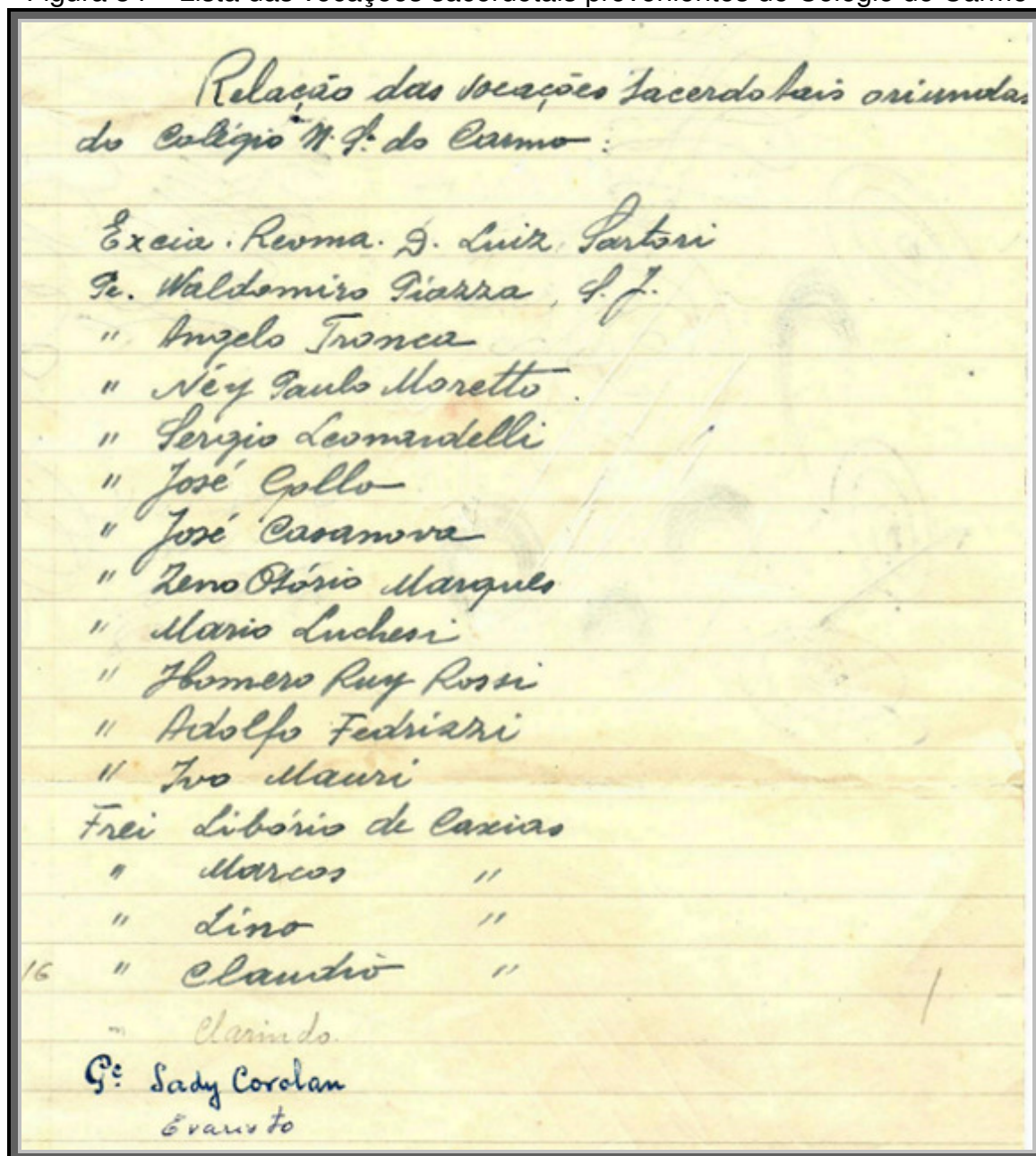
Os passos vocacionais a serem percorridos por quem deseja ser Irmão De La Salle estão distribuídos em diferentes etapas: Juvenato ou Pré-Postulado, Postulado e Noviciado. Estas etapas, com seus conteúdos próprios, têm o objetivo de continuar o trabalho de amadurecimento vocacional do candidato a Irmão De La Salle. Por estas etapas formativas, o jovem decide pela Profissão Religiosa Lassalista e, tornando-se Irmão, assume a missão que lhe é confiada nas mais diferentes Obras a Serviço do Reino de Deus pela educação de crianças e jovens (PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL – CHILE, 2015, p. 1).

Para complementar, no ano de 1914, vários alunos expressaram o desejo de seguir a vida religiosa, resultando em uma primeira tentativa de promoção vocacional e para suprir essa demanda um dos andares do Colégio do Carmo foi adaptado para hospedar esses candidatos. Em paralelo, segundo Bonifácio (1988a, p. 13) “[...] em 1914, a Congregação Mariana iniciou suas atividades”, sendo instalada no Colégio do Carmo.⁹⁵

Na Figura 34 é possível verificar no documento, a lista dos nomes dos alunos que apresentaram vocações sacerdotais oriundas do Colégio do Carmo.

⁹⁵ A Congregação Mariana durante 25 anos reunia alunos e ex-alunos do Colégio Carmo, os quais cada sábado se encontravam sob a orientação de um Irmão e do assistente eclesialístico: “[...] uma vez por mês comparecia incorporada na igreja, todos com fita azul e medalha, sob o drapejar do grande estandarte que trazia as efigies de Nossa Senhora do Carmo e São Batista de La Salle. Após a missa, os congregados eram brindados com uma taça de café e um pãozinho no humilde refeitório da escola” (BONIFÁCIO, 1988a, p. 33).

Figura 34 – Lista das vocações sacerdotais provenientes do Colégio do Carmo



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Observa-se no documento apresentado na Figura 34, uma listagem dos alunos que apresentaram vocação para a vida religiosa, escrita a mão pelos Irmãos Lassalistas, os quais eram denominados 'Irmãos Recrutadores', pois tinham a missão de identificar aqueles alunos que apresentavam tendência vocacional.

Assim sendo, devido ao fato de alguns alunos terem demonstrado disposições religiosas e o desejo de seguirem a vida religiosa, o Diretor do Colégio do Carmo, à época, o Irmão Xantin Nicolas convidou-os para ingressarem na Congregação Lassalista. Porém, a maioria dos alunos interessados era muito jovem,

mas para não deixar fugir tal vocação sacerdotal, o Irmão Diretor resolveu em conjunto com os demais Irmãos Lassalistas, realizar um acréscimo no Colégio do Carmo para o funcionamento de um juvenato, com a autorização do Irmão Visitador.

Por sua vez, o Irmão Xantin Nicolas, Diretor do Colégio do Carmo, sentiu-se na obrigação de informar aos Irmãos Superiores em Porto Alegre, de maneira mais detalhada sobre a necessidade de um juvenato para a Comunidade Educativa de Caxias, que à época dependia muito da paróquia e dos Fabriqueiros. Seja para o desenvolvimento da obra, visto às necessidades da localidade; seja ainda e, sobretudo em relação ao recrutamento de alunos com vocações à vida religiosa, que em Caxias e arredores teria melhores garantias de sucesso.

A resposta do Irmão Assistente Petronius⁹⁶, que era o encarregado do Distrito do Brasil, está transcrita a seguir, conforme o Capítulo Geral de maio de 1913, divulgado e publicado apenas em 28 de julho de 1914:

28-7-1914 – Vós me expondes de maneira muito clara as questões do pensionato, juvenato e de tudo o que é preciso adquirir, fazer para se conseguir isto. É preciso todo esforço e dedicação para se adquirir terrenos, propriedades e casas e não com muita demora. Para os gastos nas aquisições é necessário que o Irmão Visitador exponha claramente quais os valores necessários para as aquisições, sem fazer dívidas, de maneira tal, que a Comunidade e o Distrito não poderiam quitá-las convenientemente. Eu farei todo o possível para que haja bom êxito e que o Regime (Conselho de Roma), chegue a uma decisão favorável.⁹⁷

Para os anos seguintes não foram encaminhados muitos alunos do Colégio do Carmo com vocação à vida religiosa somente um ou dois por ano. Não por falta de interessados pela vida religiosa, mas sim devido às negociações junto aos pais de alguns meninos que não chegaram a um acordo, pois os mesmos não autorizaram a transferência dos filhos. Por vezes, tanto alunos como os pais aceitavam a vocação à vida religiosa, porém não conseguiam superar o que a distância os proporcionava, ou seja, a saudade das conversas, do poder ver e tocar ou mesmo a sensação de segurança e acabavam por voltar aos seus lares.

Como esclarece Hengemüle (2007), o Guia das Escolas Cristãs mencionava sobre o relacionamento dialógico, alertando também sobre um conjunto de “[...] cuidados a ter no contato com os pais dos educandos, cuidados como o de não lhes causar descontentamento, mas pelo contrário, de agradá-los e o estar atento a seus

⁹⁶ O Irmão Assistente Petronius assumiu o posto após a demissão do Irmão Maurice Lucien.

⁹⁷ Transcrição de *Historique de La Communauté Caxias*, cuja tradução foi realizada pelo Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012.

desejos, gostos, inclusive queixas”. Assim sendo, era preciso respeitar a posição dos pais, deixando-os satisfeitos com o Colégio do Carmo e com os Irmãos Lassalistas, promovendo uma política de bom relacionamento.

O ensino religioso e o catecismo também eram práticas pedagógicas adotadas no Colégio do Carmo. Compagnoni (1980, p. 206) ressalta que os esforços dos Irmãos Lassalistas “[...] quanto ao ensino e à prática da Religião, foram notáveis e realmente edificantes”. Hengemüle (2007, p. 141) complementa afirmando que um dos primeiros aspectos da formação do cristão na Escola Lassalista era o da instrução religiosa, por meio da preparação ao catecismo. Ainda segundo o autor, “O catecismo é prática construtiva da ‘escola cristã’. Assistir ao catecismo sempre é condição para ser aluno lassaliano”. Bonifácio (1989, p. 44) acrescenta que:

[...] os Irmãos ministravam diariamente uma aula de religião à qual denominavam de Catecismo, seguindo o método socrático, de perguntas e respostas de professor para aluno e de aluno para professor. Era método muito ativo e que não dava margens para muitas divagações.

Compagnoni (1980, p. 205) acrescenta que os Irmãos Lassalistas “[...] adotavam, na época, os catecismos episcopais, que, de acordo com o catolicismo reformado ou tridentino dá ênfase à vida sacramental e à devoção à Virgem Maria”.

Para os Irmãos Lassalistas, o magistério também é considerado um sacerdócio, o qual demanda ‘sacrifício’ do professor na missão de educar e, tinham ciência de que sua vocação era inspirada por Deus. Portanto, sua missão de educar integrava-se aos princípios evangelizadores por meio da religiosidade.

Assim sendo, isso pode ser confirmado, pois no período compreendido entre os dias 20 a 22 de fevereiro de 1914, o Pároco da Igreja Matriz, instruiu o ensino religioso aos alunos do Colégio do Carmo, sob a forma de um retiro espiritual, que foi encerrado com uma Comunhão Geral realizada aos alunos como um todo, e também de forma especial e em separado para aqueles alunos que tinham realizado a Primeira Comunhão.

Conforme a ACI Digital (2015, p. 1), “A primeira comunhão pode ser recebida quando se começa a ter uso da razão, o que se supõe a partir dos sete anos; tendo recebido previamente a preparação oportuna e o sacramento da penitência”.

Neste sentido, a prática da Primeira Comunhão na paróquia de Caxias era precedida por dias de retiro espiritual dos alunos do Colégio do Carmo. A cada dia,

os jovens assistiam a duas longas e intermináveis instruções em italiano, onde os alunos brasileiros quase não compreendiam o que era falado.

Para este objeto de estudo, no caso o Colégio do Carmo, existe a necessidade de entrelaçar os escritos de Viñao Frago (2001) quando alega não existir escolas exatamente iguais, mas que pode ter similaridades. Acredita-se que não somente em escolas com propostas pedagógicas, de congregações religiosas ou laicas diferentes, mas até mesmo nas escolas de mesma mantenedora há diferentes culturas que as compõem. Assim, justamente pelo fato de essas escolas terem que se adaptar às culturas locais e aos idiomas diferenciados, que no caso em questão, a cidade de Caxias, que à época possuía toda a bagagem da tradição italiana, para ser aliada à proposta lassalista; em que os Irmãos eram franceses. Ainda seguindo nesta linha, o autor assegura que:

Puede ser que exista una única cultura escolar, referible a todas las instituciones educativas de um determinado lugar y período, y que, incluso, lográramos aislar sus características y elementos básicos. Sin embargo, desde una perspectiva histórica parece más fructífero e interesante hablar, en plural, de culturas escolares. No hay dos escuelas, colegios, institutos de enseñanza secundaria, universidades o facultades exactamente iguales, aunque puedan establecerse similitudes entre ellas. Las diferencias crecen cuando comparamos las culturas de instituciones que pertenecen a distintos niveles educativos (VIÑAO FRAGO, 2001, p. 33).

A partir do ano de 1916, a catequese passou a funcionar no próprio ambiente escolar do Colégio do Carmo, no horário das 7hs às 7h10min, e a pedido do pároco da Igreja Matriz de Caxias aos Irmãos Lassalistas, que também ministrassem as aulas na paróquia, porém o pedido teve pouca duração. Como explica Morales (1984, p. 91), “O Encontro Catequístico é um convívio de pessoas que se dispõem a participar de um processo de amadurecimento da Fé”. Para o autor, “No Encontro Catequístico, cada aluno e cada catequista participam como sujeitos”.

Um dos principais cuidados que deve ter o professor durante o catecismo é conseguir que todos os alunos estejam muito atentos e que retenham facilmente o quanto lhes diz. Para este fim, terá à vista todos os alunos, e velará sobre tudo o que façam (CORSAATTO, 2007, p. 75).

No que se refere às atividades religiosas realizadas no ambiente escolar, do Colégio do Carmo cabe salientar também, que fazia parte da rotina dos estudantes, além da participação nas celebrações das missas e nas aulas de catequese a

frequência em quase todos os sábados, da prática da confissão, o que facilitava a realização da comunhão do dia seguinte.

[...] nas indicações de La Salle [...] as práticas religiosas eram as seguintes: orações diárias na sala de aula; orações no começo da aula, antes do café da manhã e da merenda; durante as aulas, deveria haver sempre um aluno recitando o rosário, num espaço destinado para isso; orações antes de começar a estudar cada lição; cinco reflexões a cada dia, no início da manhã. Além da indicação das práticas e das atividades religiosas, La Salle descreve a postura exigida dos alunos durante as orações e durante a missa, celebração que ocorria todos os dias, na igreja mais próxima da escola (CORSATTO, 2007, p. 73).

Como explica Justo (1991, p. 178), a confissão é definida como a “[...] exposição por perguntas e respostas sobre o exame de consciência, o ato de contrição, a declaração dos pecados [...]”.

No ano de 1920, como esclarece Brandalise (1988) devido à forte penetração de protestantes (metodistas) em Caxias, o Padre João Meneguzzi introduziu a reza do terço, todas as noites, na Igreja, visando à perseverança na fé.

A Igreja Católica, considerava o professor e a escola como uma das formas de fortalecer o Projeto de Restauração Católica. A coação moral e religiosa garantia que todas as crianças receberiam a instrução, mas, voltada aos princípios cristãos fortalecendo seus interesses. A família era um elo importante nesta corrente, pois com o seu comprometimento na vida comunitária, se garantiria a escolaridade e conseqüentemente a manutenção da fé (RENK, 2006, p. 7).

Conforme Morales (1984, p. 43), “A oração gera assim um clima favorável ao ato educativo e dá um novo sentido à atuação que o segue enchendo-o de esperança e também de alegria”. Como ressalta o autor, a oração “Sempre tem sido e será um grande meio de formação espiritual dentro da escola cristã”.

Em paralelo às práticas religiosas do Colégio do Carmo, como forma de monitorar as instituições de ensino em Caxias, o Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, por intermédio de uma circular solicitou aos vigários das Paróquias em geral, para levantar as informações a respeito de como estava sendo ensinada a doutrina cristã no ambiente escolar; incluindo-se neste contexto o Colégio do Carmo. As informações foram levantadas para o mês de julho de 1927, em que o Cônego João Meneguzzi da paróquia de Caxias desenvolveu um relatório com as seguintes informações:

- a) os resultados do levantamento indicaram que os alunos que frequentavam a doutrina na Igreja Matriz de Caxias, eram distribuídos em 214 meninos e 287 meninas;
- b) foi identificado também que existiam na rede da Paróquia nove colégios católicos, conforme indicado na Tabela 2.

Tabela 2 – Colégios católicos em Caxias em 1927 e doutrina cristã

Nome da Instituição	Direção	Quantidade de alunos internos	Quantidade de alunos externos	Doutrina cristã
Colégio Nossa Senhora do Carmo	Irmãos Lassalistas	16 alunos	264 alunos	Duas vezes por dia pelos Irmãos Lassalistas Duas vezes por semana por um sacerdote
Colégio São José	Irmãs de São José	18 alunas	256 alunas	Todos os dias pelas Irmãs de São José. Duas vezes por semana por um sacerdote
Colégio Dom Bosco (Escola Particular)	Antonio Viero e suas irmãs Angelina, Maria e Rosina	42 alunas	35 alunas 23 alunos	Duas vezes ao dia pelos professores
Escola Paroquial Santo Antonio	Zulmira de Lavra Pinto	-	42 alunos 41 alunas	Nas escolas paroquiais é ensinada duas vezes ao dia pelos professores. Uma vez por semana por um sacerdote.
Escola Paroquial Dom José Becker	Maria José de Abreu e Lima	-	92 alunas	
Escola Paroquial São Batista La Salle	Irmãos José e Alfredo	-	116 alunos	
Escola Paroquial Nossa Senhora de Lourdes	Angelina Polesso	-	68 alunos 62 alunas	
Escola Paroquial Santa Teresa	Lydia Amorim	-	22 alunos 16 alunas	
Escola Paroquial São Benedito	Elvira Cruz	-	18 alunos 25 alunas	

Fonte: Brandalise (1988, p. 51)

O relatório elaborado pelo Cônego João Meneguzzi também informou que no Colégio Elementar⁹⁸ da cidade de Caxias, o catecismo era ensinado por um sacerdote, durante os três meses que precediam a Primeira Comunhão, do segundo semestre, com a participação de 150 alunos matriculados em média. O total dos meninos e meninas da cidade de Caxias que recebiam a instrução religiosa, no ano de 1927, estava em torno de 1.797 alunos (BRANDALISE, 1988).

Foi mencionado também no relatório desenvolvido pelo Cônego João Meneguzzi que na cidade de Caxias havia uma previsão de outras duzentas crianças entre meninos e meninas, que por incúria ou pouca religião dos pais não recebiam instrução religiosa no período analisado.

Por sua vez, na zona rural atendida pela Paróquia de Caxias, o catecismo era ensinado pelos professores dentro da hora oficial e, por ordem do Intendente Municipal, em todas as escolas municipais, e também pelos pais em suas residências. Assim sendo, na zona rural todas as pessoas haviam realizado a Primeira Comunhão e nas zonas mais cômodas da Paróquia ensinava-se a doutrina cristã também nas capelas, no ano de 1927.

Salienta-se que no Colégio do Carmo exigia-se a obrigatoriedade da participação dos alunos nas missas e na oração diária. De acordo com Morales (1984, p. 57), “A escola lassalista recebeu mandato da Igreja para sua missão educativo-evangelizadora, e, por isso, é para todas as pessoas que com ela se comprometem em tarefas apostólicas, o lugar de sua inserção na pastoral da Igreja”.

Bonifácio (1989, p. 44) adiciona que “A missa dominical era de presença rigorosamente obrigatória para todos os alunos incorporados, às 8 horas. Antes das aulas e durante seus intervalos, elevado número de estudantes podiam ser encontrados rezando na capela”. Justo (1991, p. 178) acrescenta que a missa “[...] é explicação fácil desta celebração litúrgica: dos seus efeitos, das disposições para tirar proveito, explanação das diversas partes; oferece orações adequadas”.

Como explica Corsatto (2007, p. 74), “É com a educação religiosa que uma criança pode crescer integralmente, porque estas realidades fazem parte da constituição humana e são necessárias para uma convivência equilibrada e respeitosa”.

⁹⁸ O Colégio Elementar de Caxias era denominado de José Bonifácio e estava localizado no antigo prédio do Clube Juvenil à Rua Os do Forte, na esquina com a Rua Visconde de Pelotas até o ano de 1935, quando passou a ser Curso Primário da Escola Normal ‘Duque de Caxias’, situado ao lado da antiga Prefeitura, atual Museu Municipal (BRANDALISE, 1988).

Em consonância com Julia (2001) na obra 'A cultura escolar como objeto histórico' acredita-se que a cultura escolar além de repassar os conhecimentos adquiridos está atrelada fortemente às finalidades de cada época. Como por exemplo, o caso deste estudo, em que se verifica a influência religiosa até mesmo na formação sob o currículo escolar fica em evidência, não somente com a catequese ministrada no ambiente escolar, mas nos variados momentos de oração e a cobrança da participação dos alunos em missas dominicais. Sobre este ponto de vista de Julia (2001), Vidal (2004, p. 144) complementa afirmando que:

[...] o colégio deixara de ser apenas um local de aprendizagem de saberes para tornar-se também um lugar de incorporação de comportamentos e hábitos exigidos por uma "ciência de governo" que transcendia e dirigia a formação cristã e as aprendizagens disciplinares (VIDAL, 2004, p. 144).

Normalmente, as missas na Paróquia de Caxias eram precedidas de cânticos revezados pelos alunos do Colégio do Carmo e alunas do Colégio São José. Uma vez por semana o Monsenhor (João Meneguzzi) deslocava-se às referidas instituições para ensaiar os cantos a serem executados pelos alunos, estes sempre seguidos da presença dos Irmãos Lassalistas que acompanhavam musicalmente com a execução por meio da utilização de piano.

Durante a leitura realizada conforme documentação do acervo da Secretaria do Colégio do Carmo foi possível constatar que no fim das celebrações das missas os aspirantes pronunciavam sua consagração à Santíssima Virgem. Além disso, eram colocadas algumas insígnias nos alunos, seguida de uma alocução adequada à circunstância pela Igreja.

Como já ressaltado anteriormente, os valores religiosos eram muito expressivos, na educação dos meninos e moços no Colégio do Carmo, principalmente perante a sociedade. Então, após a benção do Santíssimo Sacramento, os alunos retornavam ao Colégio do Carmo, obtendo pontos, os quais eram 'vendidos' pelos Irmãos Lassalistas aos alunos devido à participação e à frequência nas missas. Foram achados também escritos no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo referentes à distribuição de algumas recompensas como, por exemplo, a distribuição de bombons que eram de puro açúcar, com a finalidade de motivar a participação dos alunos nas celebrações das missas.

Cabe salientar que para o recorte temporal analisado era de extrema importância perceber a participação e coatuação do Colégio do Carmo com a

paróquia local. Isso de certa forma incentivava o interesse de novos alunos, fazendo com que a instituição fosse percebida com 'bons olhos' pela comunidade local e como uma instituição considerada do 'bem' pela sociedade local. Magalhães (2004, p. 68) afirma que:

É, porém, na relação que estabelece com o público e com a realidade envolvente, na forma como a cultura escolar interpreta, representa e se relaciona com o contexto na sua multidimensionalidade, como na medida em que o público se apropria e se relaciona com as estruturas e órgãos de uma mesma instituição, que as instituições educativas desenvolvem a sua própria identidade histórica. Deste modo, ainda que segmentadas e especializadas, articuladas ou não de forma sistêmica, as instituições educativas desenvolvem uma identidade com base na relação com o contexto.

Considerando as características do grupo de religiosos, bem como os valores esperados pela comunidade caxiense, pode-se verificar uma das marcas da educação católica mais acentuada dentro do Colégio do Carmo, quando em 16 de julho de 1931 foi inaugurada a capela no Colégio do Carmo, com a celebração das missas duas vezes por semana⁹⁹.

Para este grande acontecimento estava presente na estreia, as autoridades da cidade e numerosa assistência. Por intermédio das observações realizadas, em arquivos e atas no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo percebeu-se o enorme envolvimento das famílias piedosas e vários amigos do Colégio do Carmo que contribuíram para que a obra fosse realizada, isto devido às doações espontâneas que ajudaram a cobrir os gastos. Assim, fica evidenciado o poder aquisitivo que a comunidade caxiense tinha para auxiliar na realização ou mesmo 'parar' algo quando estivesse ligado aos seus interesses e sem esquecer é claro da 'autorização' da Igreja.

A partir de 1933 passaram a ser celebradas as missas diárias do grupo, em que os alunos realizavam as visitas frequentes à capela, durante o intervalo das aulas; cujas atividades auxiliavam os jovens a permanecerem na piedade¹⁰⁰

⁹⁹ "Os Irmãos do Carmo, queriam que, cada manhã, fosse celebrada missa na grande capela do colégio, o que nem sempre era possível. Para tal, estavam na obrigação de ir à catedral às seis horas da madrugada" (BONIFÁCIO 1988b, p. 41).

¹⁰⁰ "A formação cristã inclui também a prática daquilo que La Salle dentro da linguagem de seu tempo, chamava de piedade. Essa palavra piedade, no século XVII, cobria grande gama de manifestações. Entre outras coisas, na escola lassaliana ela se expressava pelo respeito ao sagrado; pelo exercício do relacionamento com Deus, na oração privada e na liturgia; e nesta, particularmente pela recepção dos sacramentos, e muito particularmente, pela celebração da Eucaristia" (HENGEMÜLE, 2007, p. 135).

solicitada pelos Irmãos Lassalistas aos congregados.¹⁰¹ De acordo com Morales (1984, p. 84), “A escola lassalista oferece a todos os membros da comunidade escolar, com os recursos mais variados, múltiplas oportunidades para que vivam um encontro, uma experiência de fé e de amor no Senhor”.

Na Figura 35 é possível identificar a celebração de uma missa com a presença do Arcebispo de Porto Alegre, Irmãos Lassalistas e comunidade em geral, que foi solenizada no Colégio do Carmo, na década de 1930.

Figura 35 – Missa celebrada no Colégio do Carmo na década de 1930



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Cunha e Fernandes (2008) analisam as formas de organização do tempo escolar, seja por meio do calendário e sala de aula, seja partir da orientação das práticas religiosas. O Colégio do Carmo enquanto escola confessional, sempre manteve a presença das práticas religiosas no ambiente escolar e em suas rotinas. Como, por exemplo, ministrando o ensino religioso e até mesmo, preparando seus alunos para a primeira comunhão e para a confirmação, como citado anteriormente.

¹⁰¹ “A celebração da missa era diária na grande capela, ou para os Irmãos ou para os alunos. Em dias determinados, os alunos tinham à disposição, para confissão sacramental, vários sacerdotes que davam atendimento durante várias horas seguidas” (BONIFÁCIO, 1989, p. 43).

Hengemüle (2007) acrescenta que “[...] um primeiro aspecto da formação do cristão na escola lassaliana é o da instrução religiosa. O aluno de La Salle necessita ser esclarecido, ilustrado doutrinalmente”. Ainda segundo o autor “[...] é necessário explicar-lhe e fazer-lhe estudar as verdades da religião cristã, as ‘coisas que um cristão está obrigado a saber’”.

Na Figura 36 é demonstrada uma fotografia referente à celebração de uma missa em homenagem ao Exmo. Dom José Barea, na Capela do Colégio do Carmo, em conjunto com a comemoração à festa de Nossa Senhora do Carmo.

Figura 36 – Missa celebrada no Colégio do Carmo



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Como se verifica, o espaço escolar, dentro da cultura escolar, é produtor de identidades e também de exigências quanto à disciplina de seus educandos. Um exemplo disso é o uso do uniforme na fotografia, mostrada na Figura 36, que remete à identificação, à imobilidade e à manutenção da postura corporal, por intermédio do uso do mesmo, que se multiplica, de forma objetiva, a submissão do aluno por meio de uma forma simbólica em uma série de significados implícitos (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992).

Para complementar as práticas pedagógicas do Colégio do Carmo, na sequência são narrados os saberes e as práticas pedagógicas da referida instituição, apresentando o currículo escolar, a mobília escolar, os programas de ensino, dentre outros aspectos inerentes ao tema.

4.1.2 Saberes e as práticas pedagógicas

Para o entendimento dos saberes e práticas pedagógicas é preciso compreender o currículo escolar, que de acordo com a Província Lassalista de Porto Alegre (2008, p. 56) é definido como “[...] o conjunto das oportunidades e experiências disponibilizadas ao educando para seu crescimento integral”.

Identifica-se que a escola católica se constitui uma marca da Igreja no segmento da educação, tendo como objetivo, além como de qualquer outra escola, a ordem cultural e pedagógica, a formação humana. Assim, guiando-se por intermédio das leituras realizadas em documentos obtidos no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo e nos escritos de grandes pesquisadores, acredita-se que o currículo é o meio pelo qual uma instituição de ensino organiza a sua prática pedagógica. Porém, no caso de uma escola católica, como a do estudo em questão, acredita-se que este currículo escolar passou não apenas pela pergunta sobre o que ou como ensinar, mas também, pelo como viver o que seria ensinado.

Na concepção dos Irmãos Lassalistas que almejavam um ensino eficiente, deveria apresentar as atividades teóricas e as práticas pedagógicas associando o conhecimento espiritual ao específico para o meio em que viviam, formando os saberes do colégio do Carmo.

Como ressalta Grazziotin (2010, p. 124), os envolvimento descritos apresentavam como finalidade a formação de “[...] cidadãos conscientes e responsáveis de suas responsabilidades para com Deus, com a Igreja Católica, com a Pátria e a sociedade em que viviam”.

Por sua vez, os procedimentos adotados pela instituição de ensino do Colégio do Carmo eram regidos pela legislação vigente na época referente ao currículo escolar, e também tinham por finalidade a formação municiada aos alunos com ênfase na supremacia da dimensão espiritual do ser humano. Portanto, o ensino do catecismo e da história sagrada eram partes integrantes do currículo escolar, que era ministrado nas aulas de religião de cunho obrigatório a todos os alunos.

No currículo escolar, conforme o modelo do Colégio do Carmo datado do ano de 1925 estava descrito que o estabelecimento de ensino oferecia o ensino primário, secundário e comercial em Caxias, cujo documento se encontra no **Anexo W**. O programa de ensino do Colégio do Carmo no ano de 1925 era dividido em três seções e compreendia nove anos de estudo, como detalhado a seguir:

- a) primeira seção: curso preliminar com duração de um ano, e eram recrutados os alunos com idade de seis anos, em que eram ministradas as primeiras lições de religião, leitura, cálculo mental e caligrafia;
- b) segunda seção: curso elementar com duração de três anos, compreendendo as disciplinas de: religião, leitura, caligrafia, português, cálculo mental, aritmética, história do Brasil, desenho, noções de ciências, noções de comércio, os idiomas italiano e francês, gramática e canto;
- c) terceira seção: curso secundário e comércio com duração de cinco anos, envolvendo todas as matérias do curso ginasial, e tinha orientação utilitária e prática em harmonia com as necessidades da época e pretendia atenuar as dificuldades crescentes que os jovens encontravam para escolher a profissão.

As principais disciplinas ministradas no curso secundário e comercial eram: as instruções religiosa e moral; a gramática, análise, literatura e composição portuguesa; aritmética, álgebra, geometria, trigonometria, agrimensura e mecânica; contabilidade, direito comercial e economia política; história universal, geografia e cosmografia; caligrafia, datilografia (alunos do curso comercial ou para alunos avulsos), estenografia e metagrafia; desenho de adorno e geometria; física, química, história natural e geologia; idiomas italiano, francês, inglês, alemão, e outros mais idiomas que fossem necessários; música, canto e ginástica.

Convém observar no currículo escolar, a presença do estudo da língua italiana nas práticas do Colégio do Carmo, sendo que esta cultura era predominante na região de Caxias, mas em contrapartida havia o estudo da língua francesa, origem da instituição educativa lassalista. Assim, entenda-se que, embora de maneira aparentemente silenciosa, os Irmãos Lassalistas ressaltaram de modo peculiar a cultura, as práticas e as marcas trazidas do país de origem.

Conforme o currículo escolar, datado do ano de 1925, o Colégio do Carmo recebia alunos externos, pensionistas e reduzido número de internos, devido ao espaço limitado de suas instalações, sendo que tal número seria aumentado quando fosse construído um novo Colégio que à época já estava sendo projetado pelo Irmão Diretor e autoridades locais.

Para o desenvolvimento do currículo escolar do Colégio do Carmo foi utilizado como base o que estava previsto no 'Guia das Escolas Cristãs', desenvolvido por São João Batista de La Salle, considerando-se também a legislação vigente no

período em análise.¹⁰² Além das atividades descritas, os Irmãos Lassalistas incluíam na formação dos alunos, as atividades cênicas, musicais e esportivas, já referidas anteriormente, com o objetivo de integração com a comunidade local e desenvolver a disciplina e o respeito às regras, incentivando o convívio entre os leigos e os religiosos e a demarcar a identidade lassalista. Os grupos cênicos interpretavam histórias religiosas e também sobre a vida de João Batista de La Salle; os corais cantavam e tocavam as celebrações das missas, atividades festivas escolares ou eventos da comunidade.

É preciso também citar, as práticas desenvolvidas por intermédio dos escritos do Guia das Escolas Cristãs, visualizado pelos historiadores da educação como um Guia fundamental da prática pedagógica. No referido Guia foram desenvolvidas diversas considerações sobre o ato de ensinar dentro das Escolas Lassalistas, desde a sala de aula à formação de alunos e de professores. Cabe salientar, o argumento de Forquin (1992, p. 33-34) quando afirma que:

A cultura escolar apresenta-se assim como uma cultura segunda com relação à cultura de criação ou de invenção, uma cultura derivada e transposta, subordinada inteiramente a uma função de mediação didática e determinada pelos imperativos que decorrem desta função, como se vê através destes produtos e destes instrumentos característicos constituídos pelos programas de instruções oficiais, manuais e materiais didáticos, temas de deveres e de exercícios, controles, notas, classificações e outras formas propriamente escolares de recompensas e de sanções.

No Colégio do Carmo, por ser uma escola lassalista, percebe-se este modelo citado por Forquin (1992), onde a instituição de ensino seguia à época uma cultura subordinada aos ensinamentos de João Batista de La Salle; desde sua proposta pedagógica até um manual próprio para as práticas pedagógicas (Guia das Escolas Cristãs); onde orientou as formas de ensinar, de manutenção corporal dos alunos dentre outros aspectos referentes ao ensino em geral.

Assim, as práticas pedagógicas estão além do registro escrito, pois se apresentam por detrás dos materiais, em formas de lembranças ou até mesmo o que não são visualizados e como afirma Julia (2001, p. 15):

A história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de se reconstruir porque ela não deixa traço: o que é evidente em um dado momento tem

¹⁰² “No período de 1910 e 1929, o ensino brasileiro embasou-se nas Constituições Federais de 1824 e de 1891, as quais estabeleciam o direito à educação para todos e determinavam que em nível elementar a educação seria gratuita” (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998, p. 109).

necessidade de ser dito ou escrito? Poderíamos pensar que tudo acontece de outra forma com a escola, pois estamos habituados a ver, nesta, o lugar por excelência da escrita.

Neste sentido, foi possível identificar alguns indícios de como era desenvolvido o trabalho sobre a escrita no Colégio do Carmo. Inicialmente os alunos utilizavam para escrever a lousa consistente de uma chapa fina de ardósia¹⁰³ emoldurada e um estilete sob a forma de lápis, cujo cerne era fabricado por ardósia mais macia. Exigia-se que toda a escrita seguisse as linhas paralelas e equidistantes, realizadas pelo aluno mediante uma régua quadrangular.

Somente ao cursarem o segundo ano, os alunos passavam a utilizar a pena de aço embutida em caneta de madeira e usavam a tinta para as aulas de caligrafia praticadas em cadernos pautados especiais e os professores, em sua maioria eram mestres calígrafos.¹⁰⁴ As primeiras aulas eram consideradas muito difíceis pelos alunos, pois havia muito dedo sujo e muito borrão, sobravam algumas reguadas nos dedos duros e poucos flexíveis, porém depois de poucas semanas de treinamento, as crianças já tinham letra mais legível (BONIFÁCIO, 1989).

Por sua vez, havia regras a seguir para a posição correta do corpo, dos pés, das mãos, e dos dedos, maneira correta de segurar a caneta, distância rigorosa dos olhos em relação à distância do papel e treinamento nos traços básicos na formação das letras. A posição sempre ereta dos alunos fazia com que fossem evitados os problemas, que são tão comuns na atualidade, na coluna vertebral – a escoliose –, bem como o estrabismo, dentre outros.

Como afirma Corsatto (2007, p. 79), “[...] o professor deveria corrigir prontamente os erros que os alunos cometessem na escrita, observando todas as letras, sílabas ou palavras”, sendo que a maneira de realizar esta correção estava regulamentada pelo Guia das Escolas Cristãs. Ainda segundo o mesmo autor:

O professor deveria estar atento para que os alunos estivessem sempre sentados, com o corpo direito, olhando para frente e ligeiramente voltados para ele. Esta indicação, que aparece várias vezes no texto do Guia, deveria ser devidamente cumprida pelo professor (CORSATTO, 2007, p. 79).

¹⁰³ “A ardósia é uma rocha metamórfica de grão fino e homogêneo composta por argila ou cinzas vulcânicas que foram metamorfozadas em camadas. As mais finas ardósias do mundo têm origem em Campo (Valongo) em Portugal, Escócia e Slate Valley de Vermont e Nova York nos Estados Unidos” (PEDRAS DECORATIVAS, 2015, p. 1).

¹⁰⁴ Cabe destacar que, os Irmãos pioneiros das escolas lassalistas no Brasil eram, em sua maioria, grandes mestres calígrafos. Eles consideravam que a caligrafia era tida como uma arte e não admitiam que o professor não fosse modelar na escrita (BONIFÁCIO, 1989).

Partindo desta breve descrição em torno da cultura da escrita aplicada no Colégio do Carmo, percebe-se o quão as práticas pedagógicas estavam entrelaçadas ao Guia das Escolas Cristãs, um exemplo disto é a orientação indicada no mesmo, citada por Corsatto (2007):

O professor cuidará que os alunos tenham o corpo o mais direito possível, e que não o inclinem mais que um pouco, sem tocar a mesa, de modo que tendo apoiado o cotovelo na mesa, possam apoiar o queixo no punho. Devem ter o corpo ligeiramente virado e livre para o lado esquerdo, de maneira que todo o peso recaia sobre este lado. O professor exigirá que mantenham exatamente todas as posturas que se referem à posição do corpo, tal como estão indicadas nas normas da escrita. Cuidará, sobretudo, de que não separem muito do corpo o braço direito, e que não apoiem o estômago na mesa. Pois, além desta postura ser muito desagradável, isso lhes poderia causar graves moléstias. Para fazer que mantenha bem o corpo, o professor colocará, ele mesmo, o aluno na postura que deve ter. Para este fim, colocará cada membro no lugar em que deve estar e, quando observar que muda de postura, cuidará de voltar a colocá-lo bem (Juan Baptista de La Salle. Obras Completas. Tomo II. Obras pedagógicas y escolares. Guía de las Escuelas. Reglas de cortesía y urbanidad cristiana. Trad. Esp. Madrid: Ediciones San Pio X, 2005, p. 38-39) (CORSATTO, 2007, p. 68).

Por intermédio da pesquisa realizada, é possível reconhecer que a disciplina foi uma das grandes marcas do Colégio do Carmo. Em seu estudo, Dallabrida (2005) se remete a vinda das congregações religiosas para o Brasil e a influência dos mesmos no campo da educação, sendo considerada como a presença de uma educação elitista e a 'disciplina corporal refinada' dentro desses espaços.

Existia no Colégio do Carmo uma grande valorização dos Irmãos Lassalistas, para a tarefa escolar ser realizada com capricho pelos alunos. Identificou-se que a escrita era concebida como uma verdadeira arte, onde cada letra era desenhada com a mais absoluta cautela. Dentre os estilos de letras a mais em moda eram o 'inglês', o 'redondo' (vertical) e o 'bastardo' oblíquo, enquanto que o estilo gótico ficava para os escritos mais solenes.

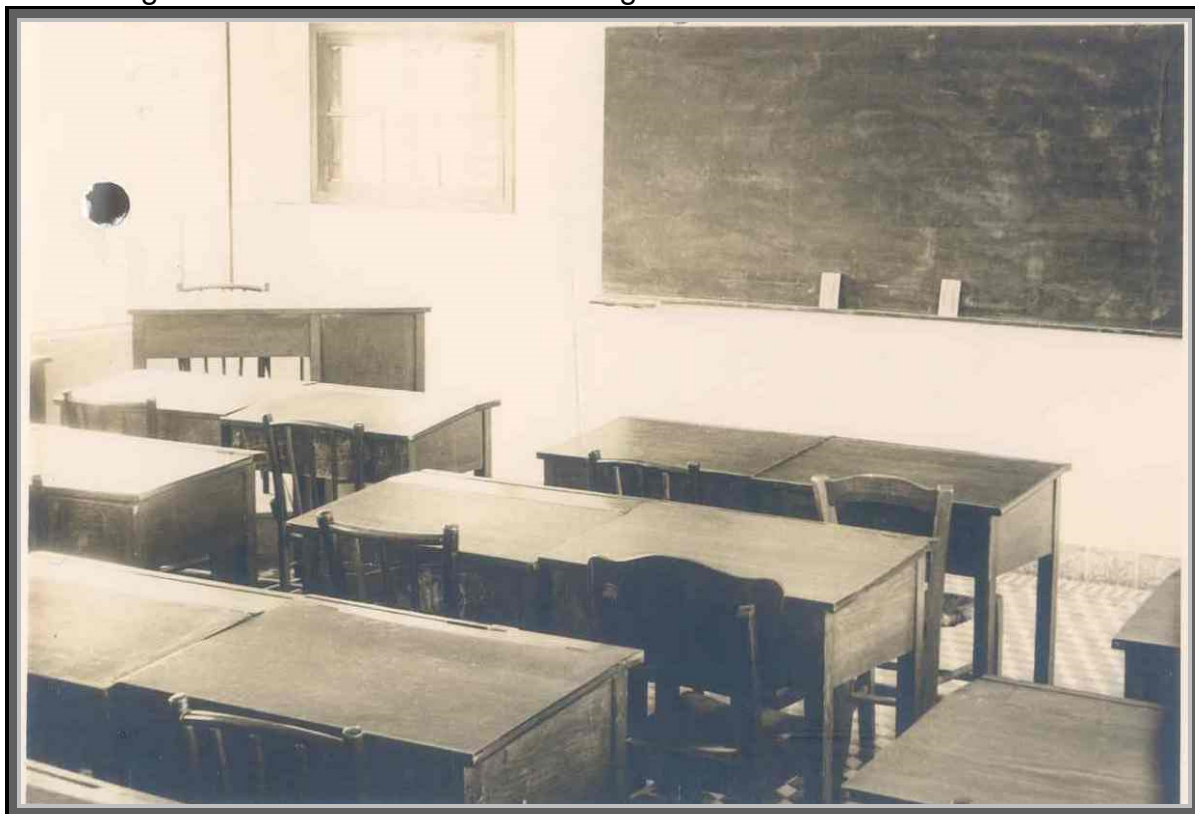
Por sua vez, as composições e os ditados costumavam ser realizados em cadernos de pauta simples, e os de Aritmética, em cadernos de pauta xadrezada. Além disso, conforme percebido nos documentos pesquisados, os cadernos tinham em torno de 16 folhas (32 páginas) e não se admitia folha arrancada e também não eram tolerados borrões, palavras riscadas ou rasuradas. Quando eventual erro era cometido ressalva-se com a identificação de parênteses. Esse rigor, nos tempos

atuais seria considerado exagerado, mas tinha a vantagem de o aluno prestar mais atenção às tarefas e eram formados pelo gosto das coisas bem desenvolvidas.

Seguidamente ouvia-se pelos corredores – ‘Firmeza de pai e ternura de mãe’ – frase a qual faz jus ao desempenho do Irmão Lassalista, educador, perante os alunos, por isso, os elogios e os bons pontos concedidos pelos Irmãos Lassalistas é que nunca faltavam aos alunos mais caprichosos. Para os cálculos e os ditados rápidos era utilizado o bloco escolar. O ábaco nunca faltava na aula de alfabetização, sendo que as crianças muito o utilizavam e o apreciavam para a realização dos cálculos matemáticos.

Na Figura 37 está ilustrada uma sala de aula com a respectiva mobília escolar, pertencente ao Colégio do Carmo, que era utilizada para os Irmãos Lassalistas ministrarem as aulas aos meninos e moços de Caxias.

Figura 37 – Mobília escolar do Colégio do Carmo da década de 1930



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

As instalações do Colégio do Carmo na década de 1930, como identificado na Figura 37, apresentavam a mobília escolar composta por: quadro negro, classes

escolares que eram unidas para dois alunos se acomodarem, cadeiras, e a mesa do professor, as quais eram fabricadas em madeira.

A fotografia ilustrada na Figura 37 mostra ainda, nitidamente como o espaço da sala de aula se compunha e revela o ensino realizado na época. Pode-se observar também que os Irmãos Lassalistas mantiveram a preocupação de manter as salas de aula tradicionais centradas na disciplina.

O ensino tradicional, centrado no professor, prevê um certo tipo de espaço e de mobiliário e sua disposição: carteiras enfileiradas fixas no solo, mesa do professor, quadro-negro à frente e algum recurso didático como globo terrestre, mapas, gravuras (BUFFA, 2007, p. 159).

Por sua vez, as salas de aula eram separadas uma das outras por uma porta e uma janela envidraçada, de modo a permitir que um professor (Irmão Lassalista) pudesse visualizar o que se passava na sala vizinha. Além disso, os próprios alunos realizavam o trabalho da limpeza da sala de aula, sendo responsáveis pela varredura das salas de aula e, também, apagavam os quadros, como fora designado ainda no Guia das Escolas Cristãs. Como esclarece Corsatto (2007, p. 112):

[...] uma importante regulamentação da escola de La Salle é o estabelecimento de alguns ofícios ou funções, que deveriam ser exercidos exclusivamente pelos alunos. Estas funções, ressaltava La Salle, não podiam e não deveriam ser feitas pelos professores, de maneira que os alunos tivessem responsabilidades.

Corsatto (2007, p. 112) esclarece ainda que os alunos das escolas lassalistas tinham como responsabilidade manter o local dos estudos em perfeita ordem e limpeza, como segue:

[...] em cada classe haverá um aluno encarregado de varrer a sala e deixá-la limpa e decente. Deverá exercer esta tarefa uma vez por dia, ao final da manhã. Antes de começar a varrer, deverá colocar os bancos junto à parede. Os varredores de cada sala se ajudarão mutuamente para fazer este trabalho de tirar e recolocar os bancos no lugar. Varrerá a sala e levará o lixo no local indicado, na rua. Cuidará de conservar sua vassoura e solicitar outra ao professor quando a sua não mais estiver em condições. Estes alunos não devem ser lentos, para não empregarem muito tempo nesta tarefa. Serão escolhidos a cada mês e receberão um presente ao final de cada mês.

O Colégio do Carmo também apresentava em sua estrutura física e instalações os seguintes espaços: a cozinha (Figuras 38 e 39), a sala de enfermaria

(Figura 40), a sala de biologia (Figura 41), o laboratório (Figura 42), dentre outros cômodos.

Ribeiro (2004, p. 105) explica que o espaço escolar “[...] deve compor um todo coerente, pois é nele e a partir dele que se desenvolve a prática pedagógica”. Para a autora, o espaço escolar “[...] pode constituir um espaço de possibilidades, ou de limites; tanto o ato de ensinar como o de aprender exigem condições propícias ao bem-estar docente e discente”.

Viñao Frago e Escolano (1998, p. 63) acrescentam que a “[...] tomada de posse do espaço vivido é um elemento determinante na conformação da personalidade e mentalidade dos indivíduos e dos grupos”.

Figura 38 – Primeiras instalações da cozinha na década de 1930



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Na Figura 39 está ilustrada a cozinha após a equiparação do Colégio do Carmo à Ginásio, na década de 1930.

Figura 39 – Instalações da cozinha após equiparação à Ginásio na década de 1930



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

O registro apresentado nas Figuras 38 e 39 deixa transparecer a simplicidade do ambiente escolar na década de 1930. Na Figura 39, a cozinha era composta por utensílios simples, observando-se, por exemplo, que na mesa não havia toalha, mas ao mesmo tempo a preocupação dos Irmãos Lassalistas era pela socialização dos meninos e moços que ali realizavam suas refeições. Esta percepção vem por intermédio da disposição dos pratos, um ao lado do outro.

O ato de realizar as refeições juntos e de partilhar as sobras, no projeto da Escola Lassalista, faz parte de uma série de posturas, simples e práticas, mas importantes de sua educação coletiva e comunitária, com vistas à boa convivência e solidariedade entre os alunos.

Na Figura 40 é possível observar as primeiras instalações da enfermaria do Colégio do Carmo, na década de 1930.

Figura 40 – Instalações da enfermaria na década de 1930



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Percebe-se na Figura 40, a preocupação dos Irmãos Lassalistas, por meio da enfermaria escolar, em manter na instituição como um espaço favorável para a promoção da saúde e por consequência também os conceitos de segurança e de certa forma a prevenção dos alunos e Irmãos Lassalistas. Logo, se o ambiente escolar não promovesse esta forma de cuidado, só viria a desestruturar o papel e a proposta da escola na formação integral dos seus alunos.

Na Figura 41 consta a sala de aula onde eram armazenados os materiais didáticos utilizados nas aulas de biologia do Colégio do Carmo, na década de 1930.

Figura 41 – Instalações da sala de biologia na década de 1930

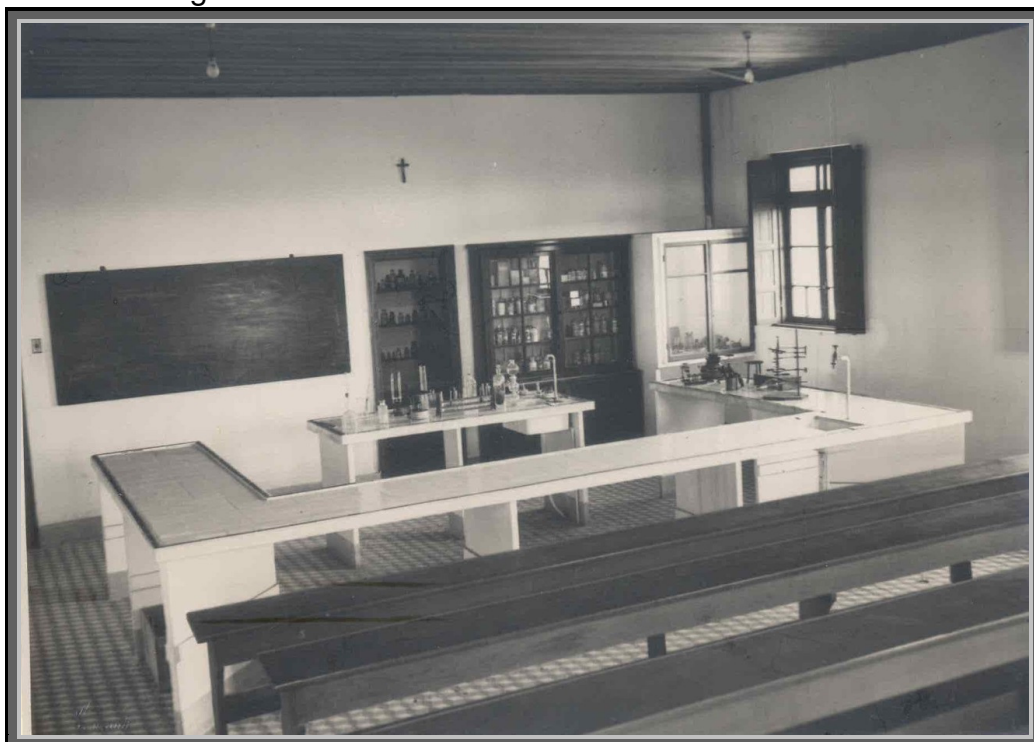


Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Os materiais didáticos utilizados na sala de biologia do Colégio do Carmo, como mostrados na Figura 41, ficavam dispostos em quadros envidraçados, onde neles encontravam-se algumas espécies de insetos, dentre outros objetos. Considerando as características do grupo de religiosos, são identificados os registros de uma educação católica, as quais não se resumem somente a presença de símbolos como o crucifixo pendurado nas salas, mas também as imagens de santos que se faziam presentes, como se verifica na Figura 41.

Na Figura 42 é apresentada a sala de laboratório do Colégio do Carmo, destacando os equipamentos utilizados nas aulas de física e química, bem como a mobília escolar utilizada pelos Irmãos Lassalistas e alunos na década de 1930.

Figura 42 – Sala do laboratório na década de 1930



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Na Figura 43 é demonstrado o Colégio do Carmo após a sua equiparação com ênfase ao pátio destinado aos recreios dos alunos, na década de 1930.

Figura 43 – Pátio do Colégio do Carmo na década de 1930



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

O momento do recreio, também estava relacionado à disciplina como uma prática pedagógica, com vínculos ao controle da organização dos alunos, seja ao toque do sino para o início, seja ao término destinado a esse tempo, bem como a constante presença dos Irmãos Lassalistas durante este período recreativo, como mostrado na Figura 43. Para Viñao Frago e Escolano (1998), tudo, dentro da arquitetura escolar é simbólico. Ao comentar sobre o relógio, por exemplo, os autores afirmam que:

Ele marca as horas de entrada na escola e de saída dela, os tempos de recreio e de todos os momentos da vida da instituição. A ordem temporal se une, assim, à do espaço para regular a organização acadêmica e para pautar as coordenadas básicas das primeiras aprendizagens (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 44).

Como observado na Figura 43, além da imponência arquitetônica do Colégio do Carmo, na década de 1930, há a presença do pátio para a acolhida dos alunos, o que configura uma arquitetura em formato de 'U' invertido e remete aos modelos de prédios escolares apresentados por Viñao Frago e Escolano (1998, p. 97):

Nesse jogo de relações entre o interno e o externo, o fechado e o aberto, dois seriam, em síntese, os modelos simplificados: Um, em forma de U, no qual predomina a fachada, o sentido do espetáculo e a ostentação. Busca impressionar aquele que o contempla e oculta o seu interior. Um interior no qual se penetra sem transição, diretamente a partir do exterior. Outro, em forma de U invertido, antítese do anterior, ao qual se chega através de um pátio ou jardim e que ao mesmo tempo acolhe e protege o visitante, recebendo-o entre suas duas asas como se fossem braços.

Por meio dos registros escritos encontrados no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo e analisados neste estudo, foi possível compreender também a disciplina e a ordem como práticas pedagógicas diárias que estavam presentes na cultura do Colégio do Carmo, no recorte temporal estudado (1908 a 1933). Mais do que isso, foi possível perceber que estas práticas, eram bem vistas pela sociedade, tornando a referida instituição uma escola centenária.

O Colégio do Carmo impunha uma disciplina rígida por intermédio dos Irmãos Lassalistas, que eram os encarregados em monitorar o bom andamento disciplinar da referida instituição de ensino e, também, contavam com o apoio de alguns alunos que eram escolhidos para auxiliar e cuidar do comportamento dos demais alunos. Além disso, eram aplicados castigos físicos leves ou também tarefas punitivas, as quais eram escritas repetidas vezes pelos alunos, fazendo parte da pedagogia

adotada pelos Irmãos Lassalistas para disciplinar e formar o caráter dos alunos à época (GRAZZIOTIN, 2010).

Bonifácio (1989) acrescenta que após as aulas da tarde os alunos indisciplinados ou preguiçosos tinham de permanecer durante uma hora e meia, em uma sala de aula para estudar e realizar as tarefas atrasadas, sendo monitorados por um Irmão Lassalista de maior autoridade e severo.

Toda essa rigidez pode ser chamada de tirania pelos pregoeiros de certa pedagogia moderna que levou o ensino e o estudo ao descalabro atual. Mas, os resultados obtidos na instrução nos tempos da dureza dão prova de que a seriedade, a energia, a competência profissional dos mestres dosada equilibradamente com amizade e carinho, são mais eficazes do que a frouxidão quase generalizada no sistema escolar moderno (BONIFÁCIO, 1989, p. 51).

Cabe salientar também, as propostas de ensino e de aprendizagem dos Irmãos Lassalistas que eram adotadas no Colégio do Carmo, compondo os saberes e as práticas pedagógicas. Como define Julia (2001, p. 19):

Não existe na história da educação, estudo mais tradicional que o das normas que regem as escolas ou os colégios, pois nós atingimos mais facilmente os textos reguladores e os projetos pedagógicos que as próprias realidades.

O Colégio do Carmo se preocupava em colocar ao alcance das crianças e dos jovens, os critérios e os valores que permitiam aos seus integrantes se posicionarem, criticamente diante da vida. Assim, era tarefa dos Irmãos Lassalistas ensinar e, por sua vez, dos alunos matriculados, aprender a pensar e julgar, e também, a se posicionar com segurança diante da vida.

Justo (1991, p. 71) esclarece que a escola lassalista “[...] se propõe a preparar para a vida, e o faz quando seus esforços formativos se orientam para suscitar nos educandos a capacidade de criar, ante cada situação de vida, respostas profundamente humanas”. Corsatto (2007, p. 78) acrescenta que “[...] uma escola cumpre o seu papel e atende às demandas da sociedade e do país, quando nela estiver presente a ordem, a boa organização, o bom encaminhamento das atividades que nela se desenvolvem”.

O Colégio do Carmo é considerado uma entidade confessional católica, em que seu fundamento é Jesus Cristo e o ponto de referência inicial e final. Para a

instituição de ensino, o Evangelho é a regra, a lei que une a Comunidade Educativa, e que lhe oferece sentido e razão de ser (BONIFÁCIO, 1988b).

O objetivo do Colégio do Carmo consiste em “[...] criar e transmitir, de modo sistemático e crítico, a cultura à luz da fé, educar para o dinamismo das virtudes cristãs, para uma opção de viver a fé, com empenho e coerência” (BONIFÁCIO, 1988b).

Como se verifica, o Colégio do Carmo se molda na visão cristã à luz dos ensinamentos do Evangelho, da Igreja e da pedagogia lassalista, na promoção da qualidade do ensino-aprendizagem e na seriedade da formação dos alunos, como indicado no Guia das Escolas Cristãs. As metas basilares do Colégio do Carmo, conforme Bonifácio (1988b) são as listadas a seguir:

- a) engajamento e o compromisso de professores, pais e alunos batizados;
- b) colaboração decidida de agentes pedagógicos e de educação, que conheçam os seus compromissos;
- c) envolvimento sério da comunidade caxiense na organização, condução e na manutenção do Colégio do Carmo;
- d) alunos que aceitassem o compromisso social de transformação e com a Igreja, e não que fossem apenas exploradores dos serviços que recebiam;
- e) uma situação de sinal de Igreja, e não apenas posição de suplência social;
- f) uma escola-comunidade, e não apenas visualizada como estabelecida na comunidade.

Compagnoni (1980) ressalta que os Irmãos Lassalistas seguiam por muitos anos as tradições dos Institutos Lassalistas, praticando o costume da lembrança da presença de Deus. Desse modo, em uma breve interrupção das aulas, eram realizadas orações da manhã e da noite, as quais desenvolvidas na primeira e na última aula do dia; bem como a oração no começo e no fim de cada aula; o estudo aos sábados, dos textos bíblicos, e da celebração da missa dominical; o estímulo da frequência à Missa e aos Sacramentos; a prática de atos devocionais, como o Terço (Rosário), as novenas, e os retiros para os grupos de alunos e ex-alunos, como citado anteriormente. Em todas as escolas lassalistas existiam núcleos de Ação Católica, Congregações Mariana e do Santíssimo Menino Jesus que eram de cunho vocacional, a Cruzada Eucarística dentre outras atividades cristãs.

Por sua vez, a admissão dos alunos era realizada por meio das matrículas, sendo que tais alunos deveriam ser apresentados pelos pais e/ou outras pessoas que fossem os responsáveis pelos mesmos.

Outro aspecto a salientar, era o fato de que os alunos expulsos de outros colégios por falta de moralidade ou outros motivos semelhantes não eram aceitos na comunidade educativa. No Colégio do Carmo eram considerados também os seguintes critérios de exclusão dos alunos: irreligião, imoralidade, indocilidade de caráter, inaplicação habitual e doença contagiosa.

A Tabela 3 apresenta as retribuições, ou seja, as taxas e as contribuições que deveriam ser pagas pelos pais dos alunos ao Colégio do Carmo, sendo que o valor da mensalidade deveria ser pago adiantado.

Tabela 3 – Taxas e contribuições em 1908

Ensino	Descrição	Valores
Ensino preliminar	1º e 2º Cursos	3\$000
Ensino elementar	1º e 2º Cursos	4\$000
Ensino complementar e comercial	1º, 2º e 3º Cursos	6\$000
Pagamento de uma joia: gastos gerais	Tinta, giz, modelos e outros	2\$000
Alunos semipensionistas	Pagamento mensal: jantar e cuidados de vigília e estudo	10\$000

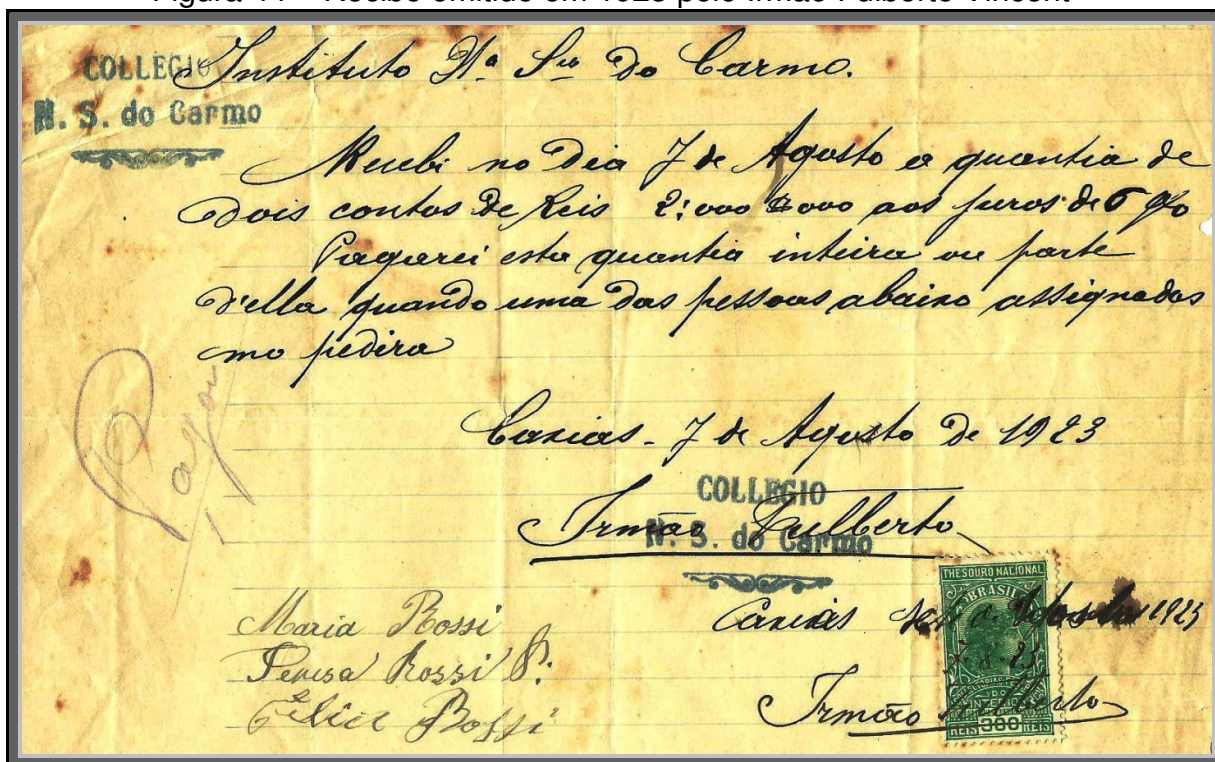
Fonte: Elaborada pela autora a partir de Compagnoni (1980, p. 233)

Como se observa na Tabela 3, os pais tinham que pagar taxas e contribuições para os seus filhos estudarem no Colégio do Carmo. Os valores variavam conforme o tipo de ensino, sendo que era acrescido um valor referente ao pagamento dos gastos gerais que incluíam a tinta (para a escrita), o giz, os modelos e outros materiais que fossem necessários às aulas. Além disso, era por conta das famílias, a aquisição dos livros e os demais objetos de estudo e escritório (secretaria da instituição).

Por sua vez, os alunos que necessitassem de semipensionato, que incluía o jantar, os cuidados de vigília e o estudo, os pais tinham que desembolsar mais 10\$000 mensais.

Na Figura 44 encontra-se um modelo de recibo de pagamento, datado de 07 de agosto de 1923, assinado pelo Irmão Fulberto referente ao pagamento de juros de 6% no valor de dois contos de réis ao tesouro nacional.

Figura 44 – Recibo emitido em 1923 pelo Irmão Fulberto Vincent



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

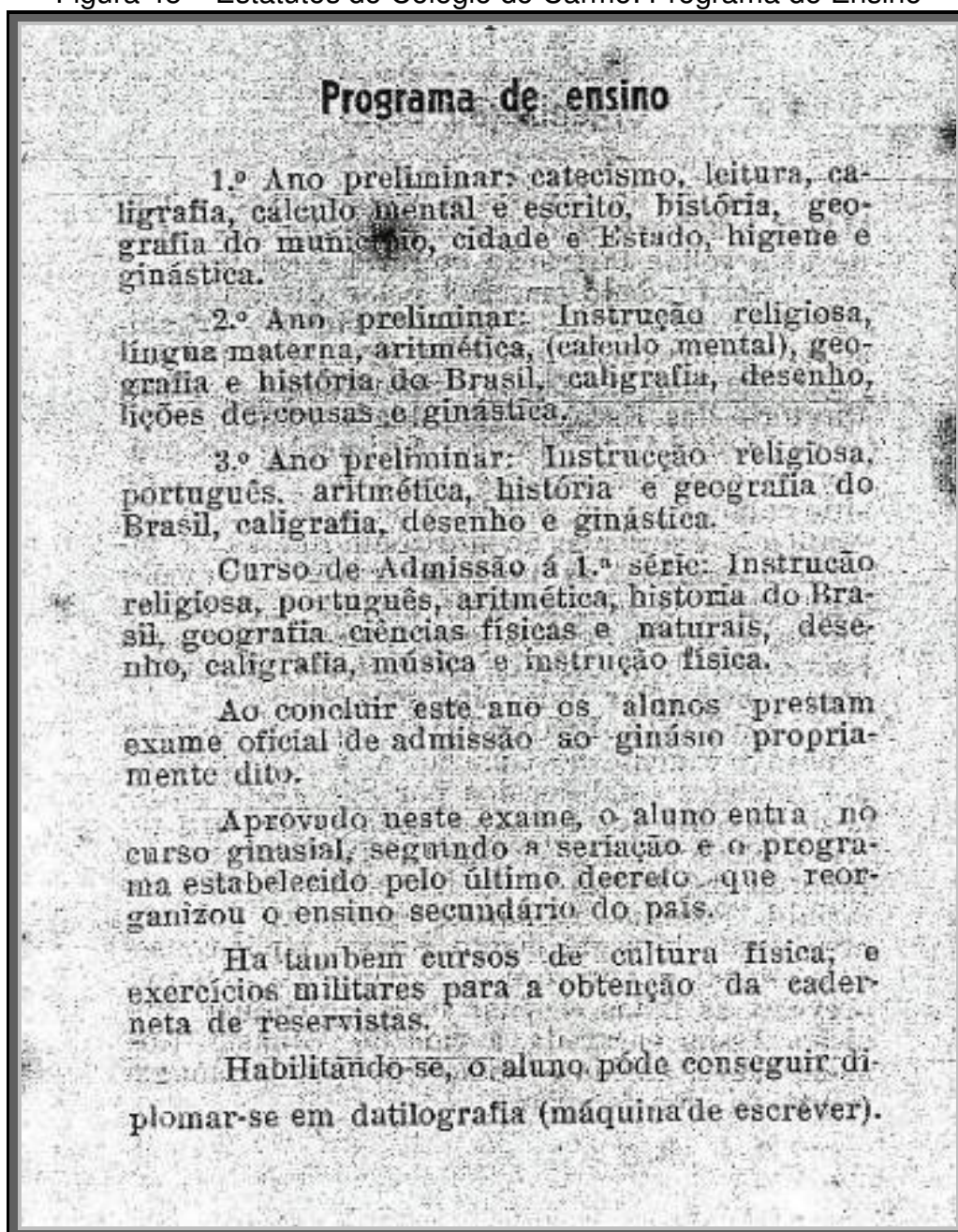
Como se observa na Figura 44, em agosto de 1923, o Colégio do Carmo era denominado de 'Instituto Nossa Senhora do Carmo'. O recibo foi redigido em papel almaço, cuja escrita é do Irmão Fulberto, sendo que o documento apresenta o selo do tesouro nacional e o logotipo do Colégio do Carmo no canto superior e, na época não havia máquina de datilografia na referida instituição.

Convém destacar que o programa de ensino oferecido pelo Colégio do Carmo estava detalhado no seu Estatuto, o qual foi desenvolvido após a equiparação da referida instituição para Ginásio, a partir de 1932, conforme documento ilustrado na Figura 45.

Como se verifica no documento, no primeiro ano preliminar eram oferecidas as seguintes disciplinas aos alunos: o catecismo (religião), leitura, caligrafia, cálculo mental e escrito, história, geografia do município, cidade e Estado, higiene e ginástica.

No documento apresentado na Figura 45 percebe-se também a preocupação do Colégio do Carmo em repassar para as famílias e para os alunos a organização do tempo escolar. Ao realizar a matrícula no Colégio do Carmo o aluno recebia o referido folhetim.

Figura 45 – Estatutos do Colégio do Carmo: Programa de Ensino



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

O Quadro 5 apresenta as disciplinas e o programa de ensino oferecido pelo Colégio do Carmo como previsto no Capítulo II do regime interno da referida instituição de ensino. Como se verifica, o programa de ensino do Colégio do Carmo em 1932 compunha-se de quatro anos de ensino elementar (ensino primário); cinco anos de ensino secundário (ginásio oficial); e seis anos de ensino técnico profissional (ensino superior de comércio), totalizando quinze anos de estudos disponibilizados pela instituição de ensino aos alunos interessados.

Quadro 5 – Programa de ensino do Colégio do Carmo conforme regimento interno

Programa e Modalidade de Ensino	Duração	Disciplinas
Escola primária diurna: ensino elementar ²	Quatro anos mais o curso de admissão aos cursos seriados	<u>Primeiro Ano:</u> Português, geografia, aritmética, história, desenho, religião, higiene, caligrafia, ginástica e canto.
		<u>Segundo Ano:</u> Português, aritmética, geografia, história, caligrafia, desenho, canto, higiene, ginástica, canto e religião.
		<u>Terceiro Ano:</u> Religião, português, aritmética, história, geografia, caligrafia, desenho, canto, ginástica e higiene.
		<u>Quarto Ano:</u> Religião, português, aritmética, geografia, história, ciências, desenho, caligrafia, canto, ginástica e higiene.
		<u>Curso de Admissão:</u> Religião, português, aritmética, geografia, história, ciências, desenho e administravam-se também aulas de música, instrução física e cívica.
Ginásio oficial diurno: ensino secundário ²	Cinco anos	<u>Primeira Série:</u> Religião, português, francês, história da civilização, geografia, matemática, ciências, desenho, instrução moral e cívica e ginástica.
		<u>Segunda Série:</u> Religião, português, francês, inglês, história da civilização, geografia, matemática, ciências físicas e naturais, desenho, música, instrução moral e cívica e ginástica.
		<u>Terceira Série:</u> Religião, português, francês, inglês, história da civilização, geografia, matemática, física, química, história natural, desenho, música, instrução moral e cívica e ginástica.
		<u>Quarta Série:</u> Religião, português, francês, inglês, história da civilização, geografia, matemática, física, química, história natural, latim, desenho, música, instrução moral e cívica e ginástica.
		<u>Quinta Série:</u> Religião, português, história da civilização, cosmografia, matemática, física, química, história natural, latim, desenho, música, instrução moral e cívica e ginástica.
Escola superior de comércio: ensino técnico profissional ³	Seis anos	<u>1º Ano Propedêutico:</u> Português, francês, inglês, matemática, geografia e história da civilização.
		<u>2º Ano Propedêutico:</u> Matemática, geografia, história da civilização, português, francês e inglês.
		<u>3º Ano Propedêutico:</u> Inglês, matemática, geografia, história da civilização, francês e português.
		<u>1º Perito Contador:</u> ¹ Matemática financeira, direito, legislação, estenografia, mecanografia e contabilidade.

Fonte: Elaborado pela autora a partir do regimento do Colégio do Carmo de 1932

Notas: 1. O 2º e o 3º anos em Perito Contador não funcionaram no primeiro ano, pois era necessária a formação do primeiro ano.

2. Havia um único turno diurno para a escola primária e o ginásio oficial.

3. Havia um único turno noturno para a Escola Superior de Comércio.

As modalidades de ensino variavam com a inclusão e/ou exclusão das disciplinas, dependendo do grau de instrução oferecido pelo Colégio do Carmo, como indicado no Quadro 5. Por sua vez, os programas do curso comercial (propedêutico e perito contador) e ginásial, apresentados no Capítulo II do regimento interno do Colégio do Carmo, obedeciam estritamente aos programas oficiais de acordo com o Decreto nº 20.158, de 30 de junho de 1931 e instruções posteriores; e em conformidade com o Decreto nº 21.241, de 04 de abril de 1932, e a portaria ministerial de 25 de abril de 1932, respectivamente.

Além disso, era prevista, no Colégio do Carmo, a concessão de alguns prêmios para os alunos que haviam cumprido seus deveres com maior exatidão, para fomentá-los a que os praticassem com gosto e para estimular os demais com a esperança da recompensa (CORSATTO, 2007).

A prática de recompensas e/ou premiações, exercida pelos Irmãos Lassalistas no Colégio do Carmo estava descrita como forma de orientação no Guia das Escolas Cristãs. A referida prática era considerada como um recurso de incentivo, que era concedido pelos Irmãos Lassalistas tendo em vista a ‘ternura de mãe’ já mencionada anteriormente, para com os alunos. O mesmo acontecia por meio da capacidade do aluno e da assiduidade. Segundo os registros encontrados no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, estes prêmios eram oferecidos em forma de livros, estampas em pergaminho e em papel, e até mesmo em figuras em gesso.

Por sua vez, a avaliação dos conteúdos (exames), bem como das atitudes dos alunos era numérica, compreendendo um intervalo entre zero a dez. Cada semana os alunos recebiam o resumo das notas hebdomadárias¹⁰⁵ por um boletim informativo que era devolvido pelos alunos nas segundas-feiras, assinado pelos pais. O controle desses boletins era rigoroso, tanto da parte dos pais como dos Irmãos Lassalistas. À época os pais ofereciam uma mesada aos filhos, considerando-se as notas obtidas no boletim informativo semanal. A partir da década de 1950, o boletim informativo semanal cedeu lugar à Caderneta Escolar e, mais recentemente passou a ser denominado de Agenda Escolar. Conforme Morales (1984, p. 122), “[...] a avaliação tem sentido enquanto feita em vista de uma orientação e recuperação”.

¹⁰⁵ Hebdomadárias: relativo à semana.

Os boletins de avaliação dos alunos à época eram elaborados semanalmente, e ao final do ano letivo eram entregues aos alunos em evento festivo. Os boletins de avaliação apresentavam a seguinte legenda: cores rosa, verde, amarelo e branco. Os valores atribuídos às notas dos alunos eram decrescentes, a partir da cor rosa. Por sua vez, a cor branca era reservada aos alunos mais preguiçosos e relapsos, enquanto que o boletim de avaliação de cor rosa era designado aos alunos bonzinhos, ou seja, os alunos considerados nota dez (BONIFÁCIO, 1988a).

Verificou-se ainda no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, que a Instituição não poupava elogios aos estudiosos considerados nota dez, e oferecia bons conselhos aos alunos que recebiam os boletins de avaliação nas cores verde, amarelo e branco. No entanto, os boletins de avaliação na cor branca eram raros, porque se o aluno auferisse três boletins brancos em sequência eram excluídos do Colégio do Carmo.

Destaca-se que esta prática de premiações, teve seu fim quando o governo municipal suprimiu em 1933, os exames finais e os alunos passaram de uma classe à outra por média obtida ao longo do ano. Desse modo, a premiação não teve reais motivos de existir no Colégio do Carmo. “As autoridades governamentais instituíram a Promoção por Média aos alunos do ginásio. Por isso, não existe razão para festejar o final de ano e fazer a entrega dos resultados com solenidades”.¹⁰⁶

Para complementar as práticas pedagógicas do Colégio do Carmo, na sequência são descritas as festividades escolares que aconteciam ao longo do espaço temporal compreendido entre os anos de 1908 a 1933.

4.1.3 As festividades escolares

As festividades escolares se compunham de festividades religiosas e, também, de festividades cívicas, com a formação de um batalhão escolar. As festividades religiosas como identificado anteriormente, primavam pelas comemorações tradicionais em honra: ao educador São João Batista de La Salle; ao Colégio do Carmo, bem como a Nossa Senhora do Carmo; à Santa Teresa (padroeira da paróquia em Caxias) e à Congregação Lassalista, por intermédio de grandes solenidades com a participação dos Irmãos Lassalistas, paróquia (pároco e

¹⁰⁶ Transcrição de *Historique de La Communauté Caxias*, cuja tradução foi realizada pelo Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012.

sacerdotes), alunos (proferiam cânticos), pais e comunidade católica caxiense. Cabe destacar que era realizado também um cerimonial de entronização do Sagrado Coração de Jesus.¹⁰⁷

Bonifácio (1989, p. 43) sintetiza as várias festividades tanto religiosas como sociais que ocorriam no Colégio do Carmo da seguinte forma:

Soleníssimos eram os tríduos preparatórios às festas de Nossa Senhora do Carmo e de La Salle, sempre à noite. Na capela não havia espaço para a numerosa assistência. Nas primeiras sextas-feiras de cada mês, centenas eram as comunhões. Nas tardes de outubro, bons números de alunos compareciam à récita do terço do rosário. Nas salas de aula, os jovens enfeitavam com flores a imagem de Maria, a Mãe de Jesus e, antes das aulas, era feita a prece em comum. Com alguns professores, até nos intervalos das aulas, recordava-se a presença de Deus.

As primeiras comunhões eram realizadas no mês de outubro de cada ano, com a participação dos alunos do Colégio do Carmo no ato religioso, cujo evento era organizado pelos Irmãos Lassalistas e pelo Cônego da paróquia de Caxias.

Cabe destacar que nas festividades em comemoração aos vinte e cinco anos da fundação do Colégio do Carmo, que aconteceu no ano de 1933, foi celebrada uma missa solene na Igreja Matriz. Durante a celebração da missa, um histórico dos Irmãos Lassalistas foi pronunciado pelo Monsenhor Cônego João Meneguzzi. Além disso, foi realizada a inauguração de uma placa comemorativa no 'Gynnasio' (Colégio do Carmo) após a celebração da missa. Na ocasião, o Dr. Adolpho Pena, de maneira solícita falou do desenvolvimento da obra de São João Batista de La Salle, para um grande público presente no pátio do Colégio do Carmo.

No que se refere às festividades cívicas, foi necessária a criação de um batalhão escolar, o qual foi fundado no ano de 1917, que chegou a ter 100 soldados (alunos), compreendendo cabos e tenentes. O instrutor do batalhão escolar era o 1º Sargento Valdimiro dos Santos, que treinava os alunos no Colégio do Carmo as terças, quintas e sextas-feiras.

Nos desfile cívicos todos os alunos estavam devidamente uniformizados a rigor, equipados e armados levando em seus ombros os fuzis de madeira e os oficiais estavam a cavalo, tudo precedido de uma banda de quatro tambores. Por

¹⁰⁷ "A Entronização do Sagrado Coração de Jesus é a consagração da família ao amor de Cristo. Entronizar é colocar no trono. Entronizar o Sagrado Coração significa reconhecer Jesus como mestre e recebê-lo em nosso lar como Rei e Senhor. A Entronização inclui o compromisso explícito de viver os seus ensinamentos na fé e na obediência, no amor e na esperança" (ASSOCIAÇÃO DA FAMÍLIA DE CANÁ, 2015, p. 1).

ocasião do primeiro desfile dos alunos em 'formação', houve a entrega solene da bandeira, à época, na Rua Júlio de Castilhos, diante do 'Tiro Brasileiro', pelas autoridades civis e com a presença de quase todos os habitantes da cidade de Caxias. No evento, o batalhão escolar executava numerosas saídas, marchas e evoluções executadas com muito garbo e organização. O grupo de alunos do batalhão escolar foi muito aplaudido e citado pela imprensa local e, também, pelas cidades vizinhas. Como explica Bonifácio (1988b, p. 47):

O batalhão escolar, tanto na marcialidade como no uniforme, era de feição militar. A farda era de uso rigorosamente obrigatório. Não era um dos moderninhos desfiles de 7 de setembro que, por vezes, têm semelhança com carnaval.

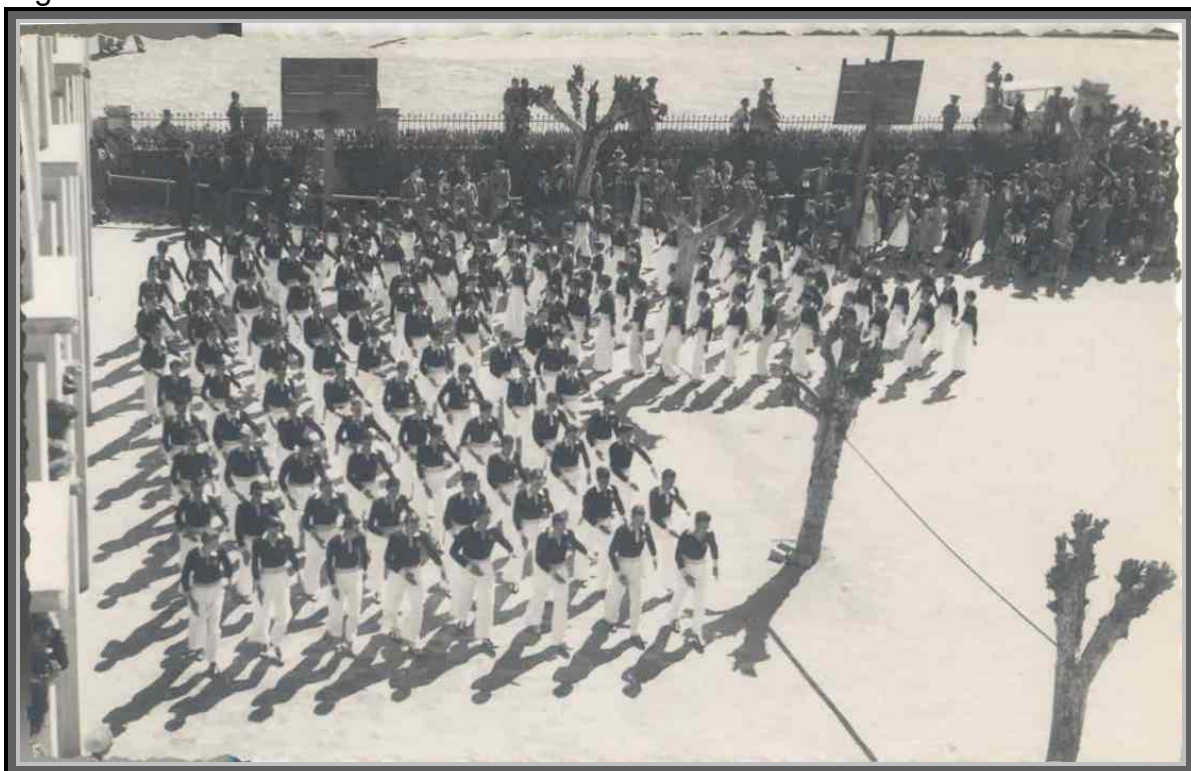
Por sua vez, no ano de 1918, o batalhão escolar recebeu do Exército de Caxias, 33 fuzis e o número de componentes subiu para 138 alunos, mostrando, portanto o interesse desses alunos em participar dos eventos sociais e cívicos. No dia 7 de setembro, em torno de 100 alunos do batalhão escolar, uniformizados e portando armas, uniram-se no centro da cidade, onde realizaram marchas e evoluções, agradando o público em geral.

O batalhão escolar do Colégio do Carmo era bem visto pela população, em função disso, por diversas ocasiões era convidado a participar de comemorações cívicas da cidade. Este grupo, em 1933, passou a ter um novo uniforme do 'Gymnasio', conforme ilustra a Figura 46.

No dia 25 de agosto de 1933 foi realizada a primeira apresentação oficial do batalhão escolar, pois o mau tempo havia impedido a apresentação antes dessa data, e a impressão da comunidade em geral foi excelente segundo registros dos Irmãos Lassalistas.

Vale destacar as práticas de civismo realizadas pelos alunos do Colégio do Carmo, representadas pelos desfiles cívicos de participação da escola. Percebe-se na Figura 46, a posição dos alunos em forma de fila, os uniformes impecáveis, e os cabelos arrumados, os quais eram indícios do cuidado com o corpo exigido à época. Ressaltam-se os movimentos dos pés em forma de uma marcha que revelam a forte disciplina dos corpos.

Figura 46 – Práticas das festividades cívicas e batalhão escolar na década de 1930



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

O jornal 'O Momento', sobre o evento, escreveu: “[...] a disciplina apresentada causou um grande entusiasmo, motivo de elogios justos a seu instrutor”.¹⁰⁸ Nesse sentido, a partir do mês de maio de 1933, as instruções oferecidas aos candidatos a reservistas foram regularmente proporcionadas.

Assim sendo, o governo permitiu a admissão de candidatos, a partir dos 15 anos, em que foi instituído ao que se denominou 'Tiro de Guerra' para esses alunos, em substituição ao serviço militar no quartel.¹⁰⁹ O grupo era constituído de 13 alunos e em 1922, o grupo já estava formado por 22 alunos. Com a direção do Tenente L. Forcolen, os alunos eram preparados para o exame.

Conforme mostra a Figura 47, em 1933, por ocasião da 'Semana da Raça', o batalhão ginásial participou do desfile e dos exercícios de ginástica. Cabe destacar que esta atividade apresentava não somente a forma de educar, mas a notoriedade do trabalho desenvolvido pelos Irmãos Lassalistas perante a sociedade caxiense.

¹⁰⁸ Transcrição de *Historique de La Communauté Caxias*, cuja tradução foi realizada pelo Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012, pois não foi encontrado o documento original no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo.

¹⁰⁹ “No início da década de 1930, até mesmo o Tiro de Guerra – prolongamento e substitutivo do Quartel – funcionava no Carmo. Durante um quarto de século, a Educação Física era ministrada por militares competentes; não consistia unicamente em andar se rolando na quadra e correndo bestamente atrás de uma bola dizendo que se praticava esporte” (BONIFÁCIO, 1988b, p. 47).

Figura 47 – Apresentação do batalhão escolar na década de 1930



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Por intermédio da fotografia apresentada na Figura 47, verifica-se que está carregada de símbolos de forma intrínseca. Cabe refletir no tempo dedicado à organização e assim ter a realização de uma festividade cívica: os ensaios constantes, a disciplina, a ordem, as roupas caracterizadas e a participação da comunidade em geral na década de 1930.

Como justifica Damatta (1986, p. 81), as festas são momentos de ruptura da rotina diária, são os momentos admiráveis na vida do grupo e por muitos esperados. “Todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais”. Segundo o autor, há dois modos de manifestação de festas: aquelas que marcam o espaço pelas hierarquias e a ordem social, entendidas como as festas ‘da ordem’; e o outro modo compreende as ‘festas da desordem’, que permitem a inversão dos papéis sociais. As festas da ordem são entendidas como as festas cívicas, principalmente os desfiles comemorativos do Dia Sete de Setembro e as festas religiosas (DAMATTA, 1986).

Chartier (1991) entende que as culturas se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim, usos e significações diferenciadas. O autor afirma que, nos “[...] espaços assim projetados se registram todo o trabalho de uma história das práticas, social e de acordo com a história diferenciada e de uma história das representações

inscritas nos textos ou produzidas pelos indivíduos” (CHARTIER, 1991, p. 179). Por isso, quando a escola propõe certas práticas sociais, como as festas e os desfiles cívicos, está produzindo sensações e emoções na vida dos alunos e na comunidade a qual faz parte.

Desse modo, salienta-se que as festividades cívicas no Colégio do Carmo ganharam significados maiores com a formação do batalhão escolar. Assim, o ufanismo à pátria é elevado ao grau máximo, proporcionando maior visibilidade dos trabalhos desenvolvidos na comunidade educativa.

Com a narração das práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio do Carmo, a seguir são narradas as rotinas do Colégio do Carmo para o espaço temporal de 1908 a 1933.

4.2 AS ROTINAS DO COLÉGIO DO CARMO

As rotinas escolares realizadas pelos Irmãos Lassalistas, no Colégio do Carmo estavam moldadas de acordo com o Guia das Escolas Cristãs, que fora desenvolvido por João Batista de La Salle, já mencionado anteriormente. Barbosa (2008, p. 35), ao se referir sobre as rotinas escolares esclarece que:

É possível afirmar que elas sintetizam o projeto pedagógico das instituições e apresentam a proposta de ação educativa dos profissionais. A rotina é usada, muitas vezes, como o cartão de visitas da instituição, quando da apresentação desta aos pais ou à comunidade, ou como um dos pontos centrais de avaliação da programação educacional.

A finalidade desta seção é narrar as rotinas escolares desenvolvidas no Colégio do Carmo, envolvendo as rotinas dos discentes. Na sequência é apresentada a disciplina e o modo como os Irmãos Lassalistas pensavam o cotidiano da escola e, também, são narradas as rotinas dos docentes desenvolvidas no Colégio do Carmo.

4.2.1 As rotinas dos discentes

Como determinam Bertonha e Machado (2008, p. 6), pesquisar as informações relacionadas aos alunos (discentes) é relevante para a reconstrução histórica de uma instituição escolar, pois além de auxiliar na definição do perfil da escola, oferece também uma indicação importante em relação à relevância social da

comunidade em que a instituição está inserida. O que segundo as autoras permite ao historiador pesquisador:

[...] buscar o sentido dessa identidade na relação infinita do particular com o geral, destacando quais classes sociais a instituição atendeu ao longo de sua história e que tipo de formação visou a imprimir naquelas que a frequentaram.

Historicamente, os Irmãos Lassalistas iniciaram as aulas no Colégio do Carmo, mais precisamente em 04 de fevereiro de 1908, sendo que foram matriculados inicialmente em torno de 30 alunos. Já no dia seguinte, os matriculados eram 46 alunos, e o número aumentou ao longo do ano de 1908, chegando a 115 alunos matriculados, mas obteve o comparecimento máximo de 99 alunos em média durante as aulas. Porém terminou com 97 alunos no primeiro ano escolar do Colégio do Carmo em Caxias, mostrando uma pequena evasão escolar à época, identificando-se a necessidade de uma nova escola.

Como esclarece Morales (1984, p. 58), os alunos “São o foco para o qual convergem os objetivos e os desvelos da escola cristã”. Ainda segundo o autor, “[...] na escola lassalista se procura que o aluno viva, a seu nível de experiência seu crescimento total: humano, espiritual, e social”.

Os alunos do Colégio do Carmo, em sua maioria, eram filhos de comerciantes, de pequenos e grandes industrialistas, alguns agricultores, de caixeiros-viajantes, e, alguns anos mais tarde, de pecuaristas da região serrana, provenientes dos municípios de Vacaria, São Francisco de Paula, Bom Jesus, e outras regiões. Eram em sua maioria de classe média ou alta. Aceitavam-se também os alunos de menos recursos financeiros, os quais eram favorecidos com descontos nas mensalidades ou pagavam seus estudos com a prestação de pequenos serviços à escola (BONIFÁCIO, 1988a).

Para facilitar o trabalho no Colégio do Carmo, em 1908, os alunos foram divididos em três classes. Algumas semanas mais tarde, as classes eram em número de quatro.

O corpo docente para atender as quatro classes do Colégio do Carmo foi formada pelos Irmãos Lassalistas: Irmão Innocent Vital que ficou encarregado da 1ª classe; o Irmão Xavier Dominique da 2ª classe; o Irmão Fructule León da 3ª classe;

e o Irmão Frumence Bertin da 4ª classe. De acordo com Bonifácio (1988b, p. 149), os alunos do Colégio do Carmo tinham que compreender os seguintes aspectos:

- a qualidade do ensino, também e principalmente, depende deles; - que está certo colaborar no bom andamento da escola; - que é sinal de maturidade dar muito do SEU para que a escola seja uma grande família, onde todos se defendem e estimam; - que a cultura intelectual e moral é o fundamento do futuro; - que é prova de sabedoria valorizar o dinheiro que a família gasta com a educação; que o certo é envolver-se efetivamente, participando, integrando-se, tomando consciência livremente de seu proceder e de sua ação.

Como se verifica, no Colégio do Carmo, os alunos eram alertados de que o aproveitamento dos estudos, em grau maior, dependeria da própria vontade dos mesmos, do interesse e da paixão em aprender, e só secundariamente dependeria dos professores em sala de aula, dos colegas, dos coordenadores e da direção.

Morales (1984, p. 59) complementa indicando que “[...] a escola lassalista torna o aluno consciente do processo educativo em que está imerso e o convida a ser sujeito de seu próprio desenvolvimento integral ao inserir-se de maneira criativa na comunidade educativa”.

Para perceber de fato o crescimento da procura dos alunos pelo Colégio do Carmo, foram analisadas as atas de matrículas registradas em cada ano. A partir delas, foi construída a Tabela 4 para a visualização dos dados. Confirma-se com estes documentos que os inícios e os términos de anos letivos da referida instituição aconteciam em épocas já estabelecidas (fevereiro a dezembro).

Na Tabela 4 verifica-se na primeira coluna o período da informação (recorte temporal de 1908 a 1933); na segunda coluna consta a quantidade de alunos matriculados durante o ano letivo; na terceira coluna estão os alunos que efetivamente compareciam às aulas durante o ano letivo; e na última coluna estão os alunos matriculados que finalizavam o ano letivo.

Como verificado na Tabela 4, a quantidade de alunos matriculados no período de 1908 a 1933 apresentou várias oscilações em função da criação de outras escolas em Caxias e, também, devido à evasão escolar, em função dos afazeres nas indústrias, comércio e agricultura; na época eram empreendimentos preponderantemente familiares e na maioria das vezes impedia os alunos de comparecer aos estudos. Salienta-se que, em alguns períodos não foi possível

obter a informação da quantidade de alunos matriculados no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo.

Tabela 4 – Alunos matriculados: 1908 a 1933

Ano	Alunos matriculados no início do ano letivo	Comparecimento às aulas durante o ano letivo	Quantidade de alunos no final do ano letivo
1908	115	99	97
1909	121	93	84
1910	126	109	94
1911	142	125	115
1912	152	148	125
1913	168	140	136
1914	112	N.I.	157
1915	99	N.I.	161
1916	112	N.I.	212
1917	212	N.I.	227
1918	200	N.I.	238
1919	242	N.I.	255
1920	267	N.I.	300
1921	260	N.I.	210
1922	106	N.I.	230
1923	105	N.I.	268
1924	252	223	210
1925	268	247	220
1926	310	282	270
1927	315	290	275
1928	N.I.	N.I.	N.I.
1929	N.I.	N.I.	N.I.
1930	N.I.	N.I.	319
1931	N.I.	N.I.	N.I.
1932	N.I.	N.I.	N.I.
1933	N.I.	N.I.	N.I.

Fonte: Elaborada pela autora com base em *Historique de La Communauté Caxias*

Nota: N.I. = Não informado.

A Figura 48 ilustra uma fotografia datada de maio de 1911, que foi doada por Dante Paternoster, e registrada no Arquivo Histórico Municipal João Adami Spadari de Caxias. Verifica-se na fotografia, o Colégio do Carmo e os Irmãos Lassalistas no prédio de madeira, em 20 de maio de 1911.

Figura 48 – Alunos e Irmãos Lassalistas em maio de 1911



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Na Figura 48 identifica-se que os alunos do Colégio do Carmo, eram pertencentes a uma condição econômica favorável, pois todos estão devidamente bem vestidos e calçados.

Nota-se também na Figura 48 à esquerda que, a posição preferencial de um dos Irmãos Lassalistas é a de mãos sobrepostas ao peito, o que significa discricção, atitude de acolhimento, que era comum entre os religiosos.

Além disso, a distribuição dos Irmãos Lassalistas também desperta a atenção, pois o Irmão Superior ao centro da imagem emana a ordem e a autoridade para todos os demais; alguns Irmãos Lassalistas estavam rodeando os alunos, transparecendo vigilância e o cuidado, considerados sempre necessários e constantes sobre os alunos pelos religiosos; e outros de mãos cruzadas emanando postura de respeito ao superior.

Percebe-se também na Figura 48, a posição do corpo dos estudantes que demonstra o comportamento esperado por seus educadores, ou seja, corpos eretos, com os braços parados e ao longo do corpo, o que remete a disciplina inserida no espaço escolar.

Desse modo, as fotografias são imagens que foram preparadas para serem apresentadas, isto é, são consideradas uma realidade marcada por intencionalidades e também por representações. Nesse sentido, “[...] a realidade trazida pela fotografia, por exemplo, é sempre uma realidade reconstruída, simulada,

que implica uma performance e uma teatralização” (PESAVENTO, 2008, p. 111). Paiva (2006, p. 19) complementa afirmando que:

O uso da imagem, da iconografia e das representações gráficas pelo historiador vem propiciando a apresentação de trabalhos renovadores e, também, instigando novas reflexões metodológicas. [...] é importante sublinhar que a imagem não se esgota em si mesma. [...] Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita dela.

É preciso ressaltar para este estudo, o ano de 1913, quando houve uma significativa procura de alunos pelo Colégio do Carmo, ou seja, 168 alunos foram matriculados na referida instituição. Apesar da criação de uma escola municipal, em Caxias, no mesmo ano, demonstrando assim, a confiança que os Irmãos Lassalistas haviam conquistado diante da sociedade caxiense.

Cabe destaque também que, como o Colégio do Carmo só ministrava aula de nível primário no ano de 1913, os raros alunos que pretendiam continuar os estudos, dirigiam-se aos três colégios mais procurados à época que eram: o Instituto Lassalista Anchieta de Porto Alegre (que fora fundado ainda em 1890); o Instituto Lassalista de São José de Canoas (fundado em 1908); e a Escola Imaculada Conceição localizada em São Leopoldo.

No ano de 1916 foi verificado que no reinício do ano letivo, o Colégio do Carmo jamais teve tão grande afluência, ou seja, 112 alunos matriculados desde os primeiros dias; chegando a 160 alunos em 15 de fevereiro; e este número foi além de 200 alunos, rapidamente. Até o fim do referido ano, o número de alunos manteve-se entre 210 a 215 alunos matriculados. No dia da premiação, no final do ano letivo estavam presentes 212 alunos.

A Figura 49 demonstra a turma de alunos que estudavam do Colégio do Carmo e que estavam acompanhados pelos Irmãos Lassalistas, cuja foto é datada do ano de 1916. Como ilustrado na fotografia existiam à época vários alunos matriculados, no Colégio do Carmo e de diversas faixas etárias. Observa-se também na fotografia que ao considerar as vestimentas e os calçados dos alunos, pode-se inferir que eles pertenciam à classe social média alta. Além disso, o posicionamento dos Irmãos Lassalistas demonstra cuidados e autoridade, para que pudessem manter a ordem, a disciplina e a serenidade dos alunos.

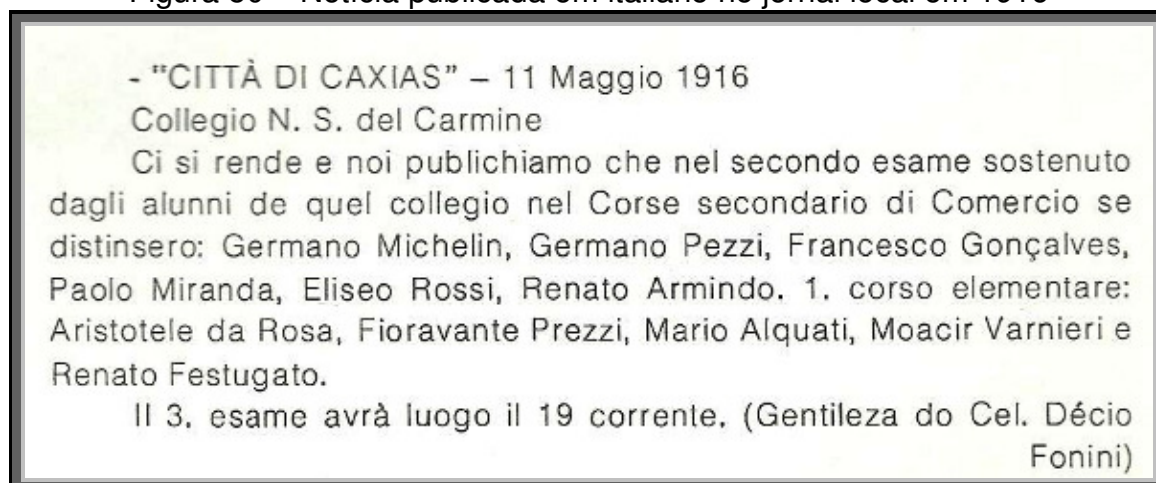
Figura 49 – Alunos do Colégio do Carmo em 1916



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Em 11 de maio de 1916, o jornal Città di Caxias publicou uma reportagem intitulada como ‘Collegio N. S. del Carmine’, revelando a formatura de alguns alunos do Colégio do Carmo, ainda em língua italiana, que era o idioma comumente falado pelos residentes em Caxias, como mostra a Figura 50. Pesavento (2008, p. 40) explica que “A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele”.

Figura 50 – Notícia publicada em italiano no jornal local em 1916



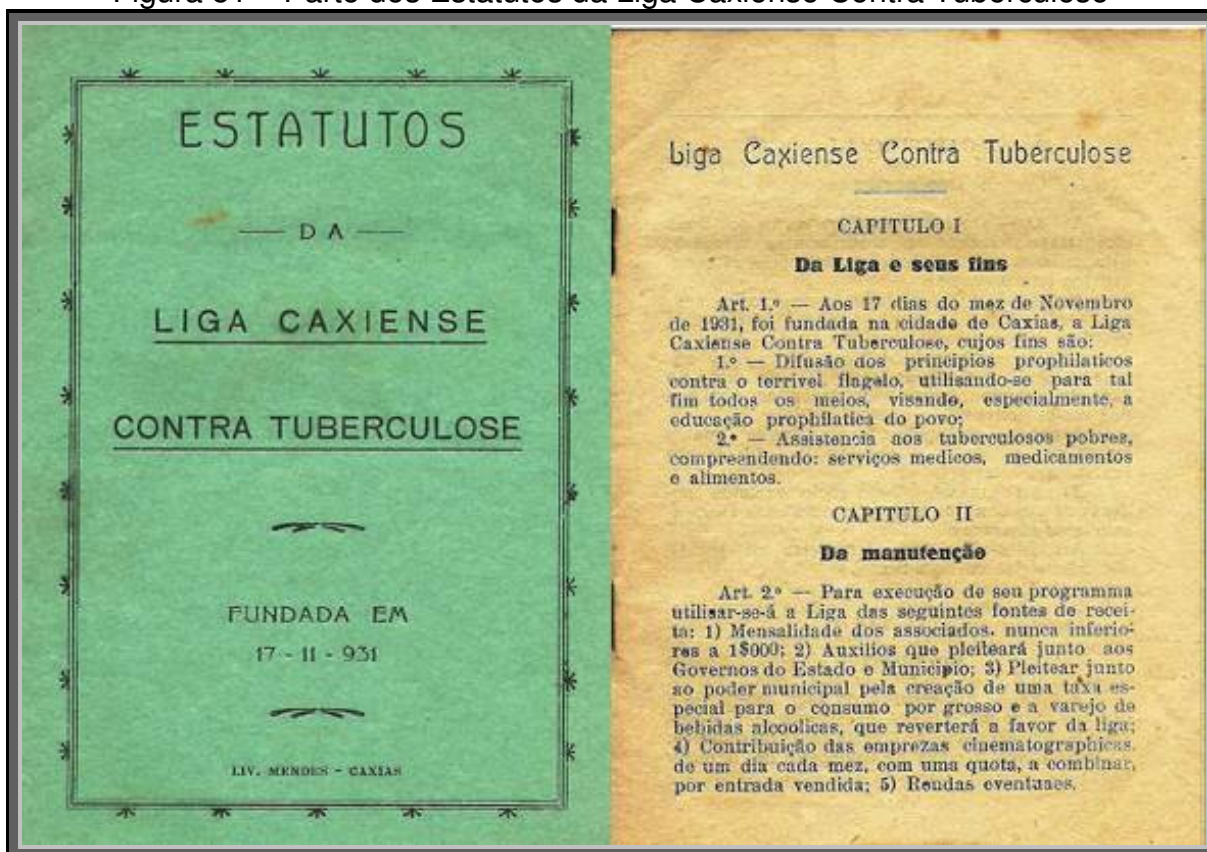
Fonte: Bonifácio (1989, p. 165)

Bonifácio (1988a) explica que para os alunos aprovados do último ano era organizada uma festa de formatura, distinta, solene e significativa, e às vezes precedida de um pequeno retiro espiritual para a tomada de rumo na vida.

Por sua vez, foi a partir do dia 1º de março de 1929, que as aulas começaram a funcionar no 'Colégio Novo', mesmo que a maioria das salas de aula não tivesse nem janelas, e nem portas. O número de alunos foi semelhante aos anos anteriores, porém não foi possível obter a quantidade de alunos referente ao período letivo de 1929, no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo. Uma das grandes preocupações dos Irmãos Lassalistas era a normalidade da decorrência do ano letivo no Colégio do Carmo, mas por vezes a mesma era interrompida por questões de saúde pública como, por exemplo, as grandes epidemias existentes.

Assim, para conter essas epidemias em geral e manter a saúde sanitária da população caxiense; e incluindo-se neste contexto de forma ativa os Irmãos Lassalistas e os alunos do Colégio do Carmo, no ano de 1931, foi fundada a Liga Caxiense contra Tuberculose, conforme estatuto apresentado na Figura 51.

Figura 51 – Parte dos Estatutos da Liga Caxiense Contra Tuberculose

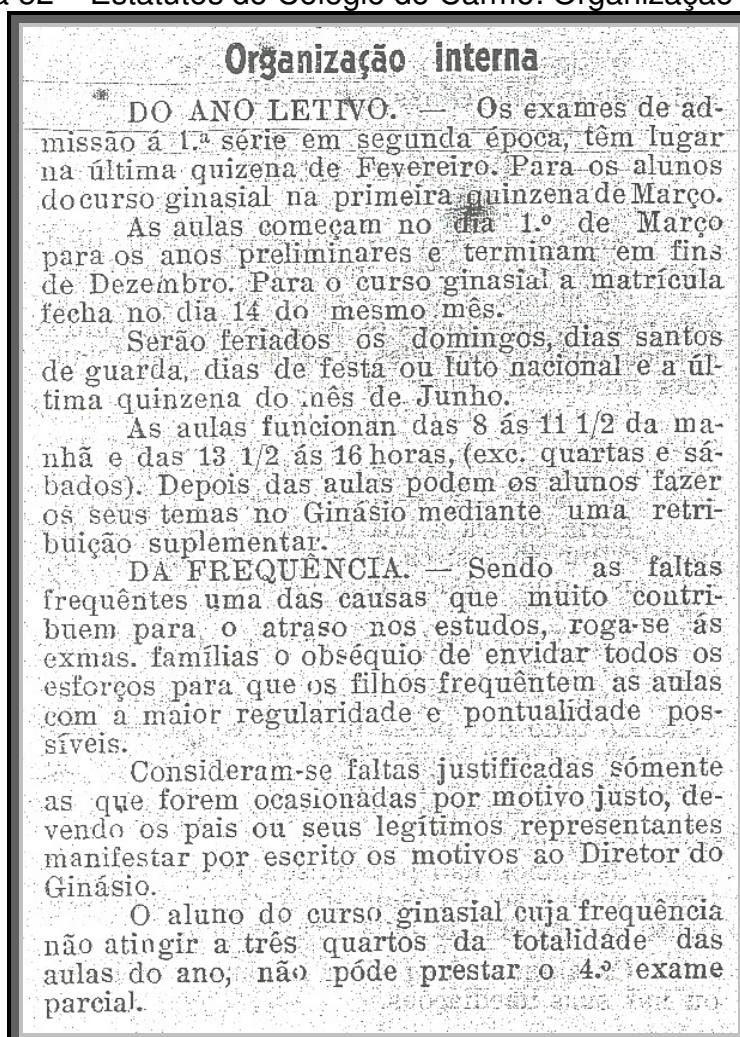


Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Desse modo, foi desenvolvido um Estatuto para a determinação das regras da referida instituição, conforme mostrado na Figura 51, cujo documento foi encontrado no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, o qual passou a reger a Liga Caxiense Contra Tuberculose, contemplando seis capítulos e trinta artigos. Os Estatutos da Liga Caxiense Contra Tuberculose foram criados com a finalidade de difundir os principais profiláticos (medicamentos) contra o 'terrível flagelo'; e foram utilizados para tal fim todos os meios, visando, especialmente, a educação profilática (medicamentosa) da população caxiense e, também, para oferecer a assistência aos tuberculosos pobres, compreendendo os custos com os serviços médicos, medicamentos e alimentos.

Para complementar as rotinas dos discentes é importante conhecer a organização interna do Colégio do Carmo, como mostrado na Figura 52, considerando-se o funcionamento do ano letivo e a frequência dos alunos.

Figura 52 – Estatutos do Colégio do Carmo: Organização Interna



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Como identificado na Figura 52, no Colégio do Carmo, as aulas iniciavam partir do dia 1º de Março para os alunos preliminares e terminavam em final de Dezembro; e para o curso ginásial a matrícula encerrava-se no dia 14 de março. Eram considerados feriados: os domingos, dias santos de guarda, dias de festa ou luto nacional e a última quinzena do mês de Junho.

As aulas do Colégio do Carmo funcionavam das 08h às 11h30min da manhã e das 13h30min às 16h (exceto nas quartas e sábados). Após as aulas, os alunos eram liberados para o desenvolvimento dos 'temas' no colégio mediante uma retribuição suplementar.

Em relação à frequência, as faltas deveriam ser justificadas pelos pais ou representantes legítimos manifestando-as por escrito a motivação das mesmas ao diretor do Colégio do Carmo. Por sua vez, os alunos do curso ginásial, cuja frequência não atingisse a três quartos da totalidade das aulas do ano letivo, não podiam prestar o 4º exame parcial. Além disso, eram obrigatórias as assistências aos atos oficiais comuns desenvolvidos pelo Colégio do Carmo.

O ano letivo de 1933 apresentou particularidades importantes, pois desde o início do ano escolar os alunos foram convidados a conhecer e a seguir o regulamento interno do 'Gymnasio', sendo que para isso foram realizadas várias reuniões para detalhar os direitos e os deveres de cada aluno. O documento do regimento interno do Colégio do Carmo dispunha sobre todas as regras que deveriam ser adotadas pela instituição de ensino, contemplando os seguintes capítulos:

- a) Capítulo 1º: denominação, propriedade e fins do estabelecimento;
- b) Capítulo 2º: organização dos cursos;
- c) Capítulo 3º: regime escolar;
- d) Capítulo 4º: corpo docente;
- e) Capítulo 5º: corpo discente;
- f) Capítulo 6º: direção;
- g) Capítulo 7º: casos omissos;
- h) Capítulo 8º: taxas e contribuições;
- i) Capítulo 9º: diplomas e certificados.

Os alunos do Colégio do Carmo seguindo o exemplo dos estudantes de outras instituições de ensino e de outras localidades, fundaram uma agremiação para a defesa de seus interesses. Desse modo foi realizada uma eleição para

escolher o presidente. O presidente eleito foi aclamado e trabalhava ativamente na elaboração dos estatutos. Um dos primeiros atos do presidente foi o de enviar um telegrama de solidariedade ao Congresso Universitário Católico, reunido em Porto Alegre.

O documento apresentado no **Anexo X** está relacionado ao Estatuto do Colégio do Carmo, referente aos procedimentos para os pensionistas ou aqui denominados de alunos internos, considerando-se o período a partir de 1932, quando o Colégio do Carmo foi equiparado a Ginásio. O documento foi datilografado e organizado pelos Irmãos Lassalistas sob a inspeção do Irmão Visitador, e era disponibilizada uma cópia aos pensionistas, servindo como uma cartilha a ser seguida pelos mesmos.

Como verificado no documento apresentado no **Anexo X**, o Colégio do Carmo admitia um número reduzido de pensionistas, ou seja, alunos na faixa etária entre 8 a 14 anos, em que o ato da matrícula importava na aceitação dos estatutos vigentes no estabelecimento educacional. Os pensionistas eram constantemente monitorados (vigiados) pelos Irmãos Lassalistas, tanto nos recreios realizados nos pátios, nos passeios, bem como no momento da realização dos trabalhos escolares.

Ainda conforme o Estatuto do Colégio do Carmo, mostrado no **Anexo X** havia várias regras que deveriam ser cumpridas pelos alunos, dentre elas: não eram admitidos aqueles alunos que tivessem sido expulsos de outros colégios; alunos que apresentassem algum tipo de doença; alunos que tivessem enfermidades, e que, portanto, pudessem prejudicar a boa convivência de todos.

Por sua vez, as cartas que eram enviadas aos alunos pelos familiares, em um primeiro momento passavam pelo controle do Irmão Diretor do Colégio do Carmo e, somente depois eram repassadas aos alunos. Os alunos só visitavam os familiares nas férias de junho e, também, se tivessem obtidos boas notas podiam realizar visitas aos domingos das 10 horas às 18 horas; ou ainda em caso de solicitação dos pais, dentre outras regras apresentadas no documento do **Anexo X**. Os alunos também tinham que providenciar os enxovais como detalhado no **Anexo X**.

Na Figura 53 são ilustrados os quartos que eram disponibilizados aos pensionistas no Colégio do Carmo na década de 1930. Os dormitórios disponibilizados aos alunos internos eram compostos por camas distribuídas em fileiras. Porém, todas as camas estavam no mesmo sentido para repouso, ou seja, a cabeça para o lado esquerdo do quarto e os pés para a parede do lado direito do

mesmo ambiente. Assim como, o enxoval apesar de ser da responsabilidade de cada aluno ter o seu, percebe-se a cor branca como forma de uniformização do ambiente.

Figura 53 – Dormitórios dos pensionistas após a equiparação à Ginásio



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

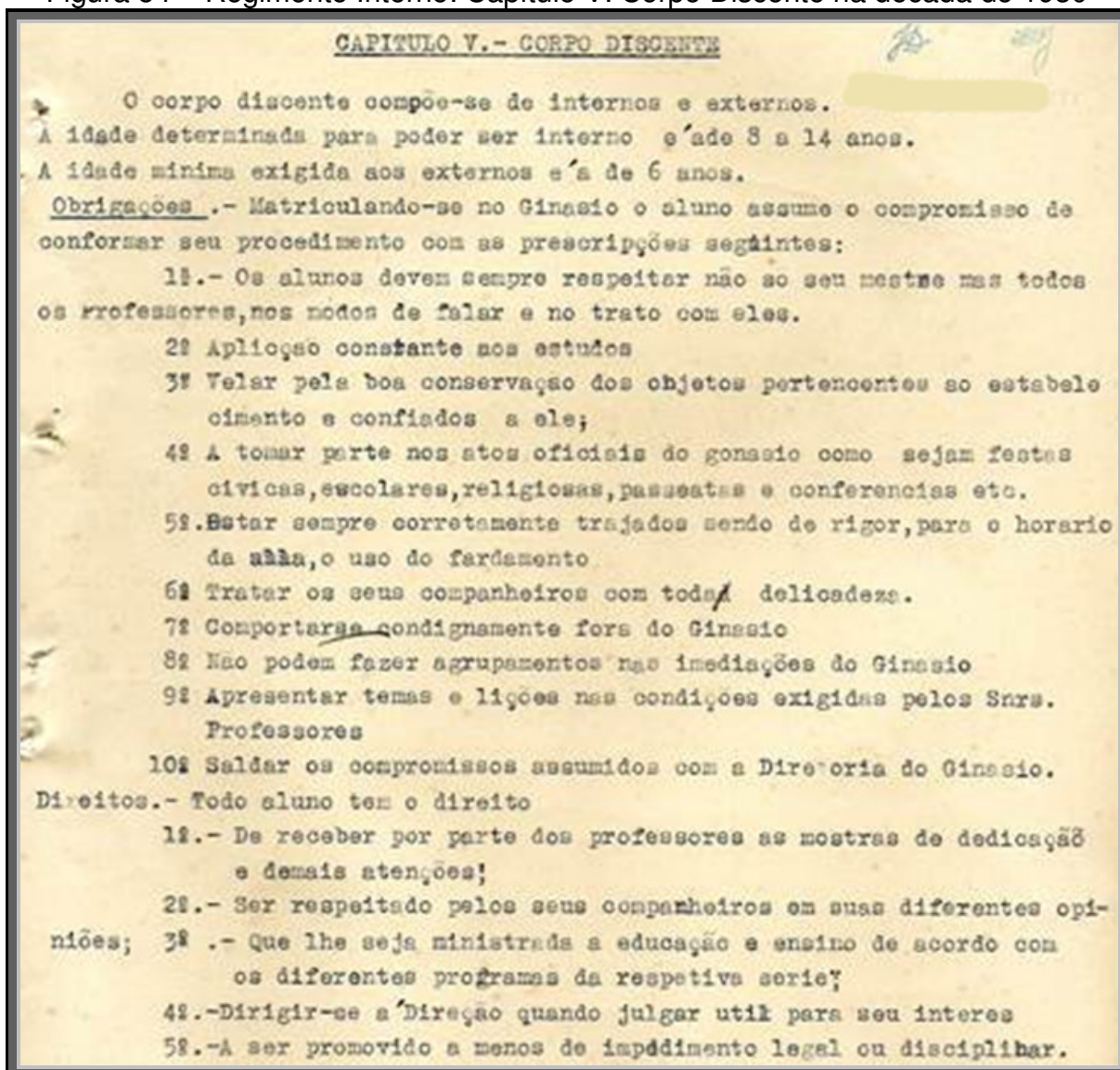
Como se percebe na Figura 53, o espaço dos dormitórios oferecido pelo Colégio do Carmo era simples, sem nenhum outro móvel, mas demonstrava organização; como se verifica nas camas arrumadas, a limpeza e a ordem do local. Assim como, a preocupação dos ambientes serem arejados e iluminados adequadamente com janelas em ambos os lados. Cabe lembrar que segundo Pesavento (2008, p. 100), as “[...] imagens do passado são como que pegadas de homens de um outro tempo, que expressamente quiseram atestar sua presença; manifestar uma intenção; obter um resultado ou uma reação de um suposto interlocutor”.

No Estatuto do Colégio do Carmo também constavam as retribuições ou os valores que deveriam ser pagos pelas pensões, os quais eram pagos adiantados e o pagamento da pensão anual era paga em duas prestações nos meses de março e agosto respectivamente pelos pais dos alunos.

Cabe destaque que, segundo Compagnoni (1980), entre os estímulos para a motivação didática, os Irmãos Lassalistas ofereciam um diploma de honra aos alunos que se destacassem pelo bom comportamento e um diploma especial aos que tivessem média elevada na aprendizagem do ensino religioso (catecismo).

A Figura 54 demonstra o Capítulo V do regimento interno do Colégio do Carmo, relacionado ao corpo discente, assinalando os seus deveres e os direitos.

Figura 54 – Regimento Interno: Capítulo V: Corpo Discente na década de 1930



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Como se observa na Figura 54, o corpo discente do Colégio do Carmo era composto pelos alunos internos e externos. A idade determinada para os alunos internos era entre a faixa etária de 8 a 14 anos e a idade mínima exigida para o

ingresso dos alunos externos era de 6 anos. Dentre as obrigações dos alunos com o Colégio do Carmo estavam:

- a) respeitar os professores (Irmãos Lassalistas) no modo de falar e no trato com os mesmos;
- b) aplicação constante nos estudos;
- c) zelar pelos objetos confiados a eles, pertencentes ao colégio;
- d) participar das festas cívicas, escolares, religiosas, passeatas, conferências e outros;
- e) usar o fardamento para o horário da aula;
- f) tratar os colegas com educação;
- g) comportar-se adequadamente também fora do colégio;
- h) apresentar os temas e as lições nas condições exigidas pelos Irmãos;
- i) saldar os compromissos assumidos com a diretoria do colégio.

Os direitos do corpo discente estavam relacionados aos seguintes aspectos: receber por parte dos professores, as mostras de dedicação e demais atenções; ser respeitado pelos colegas de classe mesmo que as opiniões divergissem; que lhe seja ministrada a educação e o ensino de acordo com os diferentes programas de ensino a que foi matriculado; solicitar auxílio à direção quando necessário e; obter promoção conforme merecimento.

O Colégio do Carmo sempre se empenhou desde a sua constituição em reforçar a formação do aluno para a vida, que tem sido a preocupação da Congregação Lassalista durante mais de 300 anos de educação, sendo fiel à recomendação de La Salle: “Ensinaí a Bem Viver”. Desse modo, a seguir é narrada a disciplina e o modo como os Irmãos Lassalistas pensavam e organizavam o cotidiano do Colégio do Carmo.

4.2.2 A disciplina e o modo como os Irmãos Lassalistas pensavam e organizavam o cotidiano da escola

Conveniente mencionar que, a disciplina e o controle, para o recorte temporal analisado não eram e não devem ser visualizados como algo punitivo ou de extrema rigorosidade no espaço escolar estudado e, sim, ações entendidas como necessidade de modo a contribuir para as boas relações entre os sujeitos escolares e suas práticas na sociedade.

O ambiente escolar do Colégio do Carmo se compunha de diretores e educadores, representados pelos Irmãos Lassalistas (como detalhado nos Quadros 7 e 8); os pais dos alunos que pagavam os estudos e tais alunos eram provenientes, em sua maioria da classe média e alta da sociedade caxiense. O Colégio do Carmo também mantinha um espaço próprio para o atendimento educacional aos pobres, sendo este um dos fins das Escolas Cristãs de São João Batista de La Salle.

Conforme Morales (1984, p. 55). “A finalidade originária e permanente da Congregação Lassalista tem sido e continua sendo colocar a educação cristã ao alcance dos ‘filhos dos operários e dos pobres’”. Na concepção de João Batista de La Salle, a escola era formadora e deveria ser o instrumento de formação integral.

Nesse sentido, a pedagogia segundo La Salle deveria ser na forma de uma educação integral, desde o domínio de instrumentos culturais básicos até os elementos de preparação para a vida real como, ler, escrever, calcular, desenhar, dentre outros. A escola deve ser integradora porque prepara não só para o domínio das diversas habilidades para a vida, mas que oferece uma unidade, um direcionamento e um sentido a essa vida com as suas variadas dimensões. Por intermédio, da comunicação de um modo evangélico de sentir, pensar e atuar (JUSTO, 2003).

O Colégio do Carmo oferecia um ambiente escolar de disciplina e de ordem, onde todos deveriam respeitar para serem respeitados conseqüentemente. Este era considerado como um ambiente propício para as sólidas, duradouras e criativas amizades, abolindo as classes e as graduações. Como esclarece Bonifácio (1988b, p. 148), “[...] disciplina, ordem e amor, são os ingredientes indispensáveis, quiçá suficientes para a formação de uma personalidade pelo menos a humana, o caminho mais urgente a desbravar”.

Os primeiros responsáveis por garantir a ordem nas escolas são os professores. De forma insistente, La Salle lhes solicita que assumam uma postura e, para tanto, indica que o primeiro meio de fazê-lo é pela autoridade e vigilância sobre os alunos (CORSATTO, 2007, p. 78).

Nas palavras de Knapp (2001, p. 135), “Na Pedagogia Lassaliana, vigilância significa presença constante, fraternal, o acompanhamento do aluno da manhã até à noite”. O autor acrescenta que, “Há prontidão e prevenção constante para que ele não caia no mal, sendo para La Salle antídotos ao rigorismo, à dureza e à impaciência”.

No período anterior ao ano de 1932, poucas eram as exigências legais referentes às escolas em Caxias, as quais tinham liberdade em desenvolver os programas de ensino. Portanto, não havia muita ingerência governamental, e os colégios eram procurados na razão direta de seriedade com que se ministrava a instrução, na disciplina vigente. Assim, a burocracia era reduzida a um mínimo num livro de inscrição e de encerramento de ano escolar¹¹⁰.

Os serviços de secretaria eram simples e a cobrança das anuidades também se limitava a um livro onde constavam os nomes dos alunos por classe, a mensalidade a ser paga e sua quitação. A ausência de registros mais pormenorizada no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo dificultou essa pesquisa considerando-se os anos anteriores ao período de 1932.

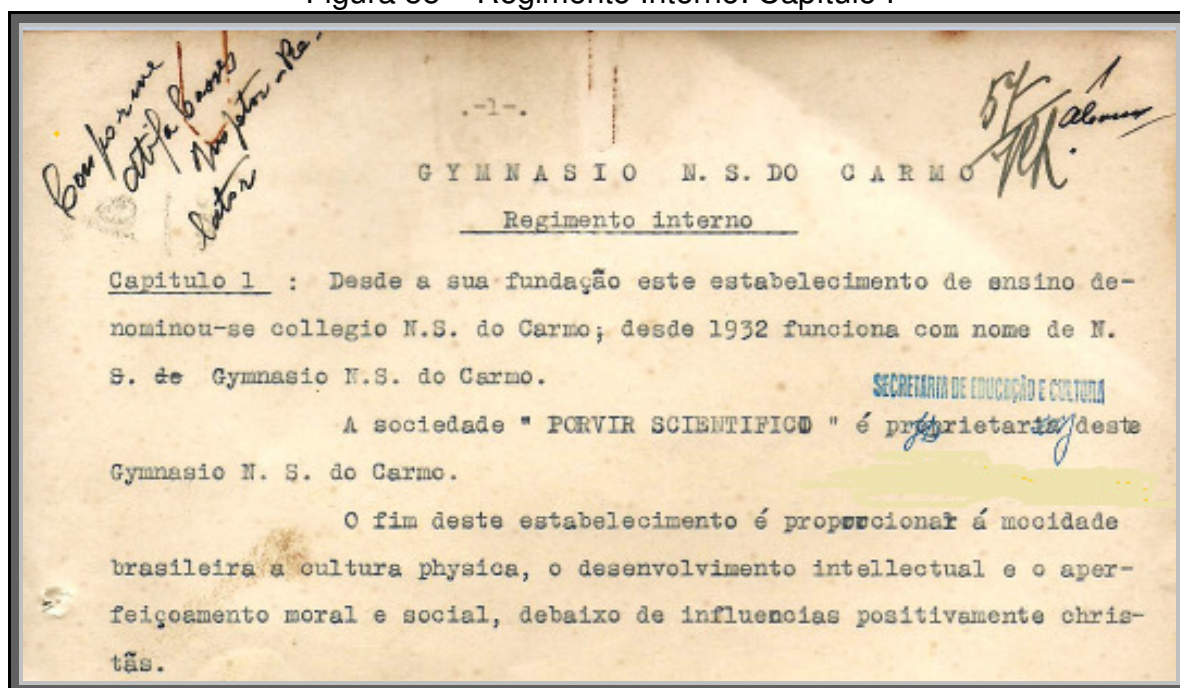
O que se obteve no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo foi que antes do ano de 1932, as aulas, geralmente, iniciavam na primeira semana de fevereiro e terminavam no mês de dezembro. Não havia férias entre o primeiro e o segundo semestres. Por sua vez, os feriados religiosos e os civis eram mais numerosos. As aulas, geralmente, iniciavam às 8h e se encerravam em torno das 11h30min; recomeçando às 13h até às 17h. Nas tardes de quarta-feira e de sábado não havia aula, as quais eram destinadas à prática de atividades esportivas. A carga horária das aulas era bem mais sobrecarregada se comparada aos dias atuais.

O Colégio do Carmo no período de 1908 a 1932 visava uma instrução sólida e educação cristã da juventude, como também, à formação de cidadãos corretos e responsáveis e seguia o lema das escolas lassalistas: 'Deus, pátria, família' (BONIFÁCIO, 1988b).

O documento apresentado na Figura 55 refere-se ao Capítulo I do regimento interno do Colégio do Carmo, datado do ano de 1932, época em que o referido Colégio foi equiparado a Ginásio e recebeu a denominação de 'Gynnasio Nossa Senhora do Carmo' que era registrado civilmente com o nome de Sociedade Porvir Científico, proprietária do referido Colégio. Convém destacar que este foi o primeiro regimento interno desenvolvido após a equiparação do Colégio do Carmo a Ginásio.

¹¹⁰ O livro de inscrição e de encerramento do ano escolar não foi encontrado no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo, para o recorte temporal de 1908 a 1933.

Figura 55 – Regimento Interno: Capítulo I



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Como identificado na Figura 55, no Capítulo I do regime interno foi definida a finalidade do Colégio do Carmo que era proporcionar à mocidade brasileira a cultura física, e o desenvolvimento intelectual positivamente cristão.

No Capítulo III do regimento interno estavam descritas todas as regras que deveriam ser observadas, cujo documento original encontra-se no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo. Em síntese, no regimento interno do Colégio do Carmo de 1932 constavam:

- a) os horários das aulas: manhã com entradas as 8h e saídas as 11h30min; e tarde com entradas as 13h30min e saídas as 16h;
- b) exames de admissão: duas épocas para o exame de admissão no curso comercial e ginasial (dezembro e março);
- c) matrículas: eram processadas no período do dia 01 ao dia 14 de março, com os devidos documentos;
- d) frequência dos alunos: era obrigatória para todos os cursos oferecidos;
- e) exercícios e arguições: eram exigidos trabalhos escolares como tema de casa, bem como realização de sabatinas mensais, sendo computados nas médias finais (exame final) e/ou promoção por média;

- f) provas parciais: realizadas na segunda quinzena dos meses de maio, julho, setembro e novembro, conforme determinação da legislação, dentre outros procedimentos;
- g) promoções aos alunos: por média e por exame, conforme a modalidade de ensino;
- h) conclusão de cursos: no curso ginasial eram entregues os certificados garantindo a entrada às Faculdades; ao melhor aluno da 5ª série era entregue pela direção do Colégio do Carmo uma medalha de ouro; ao fim do Curso Propedêutico, os alunos recebiam um certificado de conclusão de curso que garantia a entrada em qualquer curso técnico comercial; e ao término do Curso de Perito Contador os alunos recebiam um diploma outorgando o direito de exercer a profissão em todo o território nacional; e oferecia o direito à matrícula na Faculdade de Ciências Econômicas;
- i) exames de segunda época: era realizado na primeira quinzena de março conforme requerimento do aluno;
- j) transferências: eram aceitas as transferências dos alunos e também eram recebidos os alunos transferidos de outros estabelecimentos de ensino, mediante requerimento ao diretor do estabelecimento, no período de 1º de janeiro até março e desde 16 de junho até 30 de junho (Regimento Interno – Capítulo III, acervo da Secretaria do Colégio do Carmo).

Cabe enfatizar que nem todos os procedimentos realizados eram percebidos com o objetivo de cunho disciplinar, apesar de carregarem consigo esta intenção. Por isso, o regime disciplinar adotado pelo Colégio do Carmo era o de prevenir para não castigar, ou seja, a prevenção das faltas e o de motivação por meio de recompensas adequadas quando merecidas, em duas modalidades: recompensas de comportamento e de aplicação, que eram distribuídas ao final do ano letivo para os alunos de todas as séries quando merecidas. O Guia das Escolas Cristãs orientava que os alunos fossem recompensados com os seguintes critérios:

Os Mestres darão, de vez em quando, recompensas aos alunos mais exatos cumpridores dos deveres, para incentivá-los a preenchê-los com amor e estimular os demais, com a esperança de um prêmio. Há três tipos de recompensas a serem distribuídas nas escolas. Primeiro: recompensas de piedade. Segundo: recompensas por capacidade. Terceiro: recompensas pela assiduidade (PIANTKOSKI, 2010, p. 78).

No Colégio do Carmo, as recompensas eram oferecidas em conformidade com que estava previsto no Guia das Escolas Cristãs. Desse modo, a cor do boletim escolar apresentava qual era o desempenho dos alunos, com a finalidade de incentivar aqueles alunos que não tivessem obtido bom desempenho a atingi-lo. Como explica Piantkoski (2010, p. 78):

O Guia das Escolas Cristãs, publicado em 1720, regula que algumas recompensas seriam semanais e feitas em sala de aula. As recompensas antes das férias seriam analisadas e dadas pelo diretor da escola. Os objetos dados para as recompensas seriam: livros, estampas de pergaminhos ou terços. Aos pobres eram doados livros já utilizados nas Escolas Cristãs, uma vez que os mesmos teriam dificuldades na aquisição de novos.

Por sua vez, no Colégio do Carmo também existiam as penalidades, as quais eram aplicadas aos alunos que apresentavam falta de bom desenvolvimento ou comportamento, sendo observada inicialmente, a formação do aluno. Desse modo, eram aplicadas as penalidades, conforme a legislação da época, no caso, a Circular nº 625 da Superintendência do Ensino Secundário.

Corbellini (2000, p. 11) explica que a vigilância constante para moldar o aluno, era a “[...] finalidade dos internatos [...] em coerência com a mentalidade da época, passa também a ser elemento fundamental nas pequenas escolas, pois é necessário manter o aluno, dentro da pureza do ambiente escolar”. Depois de detrimento os procedimentos a serem adotados para as recompensas e aos prêmios, o Guia das Escolas Cristãs previa as diversas orientações sobre os castigos permitidos e indicados. Segundo Corsatto (2007, p. 87), as penalidades eram consideradas “[...] em linha de princípio, como meio pedagógico indispensável, mas, na verdade, com muita cautela e muitas observações acuradas de ordem psicológica”.

No Capítulo VI do regimento interno do Colégio do Carmo estavam apresentadas as atribuições que deveriam ser realizadas pela direção da referida instituição para manter a disciplina escolar, que era formada pelos seguintes Irmãos Lassalistas:

- a) um Irmão Diretor que era o responsável pela administração geral do Colégio do Carmo;
- b) um Irmão Secretário: responsável pelos livros exigidos em lei ou pela legislação escolar; prestava as informações exigidas pelos inspetores do

estabelecimento mediante a utilização das fichas particulares gerais; controlava a correspondência oficial; prestava as informações dos alunos aos pais ou tutores quando eram legalmente exigidas; e também era o responsável pela organização da Secretaria, principalmente do arquivamento da documentação dos alunos, professores, provas, cópias dos relatórios, dentre outros, sendo que os documentos da Secretaria obedeciam aos modelos oficiais;

- c) um Irmão Procurador: substituía o Irmão Diretor, quando necessário; realizava também em conjunto com o diretor a administração econômica do colégio; controlava os pagamentos aos fornecedores; e era o responsável pela escrita;
- d) um Irmão Prefeito de Disciplina e Estudos: zelava pela boa ordem e disciplina geral dos alunos; afastava as perturbações que pudessem prejudicar a harmonia entre os Irmãos Lassalistas e os alunos; submetia à apreciação da direção os casos graves de indisciplina ou morais dos alunos; e controlava a execução do programa nas diferentes modalidades de ensino por meio de sabinas especiais (Regimento Interno – Capítulo VI, acervo da Secretaria do Colégio do Carmo).

O Capítulo VII do regimento interno do Colégio do Carmo dispunha sobre os casos omissos, os quais eram submetidos à apreciação da Congregação Lassalista e, quando necessário, era nomeado um relator para dar o parecer. Em seguida era submetido à apreciação do plenário e nos casos especiais haveria recurso para a Divisão de Ensino Secundário ou Comercial, que decidia o que deveria ser realizado. A Figura 56 apresenta o Capítulo VIII do regimento interno que se refere às taxas e as contribuições cobradas aos alunos pelo Colégio do Carmo.

Como indicado na Figura 56, as taxas eram cobradas dos alunos, no momento da efetivação da matrícula, que era denominada de taxa de matrícula e inspeção, nas respectivas modalidades de ensino de interesse desses alunos.

Por sua vez, as contribuições eram cobradas bimensalmente aos alunos, na primeira quinzena dos meses de abril, junho, agosto, outubro e fim de novembro. As referidas contribuições correspondiam às taxas de promoção e certificados, por ocasião da entrega dos certificados e a taxa de expedição das guias de transferência no Curso Comercial, quando eram entregues os documentos aos

alunos. Assim verifica-se que o Colégio do Carmo para manter a sua estrutura realizava a cobrança de toda a prestação de serviços que oferecia aos alunos.

Figura 56 – Regimento Interno: Capítulo VIII: Taxas e Contribuições

<u>CAPITULO VIII.- TAXAS E CONTRBUIÇÕES</u>	
<u>As taxas cobradas serão:</u>	
Para matricula no curso preliminar e curso de admissão	20\$000
Para matricula no curso ginasial	40\$000
Para matricula no curso comercial	30\$000
Taxa de inspeção no curso ginasial	40\$000
Taxa de inspeção no curso comercial	20\$000
<u>Contribuições bimensais dos alunos</u>	
No 1º ano preliminar	30\$000
No 2º ano replinar	32\$000
No 3º ano preliminar	34\$000
no Curso de admissão	50\$000
Na 1ª serie	60\$000
na 2ª serie	70\$000
na 3ª serie	80\$000
na 4ª serie	90\$000
na 5ª serie	100\$000
No curso propedeutico	70\$000
No curso de Perito Contador	90\$000
Gastos gerais para os cursos secundarios por ano	20\$000
Idem para os preliminares	10\$000
Taxa de promoção dos cursos secundarios por disciplina	5\$000
Certificado de qualquer serie	5\$000
Guia de transferencia no curso comercial	100\$000
Taxa para oexame de admissão	15\$000
<u>Datas em que são cobradas.- Taxa de matricula e inspeção por ocasião da matricula do aluno.</u>	
As contribuições serao cobradas bimensalmente isto é:	
1ª quinzena de abril, junho, agosto, outubro e fim de novembro.	
As taxa de promção e certificados por ocasião da netrega do certificado	
A taxa de expedição de guia de transferncia no curso comercial na entrega do documento.	

Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

O Capítulo IX do regimento interno do Colégio do Carmo dispunha sobre os diplomas e os certificados, dentre outros documentos, os quais obedeciam aos modelos oficiais, em conformidade com a legislação vigente à época, validando a veracidade e a importância dos documentos.

O documento demonstrado na Figura 57 apresenta a capa do Estatuto do Colégio do Carmo, que foi elaborado a partir de 1932. Portanto, quando o Colégio do Carmo já estava equiparado a 'Ginásio Municipal Nossa Senhora do Carmo'¹¹¹, conforme era estabelecido pela legislação federal e nos moldes do Colégio D Pedro II, localizado no Rio de Janeiro, já citado.

Figura 57 – Estatutos do Colégio do Carmo: Capa



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

¹¹¹ Cabe salientar que a situação do ensino secundário brasileiro se normalizou com a implantação da reforma realizada pela lei promulgada por Carlos Maximiliano, em 1915. A lei restabeleceu a influência do Governo Federal em relação aos ensinos secundário e superior por meio da reoficialização do ensino. Como explica Amaral (2004, p. 134) "Houve reintegração do Ginásio Pedro II (Rio de Janeiro) à sua função de estabelecimento modelo. Mas esta legislação restringiu as equiparações somente a estabelecimentos estaduais de ensino, o que gerou um grave impasse no estado do Rio Grande do Sul, pois sua Constituição vetava a existência de estabelecimentos de ensino secundário estaduais, devendo eles ficar a cargo da iniciativa privada ou dos municípios. Alguns ginásios acabaram se municipalizando para reivindicarem sua equiparação ao Pedro II"; como foi o caso do Colégio do Carmo.

Verifica-se na Figura 57 que o Colégio do Carmo era dirigido pelos Irmãos Lassalistas, funcionando como internato, semi-internato e externato, oficializado e fiscalizado pelo Governo Federal, oferecendo ensino primário e secundário, bem como os esforços realizados pela direção da escola em mostrar a sua localização: em Caxias, no Estado do Rio Grande do Sul, sem é claro esquecer-se de mencionar algo bastante relevante, o fato da referida instituição de ensino ser oficializada e fiscalizada pelo Governo Federal.

Como mostrado na Figura 57, o Colégio do Carmo possuía o ensino primário, e conforme Bertaux (2010, p. 55), a principal tarefa atribuída ao ensino primário é socializar e desenvolver as capacidades dos indivíduos.

Quaisquer que sejam as origens das crianças, a sociedade procura lhes inculcar uma mesma língua nacional, os mesmos códigos de boa conduta, os mesmos símbolos, os mesmos valores, para que todos os indivíduos assim 'formados' (no sentido forte de 'dar forma') possam em seguida se comunicar, se compreender, prever corretamente seus comportamentos recíprocos, possuir referentes comuns (BERTAUX, 2010, p. 55).

O documento da Figura 58 apresenta a organização geral do Colégio do Carmo, identificando a sua finalidade, a fundação, a localização bem como o sistema educativo adotado.

Como já identificado e citado anteriormente nos Estatutos do Colégio do Carmo (1932, p. 3), a finalidade era proporcionar aos alunos: “[...] uma esmerada educação religiosa, a par de uma sólida instrução literária e científica”.

No que se refere à localização, com mostrado na Figura 58, o Estatuto do Colégio do Carmo mencionava que a situação topográfica do estabelecimento era invejável; e que ocupava no sítio culminante na área central da cidade de Caxias, uma vasta área de ventilação excelente, de horizonte dilatado e pitoresco, reunindo as mais favoráveis condições higiênicas.

Como descrito no Estatuto do Colégio do Carmo (1932, p. 3), “[...] o edifício novo, arejado e de aspecto elegante, com amplos pátios, oferece aos senhores pais a par da educação, as maiores garantias para o bem-estar físico dos seus filhos”.

Em conformidade com o Estatuto do Colégio do Carmo (1932), o sistema educativo vigente à época se compunha da continuação dos métodos estabelecidos por São João Batista de La Salle, fundamentados na razão, na religião e no carinho. Contemplado por uma vigilância contínua realizada pelos Irmãos Lassalistas, pelo conhecimento do regulamento ginásial e por conselhos amigáveis. Grazziotin (2010,

p. 123) acrescenta que “[...] a ordem e a disciplina eram monitoradas e controladas de modo permanente”,

Figura 58 – Estatutos do Colégio do Carmo: Organização Geral



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

A infraestrutura dos prédios e as instalações escolares do Colégio do Carmo conforme o Estatuto do Colégio do Carmo (1932) manifestavam a relevância dada ao ensino, pois eram equipados com salas de aula, laboratórios, biblioteca, salão nobre e espaços de lazer e também um local para a capela. Na maioria das salas e corredores eram fixados estátuas e quadros em homenagem aos santos(as), oferecendo ao prédio escolar um ambiente místico; e que tinha por finalidade vincular os alunos ao mundo do sagrado.

No Colégio do Carmo também eram realizadas as atividades educativas complementares pelos Irmãos Lassalistas, no intuito de formar os alunos, incentivando a cultura e a apreciação às artes. Além disso, a música, o teatro, a pintura e o lazer também faziam parte da formação dos alunos na referida instituição (GRAZZIOTIN, 2010). O autor acrescenta que os exercícios espirituais, as orações e os retiros anuais, acentuavam a relevância da supremacia do espiritual sobre o material e, também, reforçava o compromisso dos alunos a serem fiéis à Igreja Católica: “Os alunos eram incentivados a respeitarem as autoridades constituídas e a saber honrar a sua Pátria” (GRAZZIOTIN, 2010, p. 123).

Convém mencionar que a participação nas atividades associativas desenvolvidos no Colégio do Carmo, que apresentavam caráter religioso e/ou social tinham o objetivo de manter os alunos vinculados às necessidades da comunidade caxiense, por intermédio de entidades criadas ou fomentadas, notadamente, na área de assistência social, manifestando-se, portanto o compromisso caritativo de auxiliar aos necessitados (cf. Estatuto do Colégio do Carmo, 1932).

Assim sendo, a organização, o ambiente escolar, o regime de estudo, as atividades desenvolvidas, a disciplina e o esporte, o acompanhamento espiritual e a cultural que, eram desenvolvidos pelo Colégio do Carmo, propiciavam a garantia de uma instituição de referência educacional em Caxias, no seu tempo pela qualidade da educação ministrada.

O ambiente escolar do Colégio do Carmo pensado pelos Irmãos Lassalistas se compunha de ordem, disciplina, respeito, pontualidade, obediência e rigidez de conduta; com a finalidade de formação de caráter dos seus alunos, em que a filosofia e a pedagogia lassalista adotadas formavam indivíduos responsáveis com seus deveres de cristãos na sociedade caxiense.

No documento mostrado no **Anexo Y** consta o regime disciplinar escolar de 1932, que foi adotado no Colégio do Carmo, conforme previa o Estatuto da Instituição, sendo que os alunos ao serem matriculados, obrigavam-se a observar o regulamento que nele vigorava.

A disciplina escolar também regia os critérios que deveriam ser adotados pelos alunos durante as aulas como identificado no **Anexo Y**. Justo (1991, p. 227) explica que “A disciplina é indispensável na escola para assegurar a eficiência do trabalho da formação”.

Ainda nos Estatutos do Colégio do Carmo, no item da disciplina escolar eram disponibilizados os critérios das taxas anuais que eram cobradas dos pais dos alunos para custear as despesas gerais envolvendo a compra dos boletins, giz, tinta, lembranças, matrículas e outros, cujos valores estão mostrados no **Anexo Y**. Além disso, eram apresentados os critérios adotados para a realização dos exames aos alunos, também indicados no **Anexo Y**.

Cabe mencionar que, a Lei nº 1.860 de 04 de janeiro de 1908 e o Decreto nº 6.947 de mesma data, tornaram obrigatória a instrução militar dos estabelecimentos de ensino superior e secundário, para todos os alunos maiores de 16 anos, regendo também a instrução de 'Tiro de Guerra', evoluções militares e escola de companhia. A introdução da educação cívica militar nos colégios católicos foi uma consequência resultante do esforço pela equiparação do ensino, e os colégios tiveram que se adaptar à legislação oficial (AZZI, 1997).

De acordo com Grazziotin (2010, p. 124), "Todos deveriam estar sempre prontos e alertas para defender os interesses da Igreja Católica e combater os seus inimigos. Não é de estranhar que muitos alunos e alunas formados adquiriam uma visão conservadora da sociedade". Neste caso, o principal inimigo da sociedade e da Igreja Católica era o comunismo à época, que deveria ser combatido por todos os meios e formas possíveis.

O Colégio do Carmo mantinha ótimo relacionamento com o Comando Militar e à Oficialidade, principalmente por ocasião das sessões e dos desfiles cívicos e de competições esportivas, sendo que os alunos e Irmãos Lassalistas do Colégio do Carmo eram sempre convidados a participarem de tais eventos, como já mencionado anteriormente.

4.2.3 As rotinas dos docentes

Grazziotin (2010) explica que o Colégio do Carmo foi acompanhado pelos Irmãos Lassalistas, provenientes da França, que apresentavam experiência educativa em seu país de origem, como mencionado anteriormente no capítulo 3.

Assim, eram professores e exerciam o magistério em educandários testados pela eficiência. Até a década de 1960, a maioria dos professores eram Irmãos e não gostavam de ser denominados de mestres e/ou professores, preferindo serem chamados de Irmãos Lassalistas.

Ao chegarem a Caxias, em 1908, os Irmãos Lassalistas implantaram no Colégio do Carmo, a organização, a filosofia e a pedagogia de João Batista de La Salle, que caracterizaram a maneira de educar os meninos e os moços da sociedade caxiense, como já citado anteriormente no capítulo 3.

Fritzen (2004, p. 4) explica que, “[...] a doutrina lassalista expressa, de qualquer modo, a síntese viva da vocação do Irmão – e do Educador cristão – homem de fé, que se consagra, em comunidade, ao ministério da educação cristã”.

A batina preta era a vestimenta usada pelos Irmãos Lassalistas, sendo constante em todos os recantos do Colégio do Carmo. Isso é explicado, pois os Irmãos Lassalistas usavam as batinas no inverno e no verão, e era quase a única vestimenta dos referidos Irmãos nos climas díspares e contraditórios de Caxias.

Compagnoni (1980) esclarece que o ciclo de formação de um Irmão Lassalista obedece as seguintes etapas:

- a) juvenato: preparação intelectual e espiritual dos vocacionados à Vida Religiosa Lassalista, tendo como exigência completar o 1º grau, portanto os jovens já se encontram em uma faixa etária entre 14 a 18 anos e devem estudar o 2º grau em um educandário lassalista em regime de internato;
- b) postulante: período de preparação intensiva para o ingresso posterior ao noviciado, com duração de três meses. O termo é designado dessa forma, porque o jovem postula ingressar na Congregação Lassalista;
- c) noviciado: com duração de dois anos, é considerada uma etapa decisiva para o vocacionado à Vida de Religioso-Educador Lassalista, portanto uma etapa de formação e de prova. O candidato torna-se Irmão Lassalista e é realizado um solene ato de Profissão Religiosa, em que o noviço assume o compromisso de pertencer à Congregação Lassalista, e são emitidos os votos ou promessas, de pobreza, castidade, obediência e ensino aos pobres, por um período inicial de um ano;
- d) escolasticado: período de formação inicial com duração mínima de dois anos. O vocacionado desenvolve e vivencia em seu itinerário pessoal, a espiritualidade de São João Batista La Salle, aperfeiçoando os conhecimentos das ciências, principalmente relacionadas com o Instituto Lassalista e intensifica os estudos de formação profissional, de preferência na linha de educação;

- e) formação permanente: nesta etapa são disponibilizados os cursos oficiais intensivos e periódicos pela Congregação Lassalista, ao longo da vida dos Irmãos, oferecendo continuidade à formação espiritual e lassalista do Noviciado e Escolasticado, com o acréscimo de estudos universitários e trabalhos apostólicos inspirados no Carisma de São João Batista de La Salle.¹¹²

De acordo com Morales (1984, p. 39), “O carisma essencial de La Salle foi, sem dúvida, captar a necessidade de formar bons mestres, e trabalhar eficazmente para responder a ela”. Para o autor, São João Batista de La Salle, “[...] soube organizar uma comunidade e criar as condições práticas para sua existência e estabilidade”.

Conforme Nicodem (2008, p. 39-40), “Como educadores lassalistas, somos chamados a pautar nosso agir educativo segundo uma ética de solidariedade”. Ainda segundo o mesmo autor, “O educador lassalista é chamado a exercer sua missão numa sociedade transformada em constante transformação”. Ao se referir sobre os Irmãos Lassalistas, Bonifácio (1988a, p. 44) ressalta que:

O Irmão, por compromisso vocacional, devia ser catequista e educador antes de ser professor ou informador. Tinham eles a convicção de que a educação devia ser integral e abrangente de toda pessoa humana, até nas atitudes educadas no relacionamento social. O bom Irmão Maurício repetia que o homem total deve ser bom e culto.

Cabe mencionar que, o Irmão Visitador, proveniente de outra instituição lassalista, realizava as visitas duas vezes ao ano, com a finalidade de monitorar a obra dos Irmãos Lassalistas no Colégio do Carmo, no intuito de oportunizar melhorias contínuas no ensino da referida instituição.

A obra dos Irmãos Lassalistas também era acompanhada pelo Arcebispo de Porto Alegre. Dom João Becker, que também realizava visitas periódicas ao Colégio do Carmo quando necessário.

Para melhor compreender o ambiente escolar do Colégio do Carmo é preciso remontar e narrar um pouco da história e acompanhar as rotinas dos Irmãos Lassalistas no horário dominical, como detalhado no Quadro 6.

¹¹² “O carisma essencial de La Salle foi, sem dúvida, captar a necessidade de formar bons mestres, e trabalhar eficazmente para responder a ela. Soube organizar uma comunidade e criar as condições práticas para sua existência e estabilidade” (MORALES, 1984, p. 39).

Quadro 6 – Rotinas dos Irmãos Lassalistas no horário dominical

Horário/Período	Descrição das Atividades
4h	O Irmão despertador levantava-se como previsto no regulamento.
4h30min	A campainha era acionada para acordar os confrades que dormiam em quartinhos minúsculos com divisórias de madeira. ¹¹³ Uma única torneira no final do corredor fornecia água da chuva, que era armazenada em um velho tonel instalado sob o telhado.
Ao toque do sino	O Irmão Diretor mencionava em voz alta a saudação matinal. O levantar tinha que ser rápido e não havia água quente, portanto somente chuveiros frios, independentemente da estação do ano, e eram situados fora de casa, no alto de uma escada.
5h	Todos estavam reunidos na capela para as preces matinais, sempre as mesmas, encontradas em um velho livro de orações, com duração de quinze minutos. Em seguida um Irmão Lassalista lia um texto explicativo do Evangelho prescrito para a missa do dia e seguia-se meia hora de meditação sobre o texto do Evangelho.
6h	Iniciava-se a primeira missa na Igreja. A liturgia, com um longo sermão, prolongava-se por quase uma hora. Os Irmãos Lassalistas sentavam-se nas primeiras filas de bancos e voltavam à capela para mais meditação e a récita de três dezenas de ave-marias do rosário.
7h30min	Era servido o café e alguns Irmãos Lassalistas revezavam a leitura de um livro instrutivo durante o café.
A partir das 07h30min	Chegavam ao pátio os primeiros alunos uniformizados a rigor, de fardamento, talabarte e cinturão, camisa branca, gravata azul-marinho, sapato preto e quepe na cabeça.
07h50min	Os alunos formavam fila por ala, e o Irmão Regente conferia as presenças e fornecia os comprovantes de participação da missa. Em seguida eles seguiam pela atual Rua Marques do Herval até a escadaria da Paróquia Santa Teresa (atual Catedral). Os vigários da paróquia primavam pela pontualidade no horário dos ofícios religiosos. Ao término da missa colegial os alunos retornavam ao Colégio do Carmo para nova conferência de presenças, no intuito de controlar a frequência dos alunos.
Após a missa	Os Irmãos tinham duas horas de tempo livre para a correção dos trabalhos escolares ou estudos pessoais e para a preparação das aulas da semana seguinte.
11h	Era realizada pelos Irmãos Lassalistas meia hora de leitura e estudos religiosos e de catecismo, no final dos quais, cada Irmão recitava sua lição a outro Irmão, da mesma forma como faziam com os alunos.
11h30min	Era realizada meia hora de revisão pessoal de vida e a récita de mais três dezenas do terço do rosário (o terço dos Irmãos Lassalistas tinha seis dezenas de ave-marias, diferente se comparado aos demais fiéis que tinha cinco dezenas).
Continua...	

¹¹³ “Cada quarto dispunha, como mobília, de um criado-mudo de madeira bruta, um crucifixo, alguns cabides pendurados a pregos na parede, de um tripé de ferro, suporte de saboneteira e de bacia de ferro esmaltada. Guarda-roupa, somente um no corredor central, com alguns lençóis e toalhas de reserva para eventuais visitas. A cama era de lastro de mola de aço e o colchão, de crina vegetal, com abundantes remendos” (BONIFÁCIO, 1989, p. 53).

...Continuação	
Horário/Período	Descrição das Atividades
12h	Era servido o almoço, como uma comida especial dominical, um pouco diferenciada da comida da semana. A refeição iniciava com uma longa oração em latim. Durante o almoço era lido o Evangelho e outras leituras.
Ao término do almoço	Era servida uma sobremesa e eram lidas algumas linhas do livro 'Imitação de Cristo', obra escrita por Tomás de Kempis ¹¹⁴ . A refeição era encerrada com uma longa prece.
Após o almoço	Os Irmãos Lassalistas se dirigiam ao pátio claustal, formando duas filas com os rostos voltados um para o outro e iniciam o recreio de meia hora que consistia em caminhadas para frente e para trás em um vaivém contínuo. Era uma espécie de ginástica considerada muito benéfica e, também, comentavam sobre as leituras realizadas ao meio dia.
13h	Os Irmãos Lassalistas tinham um breve tempo para a realização de trabalhos pessoais.
14h30min	Os Irmãos dirigiam-se à capela para a realização da recitação do breviário do ofício litúrgico de Nossa Senhora.
15h	Os Irmãos Lassalistas encaminhavam-se novamente para a Igreja Matriz para a bênção do S. S. Sacramento precedida do catecismo para as crianças da paróquia. O catecismo por vontade do Pároco era ministrado geralmente pelos padres. Os Irmãos regressavam da Igreja sem lanche e dispunham de mais um breve tempo para realizar os trabalhos intelectuais ou recreio, não tinham acesso ao rádio, televisão e cinema.
17h	Os Irmãos Lassalistas Iniciavam meia hora de leitura de espiritualidade, seguida de conferência ou palestra oferecida pelo Irmão Diretor.
18h30min	Os Irmãos Lassalistas realizavam uma breve visita à capela com prece preparatória ao jantar. Durante o jantar eles realizavam leituras no mesmo estilo do meio dia. Em seguida realizavam um recreio nos mesmos moldes que ocorria após o almoço, mencionado anteriormente. ¹¹⁵
20h	Os Irmãos Lassalistas realizavam um novo encontro na capela para a longa oração da noite.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Bonifácio (1989, p. 52-55)

Verifica-se no Quadro 6, o acompanhamento das rotinas dos Irmãos Lassalistas, com a descrição das atividades desenvolvidas e os respectivos horários

¹¹⁴ Um maior detalhamento da referida obra pode ser obtida na página disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/zip/imitacao.pdf>>.

¹¹⁵ "Seguia-se uma hora de leitura de formação espiritual, de meditação e a oração da noite. Em seguida, um jantar constituído do que restava nas panelas do internato. Às 19h30min vários Irmãos retornavam às aulas noturnas e voltavam às correções até quase meia-noite. Às 04h30min da madrugada, já acordados por outro terrível cotidiano precedido de duas horas de prece, meditação e missa" (BONIFÁCIO, 1988b, p. 127).

e períodos da efetiva realização, considerando-se o dia de semana do domingo. Bonifácio (1988b, p. 127) afirma que:

Nas manhãs e tardes de domingo, vários religiosos eram vistos perambulando pelos corredores em vaivém de modo contínuo, com um maço de papéis apoiados em planilha de madeira sobre o braço esquerdo e a mão direita agitando o temido lápis vermelho.

Nos demais dias da semana dos Irmãos Lassalistas, as horas de preces matinais e vespertinas eram semelhantes às realizadas aos domingos, como indicado no Quadro 6. No restante dos dias, os Irmãos Lassalistas eram distribuídos entre as aulas para as turmas numerosas, atendimento ao internato, vigilância nas horas do recreio, serviços de secretaria e administração. Cabe destacar que não havia professores leigos¹¹⁶ nos dois turnos do dia, mas somente alguns para as aulas noturnas (BONIFÁCIO, 1989).

Os serviços de cozinha e a limpeza do Colégio do Carmo competiam a um cozinheiro, que era auxiliado por rapazes (alunos) provenientes da área rural e que pagavam os estudos com a prestação de serviços à instituição, e também recebiam a comida e o alojamento (BONIFÁCIO, 1989).

O Quadro 7 demonstra a relação dos Irmãos Lassalistas que atuaram no Colégio do Carmo ao longo do recorte temporal de 1908 a 1933.

Salienta-se que não foi encontrada uma listagem oficial, no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo referente à quantidade exata de Irmãos Lassalistas que atuaram especificamente no recorte temporal deste estudo. No entanto, foi obtida na obra de Bonifácio (1988a), uma listagem dos Irmãos Lassalistas que atuaram no Colégio do Carmo, referente ao período de 1908 a 1988, que se encontra em ordem alfabética no **Anexo Z**. Como apresentado no Quadro 7, no período de 1908 a 1933, em torno de trinta e seis Irmãos Lassalistas ministraram as aulas no Colégio do Carmo, para os alunos que estavam matriculados no período analisado. Compagnoni (1980, p. 191), complementa afirmando que: “Acresce reconhecer que os Irmãos ‘Pioneiros’, vindos da França, não eram somente bons e mesmo santos religiosos, mas também excelentes mestres e, vários deles, notáveis cientistas ou ‘experts’ em diferentes especialidades culturais”.

¹¹⁶ “As Instituições Lassalistas, quando se referem a “Leigos”, querem significar as pessoas que não são sacerdotes, nem religiosos/as e nem pertencem a determinados Institutos Seculares” (BORTOLUZZI, 2006, p. 12).

Quadro 7 – Lista dos docentes do Colégio do Carmo no período de 1908 a 1933

Nome Religioso	Nome Civil
Irmão Adelphius Joseph	Joseph René Guyon
Irmão Adolpho Leão	João Alexandre Dobrovolski
Irmão Anacleto João	José Bonfleuher
Irmão Anastace Pascal	Félix Barthélemy Pascal
Irmão Audacte Jean	Henri Joseph Croze
Irmão Aumond Bertin	Pierre Bernard
Irmão Bernard Maurice	Eugène Louis Livache (Bernardo)
Irmão Brétoin Joseph	Joseph Richer (José)
Irmão Celso Martinho	Jacob Silvino Jacobi
Irmão Cirilo Felipe	Pompeyo Martin Iranzo (Cirilo)
Irmão Daniel Félix	Guilherme Cerati
Irmão Domingos Maria	Antônio dos Santos Paz
Irmão Ernesto Leão	Igino Tres
Irmão Fabien Clément	Álvaro Kaiser (Fabiano Clemente)
Irmão Fabien Albert	Albert Fabien (Fabiano)
Irmão Ferdinand Marie	Georges Adolphe Tytgat
Irmão Fidel de Maria	Ignacio Marcos Mantilla
Irmão Florence Thomas	Philippe Albert Denis Thomas (Dionisio)
Irmão Florêncio Gabriel	José Alfredo Güntzel
Irmão Florent Cyrille	Pierre Hage
Irmão Fructueux Joseph	Joseph Henri Charles Merlier (José)
Irmão Fructule Léon	Léon Breine (Leão)
Irmão Fructule Paul	Usmar Gustave Coulon
Irmão Frumence Bertin	Joseph François Morelle (Frumêncio)
Irmão Fulbert Vincent	Maire Joseph Auguste Surmely
Irmão Gabriel Donato	José Wickert
Irmão Gabriel Norberto	Giacomo Salvi
Irmão Henrique Luiz	Agrimério José Alves
Irmão Huberto Augusto	Otto Ody
Irmão Innocent Vital	Eugène Paul Lavabre (Inocêncio)
Irmão Isaac Maurice	Léon Hippolyte Benoît Maury (Maurício)
Irmão Isidorus Louis	Louis Alfred Loubatière (Isidoro)
Irmão Joseph Henri	Joseph Martin
Irmão Maltin de Jesus	Martin Plasmans (Martinho)
Irmão Xantin Nicolas	Jules J. B. François Baldeyrou (Júlio)
Irmão Xavier Dominique	Louis Rouanet (Domingos)

Fonte: Bonifácio (1988a, p. 139-143)

Como descreve Bonifácio (1989), nos primeiros anos da década de 1930, um dos Irmãos Lassalistas que se sobressaiu, foi o Irmão Teodoro Luís¹¹⁷ que lecionou a disciplina de química no Colégio do Carmo. “Ele era espanhol de origem e de sentimentos de inteligência considerada acima da média e apresentava uma capacidade de dedução ágil” (BONIFÁCIO, 1989, p. 9).

O Irmão Teodoro Luís foi o autor de manuais de Química e iniciador do gabinete de Química no Colégio do Carmo, sendo profundo conhecedor das Ciências Exatas e filósofo. No entanto, após construir a carreira no Colégio do Carmo, o referido Irmão foi transferido para a cidade de Canoas, para a casa de formação dos Irmãos Lassalistas, onde trabalhou arduamente na atualização e aprofundamento dos estudos, para a formação dos futuros Irmãos Lassalistas.

O Quadro 8 apresenta a lista dos diretores que atuaram no Colégio do Carmo, considerando-se o recorte temporal de 1908 a 1933, conforme informação obtida no acervo da Secretaria do Colégio do Carmo.

Quadro 8 – Lista dos diretores do Colégio do Carmo (1908 a 1934)

Período	Nome Religioso	Nome Civil
1908 a 1911	Irmão Anastace Pascal	Félix Barthélemy Pascal
1911 a 1914	Irmão Brétoin Joseph	Joseph Richer (José)
1914 a 1918	Irmão Xantin Nicolas	Jules J. B. François Baldeyrou
1918 a 1922	Irmão Innocent Vital	Engène Paul Lavabre
1922 a 1924	Irmão Fulbert Vincent	Marie Joseph Auguste Surmely
1924 a 1932	Irmão Isaac Maurice	León Hippolyte Benoît Maury
1932 a 1934	Irmão Fidel de Maria	Ignacio Marcos Matilla

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Bonifácio (1988a, p. 144)

Como se observa no Quadro 8, o comando do Colégio do Carmo no período de 1908 a 1933 foi dedicado por sete Irmãos Lassalistas, que assumiam a direção durante quatro anos de mandato, todos de procedência francesa.

Por sua vez, no Capítulo IV do regimento interno do Colégio do Carmo de 1932, estavam detalhados os aspectos relacionados ao corpo docente. Desse modo, todos os Irmãos Lassalistas que ministravam as aulas dos cursos secundários no

¹¹⁷ Compagnoni (1980, p. 201) se refere ao Irmão Teodoro Luís, como “[...] notável educador e cientista nasceu em Figueras (Província de Gerona – Espanha), em 20/04/1904. Chegou ao Brasil em 14/11/1930. Após breve estada em Canoas e Porto Alegre, exerceu o magistério no Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Caxias, de 1931 a 1933, onde organizou os laboratórios de Química e Física, e o Museu de História Natural”.

Colégio do Carmo eram registrados devidamente, conforme o Departamento Nacional de Educação (DNE), nas diferentes disciplinas que lecionavam.

Os deveres exigidos dos Irmãos Lassalistas eram os aperfeiçoamentos intelectual e pedagógico e exigia-se também a dedicação completa no magistério, com o esforço de tornar as lições agradáveis e acessíveis aos próprios alunos, realizando a correção aprimorada dos temas de casa ou pela preparação imediata das respectivas disciplinas.

Assim, o Colégio do Carmo assumia o compromisso diante do corpo docente em zelar pelo bem-estar material de cada um, fornecendo tudo o que precisassem tanto em época de saúde como em caso de enfermidade, garantindo o retiro tranquilo em caso de impotência ou velhice.

O Capítulo IV do regimento interno do Colégio do Carmo também dispunha que as congregações eram realizadas pelo corpo docente ordinariamente duas vezes por ano (no início e no final do ano letivo), portanto os Irmãos Lassalistas participavam das comemorações especiais. Além disso, eram formadas as comissões científica, esportiva e religiosa pelos referidos Irmãos para planejar e organizar as atividades anuais aos alunos respectivamente.

Cabe salientar que os Irmãos Lassalistas eram transferidos para as mais diversas Comunidades Lassalistas, como uma forma de vivência e de aprimoramento pessoal e profissional, tanto dos Irmãos Lassalistas quanto das comunidades que os recebiam, e que normalmente permaneciam quatro anos em cada instituição de ensino.

Por sua vez, os docentes do Colégio do Carmo apresentavam a postura de não apenas ensinar, mas também de querer aprender continuamente. Assim, semanalmente eram realizadas as reuniões gerais ou por turnos sob a coordenação do Irmão Diretor, para repensar as ações e as diretrizes que deveriam ser desenvolvidas pelos Irmãos Lassalistas no Colégio do Carmo.

Como identificado ao longo dessa seção, as rotinas dos discentes, a disciplina e o modo como os Irmãos Lassalistas pensavam e organizavam o cotidiano do Colégio do Carmo, bem como as rotinas dos docentes eram moldadas fundamentalmente pelos ofícios da religiosidade, como era previsto nos ensinamentos de São João Batista de La Salle e no Guia das Escolas Cristãs.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo geral narrar o processo histórico do Colégio do Carmo, localizado em Caxias do Sul, no período de 1908 a 1933, especialmente, no que se refere à história e à cultura escolar, atentando para as práticas pedagógicas e rotinas escolares dessa instituição.

Para uma maior compreensão da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, ou Escolas Lassalistas foi preciso um estudo bibliográfico de como tal Congregação se compôs, desde a organização e vinda ao Brasil, sua finalidade e os seus objetivos. Da apreciação se compreendeu que o objetivo era propagar a proposta pedagógica de João Batista de La Salle além da França, país de origem, de onde não poderiam mais ter ações efetivas. Após esta reflexão sobre como se deu sua introdução no Brasil é que se pôde iniciar o estudo de que forma começaram os Irmãos Lassalistas a se desenvolver no Rio Grande do Sul e, especificamente, na cidade de Caxias do Sul. Pôde-se verificar que os Irmãos Lassalistas vieram para Caxias do Sul, *a priori*, a pedido da Igreja Católica para oferecer estudos de qualidade aos meninos e moços da cidade e região.

Os achados da pesquisa mostraram que a fundação do Colégio do Carmo foi fruto do empenho desenvolvido pelos Irmãos Lassalistas, provenientes da França, a pedido do Bispo de Porto Alegre, pois à época esses Irmãos tiveram suas atividades limitadas no país de origem. Desse modo, as congregações formadas pelos Irmãos Lassalistas, que chegaram ao Estado do Rio Grande do Sul, em 1907, e especialmente, em Caxias quando se instalaram em 1908, estavam ligadas ao movimento de restauração da Igreja Católica.

Alega-se que na pesquisa foram encontrados vários momentos de tensões nas relações entre o Pároco João Meneguzzi e os Irmãos Lassalistas. O que fica evidenciado é que o referido Pároco não aceitou, em um primeiro momento, a presença dos Irmãos Lassalistas, os quais eram provenientes da França, em uma comunidade que era predominante de origem italiana. Neste sentido, foram articuladas várias ações para a retirada dos referidos Irmãos, assim como pesou o fato dos Irmãos Lassalistas terem autonomia, para acatar ou não algumas ordens providas da Igreja, vistas muitas vezes como afronta, o que não aconteceria se os Padres Salesianos por aqui se instalassem. No entanto houve um consenso entre as partes, a partir do momento em que o Colégio do Carmo passou a se expandir e

obter a oficialização de sua equiparação, mostrando assim, o desempenho positivo da obra lassalista como uma instituição de ensino para a região, na década de 1930.

Identificou-se também que a motivação para a fundação de uma Associação de Ex-Alunos, no Colégio do Carmo, era além de, os antigos alunos conservarem os laços estreitos com o referido colégio, ou seja, pretendiam auxiliar na organização das diversas entidades sociais, assistenciais e de caridade. Desse modo, eles atuavam na sociedade, no intuito de vivenciar e transmitir o compromisso de cristãos empenhados com a coletividade, aperfeiçoando os valores, os princípios e as práticas obtidas ao longo do tempo de formação no Colégio do Carmo; que conseqüentemente, estimulava a permanência da família na escola, motivando as novas matrículas para os seus filhos.

A pesquisa identificou também que nas práticas pedagógicas, os preceitos dos Irmãos Lassalistas estavam atrelados aos princípios da Igreja Católica, fazendo com que o Colégio do Carmo fosse caracterizado pelo ambiente e a disciplina escolar moldados nas atividades educativas complementares; e na obrigatoriedade dos alunos na participação das atividades religiosas, civis e sociais continuamente. Assim como, nas práticas pedagógicas 'pautadas' no como escrever, formato da letra, materiais utilizados, como ler e disponibilizar o material de leitura, ensinar cálculos e demais conteúdos, provenientes da cultura educativa francesa, escrita por João Batista de La Salle no Guia das Escolas Cristãs.

O Colégio do Carmo apresentava rotinas específicas, na Capela (inaugurada em 1931), os alunos recebiam também o perdão e se reconciliavam com Deus, por intermédio do sacramento da penitência. Para cada início de ano letivo, eram realizados os retiros espirituais no interior da escola, com a finalidade de aperfeiçoar a formação cristã dos alunos. Por sua vez, ao término de cada ano letivo os Irmãos Lassalistas realizavam os retiros espirituais fora do Colégio do Carmo, permanecendo apenas um dos Irmãos Lassalistas no colégio para o monitoramento do mesmo.

Desse modo, a pesquisa mostrou a existência de três aspectos que moldavam as práticas pedagógicas e as rotinas escolares do Colégio do Carmo, considerando o recorte temporal de 1908 a 1933, que são: o ensino de qualidade, com exigências e aulas diferenciadas; a disciplina como ponto de formação de um bom profissional; e a educação voltada ao catolicismo como formação de pessoas de caráter.

Nos saberes e nas práticas pedagógicas observou-se que o currículo escolar oferecido pelo Colégio do Carmo era formado pelas disciplinas obrigatórias, em conformidade com as leis vigentes à época; sendo acrescentadas das disciplinas de religião, história da Igreja, história sagrada, civilidade e comportamento, bem como os ensinamentos do latim e da língua francesa, afirmando a influência da Igreja Católica nas práticas educativas caxienses e o esforço para manter as origens maternas francesas dos Irmãos Lassalettas.

Assim, os procedimentos adotados pelo Colégio do Carmo eram moldados pela formação integral do aluno, e para o tempo em questão, com ênfase na supremacia da dimensão espiritual do ser humano, em que o estudo do catecismo e da história sagrada eram partes integrantes do currículo escolar e ministrados nas aulas de religião, sendo estas obrigatórias. Tais práticas pedagógicas contribuíram para a transmissão do conteúdo caracterizado por uma ênfase ao sagrado nas atividades do aprendizado dos alunos, identificando assim, a religiosidade como marca das práticas pedagógicas no Colégio do Carmo.

Por sua vez, no que se refere às festividades escolares, foi observado na pesquisa, o cultivo à dimensão cultural, com o envolvimento da comunidade caxiense, sendo que eram realizadas as apresentações teatrais, musicais (cantos) e ministradas palestras importantes para a formação dos alunos. Assim como, as formaturas de conclusão de curso com a participação dos Irmãos Lassalettas, alunos, familiares e comunidade em geral, sendo oferecidas algumas premiações (recompensas) aos melhores alunos, que para a época em questão, fazia parte da cultura escolar ali instalada.

Nas rotinas dos discentes, a pesquisa também assinalou que os alunos matriculados no Colégio do Carmo eram provenientes de famílias que tinham recursos financeiros para o pagamento dos estudos dos filhos, cujos recursos eram utilizados para manter a estrutura da referida instituição de ensino. Além disso, o apoio e a recomendação da Igreja Católica para que as crianças e jovens estudassem no Colégio do Carmo foi decisiva para o sucesso da referida instituição de ensino, pois suas bases estavam atreladas à religiosidade.

Na rotina dos docentes, a pesquisa mostrou que os Irmãos Lassalettas apresentavam experiência educativa e a maioria de seus membros eram professores, os quais exerciam o magistério em educandários testados pela eficiência ainda na França. Neste sentido, os Irmãos Lassalettas ao fundarem o

Colégio do Carmo implantaram a organização, a filosofia e a pedagogia lassalista caracterizando-se como o modelo de educar. O que despertou o interesse, a simpatia e a confiança da comunidade caxiense, que buscava um ensino de qualidade e profissionalizante.

Na disciplina e no modo como os Irmãos Lassalistas pensavam e organizavam o cotidiano da escola, verificou-se que o Colégio do Carmo também era caracterizado pela disciplina rígida. Os Irmãos Lassalistas eram os responsáveis pelo monitoramento contínuo do bom andamento disciplinar da referida instituição de ensino, em conjunto com a participação de alguns alunos que contribuíam no cuidado do comportamento dos demais colegas. E até mesmo, em determinados momentos acontecia a aplicação de castigos leves e também tarefas punitivas, isso quando os alunos não apresentavam um comportamento adequado ao esperado. O procedimento fazia parte da pedagogia aplicada pelos Irmãos Lassalistas e com a finalidade de disciplinar e, também, para a formação do caráter dos alunos, conforme indicava o Guia das Escolas Cristãs.

Cabe salientar que para o momento histórico estudado, esta prática pedagógica era bem recebida e apoiada pelos pais e pela sociedade em geral. Neste sentido, a ordem, a disciplina, o respeito, a pontualidade, a obediência e a rigidez de conduta determinados pelos Irmãos Lassalistas do Colégio do Carmo aos alunos tinham o intuito de torná-los pessoas responsáveis pelos deveres de cristãos na sociedade caxiense.

Enfim, este estudo não pretendeu esgotar o tema, pois aqui foi narrada apenas uma parte da história do Colégio do Carmo, da sua fundação em 1908 até o ano de 1933, quando ocorreu a comemoração dos 25 anos de existência; oferecendo, portanto a oportunidade da continuidade do estudo após o recorte temporal estudado, ou até mesmo outros aspectos oferecidos por esta instituição centenária.

No percurso da pesquisa muitas foram as escolhas e os recortes feitos, além disso, foram percebidas brechas e potencialidades para outras pesquisas. Além do alargamento da análise em um período temporal maior, atentar para outros aspectos da cultura escolar do Colégio do Carmo seriam importantes. Como por exemplo, os temas relacionados à arquitetura escolar, à organização do espaço, dentre outros.

Salienta-se que como limitações encontradas ao longo do desenvolvimento do estudo, foi reconhecido que é difícil conseguir preservar tudo o que a escola

produz. Por este motivo, em alguns momentos foram encontradas dificuldades para dar sequência cronológica e até mesmo lógica ao estudo, seja pela falta ou 'extravios' de documentos seja pelos arquivos sem datas específicas ou em duplicidade. Este fato instiga a manter um olhar atento às mudanças no decorrer dos anos e as modificações nos processos de armazenamento de documentos escolares (WERLE, 2004). O ato de conservar alguns documentos da instituição é manter viva e contínua a história desta instituição, colaborando para que surjam novas pesquisas e percepções.

Nesse sentido, independente de quanto tenha sido a contribuição dos pais, Igreja, fabriqueiros ou do próprio Colégio do Carmo, entende-se que a construção da obra educativa lassalista deve ter sido ambicionada também pela Congregação dos Irmãos Lassalistas. A criação de uma estrutura própria de um colégio demonstrava explicitamente a conquista da permanência deste grupo na cidade de Caxias do Sul.

Com isso, é essencial perceber este ganho a partir dos interesses dos diferentes grupos, citados anteriormente. Fica evidente, após a aprovação do projeto do 'novo Colégio do Carmo', que as relações estreitaram-se com fins específicos, que foi um local para o novo prédio e uma educação de qualidade aos meninos e moços da cidade.

Por fim, o Colégio do Carmo, por ser uma instituição centenária tem o poder de proporcionar diversas formas de olhar a história, contribuindo para que se possa compreender qual caminho percorreu a educação caxiense até chegar aos dias atuais. Sem a intencionalidade de esgotar estudos, muito pelo contrário, pois para esta pesquisa foram estabelecidos tempos e categorias específicas, mas com o intuito de ser o início para instigar novos pesquisadores a se questionarem: Que práticas pedagógicas foram utilizadas nas décadas seguintes? Que leis estavam vigentes à época? Quem de certa forma centralizava o poder? As várias facetas sobre as concepções dos alunos? As 'novas' formas de cultura dentro da escola? Que novos pesquisadores surjam para desvendar esta rica história que ainda está, em partes, em forma de suspense.

REFERÊNCIAS

ACERVO DA SECRETARIA DO COLÉGIO DO CARMO. **Documentos Diversos**. Caxias do Sul: Colégio do Carmo. Recorte Temporal: 1908 a 1933.

ACI DIGITAL. **A Eucaristia**. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/catecismo/eucaristia.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul Educação 1877 a 1967 – III Tomo**. Porto Alegre: EST, 1981.

AGATÓN, Hermano (Superior General). **Las Doce Virtudes Del Buen Maestro Según San Juan Bautista De La Salle**. Melun, 12 de febrero de 1785. Postado em: 15 jun. 2004. Disponível em: <http://www.lasalle.mx/estrategias/biblioteca/lecturas/educacion_lasallista/12_virtudes/2_AGATON_12VIRTUDES.doc>. Acesso em: 25 nov. 2014.

AMARAL, Giana Lange do. **O Ensino Secundário Laico e Católico no Rio Grande do Sul, nas Primeiras Décadas do Século XX**: apontamentos sobre os ginásios Pelotense e Gonzaga. In: História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas, v. 12, n. 26 p. 119-139, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/29213/pdf>>. Acesso em: 16 out. 2015.

ASSOCIAÇÃO DA FAMÍLIA CANÁ. **Entronização do Sagrado Coração**. Disponível em: <<http://www.familiadecana.com.br/default.asp?pag=p000046>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

AZZI, Riolando. **História da Educação Católica no Brasil**: contribuição dos Irmãos Maristas. Volume 1: os primórdios da obra de Champagnat no Brasil (1897-1922). São Paulo: Simar, 1997.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por Amor e Por Força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=dwYbtcvvrIQC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 mar. 2015.

BAREA, Dom José. **A Vida Espiritual nas Colônias Italianas do Estado do Rio Grande do Sul (1925)**. Tradução e Introdução de Mário Gardelin e Rovílio Costa. Porto Alegre: EST, 1995.

BENITO, Agustín Escolano. *La Cultura Material de La Escuela Y La Educación Patrimonial*. **Revista Educatio Siglo XXI**, v. 28, n. 2, p. 43-64, 2010. Disponível em: <<http://revistas.um.es/educatio/article/viewFile/111961/106281>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

BERGOZZA, Roseli Maria. **Escola Complementar de Caxias**: histórias da primeira instituição pública para formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Caxias do Sul, 2010.

Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_arquivos/7/TDE-2011-03-04T065321Z-453/Publico/Dissertacao%20Roseli%20Maria%20Bergozza.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de Vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BERTONHA, Vitorina Cândida Corrêa; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A Instituição Escolar Como Fonte da História da Educação: um estudo preliminar**. In: Seminário de Pesquisa Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Maringá, 24 e 29 de set. 2008. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2008/pdf/r007.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2014.

BOGDAN, C. Roberto; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto. Portugal: Porto Editora. 1994.

BONIFÁCIO, Irmão. **Crônicas do Carmo: 80 anos – 1908-1988**. Volume 1. Caxias do Sul: De Zorzi Indústria Gráfica, 1988a.

_____. **Crônicas do Carmo 80 anos – 1908-1988**. Volume 2. Caxias do Sul: De Zorzi Indústria Gráfica, 1988b.

_____. **Crônicas do Carmo**. Volume 3. Caxias do Sul: De Zorzi Indústria Gráfica, 1989.

BORGES, Paulo Humberto Porto. **Fotografia, História e Indigenismo e Representação**. UNICAMP/SP, Universidade de Campinas, 2003.

BORTOLUZZI, Selestino José. **Juntos e Associados à Compreensão e a Prática da Relação Irmãos e Colaboradores Leigos para a Realização da Missão na Província Lassalista de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia do Instituto Ecumênico de Pós Graduação em Teologia, São Leopoldo/RS, 2006. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Mestre/bortoluzzi_sj_tm133.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2014.

BRANDALISE, Ernesto A. **Paróquia Santa Teresa: cem anos de fé e história (1884 – 1984)**. Caxias do Sul: EDUCS, 1985.

_____. **Das Escolas Paroquiais à Universidade: a Igreja em Caxias do Sul**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1988.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no Século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BUFFA, Ester. Os Estudos Sobre Instituições Escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007. (Coleção memória da educação).

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. (Biblioteca Básica).

_____. **O Que é História Cultural**. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991.

_____. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos**. v. 7. n. 13. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

_____. **Cultura Escrita, Literatura e História**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

CHARTIER, Roger. Epílogo. As práticas da história. In: CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. n. 2, p. 177-229, 1990. Disponível em: <<http://www.gpef.fe.usp.br/teses/pdf...>>. Acesso em: 02 maio 2015.

COELHO, Márcio. **O Saber Além dos Trilhos: o Ginásio Diocesano de São Carlos até a doação ao Irmão Lassalistas. 1923/1956**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, 2001.

COMPAGNONI, Ivo Carlos. **História dos Irmãos Lassalistas no Brasil**. Canoas: La Salle, 1980.

CORBELLINI, Marcos Antonio. **Itinerário de uma Proposta Educativa: proposta educativa dos Irmãos Lassalistas de 1971 a 1990**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 1996.

_____. **Sociedade das Escolas Cristãs nas Origens**. Postado em 2000. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0218t.PDF>>. Acesso em: 07 nov. 2012.

_____. **Obra de Deus: e se não fosse?** Canoas: Salles, Centro Universitário La Salle, 2006.

_____. Ética ou Caos e Pedagogia Lassalista. **Revista Conhecimento e Diversidade**. Edição Especial: Ética: um ensaio de questões. p. 105-112, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.lasalle.org.br/unilasalle/pdf/etica/Artigo11.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

CORSATTO, Marcos Luciano. **Princípios Pedagógicos e Administrativos de La Salle no Guia das Escolas Cristãs**. 2007. 221f. Dissertação (Mestrado em Administração, Educação e Comunicação). Universidade São Marcos. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.lasalle.org.br/upload/porta/publicacoes/marcos_corsatto_dissertacao.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2013.

COSTA, Rovílio. Padre Cármine Fasulo: comunicar para evangelizar. **Revista Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 37, n. 156, p. 289-296, jun., 2007. Postado em: 28 jan. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/ojs/index.php/teo/article/download/2713/2062>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

CUNHA, Maria Teresa Santos; FERNANDES, Marlene Neves. Manuais escolares e civilidades: a série de leitura graduada Pedrinho (décadas de 50 a 70 do século XX). Cadernos de Pesquisa - Pensamento Educacional, v. 3, p. 57-72, 2008. In: II LIHED – Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. FERNANDES, Marlene Neves. **Regras para o Bom Tom**: práticas de civilidade na série de leitura graduada Pedrinho (1950 – 1970). Postado em: 03 maio 2009. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Marlene_Neves_Fernandes.pdf>. Acesso em: 25 maio 2015.

DALLABRIDA, Norberto. Das escolas paroquiais às PUCS: República, Recatolização e Escolarização. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil Século XX**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2005.

DAMATTA, Roberto Augusto. **O Que Faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ESTATUTOS DO GINÁSIO MUNICIPAL NOSSA SENHORA DO CARMO. **Dirigido pelos Irmãos das Escolas Cristãs**. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 1932.

FALCÃO, Manuel Franco. **Fábrica da Igreja**. In: Enciclopédia Católica Popular. Disponível em: <http://www.portal.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.asp?id_entrada=787>. Acesso em: 15 jan. 2015.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A Cultura Escolar como Categoria de Análise e como Campo de Investigação na História da Educação Brasileira. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr., 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a08v30n1.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2013.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização, Culturas e Práticas Escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (orgs.). **Disciplinas e Integração Curricular**: história e políticas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERNANDES, Silvia Aparecida de Sousa; PIANTKOSKI, Marcelo Adriano. A Organização Escolar no Brasil e a Instalação de Escolas Católicas no Início do Século XX. **Revista @mbienteeducação**. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 22-34, jul./dez.

2010. Disponível em: <http://www.unicid.br/old/revista_educacao/pdf/volume_3_2/3_rev_n6_marcelo_2.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2012.

FORQUIN, Jean-Claude. **Saberes Escolares, Imperativos Didáticos e Dinâmicas Sociais**. In: Teoria e Educação n. 5. Porto Alegre, 1992.

_____. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRITZEN, Silvino José. A Congregação Lassalista e os Colaboradores Leigos. In: Associação Brasileira de Educadores Lassalistas. Província Lassalista de São Paulo. **Boletim Formativo Família Lassalista**. n. 66. ano XV, p. 1-8, jul./set 2004.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural**: a pesquisa em história da educação. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

GARCIA, Daniele Pietrafeza. **A Educação Católica, Segundo os Guias das Escolas Cristãs**. Trabalho do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de São Carlos, 2009. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~pedagogia/novo/files/tcc/tcc_turma_2006/274445.pdf>. Acesso em: 07 maio 2013.

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. **Colônia Caxias**: origens. Porto Alegre: Edições Est, 1993.

GIOLO, Jaime. **Estado, Igreja e Educação no RS da Primeira República**. 1997. Tese (Doutorado em Educação: História e Filosofia da Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, São Paulo, 1997.

GIRON, Loraine Slomp. Caxias Centenária. In: GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. (organizadores). **Caxias Centenária**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. PRR, Igreja Católica e Escolas Lassalistas: projetos para a formação de um novo homem e para a regeneração da sociedade sul-rio-grandense. **Revista Temas & Matizes**. v. 5, n. 9, p. 25-34, 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/download/1245/1031>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

GRAZZIOTIN, Roque Maria Bocchese. **Pressupostos da Prática Educativa na Diocese de Caxias do Sul – 1934 a 1952**. 2010. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós Graduação em Educação, Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_arquivos/7/TDE-2010-10-20T135813Z-380/Publico/Dissertacao%20Roque%20Grazziotin.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2012.

GRISA, Marcelo. **La Salle Canoas**: Evolução centenária em direção à universidade plena. Postado em: 17 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.otimoneiro.com.br/site/noticias/geral/3970-la-salle-canoas-evolucao-centenaria-em-direcao-a-universidade-de-plena>>. Acesso em: 09 maio 2015.

HENGEMÜLE, Edgar. **La Salle**: uma leitura de leituras: o padroeiro dos professores da história da educação. Canoas: Ed. La Salle, 2000.

_____. **Educação Lassaliana**: que educação? Canoas: Salles, 2007.

HISTORIQUE DE LA COMMUNAUTÉ CAXIAS. Tradução do Irmão Valter Zanata. Caxias do Sul: Colégio do Carmo, set. 2012.

HOBSBAWN, Eric J. **A Era das Revoluções**: Europa, 1789-1848. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HOEKSEMA, Herman. **A Escola Cristã**: por quê? Postado em: 21 maio 2006. Disponível em: <http://www.iglesiareformada.com/hoeksema_escola_crista.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2014.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar com Objeto Histórico. Traduzido por Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 1, jan./jun., 2001. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/273>>. Acesso em: 22 maio 2013.

JUSTO, Henrique. **La Salle, Patrono do Magistério**. 4. ed. Porto Alegre: Salles, 1991.

_____. **La Salle, Patrono do Magistério**. 5. ed. Porto Alegre: Salles, 2003.

KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/zip/imitacao.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

KNAPP, Léo Inácio. **O Aluno nos Escritos de João Batista de La Salle**. 2001. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. 3. ed. Traduzido por Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP/SP, Universidade de Campinas, 1994.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas, Associados, 2004.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **As Origens da Educação Pública**: a instrução na revolução burguesa do século XVIII. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008. (Coleção EDVCERE, 7).

LUCHESE, Terciane Ângela. **Tecendo Interloquções entre História da Educação e História Cultural**. Caxias do Sul, RS: Cinfe, 2010.

_____. **O Processo Escolar Entre Imigrantes da Região Colonial Italiana do RS – 1875 a 1930: leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita**. Tese (Doutorado) em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/processo%20escolar.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

_____. Entrelaçando Tempos de Infância e Escolarização: a relação entre idade e frequência nas escolas da Região Colonial Italiana do RS de 1875 a 1930. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 277-284, maio/ago., 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/11641/8033>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

LUNKES, Arno Francisco. A Pedagogia Lassalista Frente à Ética e ao Caos. **Revista Conhecimento e Diversidade**. Edição Especial: Ética: um ensaio de questões, p. 69-78. jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.lasalle.org.br/unilasalle/pdf/etica/Artigo7.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma Cidade**: história de Caxias do Sul – 1875/1950. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004 (Estudos CDAPH. Série historiografia).

_____. **O Ensino da História da Educação**. Postado em: 28 jan. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5041/1/O%20ENSINO%20DA%20HIST%20C3%93RIA%20DA%20EDUCA%20C3%87%20C3%83O%205B2%5D.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

MAILLEFER, Francisco Elias. **Vida de São João Batista de La Salle**. Canoas: La Salle, 1991. (Coleção Lassalista).

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. Traduzido por Gaetano Lo Monaco. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e Educação Feminina (1859-1919)**: uma face do conservadorismo. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996 (Prismas).

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Pedagogia Lassalista**. (verbete). Dicionário Interativo da Educação Brasileira – EducaBrasil. São Paulo: Midiamix. 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=278>>. Acesso em: 04 mar. 2013.

MENEZES, Loiva Teresinha Soares de. **Uma Análise Gramsciniana do Conceito de Projeto Político-Pedagógico no Contexto da Educação Lassalista**. 2006. 106f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia Instituto Ecumênico de Pós Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2006. Disponível em:

<http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=33>. Acesso em: 06. nov. 2012.

MORALES, Alfredo. **Da Manhã à Noite... Espírito e Estilo da Educação Lassalista**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. **A Formação Urbana de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

_____. Caxias, 2010: 132 anos de urbanização. *In*: GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. **Caxias Centenária**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

NAVARRO, Roberto. O Que Foi o Concílio Vaticano II. **Revista Mundo Estranho**. Edição 40. São Paulo: Abril, 2012. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-o-concilio-vaticano-ii>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

NERY, Irmão. **A Saga dos Pioneiros Lassalistas no Brasil**. Niterói: La Salle, 2007.

NICODEM, Edgar Genuíno. A Dimensão Ética na Pedagogia Lassalista. **Revista Conhecimento e Diversidade**. Edição Especial: Ética: um ensaio de questões, p. 35-41. jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.lasalle.org.br/unilasalle/pdf/etica/Artigo3.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições Escolares**: por que e como pesquisar. Postado em: 11 jun. 2008. Disponível em: <http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq5/2_instituicoes_cp5.pdf>. Acesso em: 22 maio 2013.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. *In*: GONDRA, José Gonçalves (org.). **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. **Educação Scalabriniana no Brasil**. Tese (Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Campinas). Campinas, SP: UNICAMP, 2009.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção: História & Reflexões).

PEDRAS DECORATIVAS. **Pedra Ardósia**. Disponível em: <<http://www.pedrasdecorativas.net.br/pedras-decorativas/pedra-ardosia>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres; VALE Fábio Freire do. **Educação Integral e Integrada**: novos tempos, espaços e oportunidades educativas. Postado em: 02 jun. 2013. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/EDUCA%C3%87%C3%83O-integral-e-integrada-%e2%80%93-novos-tempos-espacos-e-oportunidades-educativas.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. O mundo da imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO, Sandra Jatayh; SANTOS, Nádía Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção: História & Reflexões).

PIANTKOSKI, Marcelo Adriano. **Princípios Educativos Lassalistas**: o currículo prescrito do Colégio Diocesano La Salle de São Carlos/SP. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Moura Lacerda, 2010. Disponível em: <<http://www.mestradomouralacerda.com.br/dissertacao/123/...>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTAL LA SALLE. **Assembleia Unifica**: em assembleia constituinte Irmãos decidem a criação da Província La Salle Brasil Chile. Disponível em: <<http://www.lasalle.org.br/portal/pagina.php?id=579>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **Denominação**. Disponível em: <<http://www.caxias.rs.gov.br/cidade/texto.php?codigo=663>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

PROVÍNCIA LASSALISTA DE PORTO ALEGRE. **Proposta Educativa Lassalista e Projeto Político-Pedagógico**. 2. impressão. Porto Alegre: La Salle, fev. 2008.

PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL – CHILE. **Formação Religiosa**. Disponível em: <<http://www.irmaosdelasalle.org/provincia-la-salle-brasil-chile/formacao-religiosa>>. Acesso em: 22 maio 2015.

PUHL, Antonio. **Educadores Segundo La Salle**. Rio de Janeiro: “Amigos para Sempre...” (marca de fantasia), 2001.

QUADROS, Raquel dos Santos. Resenhas: as origens da educação pública: a instrução na revolução burguesa do século XVIII. **Revista Teoria e Prática da Educação**. v. 14, n. 1, p. 153-156, jan./abr., 2011. Disponível em: <<http://www.dtp.uem.br/rtpe/volumes/v14n1/14.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

RANGEL, Mary. A Didática em La Salle. In: RANGEL, Mary (org); WESCHENFELDER, Ignácio Lúcio. **A Didática a Partir da Pedagogia de La Salle**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

REDE LA SALLE. **A Rede La Salle**. Disponível em: <<http://www.lasalle.edu.br/sobre-a-instituicao/a-rede-la-salle>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

_____. **Um Mundo de Emoções e Conquistas para Você**. Disponível em: <<http://lasalle.edu.br/sobre-a-instituicao/a-rede-la-salle>>. Acesso em: 16 jan. 2015a.

_____. **Rede La Salle no Brasil**. Disponível em: <<http://lasalle.edu.br/sobre-a-instituicao/a-rede-la-salle>>. Acesso em: 16 jan. 2015b.

_____. **Nossas Unidades de Ensino**. Disponível em: <<http://www.lasalle.edu.br/sobre-a-instituicao/la-salle-no-mundo>>. Acesso em: 16 jan. 2015c.

_____. **Província La Salle Brasil – Chile**. Disponível em: <<http://www.lasalle.edu.br/sobre-a-instituicao/provincia-la-salle-brasil-chile>>. Acesso em: 16 jan. 2015d.

RENK, Valquiria Elita. **Escolas de Imigrantes**: espaço de manutenção da identidade étnica. Postado em: 28 jun. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/trabalhos/V/Valquiria%20elita%20renk.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2015.

RELA, Eliana. **Nossa Fé, Nossa Vitória**: Igreja Católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço Escolar: um elemento (in)visível no currículo. **Revista Sitientibus**, Feira de Santana, n. 31, jul./dez., p. 103-118, 2004. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2015.

RIGO, Kate Fabiani. **Conflitos e identidades**: a Ação Marista nos núcleos teutos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books...>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

ROCKWELL, Elsie. *Imaginando Lo No-documentado: del archivo a la cultura escolar*. In: CIVERA, Alicia; ESCALANTE; GALVÁN, Luz Elena (coordenadores). **Debates Y Desafíos em La Historia de La Educación en México**. Zinacantepec, Estado de México: El Colegio Mexiquense, A. C.: Instituto Superior de Ciencias de La Educación del Estado de México, 2002.

SANFELICE, José Luis. História das Instituições Escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007.

SANFELICE, José Luís. História, Instituições Escolares e Gestores Educacionais. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. especial, p. 20-27, ago., 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art4_22e.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2013.

_____. História e Historiografia de Instituições Escolares. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. 35, p. 192-200, set., 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/35/art13_35.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2013.

SANTOS Edson Paulo; ANDRADE, Mateus de Souza; NERIS, Ruan Duran; ALMEIDA, Natasha Alves de; CRUZ, Robson Santos. A História da Educação no Século XIX. **Cadernos de Graduação**. Ciências Humanas e Sociais, Aracaju, v. 1, n.14, p. 175-181, out., 2012. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/view/223>>. Acesso em: 20 maio 2014.

SGANZERLA, Zenilde; GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. A Construção de Memória Simbólico-Religiosa e Lassalista A Partir dos Vitrais da Capela São José, em Canoas/RS. **Revista UNILASALLE**. Ano 8, v. 17, n. 1, abr.,

2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/viewFile/1542/1061>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

SIGNORETTI, Adriana Elizabeth Risi Simões; MONTEIRO, Keila Klinke; DIAS, Lobélia Maria D. de Oliveira; DAVÓLIO, Rosemary A. Cunha; LÉSSIO, Silvana de Freitas. **Rotina Escolar**: orientações para professores e alunos organizarem as atividades diárias. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/sugestoes/rotina%20-escolar.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

SILVA, Charles Dorneles da. **Gestão Educacional**: um estudo de caso na Rede La Salle. 2011. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário La Salle (UNILASALLE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Canoas, 2011. Disponível em: <<http://www.unilasalle.edu.br/canoas/assets/upload/mestrado/educacao/dissertacao%20charles.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2012.

SOCIEDADE CAXIENSE DE AUXÍLIO AOS NECESSITADOS – SCAN. **História**. Disponível em: <<http://www.scan.org.br/html/historico.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

STECANELA, Nilda. A Escolha do Método e a Identidade do Pesquisador. In: STECANELA, Nilda (org.). **Diálogos com a Educação**: a escolha do método e a identidade do pesquisador. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

TISOTT, Ramon Victor. Os Trabalhadores no Foco da História local. In: GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. **Caxias Centenária**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

TOLEDO, César de Alencar Armaut De; GULLA, Maria Madalena Sorato. Resenha do Livro: instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. **Revista Histedbr on-line**. Campinas, n. 298, p. 311-319, mar., 2008. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/29/res01_29.pdf>. Acesso em: 21 out. 2014.

VALLE, Hardalla Santos do; AMARAL, Giana Lange do. “**Tão Próximo e Tão Distante**”: um estudo comparado do ensino secundário nas cidades de Pelotas e Rio Grande/RS (Décadas de 1870 a 1910). Postado em: 15 fev. 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/...>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria Escolar. **Teoria & Educação**. 6. 1992. Disponível em: <<http://www.gpef.fe.usp.br/teses/maquinaria.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2015.

VECCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vania B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um Saber**: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas Escolares**: estudos sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte. A Fotografia como Fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. **Revista Educação**. v. 30, n. 2, jul./dez., 2005. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/3745>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma ampliação da noção de documento escolar. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs.) **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Autores Associados, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleonara Maria (organização). **História das Culturas Escolares no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2010. (Coleção Horizontes da pesquisa em história da educação no Brasil, v. 1).

VIÑAO FRAGO, Antônio. *Historia de La Educación e Historia Cultural: posibilidades, problemas, cuestiones*. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 0. p. 63-82. set./dez., 1995. Disponível em: <http://201.147.150.252:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1056/rbde0_06_antonio%20vinao_frago.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 maio 2013.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Traduzido por Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WESCHENFELDER, Ignácio Lúcio. João Batista de La Salle: história e passos de uma construção sócio educacional. In: Rangel, Mary (org.) **A Didática A Partir da Pedagogia de La Salle**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Histórias das Instituições Escolares – de que se fala? In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura de (orgs.). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITO, Lenir Marina Trindade de Sá. O Professor e a Escola para a Zona Rural: concepções e desdobramentos em uma escola normal rural. **Revista Contexto e Educação**. Unijuí, ano 21, n. 75, jan./jun., 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1113>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

FONTES DOCUMENTAIS

Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami de Caxias do Sul

Fontes oficiais e manuscritas:

Documentos, correspondências e fotografias do acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Livro Ata de 1924 do acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

Relatórios da Intendência Municipal de Caxias do Sul

Transcrição de *Historique de La Communauté Caxias*, traduzida por Irmão Valter Zanata, em setembro de 2012.

Fontes impressas formadas por periódicos da época:

Gazeta Colonial (1908)

Città de Caxias (1916)

Caxias (1932)

Fonte: periódico católico:

Arquivo da Paróquia Santa Teresa:

Livro Tombo nº 1

Arquivo do Bispado de Caxias do Sul

ANEXO A – BIOGRAFIA DE JOÃO BATISTA DE LA SALLE

Data	Descrição
1651	Nascimento em Reims, França, a 30 de abril. Seu pai era conselheiro do Rei. Sua mãe relacionada com a nobreza campesina. Era o mais velho de dez filhos do casal; quatro morreram bem jovens.
1662	A atmosfera da família era cristã. Bem cedo La Salle começa a considerar a vocação para o sacerdócio.
1668	Inicia os estudos de Teologia.
1671	Perde o pai, e no ano seguinte a mãe. Confiam-lhe a tutela de seus irmãos durante quatro anos. Está com 20 anos de idade.
1678	Licenciado em Teologia, recebe o sacerdócio. O cônego Roland, seu amigo, confia-lhe o cuidado da Congregação docente para meninas, por ele fundada.
1679	Encontra com Adrien Nyel, vindo a Reims para fundar escolas gratuitas para meninos; com o objetivo de assegurar o êxito desta missão, recebe a Nyel em sua casa pelo tempo conveniente.
1680	La Salle recebe o doutorado em Teologia. Começa a reunir os mestres de Niel, para formá-los na vida comunitária.
1683	Renuncia às funções de cônego. Os mestres de quem se ocupa são pobres: recusa-se a manter uma situação segura para si.
1684	Ao longo do inverno rigoroso distribui sua fortuna entre os pobres. É o salto definitivo para dentro do mundo dos pobres.
1686	Alguns irmãos se consagram a Deus pelo voto de obediência.
1688	La Salle deixa Reims, para não limitar sua ação unicamente a uma diocese.
1690	Muitos Irmãos abandonam a sociedade. Os recursos são exíguos. O ensino é penoso. Morrem alguns mestres excelentes. Os “mestres-calígrafos” e os “Mestres das Pequenas Escolas” manifestam sua oposição. Reina o desalento na nascente comunidade.
1691	Junto com Nicolas Vuyart e Gabirel Drolin, La Salle emite o voto heroico de continuarem trabalhando juntos “enquanto estivessem vivos” para estabelecer o Instituto dos Irmãos.
1694	Inverno desastroso. A Comunidade sofre fome. O Fundador e doze Irmãos se consagram à Santíssima Trindade, prometendo obediência ao “Corpo da Sociedade”, assim como aos Superiores. A este voto fundamental juntam o voto específico de “manterem juntos e por associação as escolas gratuitas mesmo que para isso fora preciso pedir esmola, e viver só de pão”.
1698	Tiago II, Rei da Inglaterra, refugiado na França, confia a La Salle 50 jovens irlandeses, cujos pais estavam na miséria. – Madame de Maintenon intervém a favor das escolas lassalistas, que os “Mestres-calígrafos” queriam destruir por causa da competição.
1701	La Salle envia dois Irmãos a Roma para testemunhar sua submissão ao Papa.
1704	Os “Mestres-calígrafos” de Paris exigem o fechamento das escolas lassalistas. A justiça civil lhes dá ganho de causa. O Diretor diocesano de educação igualmente condena os Irmãos. Motivo: eles se renegaram ao controle do estado de pobreza das famílias que lhes enviavam seus filhos.
Continua...	

Continuação...	
Data	Descrição
1705	Com dor, La Salle presencia a oposição de seu irmão Luís, cônego de Reims, ao Papa, por ideais jansenistas.
1709	Inverno rigoroso e muita fome. O “Seminário de Mestres para o Campo” – espécie de Escola Normal, fundada por La Salle em São Dionísio – teve que fechar por falta de víveres. Enquanto isto, em Roma, Gabriel Drolin obteve a direção de uma escola, do Papa.
1713	Em Paris, o Cardeal De Noailles, jansenista, descarrega parte de seu rancor sobre La Salle e os Irmãos, indefectivelmente fiéis ao Papa. La Salle, crendo-se um obstáculo, deixa Paris. A Congregação experimenta um desconcerto total. Os noviços vão-se embora. Então, os principais Irmãos redigem uma espécie de requerimento a seu fundador, e lhe recordam os termos do seu voto de 1694: É conveniente que governe a Congregação. La Salle volta a Paris. Desde então, toda sua preocupação será de preparar um substituto eleito pelos Irmãos.
1716	Em Calais, o governador militar promete sua ajuda para ampliar a escola gratuita dos grumetes da marinha.
1717	Em Sain-Yon, perto de Ruão, reunião do I Capítulo Geral dos Irmãos. O Irmão Bartolomeu é eleito primeiro Superior Geral da Congregação. É um leigo, não um sacerdote. No mundo hierárquico do século XVIII, a dignidade sacerdotal supõe privilégios sociais: La Salle quer que Irmãos e alunos estejam no mesmo nível.
1719	A 07 de abril, em Saint-Yon, João Batista de La Salle morre, na idade de 68 anos. Suas últimas palavras: “Adoro em tudo a vontade de Deus a meu respeito”.

Fonte: Elaborado pela autora e adaptado de Morales (1984, p. 129-131)

ANEXO B – PRIMEIRA CARTA DE INTERVENÇÃO
AO ARCEBISPO DE PORTO ALEGRE EM 06 DE AGOSTO DE 1919

envoyé cette lettre le 6-8-19

A Sua Exc.^{ia} Rev.^{ma} o Sr. D. João Becker
Arcebispo Metropolitano P. A.

Exc.^{mo} Rev.^{mo} Sr.

Tomo a respeitosa liberdade de
communicar a V. Exc.^{ia} o que acaba de me
escrever o irmão Siviter do Collegio de
Carios. O R. P. Vignani da mesma locali-
dade annunciou domingo p. p. a seus paro-
chianos, a chegada para breve dos Padres
Salesianos, que hão de tomar a direcção de
estabelecimento de ensino secundario com
internato.

No que me diz respeito, não tenho nada
que objectar contra a creação do alludido
estabelecimento, já que, por falta de pessoal,
não pude acceder ao pedido que os promo-
tores da dita obra me fizeram com relação
á mesma.

Mas, como inimigo que sou do conflicto,
sollicito respectosamente de V. Exc.^{ia} dizer-me
em que condições funcionará o novo Colle-
gio junto do outro, a fim de que eu possa dar á
Irmãos as instruções necessarias.

(Continua...)

(...Continuação)

Si eu me dirijo hoje a V. Ex^{cia}, é que de uma parte a Comissão, na sua visita a V. Ex^{cia} pôl-o ^{em devida} ao par de seu projecto; e doutra parte, não tenho bastante confiança no R. P. Vigário, cujos sentimentos para com os Irmãos não são o que deveriam ser.

A causa dessa antipathia, que o dito Padre manifestou varios vezes, com actos e ^{com} palavras, origina-se da submissão dos Irmãos ás ordens do Ill^m e Venerando predecessor de V. Ex^{cia} Rev^m, Sr. Claudi Tor d'Lo, relativamente ao ensino do catecismo ~~na~~ ^{em lingua p.} ~~na~~ ^{italiana}, sendo esta a que o dito P. Vigário manifestára preferir.

Tenho confiança que V. Ex^{cia} se servirá acolher favoravelmente o pedido que deponho humildemente a seus pés, rogando-lhe se digno de aceitar d'antemão a segurança de minha sincera gratidão e de minhas humildes orações.

Seu,

Se V. Ex^{cia} Rev^m
Humilde servo em Christo

ANEXO C – SEGUNDA CARTA ENDEREÇADA
AO ARCEBISPO DE PORTO ALEGRE EM 1919

A Sua Ex.^{ca} Rever.^{ma} Sr. D. João 19.19
Ss. Arcebispo Metropolitanos.

Exc.^{mo} Rev.^{mo} Sr.

Respeitosamente me dirijo segunda vez a V. Ex.^{ca},
para falar-lhe ácerca do nosso Collegio de Caspias.

Em carta de 12 do , communicou-me o Irmão
Director do mesmo Collegio, que — por uma pessoa
~~meu~~ fidedigna e da convivencia do R. P. Vigario
 , — soube que, além do Internato
projectado, os R. P. Salesianos vão abrir um Exter-
nato no centro da dita cidade.

Si essa noticia tem algum fundamento, não
vejo como poderei manter os Irmãos no referido logar,
os unicos alumnos da futura Escola parochial ha-
vendo de ser os meninos pobres, hão de faltar
necessariamente os meios de subsistencia, dos quaes
os Irmãos não se podem encarregar.

É provavel, (e isto favorece os planos do R. P. Vig.)
que a creação do Externato obrigue os Irm. a deixarem
o local actual, o unico que por ora pode ao mesmo
tempo servir de escola e de residencia para os R. P. do Externato.
É contudo, queira V. Ex.^{ca} desculpar
a minha observação, nestes ultimos tempos os Irmãos
gastaram uns seis contos de reis para construcção de
mais duas aulas ~~e~~, melhoramentos aos pátios de
recreio, etc. ; gastos feitos com a confiança de
se poder aproveitar durante 10 annos, i. e. até venimento
do contracto de locação de —

(Continua...)

(...Continuação)

Inde é que o R. D. Vig - ha de achar os recursos
 para edificação e manutenção duma ^{nova} Escola parochial?
 Para os Tim. assumirem a direção da mesma,
 é preciso que recebam, ~~sem~~ ^{sem} outros encargos de
 especie alguma, residencia conveniente e ordenados
 annuaes de 1120\$ para cada empregado,
 inclusive o cozinheiro.

Exposta ~~com toda~~ a situação, resta-me
 entregar a V. Ex.^{cia} essa causa que me preocupa
 muito, aguardando confiadamente a decisão
 que julgar mais opportuna.

Finalizando, peço V. Ex.^{cia} se ~~deixar~~ sirva
 aliviar a pessoa e as obras de
 seu humilde servo em N.S.



**ANEXO D – CARTA DE RESPOSTA DOS PADRES SALESIANOS AO
ARCEBISPADO EM 23 DE OUTUBRO DE 1919**

“Torino, 23/10/1919

Exmo. e Revmo. Sr.

Encarregou-me o Revmo. Sr. Pe. Paulo Albera, Superior Geral dos Salesianos, de responder à prezada carta de V. Excia. Revma. pela qual V. Excia Revma. pede a fundação de um Colégio Salesiano em Caxias, cidade importante dessa Arquidiocese. O pedido de V. Excia. Revma. foi apresentado ao estudo e consideração do Conselho Superior da nossa Congregação, a qual tem a honra de declarar a V. Excia. Revma. quanto segue:

1º – Vê o sobredito Conselho a conveniência de estabelecer nessas paragens a Obra Salesiana, a qual com o auxílio de Deus e com a proteção de V. Excia. Revma. poderia opor um dique à propaganda protestante, e preparar uma juventude cristã e verdadeiramente católica.

2º – Chora-lhe o coração não poder tão cedo aceder aos desejos de V. Excia. Revma. A causa está na falta absoluta de pessoas, mal que veio agravar a prolongada guerra européia, durante a qual um número considerável de Salesianos deixaram a vida nos campos de batalha, outros muitos são ainda obrigados ao serviço militar.

Não resta que pedir a Nosso Senhor envie e suscite numerosas vocações, agora por toda a parte abunda mais que nunca o trabalho.

Apresentando a V. Excia. Revma., os respeitosos obséquios do Revdo. Sr. Pe. Paulo Albera e os meus, tenho a subida honra de professar-me

De V. Excia. Revma. obemo. creado

Pe. Pedro Cagliolo”

**ANEXO E – CARTA DO ARCEBISPO JOÃO BECKER AO PADRE JOÃO
MENEQUZZI NO DIA 1º DE DEZEMBRO DE 1919**

“Porto Alegre, 1º de dezembro de 1919.

Muito Revdo. Sr. Pe. João Meneguzzi

Incluso remeto a V. Revma. a cópia da carta dos Revmos. Padres Salesianos relativamente à fundação de um Colégio de instrução secundária em Caxias.

Pedindo a V. Revma. o favor de apresentá-la a Digma. Comissão respectiva, sinto profundamente que o nosso plano não se possa realizar desde já com o auxílio dos beneméritos PP. Salesianos. Resta-nos, porém ainda a esperança de efetivar o nosso desejo com a ampliação do colégio aí existente dos Revdos. Irmãos das Escolas Cristãs, pelo que V. Revma. poderá, juntamente com a Comissão promotora desse projeto, dirigir-se aos mesmos, certo que, de minha parte, tudo farei para alcançar o que tanto almejamos.

Envio a V. Revma. e à sua próspera paróquia, minha bênção arquipiscopal.

João Becker

Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre”

(Livro Tombo nº 1, pág. 50)

**ANEXO F – CARTA DA PARÓQUIA DE CAXIAS
AO VIGÁRIO GERAL DO ARCEBISPADO EM 18 DE ABRIL DE 1920**

*“Exmo. e Revmo. Sr. Mons. Dr. Luiz Mariano da Rocha
D.D. Vigário Geral do Arcebispado de Porto Alegre*

Respondendo à carta de V. Excia. de 12 do corrente com todo o respeito declaro que nem eu, nem os Revdos. Coadjuutores, nem os respeitáveis Fabriqueiros desta Igreja Matriz tecionavamos abrir uma entrada que o bom senso proíbe de abrir, e que com todo o direito podemos conservar fechada, sem prejuízo algum para o Collegio dos Revdos. Irmãos das Escolas Christãs. (Nota: Trata-se da entrada do Colégio entre a Igreja e a Canônica e que o Vigário fechou.) Além dos motivos que aduzi, explicando este meu procedimento em diversas cartas precedentes, V. Excia. me permita que apresente mais este: – Diz a Pastoral Coletiva que a casa paroquial deve ser um santuário. Mas como poderá ser um santuário esta canônica de Caxias, se entre ela e a Igreja houver uma rua por onde passam trezentos alunos cada dia e milhares de mulheres cada domingo, entrando pelos fundos para curiosar no quintal, na cozinha, e na casa etc.? Como poderá ser um santuário, se ficando as coisas como dantes, até poderemos andar sujeitos a calúnias? Não, jamais esta canônica deixará de ser santuário por causa de uma pretensão descabida de dois franceses. (Nota: – refere-se aos dois Irmãos Lassalistas.)

Estando os trabalhos do Campanário suspensos por tempo ilimitado, os Revdos. Irmãos poderão contentar-se com essa nova entrada, a qual é bastante conveniente. (Nota: passagem entre a Catedral e a Casa Magnabosco.)

Respondendo à segunda parte da carta de V. Excia., declaro que no assunto a que V. Excia. se refere não houve nem desinteligências nem pequenezas humanas de sorte alguma. O Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo sabe que uma comissão de elite de Caxias já em principios do ano passado esteve trabalhando para obter um internato dirigido por professores protestantes. Dulley, sabe que eu, como pastor vigilante, usando de minha ascendência sobre eles, induzí-os a abandonar o projeto e a se apresentarem aos Revdos. Irmãos daqui, pedindo que estes abrissem o internato; sabe que o Revdo. Irmão Visitador disse que não tem pessoal disponível, e além disto não pode prejudicar o internato de Canoas, creando um novo internato aqui. (Estes motivos perduram, porque hontem mesmo, ao meu novo pedido que os Revdos. Irmãos abram aqui um internato para impedir a fundação desse projetado collegio atéo ou talvez pior que atéo, o Revdo Diretor daqui respondeu-me nos mesmos termos.) Sabe que eu induzí a Comissão a se apresentar a

(Continua...)

(...Continuação)

Elle mesmo, pedindo a fundação de um Collegio Salesiano e os passos para isto foram generosamente dados por Elle mesmo, e separadamente também pela Comissão e por mim; a resposta foi negativa, e a Comissão sem sequer me consultar, tornou a recorrer ao primitivo projecto. Nisto quem me poderá taxar de culpa? Sou o primeiro a lamentar o fato e a pedir com todas as forças de minha alma a V. Excía. se digne impedir que tal fato se consuma, obtendo para Caxias um internato ou dos Irmãos daqui, ou dos Irmãos Maristas, ou melhor ainda dos Revdos. Padres da Companhia de Jesus ou quaisquer outros professores competentes, que eu estou pronto a favorecê-los em tudo o que for possível, e até a procurar lhes o dinheiro suficiente para a compra e construção a juros mais que módicos. Que este desideratum se realize o quanto antes, por quanto uma vez aqui estabelecido um collegio protestante, será impossivel impedir os males de que resultará o estravio não só da mocidade Caxiense, como também dos municípios limitrofes.

De V. Excía. Revma.

Pe. João Meneguzzi

Caxias, 18 de abril de 1920."

(Livro Tombo nº 1, pág. 51)

**ANEXO G – CARTA DO IRMÃO FABIANO
AO ARCEBISPADO DE PORTO ALEGRE EM 23 DE JANEIRO DE 1922**

“Canoas, 23 de janeiro de 1922

Exmo. e Revdmo. Sr. Arcebispo Metropolitano

Tenho a honra de informar a V. Excia. Revma. que acabo de receber do Irmão Diretor de Caxias uma carta, cuja cópia, exacta na medida do possível, V. Excia. encontrará junto.

Dita carta parece dar uma idéa exacta da situação actual: obrigar os Irmãos a deixar o local onde estão ocupando para estabelecer-se em outro local, mesmo fora de Caxias. Eram esses os sentimentos manifestados anteriormente, os quaes o R. Sr. Cônego moderou, graças à paternal intervenção de V. Excia., conservando-se contudo intransigente relativamente à saída dos Irmãos da Casa actual; elle me disse mais de uma vez a mim pessoalmente, variando a forma, conforme as circunstâncias: ora ofereceu-se a ajuntar o dinheiro necessário para o novo estabelecimento; ora procurou convencer-me com toda a sorte de razões; ora aproveitando pressuroso o desejo de uns quatro paes de família, os quaes vieram ter commigo, valendo-se de propostas differentes em cada uma das tres visitas que me fizeram.

Qual seja o motivo desse zelo em vêr-nos longe da Canônica, dil-o-ão, julgo eu, os seguintes acontecimentos:

1º – a obediência dos Irmãos às ordens do venerando predecessor de Vª Excia., o qual mandara ensinar-se o catecismo em lingua portuguesa. Não concordando com essa prescrição o R. Pe. Vigário, escreveu-lhe D. Cláudio, chamando-o à ordem;

2º – a renovação do contracto de aluguel, em cuja ocasião teve que conformar-se com as decisões da maioria da Irmandade de então, as quaes avantajavam algo aos Irmãos, em vista dos sacrificios pecuniarios feitos por estes, acrescentando aulas e melhorando o local;

3º – as dificuldades com a Curia Metropolitana, quando o mesmo Pe. Vigário não duvidou em fechar para os Irmãos e alunos, a passagem entre a Canônica e a Igreja, apezar da clausula do contracto que reservava declaradamente dita passagem.

Não falarei das palavras de antipathia proferidas contra nós: disso poderiam testemunhar os religiosos e sacerdotes que se agasalharam na canônica. Contudo, penso que, no exercicio de suas respectivas funções, nada de serio se possa censurar aos Irmãos.

A indifferença que o Rº Sr. Cônego tem sempre mostrado para com o Collegio, desde que elle está em Caxias não será talvez a consequencia natural dos fatos acima referidos?

No anno passado, o Sr. Cônego abriu na propria Canônica uma escola parochial que dizem gratuita, lucrando-se com ella, comtudo, ós honorarios de um dos dois professores (Foi-me referido isso em Outubro p.p. pelo proprio Vigário). Uns trinta meninos da dita escola, que frequentavam nosso Collegio no anno passado, pagaram com bastante regularidade as mensalidades, tornando-se pouco mais ou menos iguaes às nossas, com esta differença de mais baratas e com 3 horas apenas de presença. Porque tanto barulho, si em nada ou quase nada mudou a frequência escolar nos collegios catholicos?

(Continua...)

(...Continuação)

Faz uns seis annos que no nosso Collegio funciona uma aula com o programma dos cursos secundarios, o qual tem correspondido amplamente até hoje com as necessidades locais. O R. Sr. Vigario parece ignorá-lo.

Meu parecer é que seria sufficiente saber-se que o nosso Collegio é francamente apoiado pelo R.º Pe. Cônego, para impedir em Caxias o perigo que alli ameaça a religião, pois até agora a população tem se mostrado muy sympathica para com nossa obra.

Provas disto temos na frequência escolar e nas boas relações das familias. Que bem imenso se poderia realizar em Caxias, quão facilmente se impediria a prosperidade de seitas, si o R.º Sr. Cônego andasse unido com os Irmãos em vez de proceder como elle procede, o que infelizmente tornou-se já público.

Assumir novas despesas, quando seja apenas pagar os juros do capital empenhado atualmente para abrir outro Collegio, nem sequer pensar nisso me é possível, em vista do que o Irmão Diretor refere na carta junto, no que diz respeito aos recursos da Comunidade. Deve haver em Caxias algumas familias ricas, mas além de poucas podem mandar filhos para estabelecimentos mais importantes. Não vejo, pois, a necessidade de outro estabelecimento religioso em Caxias, já que temos cursos secundarios no Collegio.

Relativamente à escola parochial gratuita, em Outubro p.p. mandei propôr ao R.º Sr. Cônego assumi-la completamente a partir do corrente anno, sendo as condições muito vantajosas para ele. Eu fornecia um professor em troca do aluguel da casa, pedindo apenas 100\$000 por mez para os outros professores que futuramente fosse preciso acrescentar. Não julgou bom aceitar, sem poder eu atinar o motivo de tal recusa.

Concluindo, não acho necessario crear outro Collegio, mormente nesta epoca de crise e de carestia, pois como o confessa o proprio Cônego, haveria poucos internos. Quanto aos externos, uma estada de 14 annos em Caxias nos ensinou sufficientemente o que é oportuno fazer.

Importa antes de tudo que o R.º Sr. Cônego vença suas injustificadas antipathias e nos apoie com toda a sua autoridade pastoral: então a educação christã dos meninos de Caxias será garantida.

Taes são os apontamentos que fui levado pelas circumstancias a apresentar a V. Exc., com toda a humildade e obediencia que lhe devo em Deus Nosso Senhor, em cujo nome peço a V. Exc. abençoar-me

Sou, de V. Exc.ª Rev.ª

Humilde servo em Christo,

Irmão Fabiano."

(Arquivo do Bispado)

ANEXO H – CARTA DO CÔNEGO JOÃO MENEGUZZI
AO VIGÁRIO GERAL DE PORTO ALEGRE EM 31 DE MARÇO DE 1925

31 Março 1925 ---

Carta do Conego João Meneguzzi a Mons. Mariano da Rocha.
Ao Ex°.e Rev°. Mons. Dr. Luiz Mariano da Rocha.

Exf e Rev° Sr.

O Conego João Meneguzzi vem dizer a V. Ex. Rev. que os Rev. Irmãos das Escolas Christãs, apos a resposta de V. Ex. de que o futuro Collegio deva pertencer á Mitra, se desinteressam completamente, e consideram a construcção do Collegio uma cousa naufragada. É assim que elles andam dizendo aos membros da Comissão, e a mim me disseram que os proprietarios dos terrenos contractados podem vender os terrenos, por quanto por ora elles nada mais fariam.

Em visto disto, e por que o Collegio em questão é necessario sob todos os pontos de vista como seja tambem para combater os protestantes; e para não faltar a palavra perante as familias que contractaram os terrenos com a Comissão, ~~tomou~~ e si o Vigario abaixo assignado reuniu hontem a Fabriqueria da Igreja Matriz, expondo-lhe o status questionás, e esta, em vista de ser o desejo da Comissão, tomou e si o encargo da construcção do Collegio com o dinheiro que para este fim será arrecadado no commercio desta Cidade, conforme um projecto previamente approvado por V. Ex., independentemente dos Rev. Irmãos, aos quaes, quando prompto será alugado o Collegio, ou no caso de não acceitarem, a outros religiosos que a Veneravel Curia entender.

O Conego João Meneguzzi e a Fabriqueria da Igreja Matriz pedem a V. Ex. Rev., em vista do exposto, se dignem conceder licença para passar á Mitra os terrenos contractados pela Comissão no valor de cinquenta contos de reis e situados á Rua Andrade Pinto, na frente do actual Collegio

(Continua...)

(...Continuação)

31 Março 1925 -- M. S. do Carmo, pagando-os com o dinheiro
 Carta do Conego que será arrecadado na Cidade para
 ao Sr. Rev. este fim. Luis Mariado de Rocha.

N. T.

E. R. M.

Caxias, 31 de Março de 1925

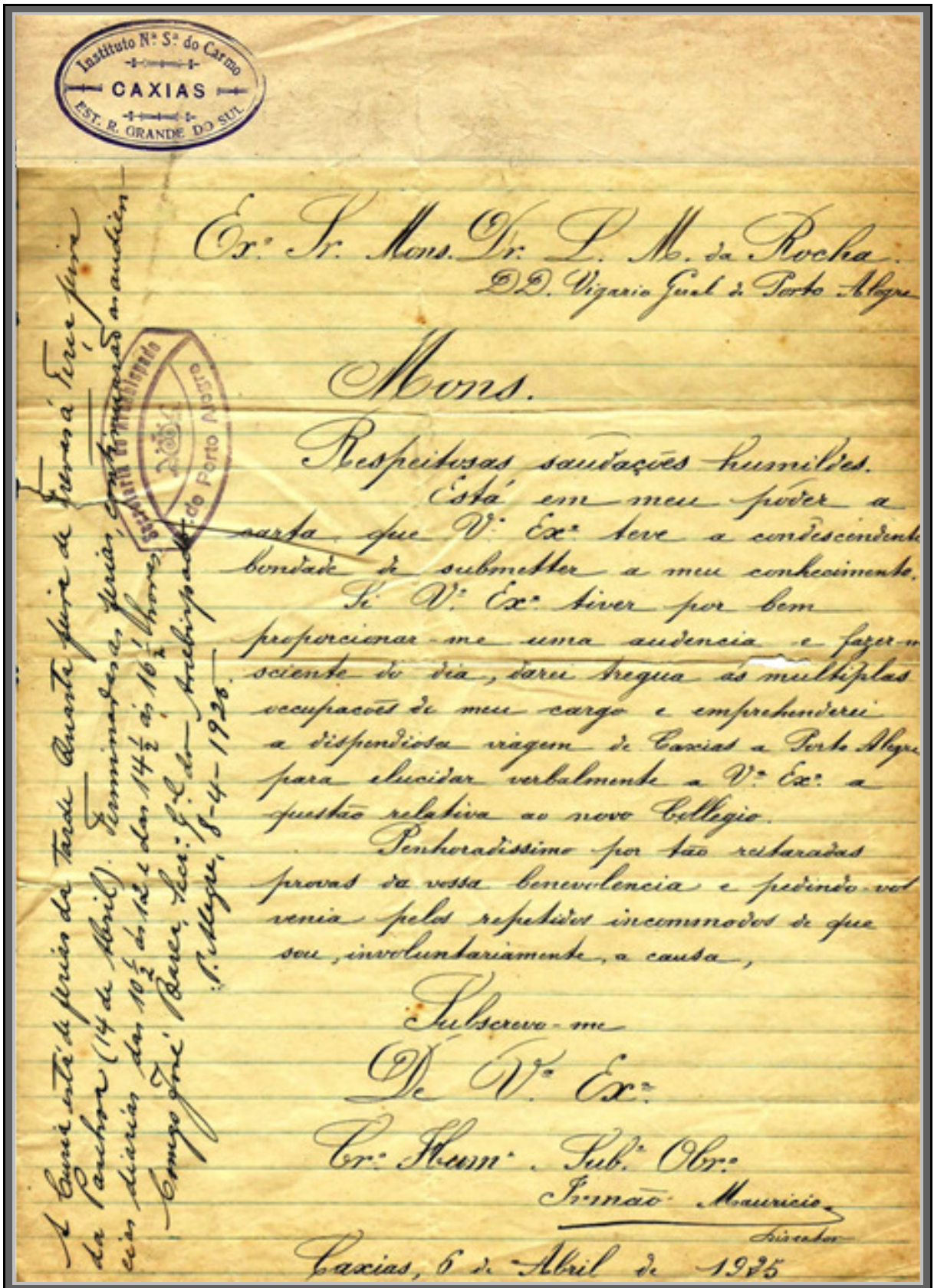
Objecto: Conego João Meneguzzi.

Licença para passar á
 Mitra um terreno onde será
 construido um Collegio in-
 ternato e externato conforme
 planta que em tempo opportuno
 seia apresentada á approvaçãõ
 da V. Curia.

Despacho:

Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

ANEXO I – CARTA DO IRMÃO MAURÍCIO
AO VIGÁRIO GERAL DE PORTO ALEGRE EM 06 DE ABRIL DE 1925



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

ANEXO J – SEGUNDA CARTA DO IRMÃO MAURÍCIO
AO VIGÁRIO GERAL DE PORTO ALEGRE EM 24 DE ABRIL DE 1925

Ex. Rev. Sr. Mons. Dr. J. M. de Rocha
Vigário Geral
Porto Alegre

Monsenhor:

Venho, humildemente, apresentar a V. Ex. Rev. as minhas sinceras desculpas por ter sido a causa, embora involuntária, de atraso ao despacho dos "Estatutos" que remitti pessoalmente a V. Ex. e pelas quaes, ansiosos, esperam os propugnadores pela edificação do novo Collegio em Caxias.

Incluto o despacho n.º 26 que V. Ex. Rev. se propoe abrogar, de accordo com o documento que está em poder de V. Ex.

Seu com profunda veneração

Ex. V. Ex. Rev.
Irmão Sr. Obediencio e Mauricio

Assento de Coll. N. S. do Carmo

Caxias, 24 de Abril de 1925

ANEXO K – CARTA DOS PADRES E FABRIQUEIROS
AO REVERENDO IRMÃO SUPERIOR EM 17 DE JULHO DE 1925

Reverendo Irmão Superior

Muitos annos ha, que está em
fôco a questão do Collegio do
Carmo em Carriacó, dirigido
pelos Padres Irmãos das escolas
Christãs. Esta questão foi reunida
atê chegar ao auge, no anno passado,
por occasião da visita do
excellentiss. visitador Apostolico,
quando por vis intrigas esteve
para-ser removido o P.^{mo} Vigario
da Parochia. Foi então que os
Padres coadjutores da Parochia
Pdre Antonio Zettero e Pdre Edmundo
Rombo acharam questão de consciencia
elucidar o caso, deslocando as intrigas
perante a S.^{ta} Curia, indo a questão
mais longe.

Hoje achamo-nos em caso identico,
de defender-mos o direito do P.^{mo}
Vigario e da Parochia, com dif-
ferença desta vez que este protesto
vae subscrito não só pelos coadjutores
da Parochia mas pela fabrica
toda, representante legitimo dos
direitos da Parochia.

Declaramos por tanto que o Collegio
foi construido todo e inteiramente

(Continua...)

(...Continuação)

é custo da Parochia não entram
nem um vintem da parte dos ^Mndos
Irmãos conforme documentos ficando
todos os melhoramentos em beneficio
da Igreja.

Protestamos pois contra a asserção
propolada que a dicta congregação
deu para a Igreja doze contos de
reis sendo esta somma producto
de miseravel aluguel pago até o dia
de hoje.

Protestamos mais:

1.^o contra a falta de respeito ao ^Mmo
Vigario da parte do ^Mdo Irmão
Provincial actual.

2.^o contra o desrespeito publico ao
^Mmo Vigario da parte de ^Mdos
Irmãos deste Collegio.

3.^o contra a pretermição da licença
respectiva do Curio simultaneame-
nte com a do Vigario conforme
direito Canonico 691 e pastoral
collectiva 1180^{as} de colher esmolas
para qualquer fim pio.

Explicações deste protesto darão os
fobrigueiros e os ^Mdos coadiutores
com aviso previo.

Seguirá copia com explicações á
^Mmo Curio.

Em vista do dicto e dos ^Mdos Irmãos
quererem-se appor do Collegio que
pertence a Igreja a fobrigueiros com

(Continua...)

(...Continuação)

os coadiutores decididos de comum
 accordo não mais lhes alugarem o
 Collegio a não decidir o contrario
 o Sr. Padre Vigario depois de
 prestados as devidas satisfacões.
 Esperaremos quinze dias a resposta
 após os quaes daremos as passas
 decisivos.

Caracas 17 de Julho de 1855
 João Paternostro
 Carlos Fedringgi
 João Aguiar
 José Freitas
 P.^o Emmendo Barbosa
 P.^o Orestes Valletta

Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

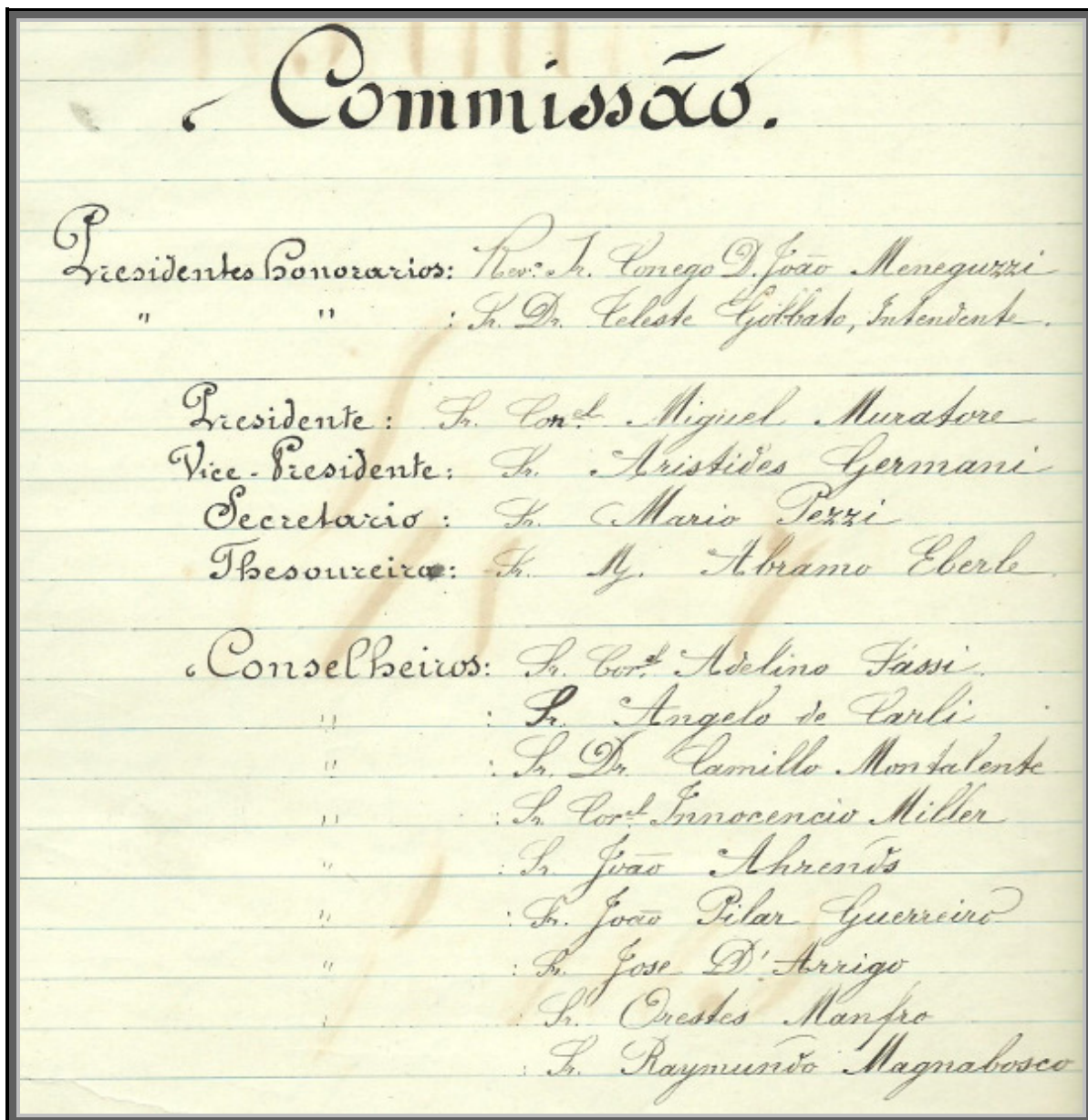
ANEXO L – CARTA DOS FABRIQUEIROS AO IRMÃO MAURÍCIO
EM 20 DE AGOSTO DE 1924

Ill^{mo} e R^{mo} Sr^o
 Irmão Mauricio
 D. D. Director do Collegio N. S. do Carmo

A Fabricaria da Igreja Matriz de Baxias, reunida
 hoje para tomar conhecimento do pectido de V. R^{ma},
 considerando que os R^{mos} Irmãos no primeiro contracto
 de cinco annos pagaram o aluguel mensal de 60%
 sessenta mil reis sobre os predios aos mesmos alugue-
 dos pela Fabricaria, considerando que no contracto
 vigente de nove annos e onze mezes estão
 pagando 70% setenta mil reis mensaes, alugueis
 infimos de que a Igreja não tira resultado
 algum, porquanto, além das casas deteriorarem,
 ha tambem impostos não pequenos a pagar-se
 a Intendencia sobre o Collegio, decretou renovar
 o aluguel dos predios aos R^{mos} Irmãos por
 espaço de mais dois annos elevando o aluguel
a importancia de duzentos mil reis 200% 000
mensoes.

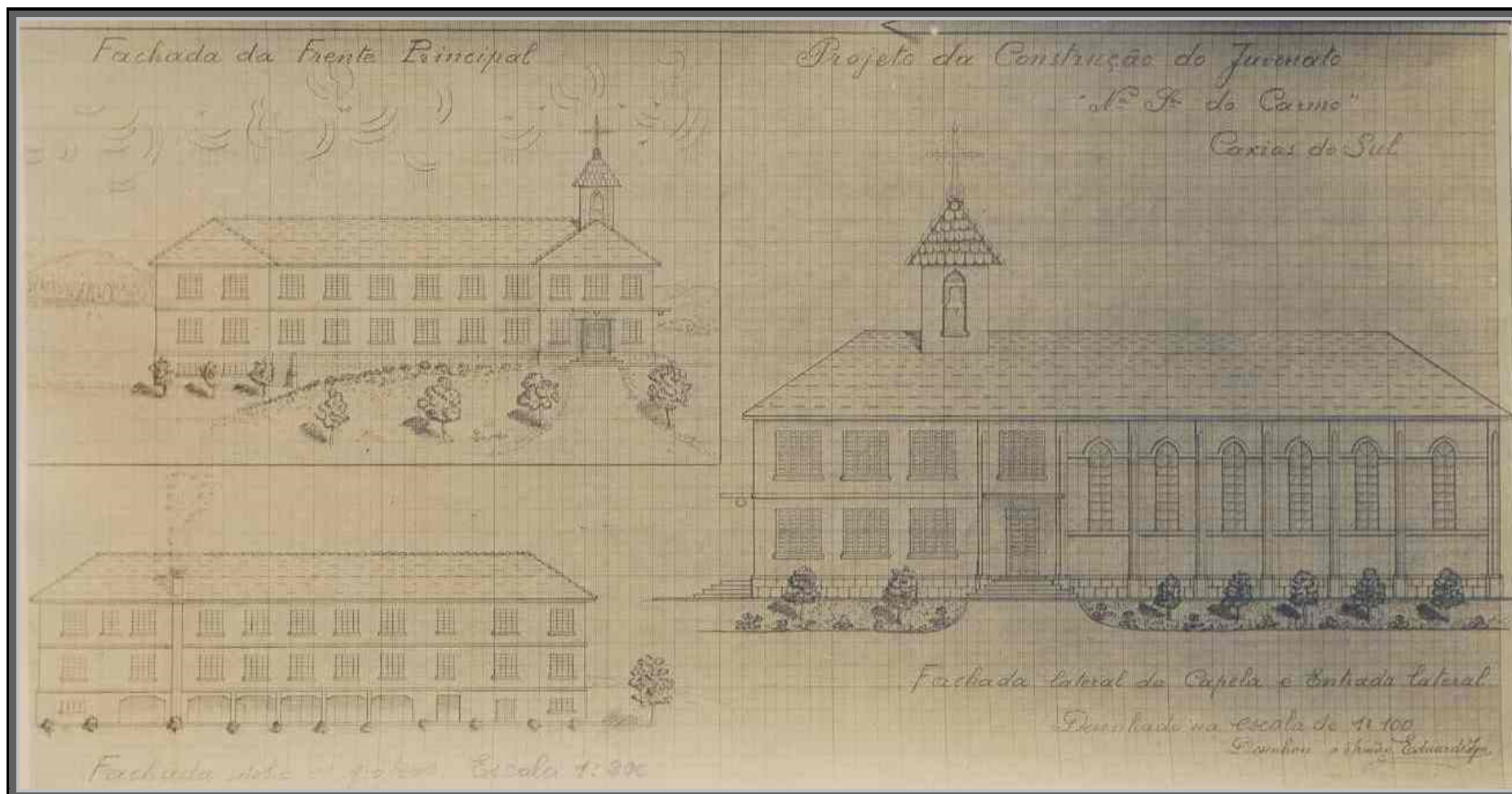
Deus guarde a V. R^{ma}
 Baxias 20 de Agosto de 1924
 João Paternoster
 Carlos Fedriggi
 João Alcebin
 José Conci
 João Frezza
 Vinte.
 Comy João Henrique

ANEXO M – COMISSÃO PARTICIPANTE DAS REUNIÕES EM 1924



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

ANEXO N – PRIMEIRA PLANTA DO COLÉGIO DO CARMO



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

ANEXO O - ATA Nº 1 DATADA DE 27 DE AGOSTO DE 1924

Acta nº 1

Aos vinte e sete dias do mês
 de Agosto, de mil novecentos
 e vinte e quatro, nesta cida-
 de de Caxias, reuniu-se
 de Rev.º Thomaz Mauricio Digno
 Director do Collegio 'St. Thome
 na do Carmo do Rev.º Thomaz
 das Escalas Christiano, numa
 sala do mesmo Collegio, reu-
 niu-se a Commissão affa-
 izo assignada, para o fim
 previamente accordado de
 tratar de achar os meios
 de dotar Caxias com
 um Collegio Secundario
 e Commercial.

Fazendo uso da palavra o
 Rev.º Thomaz Mauricio, depois
 de ter agradecido effusivamente
 o comparecimento das presentes
 que foram silicites em attendz
 ad seu appello, expoz em bre-
 ves palavras o fim da reu-
 nido. Em seguida propoz
 a nomeação de uma Di-
 rectoria encargada da exe-
 ção deste importante proje-
 to, indicando para fazerem par-
 te da mesma os seguintes
 Srs. Presidentes Honorarios.

(Continua...)

(...Continuação)

Res. Honrosos D. João Menegu-
 zi e D. Hebeti Gabbato,
 Presidente; Cel. Miguel Mau-
 ratore; Vice-Presidente: Aristi-
 des Germani; Secretario: Ma-
 rio Tezzi; Thesoureiro: Major
 Abramo Cheale. Conselhei-
 ros: Cel. Adelino Sassi, An-
 gelo De Carli, De Camillo
 Montalenti, Cel. Innocencio
 Miller, João Abreu, João
 Pillar, Guerreiro, Cap. José
 De Arrigo, Orest. Marinho e
 Raymundo Magnalosso
 tendo todos aceite o car-
 go, para que foram procla-
 mados, prometendo emi-
 darem todas as esforços
 para alcançar o fim
 almejado e de que tan-
 to necessita a nossa ci-
 dade. Em seguida foi
 incumbida uma com-
 missão composta dos Srs.
 Adelino Sassi, Angelo De Carli e
 Aristides Germani, para
 se entenderem com o actu-
 al Intendente Municipal,
 Sr. Cel. J. Penna de Moraes
 a respeito de um terreno
 que a Municipalidade de
 Casias tinha reservado nos
 suburbios da cidade, pa-

(Continua...)

(...Continuação)

na ceder gratuitamente
 para a construcção de
 um Collegio Superior.
 Nada mais havendo a tra-
 tar foi pelo Sr. Presidente de
 clausura encerrada a presen-
 te sessão.
 E para constar foi por mim
 Manoel Pizz; secretario lavrada
 a presente acta que vale
 assignada por todos os
 presentes.

Luiz José Chiquetti
~~José de Almeida~~
 Cristóvão Cerqueira
 Manoel Pizz
 e Manoel Chiquetti
 Adalino Rossi
 Angelo Belmonte
 Humberto
 + Sumner Hiller
 João de Almeida
 Raymundo Magalhães
 José de Arrigo

Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

**ANEXO P – CARTA DO IRMÃO MAURÍCIO AO
ARCEBISPO DE PORTO ALEGRE EM 1924**

Exc^o e Rev^o. Sr. D. João Becker
D.D. Arcebispo de Porto Alegre.

Excellencia.

Os Irmãos das Escolas Christãs, estabelecidos em Caxias desde 1908, desejosos de attender a uma ardente e remota aspiração da cavalheirosa e sympathica população, no sentido de possuir um Collegio internato e externato, e não dispondo presentemente do capital necessario para realizar uma empresa deste genero, que obrigará a uma despeza de uns 500:000\$000, fazem appello á generosidade do povo para a compra do terreno e a construcção de uma parte do edificio, orçada mais ou menos a 120:000\$000, para o inicio do internato, enquanto as aulas funcionarão no actual predio, propriedade da Parochia, o tudo de accordo com as clausulas abaixo que, pelo intermedio da "Commissão Pro-Edificação do Gymnasio N.S. do Camp" e do Director do Collegio, submettem á sancção de V. Ex.:

I^o - O mencionado Collegio será entregue ao magisterio dos Irmãos das Escolas Christãs, devendo o ensino ser primario, secundario e commercial, de conformidade com os programmas vigentes, procurando preparar os alumnos para o ingresso ás Academias;

II^o - As importancias subscriptas, ou seja o valor necessario a aquisiçãõ do terreno e construcção de uma parte do edificio - 200:000\$000 (duzentos contos de reis) aproximadamente - será doado pelo povo;

III^o - Compromettem-se, os Irmãos, a ampliar a construcção inicial do edificio dentro de um prazo maximo de cinco annos a contar da data em que o novo Collegio começar a funcionar, salvo caso fortuito ou força maior;

IV^o - Tanto o terreno como a parte do edificio a construir-se, ficará de exclusiva propriedade da Congregaçãõ dos Irmãos das Escolas Christãs - "Sociedade Porvir Scientifico";

V^o - No caso que os Irmãos venham a abandonnar espontaneamente

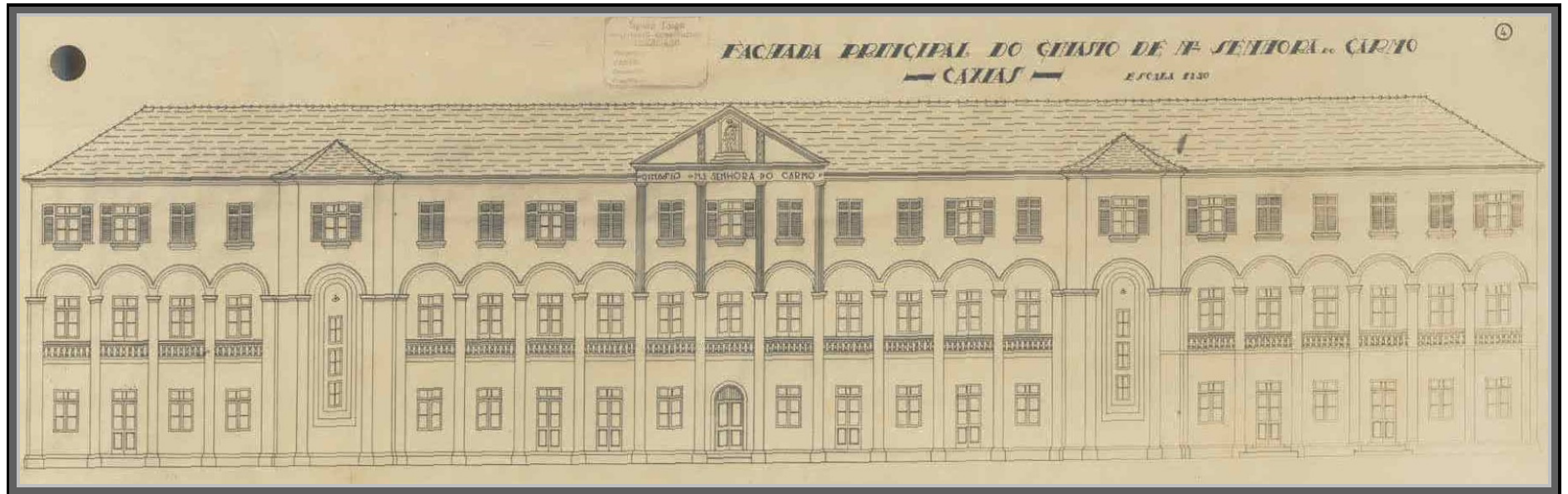
(Continua...)

(...Continuação)

o Collegio, então este, o immovel, deverá ser entregue á Parochia de Caxias sem ândemaisação alguma;

VI° - Si por qualquer movimento anti-religioso ou outras circumstancias, os Irmãos das Escolas Christãs forem obrigados a se retirarem de Caxias, o Collegio passará a pertencer á Parochia, sendo, porem, esta, neste caso, obrigada a resarcir aos Irmãos o quantum dispendido com a terminação dos trabalhos de construcção do mencionado Collegio.

Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

ANEXO Q – PLANTA DO COLÉGIO DO CARMO

Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

**ANEXO R – SOLICITAÇÃO PARA ORGANIZAR
ESTUDOS SECUNDÁRIOS NO COLÉGIO DE CAXIAS EM 1930**

<p>Demande pour organiser des <u>Etudes Secondaires au Collège de Caxias.</u></p>
<p>Caxias est un centre important d'industrie, de commerce et d'agriculture, spécialement de viticulture.</p>
<p>La population, dans sa presque totalité, est italienne ou d'origine italienne.</p>
<p>Les familles sont nombreuses et les enfants reçoivent de leurs parents une éducation virile et religieuse.</p>
<p>Notre Collège, dans cette première partie de l'année, a compté une fréquence de 304 élèves, tous généralement bien disposés et se pliant sans difficulté aux exigences du règlement scolaire.</p>
<p>Jusqu'à présent, à Caxias, nous sommes les uniques religieux enseignants occupés à donner à la jeunesse une éducation un peu soignée.</p>
<p>Toutefois, depuis de longues années, les chefs de famille demandent instamment que nous fournissions à leurs enfants un programme d'études dont la conclusion donnerait accès aux Ecoles Supérieures du Gouvernement; et, pour les familles aisées ou riches, afin de n'avoir pas à se séparer d'eux, pendant cinq ans au moins, pour leur faire suivre, dans des écoles fort éloignées, les cours officiels d'un Gymnase reconnu.</p>
<p>Ces derniers mois, les personnes les plus qualifiées de la ville et le Conseil Municipal dans sa totalité Maire en tête, à différentes reprises, sont venus solliciter</p>

(Continua...)

(...Continuação)

que réclame une telle création, lesquelles dépenses peuvent atteindre la somme de 20:000\$000 ou 22:000\$000 contos de reis.

Ce programme officiel, dont la plupart des matières font partie des études actuelles de notre Collège, serait d'un très grand avantage.

I^o. - Le nombre des élèves augmenterait; ils seraient plus longtemps sous notre conduite, et pourraient recevoir une instruction religieuse plus solide.

II^o. - Notre enseignement aurait plus de crédit - (car tout gymnase a un pouvoir magique sur les esprits de ce pays) - en même temps que nous répondrions aux désirs véhéments d'une population très sympathique aux Frères, et qui mérite d'être secondée dans ses aspirations de voir la jeunesse instruite et chrétienne.

III^o. - Le corps professoral du Collège, tel qu'il se trouve actuellement composé, devrait s'accroître d'un professeur pour compléter le cadre de Gymnase officiel.

IV^o. - Ce serait une occasion favorable pour créer un centre d'examens pour les jeunes frères qui se verraient stimulés à l'étude par l'obtention des diplomes relatifs à un certain nombre d'épreuves.

V^o. - Caxias, à l'heure actuelle, est l'unique centre important où nous puissions en toute liberté créer un Enseignement Secondaire Officiel, et aller de pair, sur ce point, avec les autres Congrégations Enseignantes du Rio Grande do Sul.

Caxias, le II Septembre 1930

Le frère Directeur:

J. Isaac-Maurice

ANEXO S – PARECER SOBRE O COLÉGIO COM INTERNATO EM CAXIAS

Noviciado dos
Irmãos das Escolas Christãs
Rua Luiz de Camões 1 A
(Parthenon)
PORTO ALEGRE

Porto Alegre, de de 192.....

Parecer sobre o Collegio com Internato
de Caxias.

Querendo os Irmãos das Escolas Christãs
corresponder aos desejos da população Caxiense
concordam em ligar ao Collegio actual um
Internato. Visto as condições pecunarias em que
se encontram os Irmãos, julgamos que só se
poderá realizar esta extensão da obra, aprovei-
tando o predio occupado actualmente pelo
Collegio, augmentado de uma nova construcção
igual ao edificio das aulas existentes. Esta
construcção exige a aquisição do terreno enca-
vado pertencente ao Sr. Corteló.

Si Sua Exc. o Sr. Arcebispo concorda
em ceder aos Irmãos o uso gratuito desses
predios até que um caso de força maior
os obrigue a se retirarem, a Congregação
está prompta a fazer as novas construcções.

(Continua...)

(...Continuação)

exigidas para o internato e a appropriar as já existentes para o mesmo fim. Caso os Irmãos se retirem espontaneamente, compromettem-se a entregar á Mitra todo o prédio sem terem direito á indemnisação alguma.

Casos de força maior podem ser os seguintes: Creação em Casas de um Biopado, grave penuria de pessoal, impossibilidade de viver sem contrahir dividas importantes, uma revolução que obrigue os Irmãos a deixarem a cidade e quaisquer outras a estipular pela veneravel Curia Metropolitana.

A mobilia, tendo sido paga pelos Irmãos, não poderá ser cedida senão mediante indemnisação determinada de common accordo entre o representante do Arcebiopado e o Irmão Director do Collegio no tempo da

(Continua...)

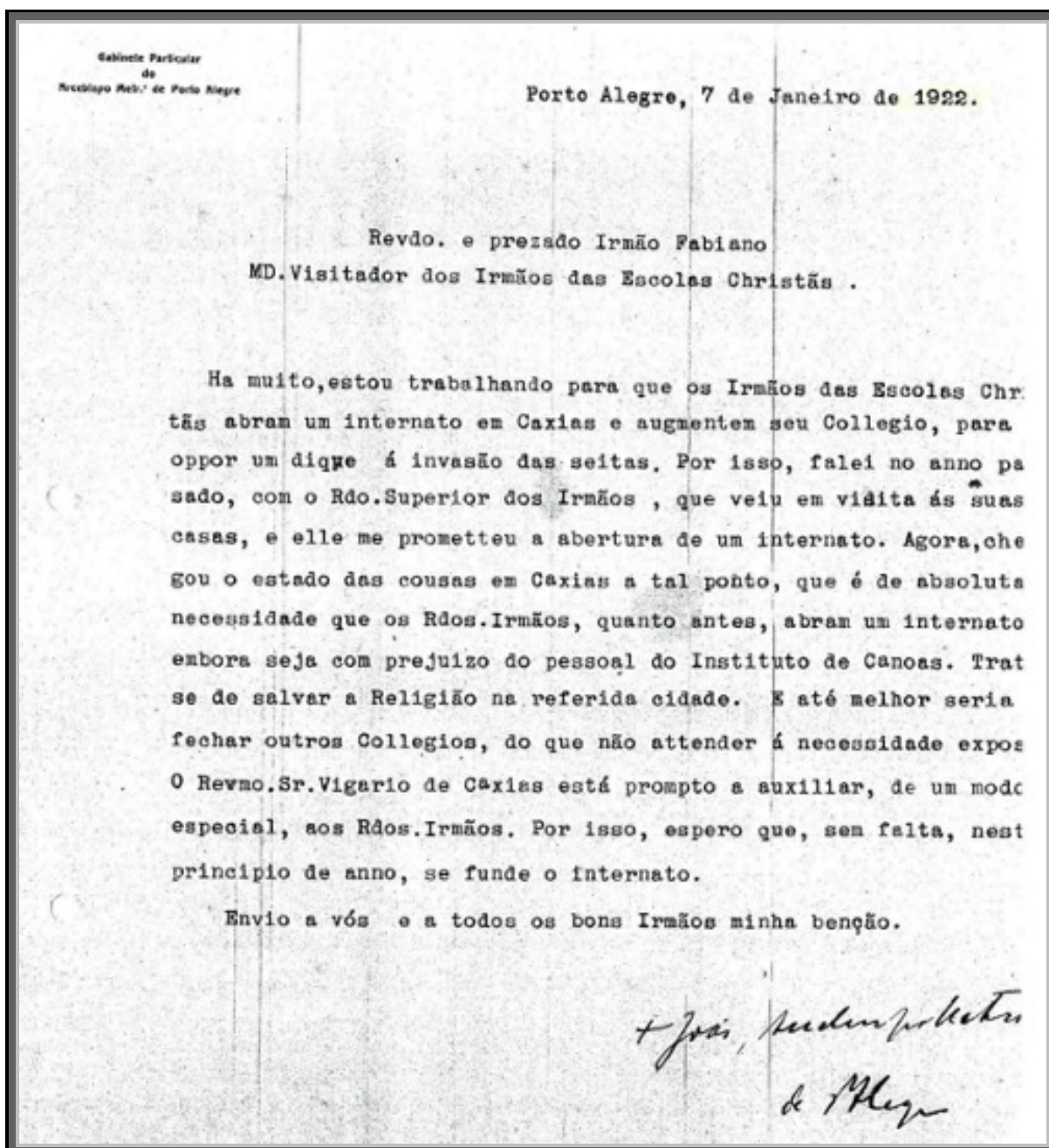
(...Continuação)

saída do Collegio.

~ Notas explicativas ~

- 1º - O terreno e as construções custaram juntos 14 contos de reis approximadamente.
- 2º - Os Irmãos gastaram perto de 13 contos de reis desde que occupam esse predio.
- 3º - O aluguel actual (70\$000 mensaes) representa os juros de 6% dos 14 contos de reis gastos para a compra do terreno e a construção do collegio e sobre esta base que foi firmado o contracto que vigora actualmente.
- 4º - Caso se queira prolongar a capella mór da Igreja, este augmento não podera ir alem do presadico que enfrenta as aulas actuaes, sendo de muito declive o terreno de lá em diante.
- 5º - O Sr. Curteló pede 16 Contos de reis do terreno encravado na propriedade da Mitra.
- 6º - O orçamento para as construções projectadas eleva-se a 65 contos de reis se forem de madeira e a 75 if if de material.

ANEXO T – CARTA DO ARCEBISPO DE PORTO ALEGRE
AO IRMÃO VISITADOR EM 07 DE JANEIRO DE 1922



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

ANEXO U – PUBLICAÇÃO DO JORNAL 'CAXIAS' EM 1932



(Continua...)

(Continuação...)

Os primeiros bachareis em sciencias e letras, de Caxias, em cordial convívio epicurista...

Realizou-se, a 22 do corrente, em Caxias, o encerramento do anno lectivo do Gymnasio Nossa Senhora do Carmo daquella cidade, que teve lugar no Theatro Central da "Perola das Colonias."

Do programma de encerramento, a parte principal foi a collação de grau da primeira turma de bachareis em sciencias e letras que vem de se formar em Caxias, no Gymnasio Nossa Senhora do Carmo, dirigido pelos irmãos das Escolas Christãs, e que se acha installado em um magestoso edificio proprio, recentemente construido de accordo com os mais modernos preceito de architectura e cuja obra attingiu a mais de mil contos de réis, sendo, portanto, um dos mais importantes estabelecimentos de ensino do Estado, no genero.

A turma dos novos bachareis é constituída pelos srs. Arthur Rodolpho Rossarolla, Seraphim Machado, Dante Marcucci, Jardimino Ramos, Manoel Ramos Pacheco, Firmino Minghelli, Ary Oliva, Eury Quintella Boamar, Osmar Geremia, Arlindo Matto, Edmundo Pezzi, Pery Paternoster, Renato Festugatto e Dante Zuardi.

Achava-se presente á cerimonia o que Caxias tem de mais representativo. Fazendo entrega dos certificados, em nome do ministro da Educação, falou o dr. Adolpho Pena, fiscal federal do ensino naquella cidade, que presidia a solemniidade. A oração do dr. Adolpho Pena

foi calorosamente applaudida pela numerosa assistencia.

Paranympiou a turma, o sr. Abramo Eberle, industrialista naquella cidade, em nome de quem orou o dr. Paulo Rache, que proferiu uma oração allusiva ao acto que estava se celebrando.

Por essa occasião, falou, tambem, como orador da turma, o bacharelado Rodolpho Rossarolla.

UM BANQUETE

A' noite teve lugar um lauto banquete em homenagem ao dr. Adolpho Pena, inspector federal do ensino, e ao sr. Abramo Eberle, paranympio, e aos irmãos das Escolas Christãs.

Falou, nessa occasião, em nome da turma, o bacharel Seraphim Machado, que com grande enthusiasmo e vibração, interpretou o sentir de seus collegas, offerecendo a homenagem.

Por insistencia dos presentes falaram ainda os srs. Dante Marcucci e dr. Olmiro de Azevedo sendo todos vivamente applaudidos.

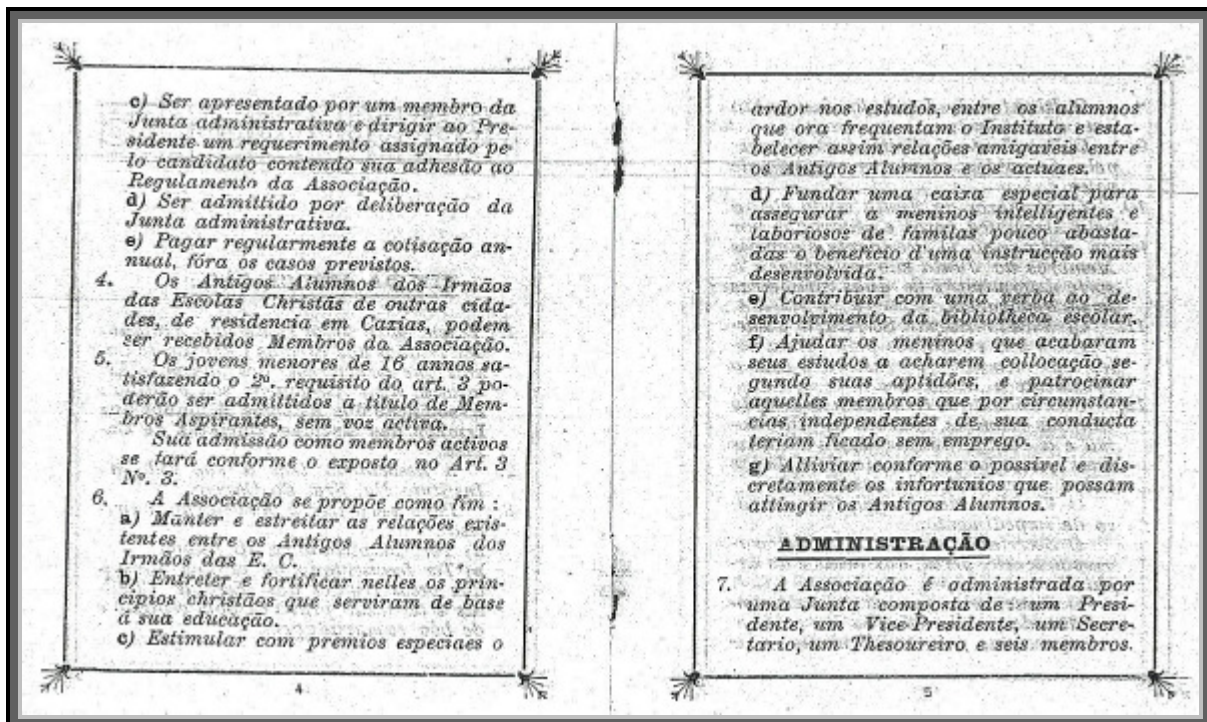
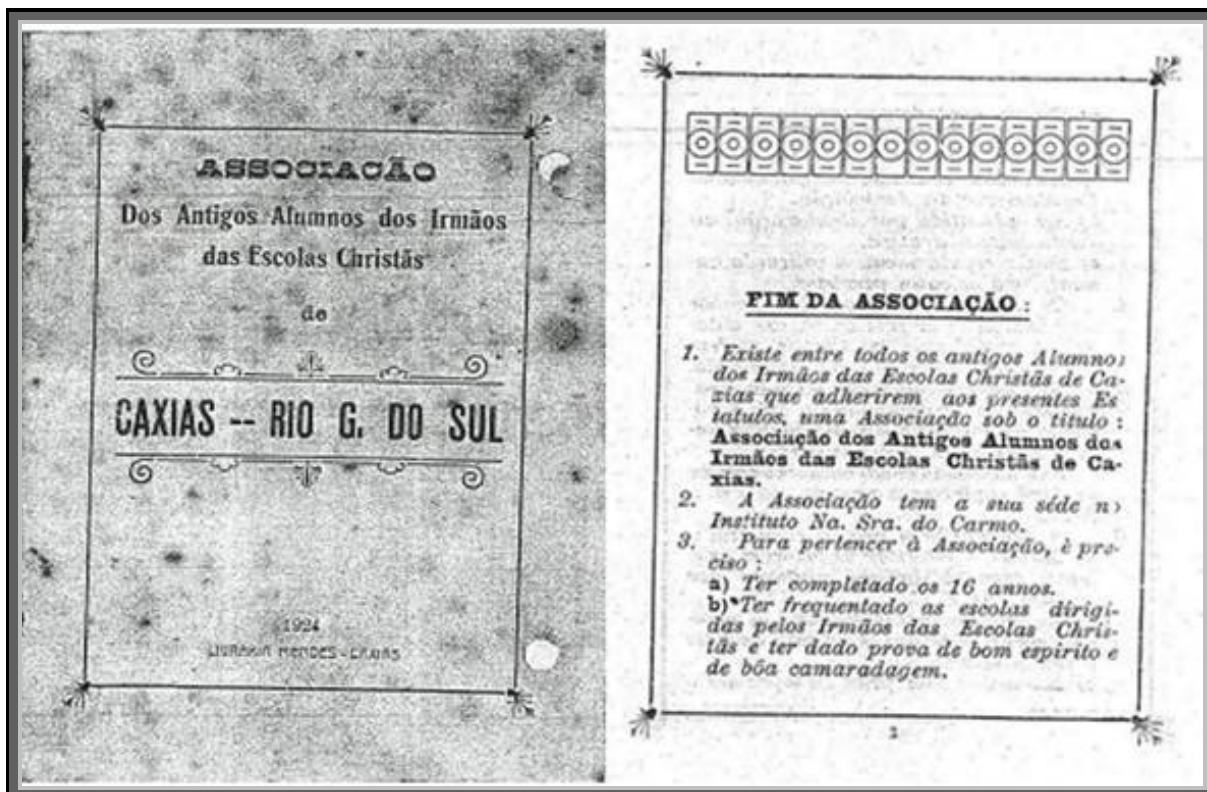
Por ultimo, se fez ouvir o dr. Adolpho Pena, que proferiu o seguinte discurso que abaixo publicamos.

"Senhores — O discurso magnifico que acabamos de ouvir trouxe ao nosso espirito a affirmação mais uma vez evidenciada, da bella intelligencia do vosso orador, que é uma das mais lindas revelações da turma de bachareis que acaba de completar o curso gymnasial, triumpho seguro, nos embates

mas, perseverança no trabalho, constancia nos anellos, acatamento sincero e profundo aos ensinamentos de Deus representam os elementos basicos em que se alicerça o segredo da victoria.

Abandonae, meus amigos, por um instante, as preocupações actuaes e vinde commigo em rapida visita ao passado. Encontraremos nos diversos paizes, em que se originaram os primeiros fundamentos da civilização, espiritos brilhantes que, pela energia e pelo patriotismo, elevaram, muito alto, o nome da sua terra. Seja Confucio ou Buda e, depois, Maomé e outros no campo das construcções religiosas; Licurgo e Solon, nas competições politicas; Annibal, Cesar e Alexandre, nas guerras de conquista; Platão, Sófocles, Aristoteles, Cicero, Tacito e muitos outros, em periodos varios nas superiores cogitações da sciencia, da philosophia e das letras; deslumbraremos os nossos olhos deante do monumento das civilizações pagãs, com o refinamento cultural da velha Grecia e da Roma dos deuses. Mas seremos forçados a constatar que todos esses esforços gigantescos e esses realizações admiráveis não constituiram obra imperecível, deante da objectivação dos phenomenos sociaes e politicos e da construcção definitiva da sociedade contemporanea. Ficaram, apenas, no terreno das cogitações espirituales, ornamento das cerebrações estudiosas que se delectam na constatação de um passado que foi, quando muito, a de-

ANEXO V – ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS



8. O Director do Instituto é membro nato d'esta Junta.

9. O Presidente é eleito annualmente pela Assembléa geral por maioria de votos.

10. Os Membros da Junta serão eleitos pela Assembléa geral e renovados por terços cada anno. O Presidente e demais Membros da Junta são reelegiveis; a sorte determinará as duas primeiras series renovaveis.

11. Os Vice-Presidente, Secretario e Thezoureiro são escolhidos pela Junta entre seus membros, e constituem com o Presidente a Directoria.

12. O Presidente determina a ordem do dia das reuniões, convoca a Directoria e a Junta administrativa todas as vezes que julgar conveniente, e dirige todos os trabalhos da Associação.

O Vice-Presidente o substitue em caso de impedimento.

O Secretario se encarrega da correspondencia geral, das actas e do archivo.

O Thezoureiro se encarrega da contabilidade geral, effectua as cobranças previstas pelo regulamento e as

despesas approvadas pela Directoria.

13. Qualquer communicação a respeito da Associação deve dirigir-se ao Presidente ou ao Secretario.

14. O direito de admisión ou de exclusão pertence á Junta administrativa. Falta grave contra a honra ou a probidade é causa de exclusão.

15. Cada anno a Junta administrativa mandará publicar um relatório da Assembléa geral e a lista dos Membros da Associação. Mencionará também os obitos que se deram durante o anno e outros acontecimentos que se referem á Associação.

16. Em caso de fallecimento d'um membro da Associação, os socios assistirão aos funeraes e á missa que a Sociedade mandará rezar pelo descanso eterno do defuncto.

Cada anno, no dia da reunião geral das ferias, a Associação mandará rezar outra missa, em suffragio dos Irmãos e Socios fallecidos para a qual serão convidados todos os Socios e alumnos do collegio.

MEMBROS HONORARIOS — MEMBROS ACTIVOS — CAIXA.

17. A Associação comprehende Membros honorarios e Membros activos.

18. Sua Excellencia, o Sr. Arcebispo de Porto Alegre, o Rev. Irmão Visitador das Escolas Christãs e o Rev. Pe. Vigario de Caxias são de direito. Presidentes da honra da Associação.

19. São Membros activos os socios que se acham nas condições indicadas nos Art. 2 e 3 dos presentes Estatutos.

20. O titulo de Membro honorario é concedido a toda a pessoa que contribuir á prosperidade da Associação por seu apoio moral ou por auxilios pecuniarios.

21. A cotisação da entrada na Associação, como membro activo, é de 10\$000; os outros pagamentos serão de 6\$000 annuaes. Os aspirantes pagarão só meia cotisação.

22. Serão considerados Membros honorarios os que pagarem annualmente 20\$000.

23. Um pagamento unico de 200\$000

dá direito ao titulo vitalicio de membro benefactor.

O titulo de Membro honorario se adquire também com uma unica entrada de 300\$000.

24. São isentos de cotisação, os Membros da Associação que pertencem a um Instituto Religioso, ou que estiverem cumprindo seu serviço militar.

25. Quando varios membros d'uma mesma familia pertencerem á Associação um d'elles pagará a cotisação inteira; dos demais só se exigirá a metade. Este privilegio porem cessa com a idade de 21 annos.

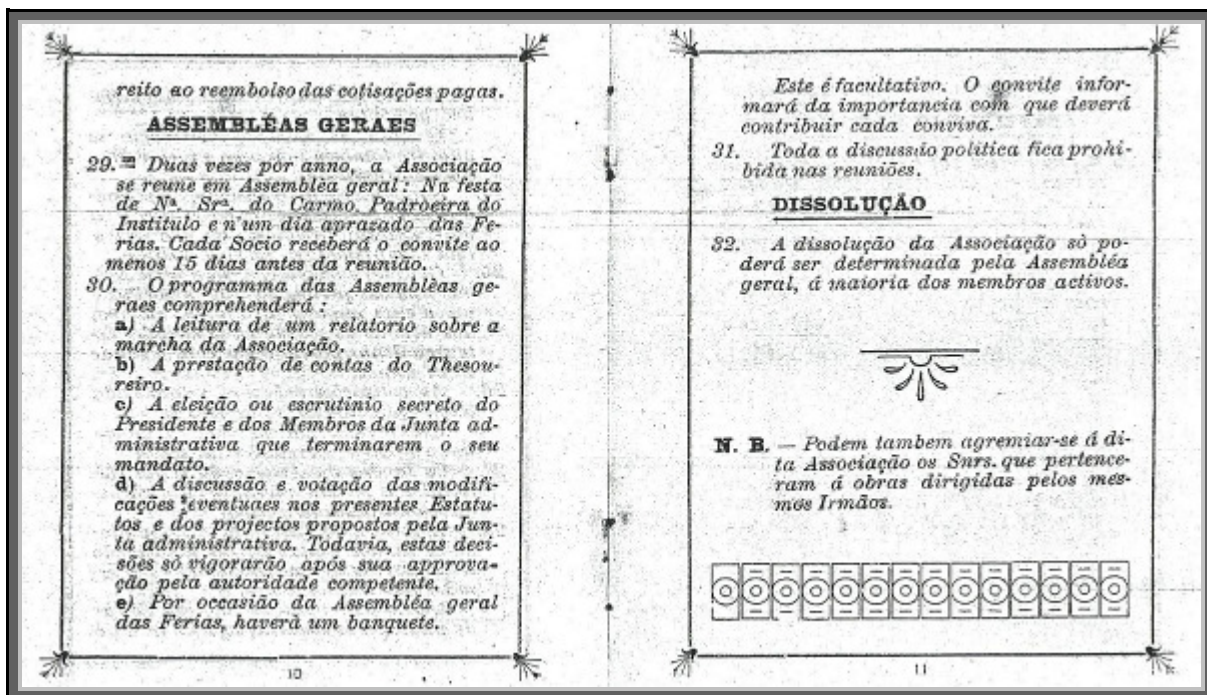
26. As cotisações devem-se pagar cada anno antes do dia 30 de Março.

Um atrazo não justificado de um anno motiva a exclusão do socio.

27. Os fundos da Associação serão collocados a juros conforme ás indicações da Junta administrativa.

28. Em caso de dissolução da Sociedade os fundos restantes da Associação serão attribuidos ao Nuncio dos Irmãos das Escolas Christãs.

Quem por qualquer motivo deixar de pertencer á Associação não terá di-



Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

ANEXO W - CURRÍCULO ESCOLAR EM 1925

Instituto N. S. do Carmo.
 Dirigido pelos
 Irmãos das Escolas Christãs.
 Estabelecimento de ensino
 Primario, Secundario e Commercial
 Casias.

Programma

O programma de ensino, dividido em tres secções, comprehende nove annos de estudo.

I. Secção. Curso Preliminar. Um anno.

Neste curso, objecto de uma sollicitude particularmente carinhosa, serão admittidos alumnos desde 6 annos aos quaes se seccionarão as primeiras lições de religião, a leitura, o calculo mental e calligraphia.

II. Secção. Curso Elementar. 3 annos.

O programma deste curso é: Religião, Leitura, Calligraphia, Portuguez, Calculo mental, Arithmetica, Historia do Brasil, Desenho, Noções de Sciencias, Noções de Commercio, Italiano, Francez, Gymnastica, Cantos.

III. Secção. Curso secundario e Commercial. 5 annos. - O seu programma, que abrang todas as materias do curso gymnasial, tem um

(Continua...)

(...Continuação)

orientação utilitária e prática, em harmo-
nia com as necessidades de nossa época e as diffic-
dades crescentes que os jovens encontram qu-
do se trata de escolher uma profissão.

As principais disciplinas são:

- a) Instrução religiosa e moral;
- b) Grammatica, analyse, litteratura e cou-
ponção portuguezas;
- c) Arithmetica, algebra, geometria, trigo-
nometria, agrimensura, mecanica;
- d) Contabilidade, direito commercial e eco-
nomia politica;
- e) Historia Universal, geographia, com-
graphia;
- f) Calligraphia, dactylographia, stenogr-
phia, metagraphia;
- g) Desenho de adorno e geometrico;
- h) Physica, chimica, historia natural, g-
logia;
- i) Idiomas: Italiano, francez, inglez, a-
mao, e outros mais idiomas a quem desejar,
- j) Musica, canto, gymnastica.

(Continua...)

(...Continuação)

Preparam-se candidatos para as diversas Ad-
emias.

Dactylographia

Anuncio ao curso commercial, funcionou
uma aula de dactylographia. Podem cur
esta aula os alumnos avulsos.

Avisos.

O Instituto recebe alumnos externos, sem
pensionistas e reduzido numero de internos,
até que, realisada a consturcção do grande col
gio, que será a gloria da briosa população de
Casias, se possam admitter, no seu majest
e vasto recinto, a quantos jovens pedirem a
trricula.

Lembramos aos Irs. Pais os grandes pre
juizos que soffrem os alumnos, não frequent
do os cursos desde os primeiros dias do anno
lectivo, pois faltando-lhes as lições basi
expõem-se ao perigo de não poder vencer o pr
gramma do anno.

Os cursos principiam em 2 de Março.

15 - 2 - 25.

ANEXO X – ESTATUTOS DO COLÉGIO DO CARMO: PENSIONISTAS

Pensionistas

O Ginásio admite um número reduzido de pensionistas de 8 a 14 anos de idade. O ato da matrícula importa a aceitação dos presentes estatutos.

Os pensionistas serão constantemente vigiados, tanto nos recreios e passeios como nos trabalhos escolares.

O tratamento é de primeira ordem.

Não se admitem alunos eliminados de outros colégios, nem os que fôrem de moléstias contagiosas ou crônicas, ou ainda os que tiverem enfermidades que possam prejudicar a boa convivência colegial.

As cartas e em geral quaisquer remessas enviadas aos pensionistas devem passar pela Diretoria do Ginásio.

Por ocasião das férias de Junho, si tiverem boas notas e a pedido dos pais, os pensionistas poderão visitar suas famílias.

Os pensionistas poderão sair aos domingos, das 10 ás 18 horas, si tiverem boas notas e os Snrs. pais não se opuserem a isso.

A Diretoria do Ginásio não se responsabiliza por actos dos alunos, quando fóra do estabelecimento. Reserva-se contudo o direito de intervir severamente no caso de um aluno ter comportamento censuravel e que possa prejudicar a boa reputação do Ginásio.

Não será permitido aos pensionistas pernoitarem fóra do Ginásio a não ser em companhia dos pais e com prévio aviso destes.

(Continua...)

(...Continuação)

RETRIBUIÇÕES — As pensões serão pagas adiantadamente e não sofrem desconto por ausência. Considera-se vencido todo o semestre começado. A pensão anual, inclusive o ensino, será de 1:300\$000, cujo pagamento será efetuado em duas prestações de 650\$000, em Março e Agosto, respetivamente.

Não tem direito a indenização nenhuma quem se retirar antes do fim do semestre, a não ser em caso de doença.

Por ocasião da matrícula o pensionista pagará uma jóia de 50\$000.

Para lavagem da roupa 10\$000 mensais.

Calçados, livros, roupa, médico e remédio correm por conta das famílias dos alunos. Recebendo antecipadamente o depósito correspondente, o Ginásio providenciará.

Os pensionistas não poderão conservar dinheiro consigo, mas, cada um deles, deve ter algum dinheiro em depósito na Diretoria para pequenas ocorrências.

Adoecendo o pensionista será tratado com todo o desvêlo na enfermaria e assistido por médicos do Ginásio. Em casos de moléstias suspeitas serão tomadas as providências necessárias.

O Ginásio não se responsabiliza pelos objetos deixados ao retirar-se e não consignados á Diretoria e mesmo assim dentro de um mês a contar da data da saída.

O Ginásio não se responsabiliza sinão pelo dinheiro depositado na secretaria.

(Continua...)

(...Continuação)

ENXOVAL	
1	colchão de 180cm. por 70 cm.
2	travesseiros.
6	fronhas.
1	acolchoado.
2	cobertores.
2	colchas brancas.
6	lençóis.
	Escova de roupa e dentes.
	Pente, tesourinha ou apar. de unhas.
6	camisas.
3	pijamas ou chambres.
6	ceroulas,
12	pares de carpins ou meias.
6	toalhas de rosto.
2	toalhas de banho.
2	sacos para roupa servida.
	colarinhos, gravatas, e lenços.
1	capa azul para inverno.
1	terno para domingo e
2	para os dias de semana.
3	fardamentos e
1	quepi conforme modelo adotado no Ginásio.
2	pares de sapatos fortes.
	O Ginásio encarrega-se do feitiço dos uniformes mediante o depósito da quantia necessária.
	Todos os objetos devem vir marcados com o número que se der ao aluno na sua admissão.
	Os alunos não podem emprestar, nem pedir emprestado coisa alguma aos companheiros.
	O Ginásio não se responsabiliza pelo estravio de roupa e mais pertences do aluno.
	Mais informações com o Diretor do Ginásio.
	Caxias - R. G. do Sul.

Fonte: Acervo da Secretaria do Colégio do Carmo

ANEXO Y – ESTATUTOS DO COLÉGIO DO CARMO: DISCIPLINA ESCOLAR

Disciplina escolar

Matriculando-se no Ginásio o aluno obriga-se a observar o regulamento que nele vigora.

Os alunos devem sempre respeitar não só seu mestre, mas todos os professores, tirando o chapéu quando por eles passam ou lhes falam, quer no Ginásio quer na rua.

Os alunos não devem discutir em público com os professores. Quem julgar não ter merecido censura ou castigo, apresente suas razões, em particular, com franqueza e respeito.

Seria contra a boa educação escrever nas paredes ou classes; cada um é responsável pelos danos que ocasionar ao Ginásio ou aos colegas.

Não é permitido cuspir no chão, no recinto do Ginásio.

Tratem os companheiros com delicadeza, evitando tudo que possa magoá-los como seja: dizer nomes, dar empurrões ou socos, passar rasteiras, atirar pedras, etc.

Não se toleram gritarias ou vaias, quer no pátio, quer na rua.

Os alunos não podem, sob pretexto algum, trazer armas ao Ginásio. Toda infração neste ponto é considerada falta gravíssima.

Os alunos não podem fumar no Ginásio ou nas suas imediações.

(Continua...)

(...Continuação)

Procedimento repreensível, fóra do Ginásio, que possa prejudicar a boa reputação do mesmo, está sujeito a castigos escolares.

Indocilidade, desrespeito e faltas contra a moralidade são motivos de exclusão do Ginásio.

É proibido aos alunos formarem grupos perto do Ginásio.

Acabadas as aulas os alunos irão imediatamente para casa, sem estacionarem nas ruas ou praças.

Quando um aluno faltar por doença os snrs. pais façam o favor de comunicá-lo logo ao Diretor.

Quem faltar a uma aula ou chegar tarde, deve trazer justificativa assinada pelo pai. O mesmo com referência á missa dos domingos e dias santos.

Dado o sinal de silêncio todos entram logo em fileiras.

É proibido conversar e estacionar no pátio durante as aulas, assim como correr e brincar nos corredores.

Ninguém entrará na aula antes da hora regulamentar.

Os alunos devem estar sempre trajados corretamente, sendo de rigor o fardamento a partir do curso de Admissão inclusive.

AULA — Da aula fica banido tudo quanto possa perturbar a ordem: risadas, estalar com os dedos, falar com os vizinhos, etc. Conservem-se as mãos sempre em cima da classe.

Os alunos venham ás aulas munidos de quantos objetos (livros, cadernos, caneta, lapis, etc,) eles precisarem.

(Continua...)

(...Continuação)

Quem não pode fazer os temas entregue uma desculpa escrita justificando-se.

Quem for interrogado levantar-se á imediatamente, respondendo em voz clara e distinta.

DAS TAXAS ANUAIS. — Para custear as despesas gerais de boletins, giz, tinta, lembranças e por ocasião de matrícula, os alunos pagarão uma jóia anual de 10\$ nos cursos preliminares e 20\$ nos cursos ginasiais.

Adiantadamente, no começo de cada bimestre, será exigido dos alunos uma retribuição proporcionada ao curso frequêntado e será de 20\$ no 1.º curso, 24\$ no 2.º, 26\$ no 3.º e 30\$ no 4.º curso, de 40\$, 50\$, 60\$, 80\$ e 100\$ nas séries ginásias.

Mediante uma gratificação mensal de 40\$ dá-se almoço, café, merenda e estudo aos meio pensionistas, os que só almoçam pagarão 30\$, os que têm somente o café da tarde e estudo 10\$. A assistência só ao estudo gratifica-se com 5\$.

EXAMES. — Haverá exames bimensais em Maio, Julho, Setembro e Novembro. Os exames de promoção realizam-se em Dezembro.

Em Fevereiro haverá exame de admissão para a 1.ª série do curso ginasiál.

Na 1.ª — quinzena de Março haverá exames de 2.ª época.

Boletins quinzenais e atestados de exames parciais informarão os Snrs. pais sobre o comportamento, aplicação e aproveitamento dos alunos.

**ANEXO Z – LISTA DOS DOCENTES DO COLÉGIO DO CARMO
NO PERÍODO DE 1908 A 1988**

Nome Religioso	Nome Civil
Irmão Adalberto Ignacio	Alípio Führ
Irmão Adelino Aloísio	Edgar Aloysio Haab
Irmão Adelmo Benjamim	Augusto Bohnenberger
Irmão Adelphius Joseph	Joseph René Guyon
Irmão Adolpho Emílio	Aloysio Theodoro Reis
Irmão Adolpho Leão	João Alexandre Dobrovolski
Irmão Agostinho Guilherme	Ervino Krauspenhar
Irmão Agostinho Maria	Idemir Alfredo Agostini
Irmão Alberto Cláudio	Hilário Kieling
Irmão Alberto Jorge	Ernesto Schwendler
Irmão Albino Hilário	Arnoldo José Kolling
Irmão Aldo Virgílio	Hercolino Baldissarelli
Irmão Aleixo Maria	Hillario Arraldi
Irmão Alfred Antoine	Alfred Pfliefer
Irmão Amadeo Fabián	Amadeo Homs Baucells
Irmão Amadeu Maria	Bortolo Francisco Perazzoli
Irmão Anacleto João	José Bonfleuher
Irmão Anastace Pascal	Félix Barthélemy Pascal
Irmão Anastácio Maria	Ernâni Raymundo Weber
Irmão Anastácio Pascal	Aloysio Francisco Pauli
Irmão André Felipe	Felipe Bohnenberger
Irmão Ângelo Aquileu	Ângelo Luiz Scopel
Irmão Ângelo Gabriel	Alberto Zanfonato
Irmão Anselmo Afonso	Bruno Lessa Machado
Irmão Anselmo Eduardo	Raymundo Antonio Zandomeneghi
Irmão Anselmo Lourenço	Jandir Lourenço Troian
Irmão Antonio Carlos	Hugo Follmann
Irmão Antônio Cirilo	André Nikle Filho
Irmão Antônio Justino	Lourenço Terribile Neto
Irmão Apolinário José	Ruperto Antônio Jüber
Irmão Armando Cláudio	Constantino Augusto Reis
Irmão Arnaldo Bernardino	Pedro Evaldo Schaefer
Irmão Arnaldo Isidoro	José Fridolino Schmitz
Irmão Arsênio Augusto	Ângelo Menegat
Irmão Atair Roque	Atari Roque Schneider
Irmão Audacte Jean	Henri Joseph Croze
Continua...	

Continuação...	
Nome Religioso	Nome Civil
Irmão Aumond Bertin	Pierre Bernard
Irmão Auri Antonio Lanius	Auri Antonio Lanius
Irmão Baptista Aloísio	João Oty
Irmão Baptista Maria	Miguel Monico
Irmão Basílio Gregório	João Ernesto Flach
Irmão Basílio Marcos	Aloysio Müller
Irmão Benildo Amadeu	Jacob José Parmagnani
Irmão Benildo Guilherme	João Emílio Fengler
Irmão Benjamim Maria	José Aloysio Käfer
Irmão Benjamim Paulo	Odillo Theobald
Irmão Bernard Maurice	Eugène Louis Livache (Bernardo)
Irmão Bernardino Ignacio	Miguel Ody
Irmão Bernardo Caetano	Bernardo Danilo Ariento
Irmão Bernardo Di Maria	Egídio Savio
Irmão Boaventura Silvino	Silvino Schneider
Irmão Bonifácio Germano	Ernesto Müller
Irmão Bonifácio Mathias	Olindo Müller
Irmão Brétoin Joseph	Joseph Richer (José)
Irmão Bruno Aloysio	Aloysio Fritzen
Irmão Carlos Estanislau	Albano Backes
Irmão Celestino Aloysio	Fridolino Fengler
Irmão Celso Martinho	Jacob Silvino Jacobi
Irmão Celso Paulo	Celso Fussinger
Irmão Chrysóstomo Victor	Bernardo Edmundo Damke
Irmão Cipriano Irineu	Arno Benno Junges
Irmão Cirilo Felipe	Pompeyo Martin Iranzo (Cirilo)
Irmão Claudino Lourenço	Claudino Teochi
Irmão Cláudio Sebastião	Edwino Holz
Irmão Clemente Estevão	Guerino Tomazel
Irmão Cleto José	Jacó Arno Lenz
Irmão Constâncio Joaquim	Restituto Úzquiza Oca
Irmão Constantino Pio	José Henrique Bogorny
Irmão Cornélio Domingos	Cornélio Haab
Irmão Cosme Damião	Cosme Damião Bianchin
Irmão Cypriano Carlos	Santo Marcos Taffarel
Irmão Cyrillo Miguel	Cyrino Kieling
Irmão Daniel Félix	Guilherme Cerati
Continua...	

Continuação...	
Nome Religioso	Nome Civil
Irmão Diones Lourenço	Diones Luiz Bregolin
Irmão Domingos Felix	Leopoldo José Stülp
Irmão Domingos Maria	Antônio dos Santos Paz
Irmão Domingos Urbano	Urbano Lenz
Irmão Edésio Augusto	Affonso Thiele
Irmão Edmundo Ignacio	Arlindo Mathias Reis
Irmão Egydio José	Ludovico Celant
Irmão Ehrenfried	Oscar Joseph Besold (Oscar)
Irmão Elias Athanásio	Abramo Benedetti
Irmão Elói Guilherme	Elói João Kirsten
Irmão Engelbert Charles	Desiré Joseph Andouche (Carlos)
Irmão Éraсте Auguste	Auguste Camille Dóflôt (Augusto)
Irmão Erhard Casimir	Theodor Schniederkötter (Teodoro)
Irmão Ernesto Leão	Igino Tres
Irmão Estanislau Bento	Hermeto Roberto Finger
Irmão Estanislau Gabriel	Luiz José Perazoli
Irmão Estêvão Baptista	Albino João Turcatel
Irmão Estêvão Timotheu	Augusto Della Senta
Irmão Étienne Marius	Esteban Armillas (Mário)
Irmão Eusébio Alberto	Sebaldo José Brod
Irmão Eusébio Lourenço	João Munaro
Irmão Euverte Joseph	León Hédon (Leão)
Irmão Evaristo Hilário	Táurio Éd mundo Brand
Irmão Evaristo Irineu	José Benedito Both
Irmão Evaristo Luiz	Nelito Molon
Irmão Fabien Clément	Álvaro Kaiser (Fabiano Clemente)
Irmão Fabiano Miguel	Francisco Ferdinando Bedin
Irmão Fabiano Pedro	Edmundo Pedro Rockenbach
Irmão Fabien Albert	Albert Fabien (Fabiano)
Irmão Felipe Eugênio	Sebastião Kappaun
Irmão Félix Alberto	Stefan Antoni
Irmão Ferdinand Marie	Georges Adolphe Tytgat
Irmão Fidel de Maria	Ignacio Marcos Mantilla
Irmão Florence Thomas	Philippe Albert Denis Thomas (Dionisio)
Irmão Florêncio Gabriel	José Alfredo Güntzel
Irmão Florent Cyrille	Pierre Hage (Florêncio)
Irmão Florentino Amadeu	Armindo Aloysio Wagner
Continua...	

Continuação...	
Nome Religioso	Nome Civil
Irmão Florian Cyrille	Marie Joseph Alphonse Surmely
Irmão Francisco Alberto	José Pedro Frantz
Irmão Francisco Timotheu	Edwin Wickert
Irmão Franziskus Maria	Karl Stephan Johannes (Francisco)
Irmão Frésaud Denis	Ernest Henri Simonin (Ernesto)
Irmão Fructueux Joseph	Joseph Henri Charles Merlier (José)
Irmão Fructule Léon	Léon Breine
Irmão Fructule Paul	Usmar Gustave Coulon
Irmão Frumence Bertin	Joseph François Morelle (Frumêncio)
Irmão Fulbert Vincent	Maire Joseph Auguste Surmely
Irmão Gabino Gerardo	Ignacio Fernández González
Irmão Gabriel Donato	José Wickert
Irmão Gabriel Justino	Valentim Oscar Schneider
Irmão Gabriel Norberto	Giacomo Salvi
Irmão Gelásio Leão	Selvino Gabriel
Irmão Geraldo Clemente	Dionysio Rombaldi
Irmão Geraldo Lucas	Victorio Pedro Smania
Irmão Germano Cláudio	Eugênio Leopoldo Ludwig
Irmão Germano Lourenço	Germano Roque Cavagnolli
Irmão Gilberto Hilário	Albino Affonso Ludwig
Irmão Gilberto Miguel	Alfredo José Pauli
Irmão Glicério Edgar	Glicério Edgar Follman
Irmão Glicério Ivo	Glicério Ivo Junges
Irmão Gregório Jorge	Arnaldo Mário Hillebrand
Irmão Gregório Mathias	Antônio Campagnolo
Irmão Guilherme Maria	Bruno Ruedell
Irmão Hatto	Johannes Paulus Hirsch
Irmão Henrique Afonso	Henrique José Longo
Irmão Henrique Luiz	Agrimério José Alves
Irmão Heriberto Basílio	Ignacio Reis
Irmão Heriberto Maria	Edmundo Silvino Müller
Irmão Hilário Isidoro	Victorio Celant
Irmão Hilário Luiz	Alberto Giuseppe Sgarbi
Irmão Honório Edmundo	José Pedro Fabris
Irmão Huberto Augusto	Otto Ody
Irmão Humberto Simão	Guido Antônio Simon
Irmão Idalino Egeu	Odalino Aldecir Zamboni
Continua...	

Continuação...	
Nome Religioso	Nome Civil
Irmão Ignacio Antão	Odylo Ignacio Steimetz
Irmão Ignacio Gabriel	Alberto Fernando Weber Filho
Irmão Ignacio Ludovico	Fredolino José Reis
Irmão Innocent Vital	Eugène Paul Lavabre (Inocência)
Irmão Irineu Benjamim	Raymundo Dalla Costa
Irmão Irineu Luiz	Irineu Luiz Gelain
Irmão Isaac Maurice	Léon Hippolyte Benoît Maury (Maurício)
Irmão Isidorus Louis	Louis Alfred Loubatière (Isidoro)
Irmão Ivo Valentim	Ivo Plácido Loro
Irmão Jardelino Menegat	Jardelino Menegat
Irmão Jerônimo Valentim	Alderino Antônio Ferrari
Irmão Jorge Vitor	Avelino Antônio Kummer
Irmão José Egídio Atz	José Egídio Atz
Irmão Joseph Henri	Joseph Martin
Irmão Júlio Guilherme	Oscar Flach
Irmão Ladislau Pascoal	Olírio Bertuol
Irmão Lino Benjamim	Gentil Vian II
Irmão Lourenço Gabriel	Miguel Güntzel
Irmão Luiz Benildo	Alcides Gelain
Irmão Luiz Bernardo	Emanuel Grimm
Irmão Mainaud Pierre	Pierre Ferdinand Veys (Pedro)
Irmão Maltin de Jesus	Martin Plasmans (Martinho)
Irmão Marcelo Henrique	Washington Silveira de Souza
Irmão Maximino Giacomini	Maximino Giacomini
Irmão Miguel Fidelis	Anselmo Gossler
Irmão Miguel Kozak	Miguel Kozak
Irmão Nelso Otávio	Nelso Antônio Bordignon
Irmão Nicolau de Jesus	Aloysio Anschau
Irmão Nicolau José	Nicolau Anschau
Irmão Paulino Benjamim	Ovídio Putick
Irmão Paulino Calixto	Amadeo Menegat
Irmão Pedro Boaventura	Albertp Knobb
Irmão Pedro Deitos	Pedro Deitos
Irmão Pio Inácio	Odílio Nestor Hartmann
Irmão Rafael Leão	Valdemar Güntzel
Irmão Ramiro Guilherme	Alziro Kappaun
Irmão Ramiro João	João Achilles Giacomini
Continua...	

Continuação...	
Nome Religioso	Nome Civil
Irmão Ricardo Afonso	Alfonso José Hillebrand
Irmão Romeu Canísio	Arlindo Kappaun
Irmão Romeu dos Santos	Romeu José Hübner
Irmão Romualdo Irineu	José Wickert
Irmão Sérgio Diogo	Sérgio Senger
Irmão Sérgio Timóteu	Elias Olívio Algeri
Irmão Severino Inácio	Aníbal Thiele
Irmão Teodoro Luís	Ramón Malagarriga Y Heras
Irmão Teodósio Henrique	Barcílio Hermann
Irmão Teófilo Domingos	Rosalino Domingos Cogo
Irmão Valentim Benildo	Arnoldo Backes
Irmão Valério Ladislau	Valério Menegat
Irmão Victorino Borghetti	Victorino Borghetti
Irmão Vito Sebastião	Gentil Vian I
Irmão Xantin Nicolas	Jules J. B. François Baldeyrou (Júlio)
Irmão Xavier Dominique	Louis Rouanet (Domingos)

Fonte: Bonifácio (1988b, p. 139-143)